

o que você precisa saber sobre

REDES

Desmistificando as 25 crenças mais comuns sobre as redes sociais

EBOOK DO PROGRAMA

Primeira Edição | Dezembro de 2015

INTRODUÇÃO

Pesquisadores da Escola-de-Redes, aglomerados no Fórum de Inovação Permanente, compilaram os 25 mitos principais que circulam por aí sobre as redes sociais e estão confundindo as pessoas. E lançaram um programa *online* cujo desafio era: vamos desvendar juntos esses mitos e ampliar nossa compreensão sobre as redes sociais – o que elas são e como realmente funcionam. No percurso, os inscritos poderiam descobrir o poder das redes e como elas estão transformando tantos aspectos da nossa vida: a tecnologia, a aprendizagem, as empresas, as ONGs, as escolas, a convivência e até a política.

O programa aconteceu, em sua primeira edição, durante dez dias de interação intensiva, no início de novembro de 2015. Este livro contém os principais resultados.

OS AUTORES

Os autores dos textos provocativos, que cocriaram este programa, são:

Augusto de Franco, Fernando Batista, Giovanni Bianco, Juliano Morini, Marcelo Maceo e Thiago Padovan.

Os textos provocativos foram elaborados para estimular a conversação. Nenhum participante foi compelido a concordar necessariamente com os conteúdos dos textos provocativos, mas foram estimulados a ficar atentos às suas indagações.

Participaram das conversações e, portanto, são considerados co-autores desta primeira edição do livro:

<i>Ana Lucia Procopiak</i>	<i>Geraldo Guedes da Silva</i>	<i>Maria Eunice Xavier Kalil</i>
<i>Angela Tijiwa</i>	<i>Gilberto Prestes</i>	<i>Maria Terezinha</i>
<i>Carla Urbanetz</i>	<i>Guaraciara Lopes</i>	<i>Natália Menhem</i>
<i>Cassiano Polesi</i>	<i>Guga Casari</i>	<i>Nelson Brazys</i>
<i>Cilene Vieira</i>	<i>Guilherme Witte</i>	<i>Nilcea Lopes</i>
<i>Claudio Dal Prá</i>	<i>Hudson Freitas</i>	<i>Nilton Mendes de Lima</i>
<i>Cris Krueel</i>	<i>Jacques Schwarzstein</i>	<i>Rafael Ferreira</i>
<i>Ednalda</i>	<i>Luciana</i>	<i>Raissa de Deus Genro</i>
<i>Fatima Melca</i>	<i>Luiz Carlos Fernandes</i>	<i>Sandra Mayrink Veiga</i>
<i>Fernando Ferrari</i>	<i>Luiz de Campos Jr</i>	<i>Simone Almeida</i>
<i>Fernando Lasman</i>	<i>Marcelo Yamada</i>	<i>Valdete de Assis</i>
<i>Francielle</i>	<i>Marcia Alves Borges</i>	<i>Valdete de Assis</i>
<i>Geraldo</i>	<i>Marcos Bidart de Novaes</i>	<i>Vinicius Pinheiro Lere</i>

ÍNDICE

Introdução	01
Os autores	02
01 - A rede é a internet?	04
02 - Facebook e Twitter são hoje as principais redes sociais?	21
03 - As redes têm que ser descentralizadas?	24
04 - Redes sociais são participativas?	44
05 - Redes sociais são poderosas ferramentas tecnológicas?	65
06 - É importante definir o propósito de uma rede?	83
07 - Em rede, todos devem ser iguais?	105
08 - Em rede tudo deve ser gratuito?	114
09 - Em rede ninguém pode liderar?	129
10 - Decisões em uma rede têm que ser tomadas por consenso?	138
11 - Uma boa rede é aquela composta por pessoas conscientes e éticas?	148
12 - A maioria das pessoas ainda não está preparada para viver em rede?	164
13 - Não se pode organizar nada sem um mínimo de hierarquia?	180
14 - Rede é uma ideia super legal, mas muito utópica?	187
15 - Rede é um novo tipo de organização?	191
16 - O segredo é combinar rede com hierarquia na dose certa?	201
17 - Redes são boas, mas para serem úteis e proveitosas, devem ser monitoradas?	209
18 - Nas redes o mais importante é saber separar o conteúdo bom do conteúdo ruim?	215
19 - O problema das redes é que elas não duram?	222
20 - A rede é um instrumento para realizar a mudança?	226
21 - Redes são representações de grupos sociais?	230
22 - Primeiro existem os indivíduos e depois, quando eles se relacionam, surge a rede?	237
23 - Existem redes boas e redes ruins (por exemplo, Al Qaeda)?	243
24 - A qualidade da rede é mais importante do que o número de membros?	249
25 - Uma boa rede depende da qualidade das conexões?	267
Indicações de leituras	281

01



Internet - abreviatura de *interconnected networks* - foi o termo usado, a partir dos anos 70, para designar qualquer sistema de redes interligadas. A partir de meados da década de 1980 ele passou a designar as redes de computadores que utilizam o mesmo conjunto de protocolos padrão (TCP/IP). (Em geral as pessoas confundem a Internet com a World Wide Web, mas são coisas diferentes: a Internet é uma rede mundial conectando milhões de dispositivos de computação, enquanto a World Wide Web é uma coleção de documentos interligados (páginas Web) e outros recursos da

internet, ligados por hiperlinks e URLs. As pessoas navegam na Web e não na Internet).

Mas se rede é um padrão de organização - caracterizado pela existência de nodos e conexões e comumente utilizado para designar sistemas em que há múltiplas conexões entre os nodos - por que, quando se fala em rede, as pessoas em geral pensam na Internet?

Átomos, moléculas, células, bactérias, fungos, plantas e animais formam redes e não usam a Internet. A membrana celular é uma rede e não usa a Internet. Um ecossistema é uma rede e não usa a Internet. Toda a vida no planeta (a biosfera) é uma rede holárquica fractal de seres interdependentes, em grande parte conectada pela água e não pela Internet. Muito antes dos anos 80 do século passado, há mais de 200 mil anos, seres humanos (pessoas) se conectam e interagem por vários meios (linguagem falada, corporal e escrita, símbolos, sinais de fumaça, tambores, telégrafo, rádio, telefone etc.) formando redes. Então por que, quando se fala em rede, as pessoas pensam logo na Internet?

Por que as pessoas pensam em uma tecnologia específica (computadores interligados segundo um determinado protocolo, com conexões submetidas a um sistema de domínio de nomes - DNS) e não em todas os meios tecnológicos capazes de interligar nodos e viabilizar a interação entre eles (como, por exemplo, o telefone e o SMS)? E por que pensam nas tecnologias e não no padrão de organização?

O que é mais importante para caracterizar uma rede: a interação entre os nodos ou as tecnologias ou os meios pelo quais esses nodos podem interagir?

SÍNTESE DOS PRINCIPAIS COMENTÁRIOS

Raíssa De Deus Genro •

As redes vão além das virtuais. Na vida existem diversas redes sociais e existe uma confusão feita entre rede sociais e mídias sociais. As redes estão por toda parte e envolvem as diversas relações existentes, já as mídias sociais sim envolvem redes digitais.

Cilene Vieira •

Complementando. Como afirmado no texto, todo conjunto de nodos interagindo é uma rede. Pessoas interagindo nas mídias sociais também são redes, não?

augustodefranco Cilene Vieira •

Claro que são, Cilene. Mas as mídias continuarão sendo mídias. E as redes continuarão sendo as pessoas interagindo.

Cilene Vieira •

Eu entendo que para haver rede é preciso haver interação.

Também que não se pode distorcer o conceito e achar que as mídias sociais são as redes, mas a questão que se coloca é: por promover a interação de forma mais rápida e instantânea, mídias como Facebook e Twitter, não poderiam ser consideradas redes?

2) O SOCIAL NÃO É UM GRUPO

Percebi uma polaridade conceitual subjacente à sua fala: o indivíduo e o grupo. Para compreendermos as redes, precisamos trazer dois outros conceitos: a pessoa (que NÃO é o indivíduo) e o social (que NÃO é grupo, "espírito de grupo", "efeito manada" ou coletivismo). Se não fizermos essas distinções, não vamos compreender a rede.

O indivíduo é um conceito criado como representação de algo que não parece existir de fato. Do ponto de vista humano, nenhuma pessoa é uma ilha. Nós nos humanizamos a partir da interação social. Não existe pessoa sem interação com outras pessoas. O que nos constitui como pessoas é "contagioso", e você precisa ser contagiado por isso na interação com outras pessoas. O caso das meninas-lobo (crianças abandonadas que surpreendentemente foram "adotadas" por lobos ou outros animais, conseguiram sobreviver e depois foram encontradas) ilustra bem isso. Tinham o DNA humano e, biologicamente, faziam parte de nossa espécie, mas não se tornaram propriamente humanas. (Veja um relato interessante disso no livro *A Árvore do Conhecimento*, de Humberto Maturana e Francisco Varela).

A pessoa não é um dado biológico: a pessoa é uma invenção. Uma criação que acontece quando seres humanos podem interagir e se modificar mutuamente, gerando algo que é mais do que a soma dos indivíduos. O social é este "algo mais" que surge. Não tem nada a ver com fazer parte de um grupo, ou não ter pensamento independente, etc. Aliás, ambientes em que prevalecem as noções de grupo, unidade, obediência a uma "ordem social" maior do que nós -- que talvez tenham tomado sua expressão máxima nos regimes totalitários -- são profundamente ANTIsociais e DESumanizantes.

Se for difícil entender isso para o fenômeno humano, perceba que o mesmo padrão acontece no mundo biológico. Não existe um ser vivo "individual" que depois vai interagir e, só então, formar ecossistemas e a biosfera. Não: todo ser vivo já nasce como expressão do ecossistema/biosfera (da rede de vida de que recria a si mesma fractalmente). E, para existir, cada um está simbiotizado com muitos outros seres. O ser biológico a quem damos o nome de Cassiano não é um indivíduo biológico, e sim uma comunidade de trilhões de células humanas e não-humanas que, juntas, mantêm o seu equilíbrio metabólico de ser vivo. Trilhões de bactérias, fungos e protozoários de variadas espécies habitam o que você chama de "meu corpo" e o constituem enquanto tal. Não existimos sem eles.

Como disseram Lynn Margulis e Dorion Sagan no seu maravilhoso livro *O que é vida?*:

"A vida estende-se sobre o planeta como uma cobertura contígua mas móvel que assume a forma da Terra subjacente. Aliás disso, a vida aviva o planeta; a Terra, num sentido muito real, é viva. Os organismos são menos indivíduos autônomos, encerrados em si mesmos, do que comunidades de corpos que trocam matéria, energia e informações entre si. Cada inalação de ar nos liga ao restante da biosfera, que também 'respira', embora em ritmo mais lento".

Algo similar (embora não idêntico) acontece no mundo social. Nos tornamos pessoas propriamente ditas ao interagir com outras pessoas que passam a nos habitar. Não é difícil perceber que temos em nós muito dos outros com quem convivemos. Mais do que isso: em grande medida, somos essas sombras que eles projetaram, nos tornamos o que essas influências fizeram de nós.

Isso, porém, não é um determinismo social. A pessoa é um entroncamento de fluxos tão complexos e variados que nenhuma influência tende a ser determinante. Como em qualquer sistema complexo, o input não determina o output. Por isso a pessoa pode ser livre: seu destino não está dado. Toda pessoa é um mistério que se desdobra em sua trajetória de adaptações e interações. Isso ressoa com o que alguns vêm de positivo na noção de indivíduo (em oposição ao coletivismo desindividualizante): justamente a possibilidade de ser livre, de não obedecer a uma dada ordem social, de pensar e agir de acordo com suas próprias convicções.

Sobre essa questão, indico também a leitura do texto "Resista à tentação de pertencer a um grupo", linkado abaixo:

<http://pt.slideshare.net/augus...>

Giovanni G. Bianco Giovanni G. Bianco •

Cassiano, esse texto acima (O SOCIAL NÃO É UM GRUPO), por algum motivo, não estava aparecendo. Agora está. Não sei se você teve oportunidade de lê-lo.

Giovanni G. Bianco Guest •

Cassiano,

Creio que dois apontamentos são importantes em relação ao que você disse.

INTERAÇÃO NÃO É TRANSMISSÃO DE INFORMAÇÃO

A comunicação humana se dá por diferentes camadas de interação: física e virtual, consciente e inconscientes, racional e não-racional... São diferentes formas de "acoplamento estrutural" (para usar a expressão de Maturana), são como uma dança, em que um influencia o outro, mas não de forma instrutiva. Tudo isso é interação (no seu comentário acima parece que você só chama de interação algum tipo de contato presencial). Tudo isso constitui o tecido de relações humanas que nos transformam no que somos.

Creio que o Fernando Baptista e o Augusto de Franco já fizeram ótimas observações sobre isso nos comentários acima.

Marcos Bidart de Nova Guest •

Sobre a sua afirmação acima: " chamamos abreviadamente de rede social a qualquer configuração de conexões que se estabelece quando pessoas interagem segundo um padrão mais distribuído do que centralizado ". Entendo que aqui estamos falando de uma "rede social de padrão distribuído". Há empresas que criam suas redes sociais internas, que são controladas e regradas. Ainda assim são redes sociais, ou não?

augustodefranco Guest •

Mas a pessoa é o social, Cassiano!

nilcea lopes •

Acredito que a associação ligeira entre rede e internet decorre da predominância cada vez mais intensa das interações humanas estarem sendo mediadas pela internet. Um

erro, naturalmente. Procurei o significado da palavra NODO para checar bem meu entendimento, e da astronomia consegui: " cada um dos pontos de interseção da eclíptica com a órbita de um planeta". Poderíamos ter mais explicitação a propósito desse conceito?

Entendo que a tecnologia é suporte, o fundamental está nas interações e tudo que decorre das mesmas.

Ednalda •

Com certo atraso, mas cheguei!!

Muito enriquecedor os comentários colocados por vários colegas. Para mim um desafio, pois até pouco tempo ainda não havia refletido sobre o que é e as várias vertentes envolvidas na rede. Vejo que, pelo fato de ser tão dinâmica e grandiosa, talvez seja esta uma das possibilidades das pessoas ligarem a internet a um exemplo claro de rede. Como bem destacado a rede nos acompanha desde que o mundo é mundo. Porém com o desenvolvimento das tecnologias estas redes ficaram mais perceptíveis.

Nilton Mendes de Lima •

Estou feliz de não existir só e de estar presente aqui nesta realidade, REALIDADE MESMO, virtual!

Só hoje pude chegar aqui. Atrasado. Mas vou recuperar lendo tudo e todos. E deixo fixado que minha intenção para dar aplicação ao que aprender é, sugerir a cocriação de "Rede Nacional de Eleitores e Democracia". Democracia que, por coerência, rejeite quais quer posturas ou conotações comunistas. Embora a proposta e delimitação aqui seja "O que você precisa saber sobre redes", entendo que o contexto gerador do tema

é a situação atual, constituída de redes sociais e virtuais se formando e se desconstruindo. Assim, quanto a minha presença aqui, podem saber a que venho os que lerem este comentário, ou eventuais outros.

Por exemplo, aqui, agora, sobre a questão "A rede é a internet". Minha reflexão rascunho, -de leigo inexperiente na área-, tópico 1 é:

A rede é a internet? A qual conotação de realidade fixar o significado "rede"? Virtual ou física?

O que materializa e nos torna perceptíveis os conceitos rede e internet? Dependendo da

acepção talvez internet seja rede e vice-versa. Ora a "rede" é meio para perceber e interagir com a "internet", mas às vezes é o contrário. Então:

1 => Penso (acredito...) que não existe interação sem os meios. Que os meios só o são enquanto

permitindo a interação. E que não importa qual interação, nem qual meio. Ambos são a sombra dentro projetada dentro da caverna.

A interação ocorre, mesmo que se não a perceba nem se distinga o meio e qualquer realidade "existente" só o é (existente) durante a interação através de algum meio...

Ah Deus meu! aonde vou chegar? A propósito, finalmente a saudade foi fotografada!

=> <http://www.renascebrasil.com/3....>

Os 70.000 visitantes deste site, breve vão chegar a mais de 110.000. E se tivermos interessados em projetar, enquanto é tempo, essa acima citada Rede Nacional, poderemos efetivar grande efeito multiplicador... Será?

Cilene Vieira •

Sim, para a grande maioria das pessoas rede é sinônimo de internet e vice e versa. Como foi durante muito tempo pra mim. Acredito que a internet possibilitou às pessoas um exemplo concreto, visível e palpável de possibilidades de interação sem fim, é como se a internet tivesse dado luz às redes, que já existiam muito antes. A internet pra mim da visibilidade à existência de inúmeras redes, é como se tornasse as redes mais tangíveis.

Natália Menhem •

"Quem é responsável pela manifestação dessa fenomenologia da interação: o digital ou o social?" O social. Inclusive, no livro Juntos, Richard Sennett diz algo sobre nosso potencial colaborativo, como seres humanos, ser muito maior do que nossas estruturas atuais permitem, possibilitam e potencializam.

Natália Menhem •

Isso me traz a seguinte questão: se os meios e tecnologias pelos quais os nodos se interagem forem quebrados e destruídos, as redes se acabarão?

Pela minha observação não, isso apenas levaria os nodos a encontrarem novas formas de se manterem em contato.

Natália Menhem •

A princípio, penso que a interação entre os nodos caracterize uma rede. Tecnologias e meios também a qualificam, claro, mas a interação entre os nodos é seu cerne, a essência das redes.

Francielle •

Acredito que a interação entre os nodos é que caracterizam a rede. A rede é dinâmica.

Sandra Mayrink Veiga •

mas o social depende da conjuntura que estamos vivendo, da construção histórica que foi nos formando e deformando, das informação ou desinformação que nos atinge pelas diversas mídias e por aqui estamos em um momento muito difícil onde a liberdade de expressão anda muito restringida. Aí temos a internet que nos permite fazer muitos contatos mas contatos não significam interação. No meu entender há interação quando trocamos saberes, ideias e vamos construindo objetivos comuns por mais amplos que sejam e mantemos o espaço sempre aberto para o bem vindo contraditório

Angela Tijiwa •

Creio que a popularização do termo rede como é tratado pela maioria começa a estar vinculado às tecnologias depois da ampla possibilidade que a web passa a oferecer - no Brasil, desde a última década de 90 do século passado, para a conversação, debates e compartilhamento "em rede" principalmente pela ação dos primeiros ativistas das culturas digitais. De fato, as novas gerações que já pegaram essa cultura digital e do compartilhamento e que naturalmente começaram a habitar massivamente as redes sociais, associaram esse estar em rede via internet. Creio que tanto a interação entre os nodos voltado para um interesse em comum como a apropriação de todas as possibilidades tecnológicas para fins de empreendedorismo e coworking fazem parte de nosso cotidiano hoje.

augustodefranco •

Um providência importante:

Guaraciara Lopes •

Vou falar pensando em meu dia a dia onde falar em rede como padrão de organização soa como palavrão porque depois que foram criados os planos decenais de políticas públicas quando se diz que a rede será acionada, temos certeza de que não irá funcionar porque as informações se perderão no

buraco negro da burocracia, estatal ou não. E vejo que a solução apresentada para solucionar isto é pedir à equipe da “informática” para ver se eles fazem uma ferramenta “tipo facebook” só para quem está na rede poder se comunicar. Ou seja, para a maioria das pessoas com quem convivo se não for por meio de um instrumento virtual não há rede, ainda mais porque não há um meio de comunicação que não se refira as estas mídias como redes sociais.

Geraldo Guedes da Siva •

Acabo de ler o texto, depois de trocar de computador, com o qual não estava me entendendo. Li também os comentários. Tudo ajuda para melhor compreensão da pergunta e das respostas possíveis. Em termos tecnológicos conheço pouco, pois uso pc, a partir de 1995, apenas para e-mail, usei orkut, agora face, um pouco skipe e nada mais. Llgo e sigo os links, direções. Hoje li uma em jornais notícias sobre um chamamento que Ronaldo Lemas faz para que quem quizer participar (não como é lá, não entrei), opinar trocar idéias atraves de uma Plataformas sobre a construção de políticas públicas para o Brasil; também Luiz Eduardo Soares tem uma sobre a desmilitarização da polícia. São redes? Como agora este 25 Mitos, esta plataforma (é?)?. Então vejo que quem move tudo isso são as pessoas. Q tudo depende do interesse/motivação e do que se sabe para se fazer fluir operacionlmenter dentro das redes e midias. Se não me engano, começo a entende, embora muito pouco saiba usá-las.

Giovanni G. Bianco Geraldo Guedes da Siva •

Geraldo,

Veja a conversa com o Fernando Baptista (nos comentários do Módulo 2). Acho que ele conseguiu estabelecer uma distinção entre a interface utilizada (por exemplo, a internet) e a interação propriamente dita.

Mas explorando suas pergunta: um grupo de pessoas em algum fórum virtual é uma rede? Bem, isso depende. Na medida em que as pessoas interagirem umas com as

outras, uma rede social poderá se configurar (mediada por essa interface de um fórum online).

Só se pode falar de rede social (no sentido que estamos dando aqui) quando as pessoas interagem.

Ficou claro?

Gilberto Prestes •

Estou gostando das trocas interativas. Parece que finalmente o sistema me aceitou nos comentários.

Hudson Freitas •

O social, que sempre existiu e se organizou e vem se organizando de várias maneiras com a utilização de inúmeras tecnologias! Se a rede se dá na formação de nodos, ou seja, de interação entre pessoas, a ou as redes (mundos) de pessoas sempre (desde que há seres humanos interagindo como pessoas) existiram. O que há de muito importante, pelo que vejo até agora, é verificar se uma rede é mais centralizada que distribuída (donde teríamos mais participação e menos interação - autocratização), ou o contrário, isto é, se a rede é menos centralizada e mais distribuída (de modo a termos mais interação e menos participação - democratização).

Claudio Dal Prá Hudson Freitas •

Hudson, concordo com a primeira parte e também sobre a importância de entender a estruturação da rede. Mas tenho me questionado muito se redes centralizadas e autocráticas são redes de verdade (porque é o que na maioria das vezes acontece na prática - redes com donos).

Hudson Freitas Claudio Dal Prá •

Sim. Se há hierarquia, em qualquer nível ou grau, mesmo que haja uma estrutura altamente descentralizada, ainda assim haverá autocracia e interrupção do fluxo

interativo livre. Entretanto, penso que de qualquer maneira, mesmo nas mais rígidas e autocráticas hierarquias com o mais alto grau de centralização, haverá de romper alguma interação, pois que, pelo que estou entendendo, a interação é o fator humano, é o que nos faz (entre) pessoas. A questão que (na falta de outras expressões) as redes formadas, como bolhas, dentro de estruturas altamente centralizadas, serão "frágeis" e, talvez, em número (de pessoas em interação) e em qualidade (a intensidade, constância, fluxo de interação) e sempre sob a ameaça de se romper. Mas insisto que, como vejo, de alguma forma alguma rede, ou seja, pessoas em algum nível ou tipo de interação mais livre, há de ocorrer, pois é assim que os humanos são humanos, ou seja, sendo pessoas, ou seja, interagindo, ou seja sendo ou buscando (em alguma medida) serem livres.

Giovanni G. Bianco Hudson Freitas •

A rede social (isto é, a rede de relações entre seres humanos) é o que nos humaniza. Nós nos tornamos humanos por contágio. E esse contágio humanizante flui e floresce tanto melhor quanto mais livre, múltiplo e distribuído for o padrão de interação.

Para onde quer que você olhe no universo, padrão básico das redes é distribuído. De as macroestruturas cósmicas das galáxias e clusters de galáxias, até a vida orgânica (da célula, a populações e até a biosfera inteira), assim como as primeiras redes de convivência humanas (que efetivamente "inventaram" o humano, e perduraram por mais de 90% dos 100-150 mil anos de história da nossa espécie como modo predominante de convivência), tudo isso tem padrão distribuído. Tudo isso flui, vive e convive em livre-interação, em uma mistura de caos e auto-organização.

O bloqueio do livre fluxo da convivência humana, surgido por volta de 6 mil anos atrás, pode ser visto como um "desvio" do padrão básico de interação humana (que é o mesmo padrão de qualquer outra rede). É uma mutação ou uma reprogramação da "Rede-Mãe".

Mesmo nos ambientes mais autocráticos, restritivos, autoritários e hierárquicos que você possa imaginar (digamos, a Coreia do Norte) ainda existem dimensões da

convivência humana que resistem e operam em uma dinâmica livre e com padrão distribuído de interação. O genos humano persiste teimosamente -- às vezes enfraquecido -- até nas mais extremas condições de controle e privação de liberdade. A tessitura humana (que nos tece como humanos) parece ter muitas e muitas camadas, algumas difíceis de eliminar completamente.

A Rede-Mãe, me parece, nunca foi completamente reprogramada. Algum dia será? Não faltam tentativas...

Mas o humano -- como o vivo -- guarda esse estranho paradoxo: é tão frágil que até uma leve brisa lhe verga; e, ao mesmo tempo, viceja e renasce, criando seus próprios mundos nos lugares mais inóspitos e improváveis.

Gilberto Prestes Hudson Freitas •

Muito bom!

Hudson Freitas Gilberto Prestes •

Meu caro Gilberto! Que bom reencontrar você por aqui! Temos muito a conversar!

Gilberto Prestes Hudson Freitas •

A recíproca é verdadeira meu caro Hudson! Tive uns probleminhas de conexão aqui, mas já está tudo resolvido e funcionando. E, também, nos últimos dias, estive bastante ocupado, mas certamente trocaremos umas ideias também por aqui. Abraço

Hudson Freitas •

As pessoas provavelmente associam interatividade com a internet por dois motivos: 1. Por em geral não saberem da distinção (conceitual e estrutural/factual) entre "internet" e "web", aparentemente tomando uma pela outra. 2. A tecnologia cada vez mais ampliada e eficiente da rede mundial, que possibilita a conexão entre pessoas do mundo todo, em tempo real e por meio de várias plataformas/ferramentas (email, facebook, Google+, WhatsApp, etc) fez com o fenômeno da formação de redes de

peças em livre e espontânea interação (o que sempre ocorreu, mas ficava localizada e circunscrita a uma determinada comunidade local), saltasse aos olhos e se tornasse, então, evidente e perceptível em larga escala (planetária), permitindo-se que tal fenomenologia pudesse se tornar objeto de pesquisa e constatação científica: a nova ciência das redes.

Gilberto Prestes Hudson Freitas •

Gostei! Eu também fazia essa confusão de internet e web...

Giovanni G. Bianco Hudson Freitas •

A mudança da mídia tornou mais visível dinâmicas que permaneciam invisíveis ou incompreendidas no fluxo da convivência social. Também acho que a confusão vem daí, Hudson.

Cris Krue •

Relendo o mito e observando os comentários percebo que estamos questionando se Facebook e Twitter são de fato "redes sociais", ou apenas meios que viabilizam a rede. Respondendo a provocação final entendo que é o social o responsável pela manifestação, mas reconheço também que a "digitalização das conversas humanas" está fazendo com que este fenômeno seja visto, percebido e entendido. O que seria desta nossa rede aqui se não fosse o Disqus?

Valdete de Assis •

Olá pessoal,

Concordo com vocês que as redes sociais viraram modismo e que a confusão gerada em torno dos conceitos de mídias sociais e redes é, certamente, pelo desconhecimento de que rede existe desde que mundo é mundo e que as pessoas se interagem de uma forma organizada independente de ferramentas tecnológicas.

Valdete de Assis •

Olá Pessoal,

Obrigada, Marcelo, pela ajuda com a questão da senha!... A leitura do texto nos faz pensar como foco inicial da discussão por que as pessoas lembram logo de internet quando se referem à rede, mesmo sabendo que há redes que não necessitam estar conectadas à internet? Considero que usar o

termo tecnológico para expressar o processo interativo, o padrão de organização, ou vice versa, se tornou uma questão semântica porque as expressões em pauta se acoplam em termos de significado. Quando penso em rede destaco a riqueza do processo interativo que pode acontecer nas redes, envolvendo as pessoas, o modo como se organizam, o entrelaçamento de ideias, de conhecimentos, de informações, de sentimentos entre os pares. Mas, sem deixar de ressaltar o papel das TICs nos processos comunicativos das redes. Desejo um bom dia para todos!...

Fatima Melca •

É um absurdo porque esses recursos (meios) por si só não promovem a interação. São as pessoas, os agentes que promovem as interações. Social tem haver com pessoas. Social é o social agindo, atuando - interconectados. Envolve a criação de algo novo, de um produto.

Giovanni G. Bianco Fatima Melca •

Sim, Fatima: a interação cria. E o que a rede social cria, fundamentalmente, é a própria rede. Novos mundos sociais.

Assim como a vida, o social tende a se recriar, fluindo pelo tempo e pelo espaço, mantendo sua organização básica e, a partir desse padrão fundamental, cria infinitas expressões diferentes.

As múltiplas sociosferas nascidas da interação-em-rede são mundos que tornam possíveis outras criações humanas. Da arte à ciência, da tecnologia aos costumes, de um prato culinário a uma estrutura arquitetônica, tudo isso passa a existir porque

condições sociais se constelaram para torná-las possíveis. Percebe? Assim, em certo sentido, toda criação humana é a expressão de toda a rede social que criou um mundo onde aquilo era possível.

Quando percebemos isso profundamente -- que em cada ato humano reside toda a humanidade -- fica mais evidente como o social é algo muito diferente que a soma de (hipotéticos) indivíduos. Vislumbramos o simbiote humano -- criando e se recriando. Não é?

Fatima Melca Giovanni G. Bianco •

Giovanni, super bem explicado.

Fatima Melca •

Oi pessoal, desde ontem com problemas para entrar, agora deu certo. Que bom. No meu modo de ver, as pessoas pensam em rede como Internet, pois a Internet amplia o alcance. A rede existia, mas não tinha o alcance que hoje tem com a Internet. A questão de pensar em tecnologias e não no padrão de organização me parece ligado a ênfase dada as novas tecnologias (ao recurso físico, ao artefato), "ao novo", e não a interação, as possibilidades de trocas. Com Paul Baran, ficou visível que o que muda tudo é o modo como as pessoas se organizam. As pessoas, as tecnologias podem ser as mesmas, o que vai diferenciar é o modo como elas interagem, como elas se conectam. Se meio for visto como canal, ou mesmo como tecnologias, eu digo que o mais importante para caracterizar uma rede é a interação entre os nodos.

02



As redes sociais viraram moda neste século 21. Sites de relacionamento e serviços de emissão e troca de mensagens na Internet como, dentre centenas de outros, os extintos MySpace e Orkut e os atuais Facebook, Twitter e Google+, que se autodenominaram (ou foram denominados) – impropriamente – redes sociais, surgiram na primeira década do atual milênio, registrando milhões de pessoas.

É fácil. Em geral não demora nem cinco minutos. Então muitos desses milhões (hoje já são bilhões) de usuários de tais serviços acreditaram na conversa e acharam que, pelo fato de terem feito login e senha em um ou em vários desses sites, estavam

“participando de redes sociais”. Fosse lá alguém dizer-lhes que redes sociais não são redes digitais ou virtuais, mas, como o nome está dizendo, são sociais mesmo: um padrão de organização, uma configuração dos fluxos interativos da convivência social!

Chamar Facebook, Twitter e outras mídias sociais de redes sociais é uma confusão que dificulta o entendimento das redes? Por que? Qual o problema de confundir o site da rede (a mídia) com a rede?

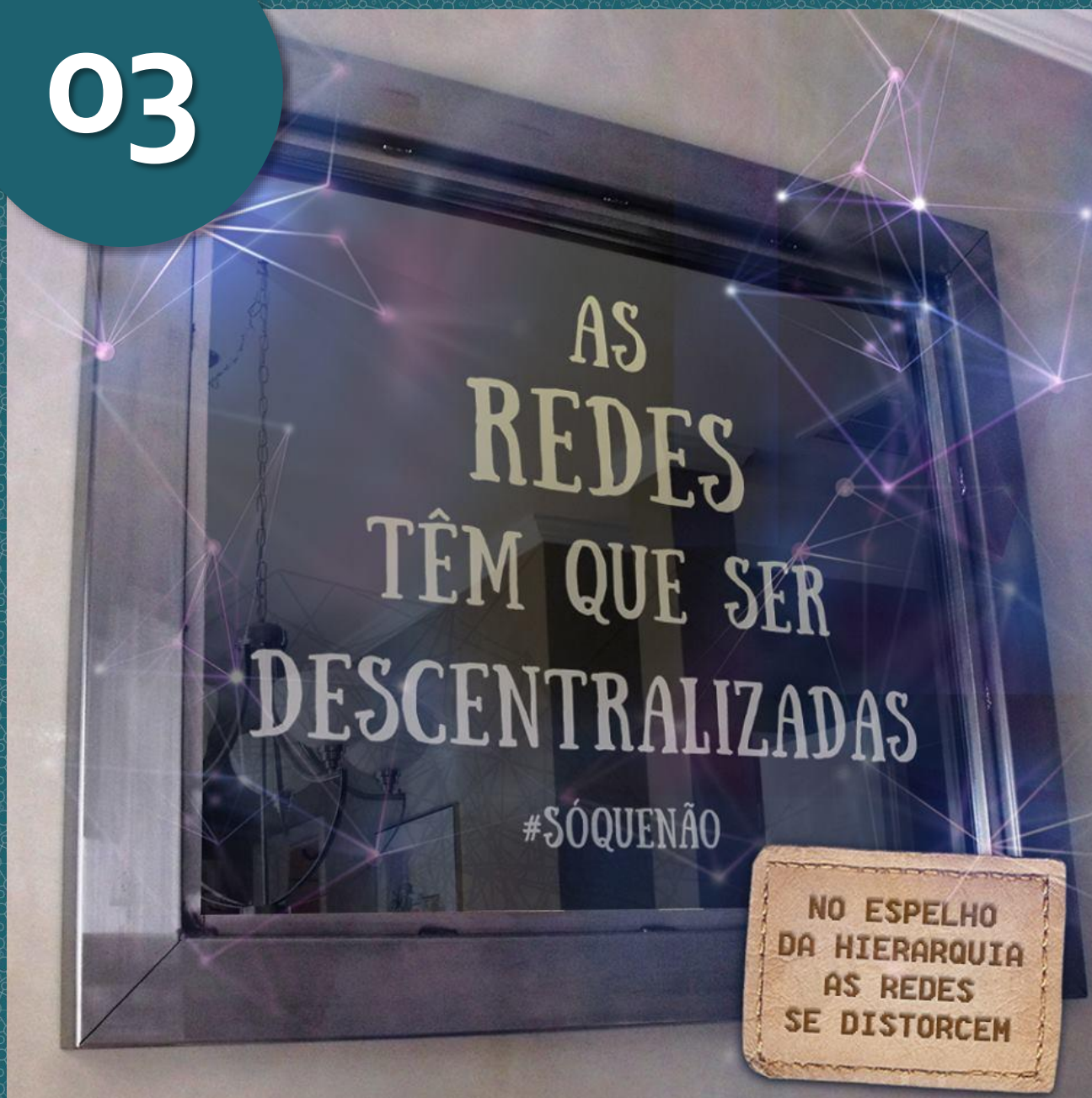
Ao confundir o site da rede com a rede estamos dizendo que não existe rede (uma realidade social) se não houver o site (um artefato digital). Mas por que isso é um absurdo?

Redes sociais existem desde que existe sociedade humana, quer dizer, pessoas interagindo. Segundo uma convenção razoável chamamos abreviadamente de rede social a qualquer configuração de conexões que se estabelece quando pessoas interagem segundo um padrão mais distribuído do que centralizado, mas a rigor todo conjunto de nodos (pessoas) interagindo, mesmo quando o padrão é mais centralizado do que distribuído é uma rede social. Pessoas podem interagir usando diferentes mídias: por gestos ou sinais ou conversando presencialmente, por tambores (como faziam os pigmeus de O Fantasma) e sinais de fumaça (como faziam os Apaches), por cartas escritas em papel e levadas a cavalo (como foi feito no chamado Network da Filadélfia, que escreveu a várias mãos a Declaração de Independência dos Estados Unidos), por telefone fixo ou móvel (inclusive por SMS – e isso pode levar à verdadeiros *swarmings* ou enxameamentos, como ocorreu em Madri em março de 2004 ou na Praça Tahir, no Cairo, em fevereiro de 2011) e... por sites de relacionamento na Internet (como o Facebook e o Twitter) ou por plataformas desenhadas para a interação (como o Ning, o Grou.ps, o Grouply, o Elgg, o WP Buddy – ainda que, na verdade, tais plataformas tenham sido desenhadas mais para a participação do que para a interação). Então? Quem é responsável pela manifestação dessa fenomenologia da interação: o digital ou o social?

UMA SÍNTESE DOS PRINCIPAIS COMENTÁRIOS

Já estão na síntese do módulo anterior.

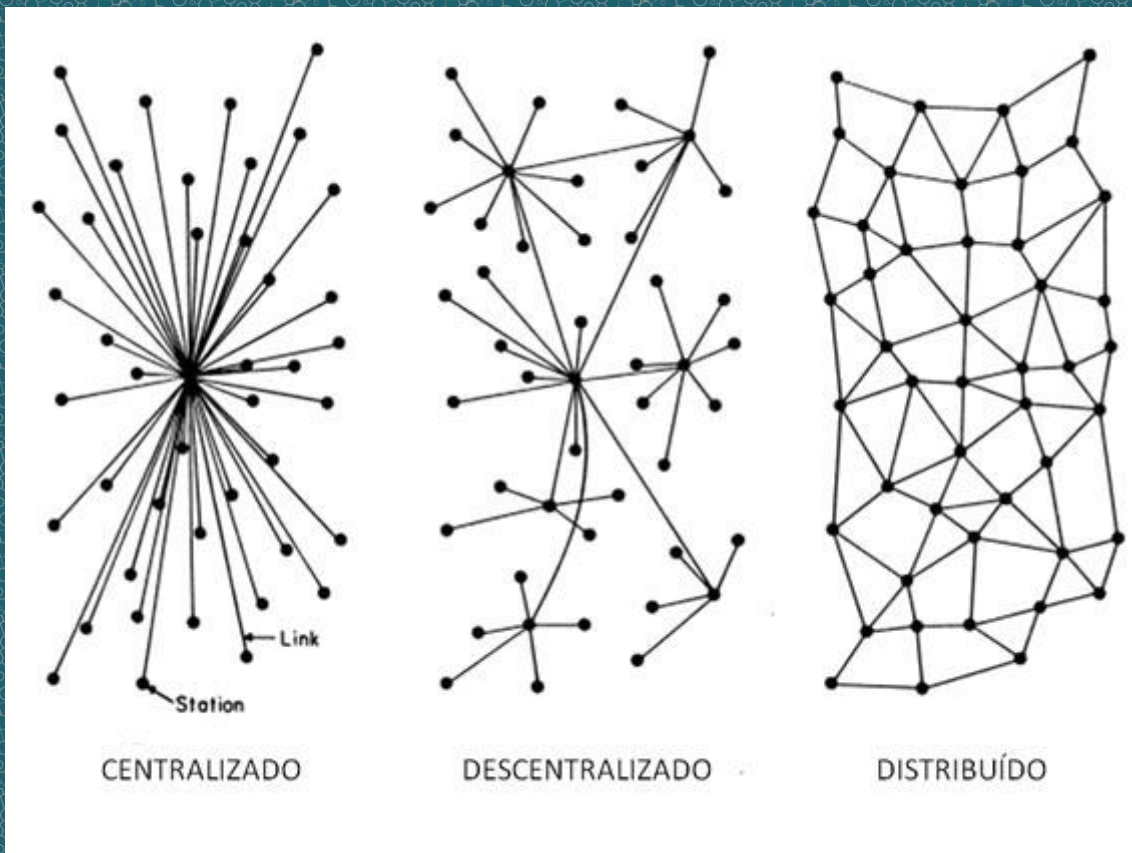
03



É uma confusão comum. As pessoas acham que descentralizar é não ter centro. Mas não ter centro é distribuir. Descentralizar é sinônimo de multicentralizar, quer dizer, hierarquizar. Por convenção, chamamos simplesmente de redes às redes mais distribuídas do que centralizadas. Redes mais centralizadas do que distribuídas são hierarquias. Hierarquias, sim, são descentralizadas.

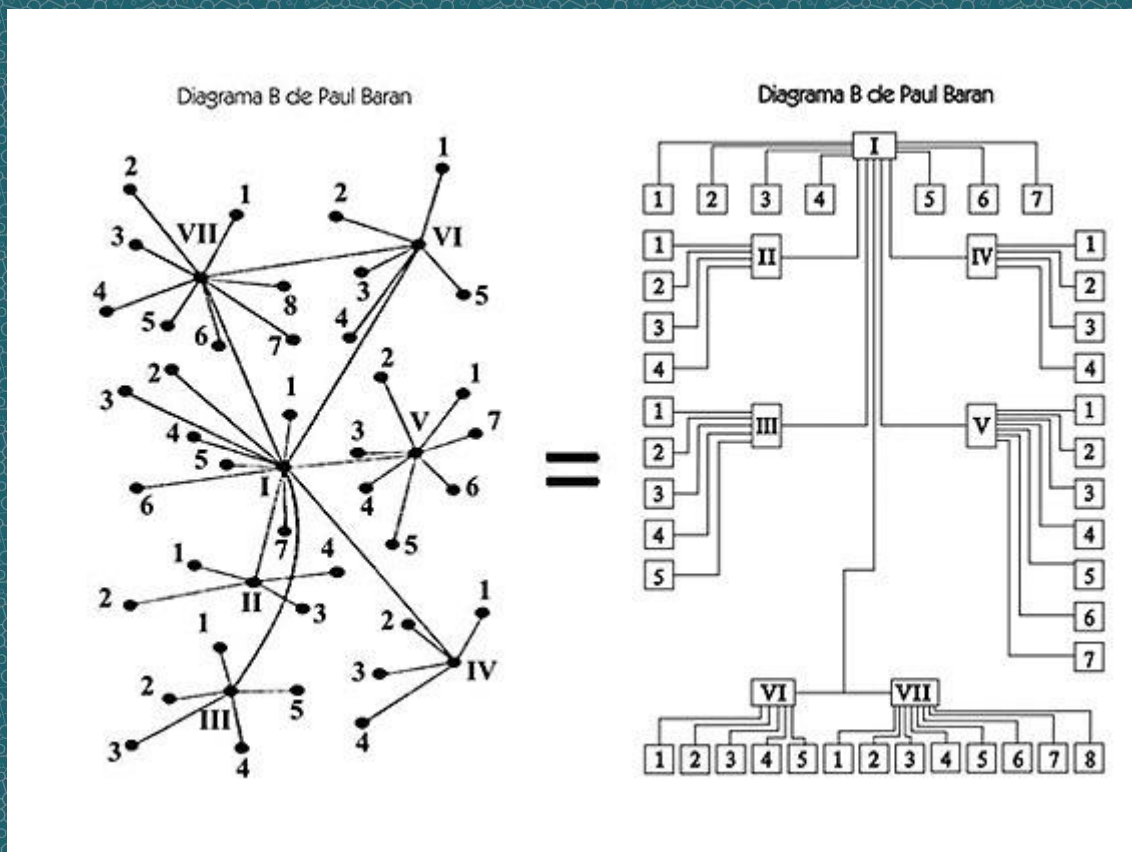
As pessoas não sabem a diferença entre descentralizado e distribuído. Não percebem que descentralizado não é sem centro e sim com muitos centros. Sem centro é

distribuído. Por que não perceber tal diferença impede ou dificulta o entendimento das redes?



A figura acima mostra os famosos diagramas de Paul Baran (1964), apresentados pela primeira vez no paper "On distributed communications". Note-se que os nodos estão no mesmo lugar, o que muda nos três desenhos é a topologia, a configuração dos fluxos.

Se fôssemos redesenhar o diagrama do meio de Paul Baran (o chamado Diagrama B) como um organograma, mantendo a mesma configuração de nodos e conexões, ficaria mais claro que a rede descentralizada é uma hierarquia, no caso com alto grau de centralização.



O Diagrama B de Paul Baran (redesenhado acima) tem apenas 0,1% de distribuição. Ou seja, é uma rede fortemente centralizada, vale dizer, hierarquizada. Como se explica isso? Parece simples. É porque, das 1.081 conexões possíveis, o Diagrama B de Baran só realiza 47, quer dizer, 4%. E porque 85% dos seus nodos têm apenas 1 conexão cada um.

O Diagrama B de Baran representa uma imagem caricatural das organizações realmente existentes. Dificilmente, em uma organização hierárquica real, teremos um índice de distribuição tão baixo, de vez que os 33 nodos ligados aos 7 centros, naturalmente também se conectam entre si todos-com-todos (pelo menos em cada *cluster*), o que acrescentaria mais 114 conexões ao conjunto (mudando, obviamente, o valor do índice de distribuição da rede exemplificada - no caso, quadruplicando-o). Ou seja, uma rede descentralizada real seria, no mínimo, 4 vezes mais distribuída do que a exemplificada no Diagrama B de Paul Baran. E isso sem contar que os 7 nodos, ligados diretamente ao nodo mais conectado, também, muito

provavelmente, teriam conexões entre si, acrescentando ainda mais 21 conexões *et coetera*.

Tirando esse detalhe (comentado nos dois parágrafos acima), os diagramas de Baran são auto-explicativos. Mas as consequências que podemos deles tirar não são. O primeiro corolário relevante é que a conectividade acompanha a distribuição. Inversamente, quanto mais centralizada for uma rede, menos conectividade ela possui. Por que?

O segundo corolário relevante é que a interatividade acompanha a conectividade e a distributividade. Inversamente, quanto mais centralizada é uma rede, menos interatividade ela possui. Por que?

UMA SÍNTESE DOS PRINCIPAIS COMENTÁRIOS

Cilene Vieira •

Se você tem vários centros hierárquicos, que interagem o tempo todo numa empresa, não pode chamar de rede? Ou seja, qualquer estrutura que tenha algum grau de centralização não pode ser chamada de rede, ainda que tenha alta interação?

Para haver rede tem que haver zero grau de hierarquia e liderança? Onde há pessoas interagindo, sem houver não um, mais diferentes e vários líderes, está desfeita a rede? Não pode existir rede numa organização empresarial?

A Escola de Redes é uma rede?

Se surgir qualquer liderança ou centralização numa rede, ela deixa de ser rede, mesmo estando altamente distribuída e com grau máximo de interação?

augustodefranco Cilene Vieira •

Se você tem vários centros (ou centralizações, que obstruem fluxos) você terá redes descentralizadas (possivelmente mais centralizadas do que distribuídas). Tudo é rede, o que varia é o grau de distribuição (e, conseqüentemente, de conectividade e de interatividade). Nós adotamos a convenção de chamar simplesmente de rede às redes mais distribuídas do que centralizadas. A Escola-de-Redes é uma rede mais distribuída do que centralizada, certamente. Mas o site da rede (a plataforma utilizada pela E=R) não é a rede.

Ana Lucia Procopiak •

Estruturas centralizantes são topologias de privação e controle, quanto mais isolado e privado de conexão e interação for mantido cada nodo, menos possibilidades de troca, menor capacidade de estabelecer conexões geradoras de múltiplos caminhos, menos comunicação e produção de conhecimento.

Natália Menhem •

Muito interessante. Por algum tempo confundia redes distribuídas e descentralizadas também! O fato é que redes descentralizadas tendem a centralizar o processo de tomada de decisão, mas raramente impedem a comunicação entre os nodos - somos seres sociais, de forma mais ou menos institucionalizada tendemos a encontrar nossos caminhos de socialização e troca. Não?

Nesse sentido, apesar de a primeira vista concordar com os dois corolários, em uma segunda análise tendo a achar que a rede, mesmo centralizada, continuará tendo potencial para conectividade e interatividade - o que muda em redes distribuídas é que conectividade e interatividade entre todos os nodos são incentivados e legitimados, enquanto nas redes centralizadas eles acontecem de forma não institucionalizada e informal.

Fernando Lasman •

sim, reproduções em 3D seriam mais fieis, mas só se representassem as relações entre os nodos tb. pq tem as filmagens de cardumes e revoadas mas, apesar de serem mto legais, nao tem as relações apontadas para nos.

acho que a formula tem no livro hierarquia. mas tb vale a tentativa mandar um inbox pro augusto acho.

Fernando Ferrari •

Realmente, Fernando Lasman, os diagramas não são representações muito exatas das redes. Há o fato de que normalmente não representam em 3D. Os diagramas de Baran estão em 2D. No diagrama da rede distribuída se representarmos ligações dos nodos de baixo com nodos de cima do diagrama teremos uma rede ainda mais distribuída. No entanto, as representações simplificadas permitem uma melhor compreensão. Imaginem a rede neural... é realmente complexa (e volumosa, hehe!).

A propósito, alguém se lembra da formula da distribuição? Não a encontrei mais.

Fernando Lasman •

tive uma dúvida quanto aos diagramas. eles não são representações muito exatas das redes não é mesmo? teríamos de ver algo mais dinâmico, como um gif que outro dia agosto postou no facebook acho. o que seriam os nós e as arestas? onde colocaríamos as pessoas? as redes seriam vistas no movimento dos nós ou no movimento das arestas?

Angela Tijiwa •

Acho que as distinções do diagrama do Baran podem ser transpostas em todas as organizações. Penso nas formigas (exemplo que retiro do livro Emergência, do Steven Johnson) como trabalhadoras para o "poder" hierárquico no formigueiro. Isso não é bom e nem mau se retirado de um contexto humano. Para as formigas, é a única forma de existir. No contexto de rede que falamos aqui - ou entendemos como democrática - é difícil pensar num nível de centralização desse tipo, porque as pessoas teoricamente são livres e não precisam ficar circunscritas a esse tipo de "poder". Todavia, a partir de um discurso de liberdade e colaboração, às vezes as pessoas podem ser capturadas em sua autonomia sem perceber. Creio que a emergência da internet e a forma distribuída da rede favorece a ampliação da prática democrática.

augustodefranco Angela Tijiwa •

Não há qualquer hierarquia em um formigueiro, Angela, conforme nos mostrou a cientista Deborah Gordon (talvez a maior especialista no assunto). O formigueiro é completamente sem-administração. As formigas não são trabalhadoras, não têm papel definido (operárias, soldados, forrageiras) como se acreditava, não servem à rainha e não existe rainha (no sentido que projetamos). Quando tiver um tempinho dê uma lida no primeiro livrinho da Débora (Formigas em Ação). E também assista as palestras que ela fez no TED, como esta aqui: <https://goo.gl/G3tKv4> Também estão disponíveis várias palestras dela no Youtube.

augustodefranco augustodefranco •

Este aqui também é muito interessante, sobre redes em formigueiros:

Fernando Lasman •

Nossa, gostei bastante da transposição do diagrama para o organograma. realmente pode-se enxergar de forma explicita a hierarquização dessa rede.

Quanto a gestão da conectividade acompanhar a distribuição, não compreendi. Entendo distribuição como distribuição das conexões, ou seja, o aumento do número de conexões entre os nós. Ou seja, aumento do grau de distribuição significa mesmo aumento do número de conexões, logo do grau de conectividade da rede. Não seriam coisas separadas, ao meu ver. Qual a diferença?

Quanto à questão sobre a proporcionalidade entre a interatividade e a conectividade na rede, entendo que a interação já é a conexão. Logo, maior grau de conexão significa maior grau de interação. Mas pode-se entender, também, que a interatividade está condicionada pela conectividade, ao passo que sem conexão não pode haver nenhum grau de interação. Nessa visão a conexão e a interação não são a mesma coisa, como eu disse primeiro, mas uma sendo condição necessária para a outra. Assim, a falta de uma implica a falta da outra.

Oi Fernando, acho que é por aí, mas acrescentaria que a interação tem a ver também com o conteúdo do que corre nessa conectividade, ou seja, a "qualidade" (e aí sem colocar uma valoração pessoal do que seja qualidade) do conteúdo se estiver no interesse de quem está conectado possivelmente aumenta a interação

Fernando Lasman Sandra Mayrink Veiga •

é eu sempre caio nessa questão se há alguma influência do conteúdo que corre numa interação com a qualidade desta. mas, como está apresentado no texto do módulo 5, as vezes não há conteúdo algum na interação e, quanto à comunicação, foi descoberto que não há informação sendo transmitida de um ponto ao outro, de fato. o que ocorre é uma mudança em conjunto entre as pessoas, o que demonstra que não há uma influência necessária do conteúdo da interação em relação ao padrão desta. ou pelo menos foi isso que entendi. no fim, não há necessariamente essa influência. agora,

quanto e de que forma (quando ha) o conteudo influencia o padrao da interaçao ja nao faço ideia. gostaria tambem de saber mais sobre isso.

Sandra Mayrink Veiga Fernando Lasman •

Augusto podia entrar aqui, não?

augustodefranco Sandra Mayrink Veiga •

Claro, Sandra. Teremos um módulo mais adiante questionando essa noção de qualidade da interação, sobretudo quando isso é interpretado como um conteúdo. Os conteúdos podem ser muito importantes para o sujeito, mas não para explicar o comportamento coletivo. No Módulo 24 você verá que nenhum dos principais fenômenos interativos que a nova ciência das redes vem descobrindo dependem do conteúdo. Maio de 1968 começou como um protesto dos estudantes de Nanterre contra a proibição aos meninos de visitar o alojamento das meninas, os grandes swarmings na Turquia em 2013 começaram com uma manifestação de ecologistas que não queriam que um shopping fosse construído num parque urbano, junho de 2013 no Brasil começou com um movimento contra o aumento das passagens de ônibus: mas nada disso explica o que aconteceu como fenomenologia da interação. E os jornalistas perguntavam: qual é a pauta, o que esse pessoal está querendo? Mas não havia uma pauta, porque eles - as pessoas consteladas em multidões - não estavam propriamente fazendo alguma coisa com um objetivo determinado: elas estavam sendo! A questão não é trivial, mas pode ser resumida em uma frase: as interações não são instrutivas, são modificativas.

Valdete de Assis augustodefranco •

Olá, Colegas, pensando na colocação da Sandra sobre a qualidade do conteúdo, considero o comportamento coletivo um fenômeno bonito e complicado de entender porque não se explica somente pelo cognitivo, permeia outra dimensão a do ser. É isso mesmo professor, Augusto? E quero ilustrar a

nossa discussão com as ideias de Mikhail Bakhtin, segundo ele a língua se

constitui em um processo ininterrupto, realizado através da interação verbal, social, entre interlocutores, não sendo um sistema estável de formas idênticas, não é?

Guaraciara Lopes •

Atualmente o maior exemplo que consigo dar quando quero pincelar sobre o assunto é perguntando: seu chefe é centralizador? Você gosta? Não, ninguém gosta.

Gilberto Prestes •

Gostei da explicação Hudson Freitas.

Hudson Freitas •

Começando pelo primeiro corolário: quanto mais centralização, menos conectividade, pois havendo um forte centro (ou dois, ou poucos) de poder hierarquizado, os comandos serão top down e de forma muito mais homogênea e direta. Além do mais, mesmo que possa (e pode) haver a formação de clusters entre os subordinados ao centro de poder, estes, ao estarem diretamente (ou mais diretamente) subordinados à mesma linha de comando, com tarefas e conteúdos pré-determinados e comandados top down, muitas vezes, podendo ser até mesmo tarefas e comandos homogêneos, haverá muito menos espaço e disposição para a formação de alguma bolha (cluster, rede mais distribuída) de interação. Poderá haver participação, mas dificilmente haverá interação (criatividade, espontaneidade, inovação, surpresa); Por conseguinte, ao segundo corolário pode seguir que se há menos centralidade, haverá menos comando homogêneo, pré-determinado e top down, criando-se mais espaços, bolhas, possibilidades de formações mais livres e espontâneas de clusters, de redes mais distribuídas, de forma espontânea, e, assim, pulsões de interatividade. Isso pode, talvez, ser sintetizado da seguinte forma: Quanto mais centralização, mais hierarquia, mais autocracia e, assim, menos liberdade; Quanto mais distribuição, menos hierarquia, menos autocracia e, assim, mais democracia, mais liberdade. Quanto mais

liberdade, mais interatividade, uma vez que a interatividade é, em essência, liberdade, espontaneidade.

Cris Krueel •

Pois é... parece tão fácil entender os desenhos, mas tão complicado ler o texto. Mas vamos lá: A boa Rede mesmo é a que tem não tem centro, ou a que tem tantos centros que parece não ter algum. O poder das redes parece vir da capacidade de interação e conexão entre os diversos pontos, ou seja sua grande distribuição.

Thinking out loud... é comum ver nas diversas organizações os tais "Centro de blá, blá, blá...". Estes nomes parecem hoje ultrapassados. Ninguém mais é centro, todos somos nodos. Se você é centro, é porque sua rede é muito hierarquizada.

Marcelo Yamada •

Me dei conta também de que nós (nodos) tendem a emergir mesmo nas estruturas distribuídas - seja para atividades de compilação ou para representação de um subconjunto de membros em algum fórum restrito (restrição física, tecnológica, de tempo etc.). E me dei conta também de que o surgimento desses nós representantes de um grupo não torna a estrutura de distribuída em descentralizada - por não surgir uma hierarquia, mas sim representação situacional.

Podemos atribuir essa função de representação à divisão de papéis entre os membros da rede. Ou devemos questionar a divisão de papéis?

Giovanni G. Bianco Marcelo Yamada •

Marcelo,

Acho que esse tema vai ressurgir em módulos posteriores também. Mas já que você levantou essa questão, note que redes distribuídas não são uma gelatina informe... hahaha

Em redes distribuídas cujos nodos interagem, fenômenos complexos ocorrem. Muitos deles resultam no que chamamos em geral de auto-organização. Isto é, uma organização que emergiu sem um plano pré-concebido, que emergiu das interações locais.

Um ecossistema é o exemplo clássico disso: ele é extremamente complexo, interligado, interativo, e com várias especializações. Na verdade, sua maior riqueza é justamente a diversidade (e a interação que cria novas modificações a partir dos acoplamentos estruturais dos organismos). Portanto, quanto mais homogêneo, menos resiliente tende a ser um sistema (e, no caso das redes humanas, também tende a ser menos criativo, por exemplo).

Assim, é perfeitamente natural que em uma rede de pessoas interagindo surjam especializações -- que podem ser bem fortuitas ou mais permanentes. Mas isso é bem diferente do que acontece na maior parte das nossas organizações (hierárquicas), onde os papéis e atribuições das pessoas são definidos previamente, e não como resultado de interações recorrentes.

Em cluster interativos algumas coisas são diferentes:

- O papel social de uma pessoa não é definido antes da interação
- Os próprios papéis/funções da organização não são definidos antes da interação: eles surgem como necessidades/funções da rede, e não como "cargos".
- Uma determinada função da rede pode ser atendida por mais de uma pessoa.
- Uma determinada função da rede pode surgir e desaparecer rapidamente.
- O desempenho das funções da rede acontece bastante com base na assunção (acrescida dos feedbacks de outras pessoas)

Esses são apenas alguns exemplos.

augustodefranco Marcelo Yamada •

Em geral os papéis são determinados pela interação. Papéis determinados antes da interação pressupõe já hierarquia (ou seja, algum grau de centralização).

Fatima Melca •

Não saber a diferença entre descentralizado e distribuído dificulta o entendimento de rede, pois a pessoa não vai estar entendendo a topologia da rede e consequentemente vai ter dificuldade na fenomenologia da interação. Não vai entender o padrão de organização ou seja como a interação e a conexão ocorrem.

A conectividade acompanha a distribuição. Inversamente, quanto mais centralizada for uma rede, menos conectividade ela possui. Porque a interação vai ser menor. Todos não vão ter a possibilidade de "falar", se "comunicar" com todos. Não vai ser um padrão distribuído.

A interatividade acompanha a conectividade e a distributividade. Quanto mais centralizada é uma rede, menos interatividade ela possui, menos conectividade ela possibilita, mais hierarquizada ela é.

Marcelo Yamada •

O esclarecimento da distinção entre estruturas centralizadas, hierárquicas e distribuídas me faz pensar nos critérios objetivos que definem a indicação e a contra-indicação das estruturas distribuídas (as redes, objeto deste curso). Afinal, como em todos os casos, nenhuma solução é universal.

Mas já notei que haverá muitas oportunidades de voltar a este assunto nos demais módulos.

Jacques Schwarzstein •

Tá...entendo que o feici, tuitter, zap-zap etc...não são redes sociais, mas apenas meios, tecnologias, sistemas, pelos quais circulam informações (textos, fotos, áudio, etc). OK. Não podem ser redes SOCIAIS porque a noção de SOCIAL pressupõe o

envolvimento e a ação de seres humanos e, no caso, estamos falando de aplicativos e não de pessoas. Mas o que se estrutura quando meus x amigos de feici começam a ter acesso distribuído, livre, sem censura nem direcionamento e seletividade ao conjunto de informações que o cada um deles produz e compartilha o que se estrutura neste caso é uma rede distribuída de troca de informações, opiniões, percepções, sensibilidades, etc. Já é um bom começo. Se eu permitir que meus amigos postem livremente no meu mural, será uma rede distribuída. As postagens de meus amigos no meu mural, terão tanto espaço e destaque quanto os meus. Mas isso pode ser apenas o começo de um processo de evolução/transformação de uma simples rede de troca de informações que, lá na frente, poderá ganhar feições de processo de transformação da realidade física, de transformação da sociedade. Rola um swarming informativo. Meus amigos de feici, com os amigos de feici deles e aí por diante. Se uma determinada opinião prevalece, mesmo sem abaixo-assinados, petições, etc, isso pode induzir o congresso, por exemplo, a aprovar uma lei que garante o território de uma reserva indígena. O congresso entrou na rede e os índios, até então ameaçados, também entram na rede e sobrevivem. Não que eu não ache importante dar visibilidade e tentar ajustar à compreensão equivocada do conceito de "rede social" que predomina atualmente por conta de modismos e ações de mercado. Só acho que não se pode simplificar por demais as coisas. Os impactos do que rola no feici vão bem além da troca distribuída de informações. Ou será que não?

Fernando Baptista Jacques Schwarzstein •

Acho que sim... o surgimento do FB fez a ficha cair... propiciou num dado momento uma experiência inter-relacional de certo modo inédita (muito mais distribuída que até então), essa experiência transformou as pessoas... pessoas passaram a perceber e fazer parte de dinâmicas sociais que até então eram desconhecidas para elas... abriu uma caixa de pandora. Uma vez o gênio fora da lâmpada, o FB em si passa a ser menos importante, porque hoje abundam meios... o mais importante é que as pessoas já não são as mesmas, são muito mais sociais.

Simone M Almeida •

Acho que o colega Luiz Carlos traduziu bem o meu entendimento sobre a relação, centralidade, conectividade e interatividade.

Quanto maior a centralização, menor o fluxo de informação e, conseqüentemente, menor a interação entre os participantes dessa rede.

Temos exemplos disso acontecendo em alguns cursos de EAD, onde encontramos diversos nodos (pessoas), todos com um mesmo objetivo (ampliar seus conhecimentos e refletir acerca de um tema), mas que cada participante se dirige única e exclusivamente ao tutor/professor, e não há interação e muito menos colaboração entre as pessoas.

augustodefranco Simone M Almeida •

Exato, Simone.

Jacques Schwarzstein Simone M Almeida •

O que acontece aqui é interessante. Todos se comunicam com todos, fazendo, às vezes, mas raramente, referência há um participante específico. Ou seja, há muito pouca interação direta entre os "modos", que somos nós. Se todos lerem tudo, estaremos nós conectados de forma distribuída? Talvez. Mas o que acontece se um de nós apenas lê o texto provocativo, não lê o que os outros comentaram e se limita a deixar o seu próprio comentário. Como fica a rede?

Fernando Baptista Jacques Schwarzstein •

Penso que quando alguém escreve um post, há um primeiro grau de conexão entre ele e todos que leram o post... quando alguém que leu o post responde, esse grau aumenta... se o primeiro faz uma tréplica, o grau entre estas duas pessoas se torna

ainda maior... daria inclusive pra fazer um gráfico de rede representando as interações de cada dia, no qual a largura da linha representaria o grau de conexão entre cada par de pessoas. Assim seria possível analisar a topologia das interações ocorridas naquele dia.

Simone M Almeida Fernando Baptista •

Concordo com vocês, Jacques e Fernando. Acredito muito nesse tipo de interação onde as partes é que fazem o todo. Creio que quanto mais se amplia o grau de interação entre os nodos, maior é a aprendizagem de forma colaborativa.

Guilherme witte •

A conectividade e a interatividade são diretamente proporcionais ao grau de liberdade dos múltiplos caminhos possíveis. Creio q o padrão descentralizado é o padrão de organização q pensamos q existe por aí, na própria natureza, inclusive. Passa pela própria questão da lógica organização/desorganização. Quando se pensa em organizar qualquer coisa, se pensa logo em um grau de centralização, como princípio para essa coisa funcionar. Até mesmo qdo utilizamos a Internet, passamos boa parte do tempo navegando pelos Hubs (centralizadores de informações ou páginas Web).

Jacques Schwarzstein Guilherme witte •

O o tchan da rede distribuída é que ela também funciona como uma organização. Se houver interação, mesmo que seja apenas troca de informação, ela já é uma rede. O problema é que ela não tem fluxos perenes, efeitos previsíveis, normas padronizadas, etc... Ou seja, é uma organização livre, cujo funcionamento depende de padrões que se instalam e se dissolvem de modo imprevisível. Tudo é fluido....

Valdete de Assis Jacques Schwarzstein •

Olá colegas, boa tarde!... Quando li sua postagem, Jacques , que as redes não têm fluxos perenes, efeitos previsíveis, normas padronizadas me fez pensar na complexidade de como garantir o processo de fruição e que competências

e habilidades os nodos precisam desenvolver para não deixarem a “peteca” cair?

Fernando Baptista Jacques Schwarzstein •

Mas se isso é um o problema ou uma solução, depende do ponto de vista :-)

Fernando Baptista Guilherme witte •

Aqui tem uma particularidade interessante... não significa que porque existem altos graus de liberdade também existirão altos graus de interação distribuída... mas baixos graus de liberdade são uma garantia de que não vai haver alta interação distribuída. Pra mim, uma rede descentralizada é uma situação que mais impede que múltiplas coisas aconteçam do que propriamente gera ou organiza as coisas. Normalmente são elementos externos à rede descentralizada que movimentam as coisas, como salários, crenças, carisma, etc. Acho que altos níveis de interação em redes distribuídas de certo modo também dependem de elementos externos, que não são os mesmos que funcionam em redes descentralizadas... tenho a impressão que eles têm mais a ver com o prazer na atividade com os outros, o reconhecimento mútuo, as relações de amizade, entre outros.

guilherme witte Fernando Baptista •

É verdade...altos graus de liberdade expõem somente um potencial de interatividade...As redes descentralizadas tendem a controlar a interatividade...Pode não acontecer a interação a rede distribuída mas não teremos as barreiras de interação das redes descentralizadas.

Vinícius Pinheiro Lereu •

Minha ideia vai mais na questão prática do tópico: o preparo da sociedade, das pessoas, dos funcionários, em buscar a adequação ao meio distribuído. Ao mesmo tempo que, implantando a rede distribuída em situação/lugar X, as pessoas podem não ter o preparo para vivenciar e contribuir com esse grau de comunicação, ruindo ou perdendo o objetivo da rede.

Fernando Baptista Vinícius Pinheiro Lereu •

Vinícius, vi que apareceram aqui no seu post os mito 12 e 6 juntos, e até um pouquinho do 13, do 14 e do 15 :-) Esses são polêmicos, acho que vai dar muita discussão!

Maria Terezinha •

Está bem claro na primeira questão que a centralização diminui a distribuição no momento que corta a rede em pontos centralizados. Uma detenção de poder central dentro de uma rede com pouca distribuição e conexão. Isto descaracteriza uma rede social.

Temos na segunda resposta o fato de que a centralização na medida que aumenta menos chance de conectividade possui dificultando a interação dos pontos periféricos. Resultado que nos mostra o corte na participação em rede.

Cris Krue Maria Terezinha •

A maioria das "organizações" parecem ser redes hierarquizadas, pois quanto maior a centralização, mais "organizada" parece ser e, portanto, mais controlada, gerenciável e manipulável parece ser.

As instituições tendem a não ser "distribuídas" pois parecem desorganizações? Quanto maior o número de conexões e interações entre os nodos mais difícil é controlar e manipular?

Giovanni G. Bianco Cris Krue •

Cris,

Como disse o Thiago, talvez ela pareçam "desorganizações" para um olhar viciado em instituições verticalizadas como modelo de tudo.

No entanto, redes mais distribuídas podem ser muito "organizadas", no sentido de executarem atividades complexas de maneira funcional, eficiente e eficaz. Voltaremos a esse ponto em outros Módulos.

O essencial é perceber a "origem" dessa organização: ela emergiu das interação entre as pessoas, que livremente e de acordo com seus desejos e habilidades assumiram diferentes papéis/funções? Ou foi as funções (bem como qual pessoa vai desempenhar determinado papel) foram definidos antes da interação e impostos sobre os outros? É uma das questões a observar.

Thiago Padovan Cris Kruel •

Vejo que sim Cris,

Quanto mais hierarquia ou centralização de poder, mais predomina o comando e controle, você não pode falar com qualquer um, em qualquer momento, precisa pedir permissão, marcar reunião... Não pode acessar a internet em alguns lugares, ou a internet não é realmente liberada para todos.

Acho que esses ambientes podem parecer mais organizadas pois estamos mais acostumados a frequentá-los desde que nascemos, como a escola, igreja, empresas, etc... Mas eu me surpreendo sempre que me envolvo com iniciativas mais distribuídas com a maneira que a organização ou a auto-organização acontece, tudo flui mais naturalmente, muito interessante como acontece na prática.

Sandra Mayrink Veiga Thiago Padovan •

Isso é verdade Thiago e muitas vezes é difícil para os ditos assessores verem que sem eles as coisas também andam bem hehehe

Luiz Carlos Fernandes •

Na primeira resposta considero que existirão poucas vias para fluxo de informação (meio) e direção. Vejo as informações partindo de um ou poucos pontos para a grande maioria dos outros pontos mas não permitindo aos "outros" se comunicarem entre si.

Na segunda resposta por possuir apenas conexões partindo de um ou poucos pontos diretos e não tendo interligações entre esses "outros" não há como ter interatividade múltipla apenas ponto a ponto em sua grande maioria.

04

REDE SOCIAIS SÃO PARTICIPATIVAS

#SÓQUENÃO

NO ESPELHO
DA HIERARQUIA
AS REDES
SE DISTORCEM

Em geral as pessoas acham que redes sociais são formas de organização participativas ou mais participativas. E ficam surpresas quando se lhes diz que as redes sociais são ambientes de interação, não de participação.

A afirmação só é válida, claro, para redes distribuídas, quer dizer, mais distribuídas do que centralizadas. Quanto mais distribuída for a topologia de uma rede, mais ela poderá ser baseada em interação e menos em participação. Por que?

A palavra participação designa uma noção construída por fora da interação. Participar é se tornar parte ou partícipe de algo que não foi reinventado no instante mesmo em que uma configuração coletiva de interações se estabeleceu, mas algo que foi (já estava) dado *ex ante*. Como se a gente sempre participasse de algo "dos outros". Não é por acaso que a expressão 'democracia participativa' foi aplicada para designar diversas formas de arrebanhamento, inclusive uma variedade de experiências assembleísticas adversariais, onde a tônica era a luta, a disputa por maioria ou hegemonia e se praticava a política como "arte da guerra" lançando-se mão de modos de regulação de conflitos que geram artificialmente escassez (como a votação, o rodízio, a construção administrada de consenso e, inclusive, sob alguns aspectos, o sorteio).

Mas isso não significa exatamente, como pode parecer à primeira vista, que interagir, então, diga respeito somente à atuação em algo "nosso" enquanto participar diga respeito à atuação em algo "dos outros".

Não, não é bem assim, a menos que esse "nosso", aqui, não seja tomado em um sentido proprietário (como eufemismo, para dizer "meu") em contraposição ao "dos outros" ("deles"). O "nosso" conformado na interação não se pré-estabelece, não conforma uma identidade identificável com um grupo determinado de agentes antes da interação, ao contrário do "nosso" (na lógica coletiva de um "eu" organizacional já construído) quando esse "nosso" foi instituído por um grupo que, ao fazê-lo, estabeleceu uma fronteira (dentro $\neq$ fora) independentemente da interação fortuita que já está acontecendo e que ainda virá. Neste caso, a organização será um congelamento de fluxos, uma cristalização de uma situação pretérita, um pedaço do passado cortado que se enxerta continuamente no presente para manter as configurações que, em algum momento, atribuíram a determinadas pessoas certos papéis que se quer reproduzir (essa é a triste história da liderança, ou melhor, da monoliderança, dos líderes que, tendo liderado algum dia, querem se prorrogar, eternizando uma constelação passada para continuar liderando).

Assim, quando fazíamos uma organização ou lançávamos um movimento e chamávamos uma pessoa para nela entrar ou a ele aderir, estávamos chamando-a à participação. Estávamos abrindo a (nossa) fronteira para que o outro pudesse entrar. Em uma rede (mais distribuída do que centralizada), as fronteiras são sempre mais membranas do que paredes opacas, não precisam ser abertas, não se estabelecem antes da interação e todos os que estão em-interação estão sempre "dentro" (aliás, estar "dentro", neste caso, é sinônimo de estar interagindo, mesmo que alguém só tenha começado ontem e os demais há anos). Estarão "dentro" também os que ainda virão, quando passarem a interagir, sem a necessidade de serem recrutados, provados, aprovados, admitidos e iniciados pelos que já estão.

A diferença parece sutil, mas é brutal no que diz respeito ao funcionamento orgânico. O participacionismo (que contaminou a chamada Web 2.0) instituiu modos de regulação que produzem artificialmente escassez (e, portanto, centralizam a rede, gerando oligarquias participativas compostas pelos que mais participam, pelos que são mais votados ou preferidos de alguma forma – mais ouvidos, mais lidos, mais comentados, mais adicionados, mais seguidos –, os quais acabam adquirindo mais privilégios ou autorizações regulatórias do que os outros). Formam-se neste caso *inner circles*, instâncias mais estratégicas do que as demais (os outros *clusters* e as pessoas comuns, não-destacadas da "massa"), que passam, estas últimas, para efeitos práticos, a serem consideradas táticas (para os propósitos dos estrategistas, dos que possuem mais atribuições): e não é a toa que os membros do "círculo externo" frequentemente são chamados de "público", "usuários", (meros) "participantes", com permissões mais restritas e poderes regulatórios diminutivos.

Em um sistema baseado na interação, a regulação é pluriárquica, quer dizer, é sempre feita com base na lógica da abundância: ou seja, as definições dependem das iniciativas das pessoas que queiram tomá-las ou a elas queiram aderir, jamais impondo-se, o que pensam alguns, aos demais (por critérios de maioria ou preferência verificada). Assim, em um sistema baseado na interação, nunca se decide nada em nome do sistema (a organização em rede), ninguém fala por ele, ninguém pode representá-lo ou receber alguma delegação do coletivo (porque, na ausência de

representação, esse "eu = ele" coletivo não pode expressar-se (por hipóstase) como um ser de vontade ou que seja capaz de acatar qualquer vontade, ainda que fosse a vontade de todos). E não há deliberação porque não há necessidade de deliberar nada por alguém ou contra alguém ou a favor de alguém (que tivesse que delegar ou alienar seu poder a outrem).

Em uma organização baseada em interação nunca se fala em nome da organização, nunca se promove nada por ela e nem mesmo seus fundadores podem empenhar, emprestar, parcerizar a sua marca para coisa alguma, ainda que seja para propor uma atividade totalmente dentro do escopo da organização. Em outras palavras, não há um ativo organizacional que possa ser apropriado (nem mesmo como patrimônio simbólico) por alguém em particular, porque as dinâmicas pluriárquicas não permitem.

Destarte, não há um "nós" organizacional que estabeleça uma fronteira entre os "de dentro" e os "de fora". Todos que estão fora podem entrar. Todos os que estão dentro podem sair (e podem voltar a qualquer momento; e sair de novo, quantas vezes quiserem). Entrar não significa pertencimento a algum corpo separado do meio por fronteiras impermeáveis, nem adesão (ou profissão de fé) a algum *codex* e sair não significa discordância, "racha", deserção, traição, divórcio ou qualquer tipo de ruptura. E quem compõe tal organização afinal? Ora, quem nela quiser se conectar e interagir, aqui-e-agora. Quem saiu não é mais, mas não porque tenha se desligado e sim porque não está interagindo. Quem não entrou não é ainda, mas não porque não tenha sido aprovado e aceito e sim porque, igualmente, não está interagindo.

Porque rede é fluência. Nodo de uma rede é tudo o que nela interage. Essa foi a grande descoberta do tempo vindouro que está vindo.

É certo que, mesmo nas redes mais distribuídas do que centralizadas, a frequência e outras características da interação, vão ensejando a formação de laços internos de confiança, de sorte que nem todos são iguais no que tange ao que correntemente se chama de liderança. Algumas pessoas podem ter oportunidades de serem mais avaliadas pelas outras e até de obterem uma adesão maior às suas iniciativas do que

as outras, em virtude da sua interação, quer dizer, do seu modo-de-interagir e do seu, vá lá, histórico de interação (mas não de qualquer atribuição diferencial que tenham recebido de fora ou de cima ou mesmo em virtude da adoção de modos de regulação geradores de escassez que recompensem algum esforço de participação voltado a "ganhar" as demais pessoas, conquistando hegemonia ou maioria). Nas redes (mais distribuídas do que centralizadas) não se quer regular a inimizade política e sim deixar que a amizade política autorregule o funcionamento do sistema. Não há um corpo docente, uma burocracia coordenadora e, nem mesmo, um time ou equipe de facilitadores (cuja formação seja baseada em critérios de mérito ou conhecimento, antiguidade, popularidade ou outra característica qualquer que não possa ser verificada e checada intermitentemente na interação).

Esse é o motivo pelo qual nas redes sociais (mais distribuídas do que centralizadas) não se deve (e enquanto elas forem mais distribuídas que centralizadas, não se pode) montar uma patota dirigente, coordenadora, facilitadora ou erigir uma igreja de mediadores. A construção de um "nós" organizacional infenso à interação ou protegido contra a imprevisibilidade da interação para manter sua identidade ou integridade (e, supostamente, para assegurar – como guardiães – que a organização não se desvie de seus propósitos, não viole seus princípios e não fuja do seu escopo), ao gerar uma identidade compartilhada por alguns "mais iguais" que outros, centraliza a rede, deixando-a à mercê do participacionismo; quando não de coisa pior.

Sim, é difícil não tentar organizar a auto-organização. E é difícil não tentar reunir alguns para, como se diz, "colocar um pouco de ordem na casa". Mas aqui vale aquela frase brilhante de Frank Herbert, uma pérola garimpada em "O Messias de Duna" (1969): "Não reunir é a derradeira ordenação". Para quê re-unir o que já está unido = conectado (interagindo)? E se é assim, por que reunir apenas alguns para organizar mais, quando se pode ensejar a ordenação emergente de muitos mais?

A tentação de estabelecer uma fronteira opaca, o medo de se deixar abrigar (ou de se proteger do "mundo externo", do outro, em geral das outras organizações) apenas por uma membrana (permeável aos fluxos e, portanto, vulnerável à interação) assolou

constantemente as (pessoas das) organizações, mesmo aquelas que queriam transitar para um padrão de rede distribuída.

Por que, em geral, confundimos participação com interação? Até que ponto o participacionismo foi uma tentativa de salvar do incêndio os esquemas de comando-e-controle?

UMA SÍNTESE DOS PRINCIPAIS COMENTÁRIOS

Guaraciara Lopes •

É difícil interagir e não participar porque a educação familiar na maioria, e coloca maioria nisto, vale o: manda quem pode, obedece quem tem juízo. Ou seja, no âmbito familiar até participar é difícil; interagir então...

Cilene Vieira •

O que se considera um líder nato, uma liderança natural, um líder carismático, não tem salvação, ou seja é maléfico num sistema de redes descentralizadas e distribuídas?

Cilene Vieira •

Até aqui, o texto que torna o entendimento de redes mais fácil de entender e mais difícil de compreender. É que dito assim, pensar em uma sociedade que funcione com um sistema de redes parece utopia. Por mais que haja interações que gerem movimentos como o Junho de 2013, no dia a dia, surgem lideranças consideradas "naturais", mesmo em redes, ou interações mais distribuídas do que centralizadas.

Quando surgem lideranças, a rede, mesmo mais distribuída que centralizada, desaparece?

E essas pessoas que tem um modo de interação "diferenciado" ou um histórico, ou um tipo de conhecimento ou até o que chamamos de "dom da liderança" são anuladas nas redes?

Essa natureza, essa tendência para a organização e a liderança que tantos têm passa a ser algo negativo e prejudicial às redes? Como essas pessoas podem ser como são, exercerem sua personalidade e atuarem em rede?

augustodefranco Cilene Vieira •

É simples, Cilene. As redes estimulam a liderança, muitas lideranças, multiliderança. Quando há um líder que se prorroga no tempo, que quer liderar em todos os assuntos, então é sinal de que há obstruções de fluxos, quer dizer, centralização. Ou seja, hierarquia (centralização) significa sempre deficit de liderança e não o oposto. É muito mais difícil centralizar do que deixar fluir. Temos bilhões de redes mais distribuídas do que centralizadas, há mais de 100 mil anos, talvez 200 mil anos de caminhada do ser humano. Esses temas serão abordados nos módulos seguintes.

Cilene Vieira augustodefranco •

Ok, obrigada. Estou sempre tentando entender pra "desfazer" os mitos sobre rede, mas principalmente procurando enxergar na prática, no dia a dia, o seu funcionamento.

Natália Menhem •

Nunca tinha analisado a "participação" sob esse ponto de vista. Estou ainda boquiaberta com essa nova forma de percepção. Também nunca tinha pensado sobre a relação de escassez gerada por certos tipos de organização de redes - apesar de entender, principalmente após a leitura da Era da Empatia, que nós, humanos, se competimos quando deveríamos colaborar é porque estamos vendo concorrência (escassez) aonde poderíamos ver interação (abundância).

Valdete de Assis •

Olá colegas, quando li o texto destaquei "a regulação é pluriárquica, quer dizer, é sempre feita com base na lógica da abundância: ou seja, as definições dependem das iniciativas das pessoas que queiram tomá-las". Isto significa que não importa a crença de cada um dos nodos porque o que vale é a forma de como as interações se estabelecem na rede. É isso mesmo?

Giovanni G. Bianco Valdete de Assis •

Boa, Valdete! Também vejo assim.

augustodefranco Valdete de Assis •

Penso que é isto mesmo, Valdete!

Fernando Lasman •

acho que o ponto é que interação é apenas o reconhecimento do contato entre pessoas. tudo o que pode ser gerado a partir desse contato esta depois, é consequencia. logo, participação e interação, para mim, nao se separam totalmente. Participação significa que se identifica um objetivo consolidado entre as pessoas que interagem, a ser atingido, e que estas mantem esse objetivo apesar da interação com outras pessoas. Ha uma dinamica ou padrao especifico que se identifica a partir da fixação de um proposito a ser atingido, e participar é se alinhar a esse projeto sem ter poder de altera-lo, ainda que interagindo. Afirmar que ambientes mais interativos nao tem proposito antes da interação, para mim, parece simplesmente reconhecer que nao ha projetos em conjunto que se possam atingir sem estar em conjuto, interagindo. Participar é interagir, de um modo especifico.

enfim, ha que se reconhecer que em ambientes que cada pessoa que interage tem poder sobre a proposição de objetivos é mais uma questao de modo de interação que de organização, ja que a diferença entre participação e interação, ao meu ver, é que no primeiro caso os objetivos sao fixados e nao podem ser modificados por qualquer um, ao passo que no segundo qualquer um tem essa possibilidade. e acho que essas coisas sao independentes do grau de interatividade.

explorando um pouco mais o que seria um ambiente em que qualquer um que interage tem a possibilidade de propor e alterar objetivos em conjunto, acho que se veria, naturalmente, um ambiente como se ve numa rua movimentada ou praça. Se veria (ou ve) uma movimentação caotica, sem fim definido no plano fisico, onde se enxerga as pessoas se aproximando e distanciando livremente umas das outras. O quadro é um espaço livre mesmo, com um monte de gente, no qual no se pode definir um proposito

unico para a interação das pessoas. Não se enxerga um significado aparente para o todo, apenas as partes. porque há caos, não há significado, ou há tantos que não se identifica nada. é alta entropia. - mas engraçado que se identifica o espaço com a dinâmica das relações entre as pessoas que estão no espaço.

Fatima Melca •

Talvez aqui fique mais claro, quando mencionei uma rede mais distribuída que centralizada no futebol.



Jacques Schwarzstein •

O interessante no caso da interação - tal qual definida aqui - é que seus resultados e impactos são totalmente imprevisíveis. A interação - sempre tal qual definida aqui - é um caminho que leva a um lugar que ninguém sabe qual é. O que se pressupõe é que - na medida em que um processo puder ser totalmente protegido de constrangimentos - o que só pode acontecer mesmo na teoria, já que nem mesmo o laboratório garante condições para tal - o resultado será sempre o melhor possível, porque os humanos teriam algo como um instinto de sobrevivência, uma intuição gregária e, talvez, uma estrela guia que os direcionaria ao bem estar, à paz e à felicidade. Também acredito nisso, mas sei que isso ainda está para ser provado e sei também que sou um grande sonhador.

Marcelo Yamada Jacques Schwarzstein •

Concordo com sua preocupação, bastante pragmática. Os demais módulos talvez respondam ao nosso questionamento (por que estamos valorizando as redes puras acima das outras?).

De imediato, me parece que estamos discutindo um paralelo humano para a inteligência de enxame - em que cada indivíduo (formiga, abelha, andorinha) toma a melhor decisão individual com as informações incompletas a que tem acesso produzindo, paradoxalmente, uma boa ação coletiva.

Jacques Schwarzstein Marcelo Yamada •

Quem disse que a ação coletiva é sempre boa? A meu ver ela é imprevisível, se o espaço em que se desencove for um espaço aberto e se a dinâmica instalada atrair atores de perfis diferentes, com visões diferentes. Mesmo sem hierarquias, lideranças formais, normas, corte de conexões comunicativas e interativas, os resultados podem ser caóticos e extremamente destrutivos. Não que não valha a pena correr o risco, mas pressupor que entre humanos as coisas possam acontecer como entre as formigas, abelhas e andorinhas me parece ser um sonho maior que aqueles que eu possa sonhar...

Marcia Borges Jacques Schwarzstein •

Jacques, posso utilizar, para exemplificar a sua explanação, o modelo de Administração do Congresso e afins em Brasília? Para mim, há uma aparente rede "organograma", mas há uma rede orgânica "invisível" em que há entrada e saídas (de partidos) de acordo com a "gestalt" da rede?

Fernando Baptista Jacques Schwarzstein •

Pois é, redes sociais costumam gerar inquietação, porque nunca se sabe o que vai emergir... pode ser bom, pode não ser... eu posso achar que algo é bom, ao mesmo tempo que outros acham a mesma coisa terrível. Ao meu ver, esse programa tem mais a ver com a desmistificação da compreensão sobre redes sociais e interação humana

do que propriamente com a tentativa de estabelecer uma discussão sobre quais tipos de ações humanas são boas ou não.

Jacques Schwarzstein •

Já me posicionei, mais abaixo. Não estou entendendo direito de onde vem esse tipo de definição e construção dicotômica e maniqueista que não parece resolver problema algum. Lançar um olhar crítico sobre práticas participativas que ficam aquém do que se deseja e espera é uma coisa. Estou com a sensação de estar em uma igreja, onde o bom é divino e o mau é diabólico. Os sentidos que estão sendo dados, aqui, a esses dois conceitos (participação e interação) são optativos. Gosto do que sugere Augusto quando fala em gradiente e reconhece que todo tipo de participação é o que é. Há modalidades de participação que realizam seu potencial e outras que ficam muito distante disso ou ficam no plano das ilusões. Uma tentativa de participar de processos que foram pensados de modo estanque e fechado, pode não ser bem sucedida, mas também pode balançar o coreto institucional e resultar em mutações. Ou será mesmo que podemos enterrar definitivamente o conceito, a palavra e seu sentido? Perdão...não consigo me movimentar em um mundo teórico como este, que só percebe as limitações das práticas chamadas de participativas, tais quais as conhecemos na atualidade, e confunde desejos com realidade quando se refere à ideia da interação. Entendo perfeitamente as diferenças às quais se pretende dar visibilidade aqui e acho tudo muito interessante, mas não consigo lidar com o reducionismo e a simplicidade cartesiana. O que me interessa é a complexidade.

augustodefranco Jacques Schwarzstein •

Não há nenhum juízo de valor aqui, Jacques. Não lidamos com verdades e sim com descrições aproximadas dos fenômenos. Os constructs (adesão, participação, interação) são apenas espécies de muletas que usamos para formular e sistematizar nosso pensamento de sorte que ele possa ser compreendido por outras pessoas, não revelações inquestionáveis. Aqui não há qualquer igreja porque não há sacerdócio (uma burocracia com acesso privilegiado a uma verdade imanente ou transcendente fazendo o papel de intermediária), nem existe uma doutrina (um conteúdo) que deva

ser aceita como pre-condição para interagir ou para... fazer parte (participação). Como diz a advertência que está no topo de todos os módulos, este é apenas "um texto provocativo, elaborado para estimular a conversação. Você não precisa concordar necessariamente com o conteúdo do texto provocativo e sim ficar atento às suas indagações."

Jacques Schwarzstein [augustodefranco](#) •

Pois é, Augusto. Estou respeitando as regras do jogo. Concordando quando concordo, discordando quanto discordo. Sempre atento às minhas indagações. Não é essa a proposta?

[augustodefranco](#) Jacques Schwarzstein •

É exatamente essa a proposta. E além de concordar e discordar, ficar aberto à polinização: uma ideia pode namorar com a outra e gerar frutos. As ideias - dizia Thompson - são como as uvas: dão em cacho!

Cris Kruehl [augustodefranco](#) •

And... "like birds, ideas fly in flocks" ;-)

Hudson Freitas •

Além de a participação estar inserida em uma organização menos distribuída e, portanto, mais centralizada, hierarquizada, autocratizada, cujos objetivos, comandos, valores, sentidos estão pré-determinados, congelados, cuidando-se de mera reprodução (não-fluxo), a lógica da participação é a diminuição ou, mesmo, a eliminação da liberdade. Mas de forma bastante deletéria, a participação e os processos (clausuras) participativos promovem a ilusão de que o participante estaria fazendo alguma escolha, exercendo alguma liberdade, quando, na realidade, a participação promove o estrangulamento da liberdade, a interrupção do fluxo interativo. A interação é livre, portanto é igualmente libertadora (por isso é e se dá no fluxo, no fluir, no fluir-se). Dessa maneira, a interação se dá com e no inesperado, no e com o

espontâneo, no devir. Em outras palavras, interagir tanto só é possível na liberdade quanto a liberdade se revela na interação.

guilherme witte •

Posso dizer q participação presuppõe um resultado esperado ou um objetivo desejado estabelecido anteriormente?

augustodefranco guilherme witte •

Eu diria que sim, Guilherme. Quanto mais interativo for um sistema, mais os resultados serão inesperados! Ademais, em qualquer processo mais participativo do que interativo (vamos dizer assim para simplificar, embora tudo seja interação) há condução, expectativas que quem conduz (ou coordena, ou preside as mesas, facilita o processo: dá a palavra, controla o tempo, propõe a pauta, estabelece as regras, conforma o campo, estabelece as fronteiras - nós e os de fora e apura os resultados) de chegar a tal ou qual resultado. É por isso que, conta uma anedota, que a velha raposa política mineira (o Antonio Carlos) dizia: "reunião, só com tudo decidido" (o que é obviamente uma caricatura, mas toca no ponto).

Sandra Mayrink Veiga augustodefranco •

participação democrática não supõe que haja alta interatividade? hoje em dia muitos coletivos se reúnem porque estão sem entender como fazer, o que fazer ...estamos vivendo um período de transição me parece, desta vez o novo não sairá do velho, há que se romper paradigmas

augustodefranco Sandra Mayrink Veiga •

Sim, o novo não sairá do velho. Mas participação democrática não significa necessariamente alta interatividade. Coletivos participacionistas, assembleístas, costumam ser pouco interativos e altamente controláveis por centros dirigentes ou coordenadores (os que conduzem as discussões, fazem as pautas, dão e tomam a palavra). Temos um bom exemplo disso na democracia ateniense, que era mais

participativa do que interativa. A instância de deliberação (a Ecclesia) era praticamente controlada por uma espécie de secretaria executiva (a Boulé) e isso explica por que, por exemplo, Péricles conseguiu manter por tanto tempo seu protagonismo naquela comunidade política democrática ensaiada pela primeira vez no século 5 AEC.

Simone M Almeida [augustodefranco](#) •

Diante das reflexões dos colegas, fico pensando se meu entendimento sobre as diferenças entre participação e interação seriam muito reducionistas... Pegando este curso como exemplo, posso entender que para muitos ele é interativo (todos temos voz e, apesar de para cada módulo haver um texto reflexivo, as opiniões podem ser as mais diversas possíveis e o resultado que teremos de todas essas interações pode ser inesperado). Porém, para outros, ele pode ser um curso participativo. Não por uma imposição de quem um pensou, mas pelo perfil do próprio "participante", que prefere somente ler as discussões mas não contribuir para que elas aconteçam. Por vezes penso que até a questão de termos nodos bastante diferentes, como mencionou a Cris Krueel, pode levar a isso. Aqui temos pessoas de formações distintas, experiências diversas, locais diferentes, perfis variados, o que, por muitas vezes, "inibe" os demais que acabam optando por uma participação mais vicária.

Fernando Baptista [Simone M Almeida](#) •

Do modo que vejo, esse curso tem elementos adesivos (tem que se inscrever pra fazer), participativos (o tema já estava recortado e pré-definido, assim como o ambiente, e as pessoas se tornam parte desse recorte) e interativos (aqui todos podem conversar livremente com todos e dizer o que quiserem, não há controle de fluxo de conversas).

Catia Urbanetz [Fernando Baptista](#) •

Perfeito, Fernando! Bom exercício que fizeste sobre esse curso.

Simone M Almeida [Fernando Baptista](#) •

É verdade, Fernando. Podemos encontrar os três elementos nesse curso. Acho que o curso deixa claro que uma coisa não inviabiliza as outras, não é mesmo? Entendo como três graus --> aderência --> participação --> interação. Teremos pessoas que ao final do curso somente aderiram, mas nunca acessaram; outras que entraram, leram, mas não se manifestaram; e as que realmente contribuíram com as discussões (interagiram).

Giovanni G. Bianco Simone M Almeida •

Sim, Simone.

Como disse o Augusto aqui, esses três conceitos (adesão, participação e interação) são simplificações de padrões (ou tendências) muito complexas.

Mais do que um gradiente, acho que há multidimensionalidade nesses conceitos. Podemos pensar em muitas variáveis que indicam graus maiores ou menores de liberdade e indeterminação, por exemplo:

- A entrada (de pessoas) é livre?
- A saída também é livre? Posso sair daqui se eu não quiser ficar?
- Existem objetivos pré-fixados?
- Existem papéis pré-definidos?
- Existem relações de poder entre diferentes papéis?
- Existe possibilidade de fazermos diferentes coisas ao mesmo tempo, ou teremos todos que fazer as mesmas coisas?
- As pessoas podem interagir umas com as outras, livremente?
- As pessoas estão efetivamente interagindo?

Vixe! A lista poderia ser enorme... Cada um desses pontos dá pistas sobre a dinâmica e os padrões de determinada rede, e pode indicar (aproximada e imperfeitamente) a tendência geral.

A análise comparativa também pode ajudar. Não é difícil perceber que um exército é um contexto muito menos livre e aberto à interação fortuita do que uma festa entre amigos. E onde entra a empresa X? E o partido Y? E a ONG Z? E por aí vai...

Faz sentido?

Fatima Melca •

Penso que as pessoas confundem, pois não compreenderam bem o sentido de participação e de interação. Quando a pessoa participa, ela não faz parte da sincronização e da emergência que a interação requer. O exemplo que deixa isso claro é o do estadio de futebol. Nós que estamos no estadio, com nossas bandeiras, gritando a cada gol estamos participando. Estamos fora do campo, assistindo o que está rolando no campo. Para um bom jogo, os jogadores interagem entre eles, e é preciso que haja uma sincronização para ganharmos a partida. Eles precisam interagir. Trocar entre eles. Tipo assim, "sozinhos podemos fazer pouco, mas juntos podemos fazer muito "(H.K)

Fatima Melca Fatima Melca •

sim

augustodefranco Fatima Melca •

Usei o mesmo exemplo neste texto de 2012, Fatima: O Barcelona e a Nova Ciência das Redes. Dê uma espiada: <http://pt.slideshare.net/augus...>

Hudson Freitas Fatima Melca •

Duas questões: 1. "emergência" no sentido de "emergir", correto? Entendi bem?

2. Não haveria absolutos, certo? Ou seja, na torcida pode haver interação, quando eventualmente pessoas emergem em fluxo espontaneamente e de forma inesperada além de simplesmente torcer e esperar uma vitória de seu time; Já os jogadores, será que não estão estruturados e treinados exatamente dentro de uma lógica participativa inserida em uma cadeia de comando, hierarquizada, cumprindo papéis e desempenhando funções previamente treinadas e com resultados pré-determinados esperados? Mas, mesmo assim, é sempre possível que bolhas interativas possam emergir na dinâmica fluida e inesperada do decorrer do jogo com jogadas espontâneas e impensadas ou não esperadas ou treinadas. Há aí uma dialética, ou não?

Fatima Melca Hudson Freitas •

Sim, emergencia algo que emerge. Não conheço técnicas de jogo. Eu imagino que para jogar bem, tenha que haver uma comunicação que ocorre entre jogadores e ambiente (contexto). Uma interação entre os jogadores, que muda a cada momento, conforme a jogada. E uma emergencia que é o gol. Juntos eles fazem o gol. Não vejo o gol, como algo de um jogador, mas de um coletivo, que interage de forma mais distribuída do que hierarquizada. Hudson, acho que eles treinam jogadas sim, mas na hora que a bola rola, acho que se eles forem ficar esperando o papel a ser desempenhado por cada um, deixa de ser um coletivo. Penso que deve haver time de todos os jeitos, mas acredito que só aqueles que interagem consigam fazer um jogo legal. se o objetivo for fazer o gol. Não sei se usaria o termo dialética, usaria o termo auto organização, topologia de rede.

Jacques Schwarzstein •

Está tudo bem claro e concordo com a proposta de sentido do texto. Acho, apenas, que - em tese ao menos - o conceito de "participação" não exclui o de "interação" nem se opõe a ele. A definição de participação sugerida pelo "texto provocativo" me parece limitada e um tanto reducionista. Pode até ser que correntes interessadas em manter o poder centralizado tenham se apropriado da ideia do "participativo" para enfraquecer o impacto da ação e da opinião dos que não fazem parte do restrito círculo

de quem domina a sociedade, mas isso não está claro. Para mim, a ideia da participação não está morta, nem é vazia. Penso que é perfeitamente possível conceber a participação como uma forma de inserção em um processo fluido que acaba de pipocar e acontecer e pode desaparecer a qualquer momento. Penso que é possível utilizar o conceito de participação para falar de processos distribuídos e horizontalizados. Já me vi "participando" de vários processos espontâneos com esse tipo de perfil e padrão. Enfim...sei que estamos limitados ao uso de palavras existentes e gosto do exercício de criação de sentidos, mas acho que, neste caso, estamos construindo um maniqueísmo artificial entre conceitos que podem ser complementares e se retrolimentar. Sugiro especificar melhor a ideia de participação da qual se fala no texto. Que tal "participação manipulada", ou "participação subordinada"? Ou será que existe outra palavra melhor que dê conta do recado?

Hudson Freitas Jacques Schwarzstein •

Ou seja (se é que entendi bem): poderíamos dizer que a participação não exclui, não elimina a interação; mas sim, a participação se opõe à interação. Pode ser por aí?

augustodefranco Jacques Schwarzstein •

Experimente pensar assim, Jacques. Tudo é interação, numa escala de 0 a 10. É um gradiente. E o gradiente é adesão-participação-interação. Isso é apenas uma maneira de explicar uma coisa que é um pouco mais complexa. Poderíamos também tentar descrever assim: adesão-interação => participação-interação => interação-interação. Sempre há interação, mas a interatividade varia de acordo com a vulnerabilidade ao fluxo aleatório. Ou seja, a interatividade não é uma medida da quantidade de interação (interagir mais) e sim estar mais sujeito à interação fortuita, à interação com o outro imprevisível. Nas formas (ou modos) de interação adesivas (filiação, por exemplo), a interatividade é menor do que nas formas de interação participativas e nas formas (ou modos) de interação interativas. Nestas últimas você está totalmente vulnerável ao fluxo interativo da convivência social e, portanto, as formas interativas-interativas são menos controláveis do que as formas participativas-interativas. Essa distinção é relevante para estabelecer, por exemplo, uma diferença entre uma

organização participativa (como um sindicato) e uma organização interativa (como uma rede mais distribuída do que centralizada). Foi o que tentou mostrar o texto provocativo.

Cris Kruel augustodefranco •

E a variação estiver nos nodos, ou seja, se os nodos não forem sempre iguais? E se os "nodos forem diferentes", e desejarem "aderir, participar, interagir" de forma diferente? Estes fundamentos todos continuam fortes se os pontinhos dos diagramas fossem coloridos ao invés de apenas de uma cor?

Jacques Schwarzstein augustodefranco •

Pois é, Augusto, não dá para pensar que só existe participação genuína, em espaços que não são delimitados, mas sim abertos, e permanentemente mutantes. Se assim fosse, o problema não seria a questão da participação x interação, mas sim da delimitação dos espaços. Teríamos que imaginar um mundo totalmente desinstitucionalizado.

Fernando Baptista Jacques Schwarzstein •

Eu consigo imaginar (e experienciar) muitos mundos completamente desinstitucionalizados (no sentido de instituições formais, pré-existentes). Também arrisco dizer que a grande maioria das interações humanas se dá fora deles.

Sobre a participação, concordo que há espaços de participação mais interativos que outros (uma empresa em rede, por exemplo, é um espaço adesivo-participativo mais interativo que uma empresa convencional, pelo menos internamente)... mas se há delimitação de espaço, de propósito, de escopo, automaticamente já há restrição interativa.

augustodefranco Jacques Schwarzstein •

Mas não acho que exista participação genuína x participação não-genuína. A participação é o que é. Fazer parte de algo, ser partícipe. Em termos de rede não existe delimitação dos espaços (os limites de uma rede não são definidos assim e sim pela exclusão de nodos, eliminação de conexões ou desatalhamento de clusters). Instituições são armadilhas de fluxos, ou seja, são definidas, no espaço-tempo dos fluxos, por graus de centralização (ou por obstruções de fluxos ou, ainda, condicionamentos impostos à fluência: só pode entrar por aqui, só pode sair por ali, tem que passar no quarto andar para depois ir para o segundo etc.). Acho que tudo isso ficará mais claro nos módulos seguintes.

Jacques Schwarzstein [augustodefranco](#) •

Acho que você está certo.

05

**REDE
SOCIAIS**
SÃO PODEROSAS
FERRAMENTAS
TECNOLÓGICAS

#SÓQUENÃO

NO ESPELHO
DA HIERARQUIA
AS REDES
SE DISTORCEM

Muitas pessoas acham que as redes sociais são poderosas ferramentas tecnológicas, as chamadas TICs ou tecnologias de informação e comunicação. Mas redes sociais são pessoas interagindo, por meio de qualquer ferramenta (mídia) que viabilize a interação (de sinais de fumaça ao WhatsApp ou ao Telegram Messenger).

Ademais, as redes sociais não são propriamente - ao contrário do que se acredita - redes de informação e sim de comunicação (que é interação).

Quando Norbert Wiener (1950) escreveu, em *Cibernética e Sociedade*, que “um padrão é uma mensagem e pode ser transmitido como tal”, abriu uma linha de reflexão segundo a qual todas as coisas – inclusive as pessoas, que, segundo ele, não passam “de redemoinhos em um rio de água sempre a correr” – são como que singularidades em um continuum, campo, tecido ou espaço. A hipótese é fértil, inclusive pelo seu poder heurístico.

Mas por essa porta aberta à imaginação criadora, também passou um pensamento rastejante: como transmissão de mensagem evoca sempre informação, uma visão de que tudo poderia ser reduzido, em última instância, à informação, acabou se estabelecendo. Redes, pensadas mais como redes de máquinas que trocam conteúdos entre si, foram assim concebidas como redes de informação.

Uma das descobertas tão recentes quanto surpreendentes da época em que vivemos é que, ao contrário do que pensavam os teóricos da informação, redes sociais não podem ser reduzidas à redes de informação. Ainda que toda influência seja um padrão, ela não pode ser reduzida a um código. É o padrão de interação que é relevante e não a transmissão-recepção da mensagem entendida como um conteúdo de arquivo.

Redes sociais são redes de comunicação, é óbvio. Mas ainda que o conceito de informação seja bastante elástico, isso não é a mesma coisa que dizer que elas são redes de informação. Redes são sistemas interativos e a interação não é apenas uma transmissão-recepção de dados: se fosse assim não haveria como distinguir uma rede social (pessoas interagindo) de uma rede de máquinas (computadores conectados, por exemplo).

Ao tomar as redes sociais como redes de informação, imaginando que tudo não passa de bytes transmitidos e recebidos, frequentemente deixávamos de ver que a comunicação modifica os sujeitos interagentes (e só acontece quando tal modificação acontece). Humberto Maturana e Francisco Varela explicaram isso muito bem em um *box* (ao que tudo indica atribuído ao segundo) do livro *A Árvore do Conhecimento* (1984) intitulado “A metáfora do tubo para a comunicação”:

“Nossa discussão nos levou a concluir que, biologicamente, não há informação transmitida na comunicação. A comunicação ocorre toda vez em que há coordenação comportamental em um domínio de acoplamento estrutural. Tal conclusão só é chocante se continuarmos adotando a metáfora mais corrente para a comunicação, popularizada pelos meios de comunicação. É a metáfora do tubo, segundo a qual a comunicação é algo gerado em um ponto, levado por um condutor (ou tubo) e entregue ao outro extremo receptor. Portanto, há algo que é comunicado e transmitido integralmente pelo veículo. Daí estarmos acostumados a falar da informação contida em uma imagem, objeto ou na palavra impressa. Segundo nossa análise, essa metáfora é fundamentalmente falsa, porque supõe uma unidade não determinada estruturalmente, em que as interações são instrutivas, como se o que ocorre com um organismo em uma interação fosse determinado pelo agente perturbador e não por sua dinâmica estrutural. No entanto, é evidente no próprio dia-a-dia que a comunicação não ocorre assim: cada pessoa diz o que diz e ouve o que ouve segundo sua própria determinação estrutural. Da perspectiva de um observador, sempre há ambiguidade em uma interação comunicativa. O fenômeno da comunicação não depende do que se fornece, e sim do que acontece com o receptor. E isso é muito diferente de ‘transmitir informação’.”

Além disso, há características da interação que não se resumem àquela transmissão-recepção de conteúdos evocada pelo uso corrente do conceito de informação. Em uma rede social é como se as pessoas estivessem emaranhadas e a modificação do estado de uma pessoa em-interação com outra acaba alterando o estado dessa outra sem que, necessariamente, tenha havido a transmissão voluntária (e, talvez nem mesmo involuntária) de uma mensagem da primeira para a segunda. Por exemplo, uma pessoa tende a se adaptar ao comportamento das outras, tende a imitar padrões de comportamento reconhecidos nas outras e tende, inclusive, a cooperar com elas (voluntária e gratuitamente). Uma pessoa pode ficar alegre ou triste, saudável ou doente, esperançosa ou descrente, em função da estrutura e da dinâmica desse emaranhado em que está imersa. Ao contrário do que se acredita, nada disso depende diretamente de um conteúdo transferido e recebido, intencionado na transmissão e interpretado na recepção, mas é função de outras características do modo-de-

interagir como a frequência e a recursividade, as reverberações e os *loopings*, os laços de retroalimentação etc.

É mais ou menos como o que revelou a investigação de Deborah Gordon (1999), professora de ciências biológicas em Stanford, que pesquisou durante dezessete anos colônias de formigas no Arizona. Ela conta, no livro *Formigas em ação*, que “a decisão de uma formiga quanto a uma tarefa é baseada em sua taxa de interação”. Mas “o que produz o efeito é o padrão de interação, não um sinal na própria interação. As formigas não dizem umas às outras o que fazer por meio da transferência de mensagens. O sinal não está no contato, ou na informação química trocada no contato. O sinal está no padrão de contato”. Ou seja, não se trata de uma comunicação de conteúdo, de um código, mas da frequência e das circunstâncias em que se dão os contatos.

Em uma rede estamos sofrendo a influência de um campo, mas tal influência é sistêmica e o comportamento adotado por um agente dificilmente pode ser atribuído à ação e muito menos à intenção única e exclusiva de outro agente. Quer dizer, quando ficamos alegres em virtude desse efeito sistêmico do campo em que estamos imersos (a rede) é como se tal fato fosse inexplicável, o que significa apenas que não conseguimos explicá-lo com base nos nossos esquemas explicativos habituais, focados nos indivíduos e não na rede, apontando um sujeito particular que nos sugestionou positivamente ou exerceu essa influência sobre nós de outra forma conhecida. Mas não é assim que a coisa funciona.

Quando foi observado que os habitantes da famosa Roseto, na Pensilvânia, se mostravam mais saudáveis, do ponto de vista cardiovascular, do que as pessoas das comunidades vizinhas, muito semelhantes à Roseto, em vários aspectos, isso não pôde ser atribuído a nenhum fator particular (genética, alimentação, exercícios físicos, atenção à saúde preventiva ou cuidados médicos), mas foi associado corretamente à comunidade. O mistério só foi resolvido quando dois pesquisadores (Stewart Wolf e John Bruhn) resolveram observar como as pessoas interagem (“parando para conversar na rua ou cozinhando umas para as outras nos quintais”). “Elas eram

saudáveis – conta Malcolm Gladwell (2008) no livro Outliers – por causa do lugar onde viviam, do mundo que haviam criado para si mesmas...”. Sim, interação e lugar. Em outras palavras, conversações e comunidade. Em outras palavras, ainda: rede social!

É claro que, a despeito do que foi dito aqui, ainda se pode afirmar que tudo se reduz, em última instância, à informação: em qualquer interação, em termos físicos, partículas mensageiras de um dos quatro campos de forças se “deslocaram”, se espalharam ou se aglomeraram (o simples fato de ver alguém, por exemplo, implica “deslocamentos” de bósons – no caso, de fótons, partículas mensageiras do campo eletromagnético) e isso pode, corretamente, ser interpretado como informação. Mas o significado da palavra informação – tal como é tomado no dia-a-dia ou mesmo como às vezes é usado pelos chamados “cientistas da informação” – não ajuda muito a entender os fenômenos que acontecem nas redes sociais e que lhes são próprios.

Mas por que as pessoas continuam achando que redes são tecnologias?

A grande novidade do tempo em que vivemos é o surgimento de uma sociedade em rede (que, de resto, sempre existiu desde que existem seres humanos em interação), ou a generalização do entendimento de que sociedade = rede social?

UMA SÍNTESE DOS PRINCIPAIS COMENTÁRIOS

Angela Tijiwa •

As redes sociais são lugares de encontro das pessoas. Nesse sentido, na medida em que é interessante habitá-las são ferramentas bacanas de comunicação aberta. Creio que é possível passar informações e "tendências" para quem se disponha a estudar as conversas, os fluxos e fazer mapeamentos. Agora, se dão condições científicas para entender a sociedade, isso é outro problema.

Fernando Baptista Angela Tijiwa •

Angela, cuidado com a confusão entre rede social e mídia social! (mitos 1 e 2)

augustodefranco •

Para quem ainda não soube, o hangout previsto para hoje foi adiado para 11/11/2015. Veja mais informações na página <https://redes.org.br/25mitos-o...>

Cilene Vieira •

Acredito que o entendimento sociedade = rede social não está generalizado ainda.

Esse texto altera bastante a visão e o discurso acadêmico ou o prático sobre comunicação ou comunicação eficaz.

Pelo que apresenta, toda informação, quando transmitida, tende a ter sua compreensão alterada. Será isso mesmo?

augustodefranco Cilene Vieira •

Acho que não, Cilene. Não há informação transmitida na comunicação. A comunicação só acontece quando os sujeitos se modificam. É uma interação. E as interações não são instrutivas.

Cilene Vieira augustodefranco •

Difícil compreender, Augusto. Como ficam as propagandas, textos jornalísticos, livros, etc, que transmitem informação, mas têm pouca ou nenhuma interação com o "receptor"?

augustodefranco Cilene Vieira •

Sim, é um pouco difícil. Mas não impossível. Estamos falando da comunicação, que é sempre uma interação e não da difusão de mensagens a que você se referiu (broadcasting). Não é que a informação não seja relevante para o sujeito e sim que ela não pode determinar o comportamento do sistema enquanto não muda o comportamento do sujeito. Talvez o melhor exemplo seja mesmo o das formigas, depois que a bióloga Deborah Gordon descobriu que não há nenhuma mensagem contida no contato e que a mensagem é o padrão de interação (quantas vezes elas se encontram, em quais circunstâncias etc). Assista este TED:

<http://escoladeredes.net/video...>

Este comentário foi apagado.

Giovanni G. Bianco Guest •

Para falar sobre "decisão pessoal" e escolhas, Cassiano, precisamos entender o que é a pessoa.

Não sei como, mas você derivou das conversas aqui uma visão muito determinista sobre redes, que ninguém aqui acredita.

As redes não negam a liberdade. Ao contrário, reafirmam-na como característica fundamental da vida e da convivência humana.

Quando dissermos que a pessoa já é rede não estamos dizendo que a pessoa espelhará a ordem social em que nasceu. Ao contrário, estamos dizendo que a forma básica de convivência humana é livre. A visão de rede não é coletivista: é interativista.

Veja minha resposta ao seu comentário no Módulo 1, onde abordo essas questões.

Abraço

augustodefranco Guest •

Não é analogia. Pessoas não são animais, embora o ser humano como uma espécie biológica seja um animal (*Homo Sapiens*). Mas a pessoa é um ente social (ou seja, já é rede). Não há aqui nenhum primário paralelo biologicista ou organicista. Não há nenhum deslizamento epistemológico. Não se quer inferir o comportamento de humanos a partir da observação do comportamento de formigas ou abelhas. O que há é o reconhecimento de que a fenomenologia da interação mantém invariâncias em qualquer rede, seja de seres não vivos, seja de seres vivos ou de seres sociais (isso que chamamos de humanos propriamente ditos, quer dizer, pessoas). O que você chama de cultura, por exemplo, Cassiano, é uma rede de conversações que mantém certas circularidades inerentes e por isso se conserva como tal (ou seja, conserva determinados comportamentos: a cultura é uma transmissão não-genética de comportamentos). Você não precisa comprar a ideia. Ela não está sendo vendida para você. É apenas uma evidência científica da investigação sobre redes: se redes não pudessem ser vistas como tais, ou seja, se não houvesse invariâncias em fenômenos observados em redes independentemente da natureza de seus nodos (sejam nanoquadrotors, células, formigas, estorninhos, lambarís, quadrúpedes e seres humanos) então não poderia ter nascido uma Nova Ciência das Redes (com estatuto de ciência mesma, no sentido hard do termo). O que não quer dizer que redes sociais (ou seja, redes de humanos) possam ser descritas da mesma maneira do que redes vivas (como um ecossistema, um organismo ou parte de um organismo) ou redes não-vivas (como um sistema termodinâmico).

Angela Tijiwa augustodefranco •

Obrigada, Augusto. Assim como o vídeo da Deborah Gordon, no EDx, isso foi muito esclarecedor.

Natália Menhem •

Talvez a sociedade não tivesse - ou até mesmo ainda não tenha - consciência de que funciona em rede e de que cada um exerce papéis importantes como nodo de redes variadas. Sob esse ponto de vista, faz sentido a possibilidade de termos nos percebido como redes após a ocorrência das redes sociais digitais, simplesmente por essas terem suas peculiaridades de velocidade e agilidade que ainda impressionam - ainda que as redes sociais nas quais nos organizamos há milênios sejam ainda mais complexas e impressionantes, uma vez que têm transformado e comunicado culturas e sociedades há milênios usando de mídias menos velozes e menos automatizadas.

Hudson Freitas •

Desde, principalmente, o iluminismo (positivismo científico e filosófico), tendemos a nos separar como sendo "seres racionais" do resto dos seres (vivos ou não). Criou-se a crença de que haveria uma "racionalidade abstrata", manifestada em cada indivíduo. E cada indivíduo seria, assim, capaz de se utilizar de sua "racionalidade", como uma "ferramenta" que permitiria "conhecer" os objetos, as coisas, os seres, inclusive a si mesmo e aos demais seres-humanos. O "método científico (moderno)" se tornou a única referência de "verdades" objetivas, empíricas. Haveria, assim, sempre um método científico, seja o das ciências da natureza, seja o das ciências do espírito (para usar aqui Dilthey). Com isso, a própria linguagem vem sendo compreendida como um "instrumento" usado para se transmitir informações, conceitos, conhecimentos, pensamentos. Nessa linha, os desenvolvimentos tecnológicos e aparatos tecnológicos (desde os sinais de fumaça, placas, cartas, telegramas, telefone, fax, e-mails, mensagens por celular, facebook, whats'up e etc...) vem também sendo compreendidos como instrumentos que, como extensões tecnológicas da linguagem, são usados para se transmitir conhecimento, informação. Assim, tanto o método (seja o de "produção" científica, seja o de utilização de aparatos tecnológicos) vem sendo utilizado para que as "comunicações de conteúdos, de informações" sejam cada vez mais rápida, eficiente e a mais e mais pessoas efetuadas. Como essas tecnologias encurtam as noções de "tempo e espaço" e permitem a transmissão de informações a milhares de pessoas em tempo real, essa simples troca/transmissão de informação entre tantas pessoas vem sendo confundida como sendo "redes de informação" e,

como se dão entre pessoas, como "redes sociais". Mas a linguagem não é somente um instrumento de transmissão de informações. Ao contrário, a linguagem é elemento humano que nos tornam seres intersubjetivos em interação! A linguagem é constitutiva do ser (parafraseando Heidegger). E o método? Bom, é importante quando realmente queremos realmente obter um dado resultado previamente determinado! Ou seja, o método se presta a se utilizar de forma prática e útil de conhecimentos e técnicas preestabelecidas (um dado paradigma vigente que ainda se apresenta útil) e com fins e resultados previamente esperados e predeterminados. A interação (livre), ao contrário, como elemento constitutivo do ser humano, da pessoa humana, não se dá enclausurado em um método (científico, positivista, determinista). A interação se dá no fluxo livre, no não-método. E é assim que o humano se move, na e pela linguagem, intersubjetivamente, aprendendo (a aprendizagem tipicamente humana) e, não, somente apreendendo. Só em livre interação é que há inovação, descobertas, novidades, e, assim, verdadeira aprendizagem. E a interação ocorre em e na rede, a verdadeira e única rede social: formada por pessoas, seres humanos, interagindo o mais livremente e espontaneamente possível. E isso sempre existiu, ou seja, as redes sociais (humanos, pessoas em interação, em fluxo, em intersubjetividade linguística) sempre existiram (desde que existem os seres humanos). O que as novas tecnologias fazem é evidenciar, escancarar, em escala global, essa fenomenologia da interatividade humana: a rede social!

Gilberto Prestes Hudson Freitas •

Perfeito Hudson! Neste módulo, especialmente, vale muito lembrar que a cultura e o aprendizado se deram (e ainda o são) principalmente pela linguagem oral, na interação livre, sem atentar para qualquer método. É na oralidade que se dá vazão às emoções, sentimentos, gestos, expressões faciais e corporais. Essa racionalização do método científico, que bem apontas, se dá especialmente na linguagem escrita, que é muito pobre em relação à oralidade. Não é por outro motivo que há o depoimento pessoal da parte nos processos de família e trabalhista; bem como do réu na ação penal, onde se pode aferir com grande precisão "as verdades" que a escrita não descreve. Também o é na atividade política, onde o discurso se dá na oralidade. São

tantas as comunicações que não se dão pela escrita, que me é impossível enumerar. Com maestria dissestes que as redes sociais são "pessoas em interação, em fluxo, em intersubjetividade linguística", que achei excelente!

Hudson Freitas Gilberto Prestes •

Legal Gilberto! Estamos em sintonia nessa "onda", então, meu caro amigo! Continuemos caminhando!

augustodefranco Hudson Freitas •

Exato!

Marcia Borges •

Para mim as próprias terminologias e suas definições contextualizadas geram os entendimentos diversos. E também acho que alguns tem uma relação ambigua com o termo "artificialização das relações" como se o fato de usarmos tecnologias nos deixassem menos ou mais "naturais". Me lembrei disso em função do livro "Reconhecimento de Padrões" do Gibson.

Fernando Lasman •

essa questao da associacao das redes a tecnologias me parece muito com os modulos 1 e 2, que tratavam da associacao indevida entre redes e internet, e redes e midias sociais.

continuo sustentado que as pessoas, em sua maioria, nao concebem o termo redes como uma forma de organizacao social. apenas seguem o fluxo, e usam redes sociais com o significado de tecnologias que permitem a socializacao/interacao.

o texto traz um esclarecimento quanto a comunicacao e a informacao em relacao ao estudo de redes. gostei da perspectiva do acoplamento estrutural e da constatacao de que nao ha mensagem transmitida, de fato, entre as pessoas, mas uma muda com a outra de acordo com suas estruturas. muito interessante.

talvez fosse legal, para visualizar as diferentes manifestações fenomenológicas numa rede, um software que simule uma rede a partir de inputs que pudessem ser modificados, para percebermos e podermos avaliar mais concretamente a relação entre a variação no modo de interação e na organização da rede com a sua fenomenologia. algo assim, que desse para manipular uma rede simulada. alguém sabe de algum programa já existente nesse molde? talvez já usado na ARS?

Rafael Ferreira •

Volto numa questão que fiz no facebook sobre o fenómeno que acontece com formigas que perdem o rastro de casa e ficam girando em círculos, atrás do rastro que deixaram há pouco. No caso, há um padrão que as fazem agir daquela maneira, e as informações (rastros) são inúteis. Remete também a um questionamento feito sobre os resultados serem bons ou ruins feitos no módulo 4, dado que as formigas estarão circulando ali até a morte.

Deixo a fonte da matéria:

<http://viajeaquí.abril.com.br/...>

augustodefranco Rafael Ferreira •

Teríamos que conversar com a Deborah Gordon sobre isso Rafael. Não se sabe o que é "perder o rastro de casa" para as formigas. E nem se sabe o que é morte.

Rafael Ferreira augustodefranco •

Talvez tenha a ver com essa reflexão do Snoopy, rss.

Rafael Ferreira augustodefranco •

Acho que precisaria entender melhor de formigas, rs, mas no caso o que foi importante para elas agirem daquele jeito foi a sincronicidade, certo? E essa sincronicidade independe das 'informações', certo?

A morte é um conceito humano, as formigas não o conhecem, e por trás da abordagem da matéria, e minha também, talvez haja uma concepção de evolução baseada na preservação da espécie. Daí provavelmente decorra o espanto em tentar entender o significado de uma ação que leva ao desaparecimento físico daqueles elementos da espécie.

Marcelo Yamada •

Há pesquisas que indiquem que os membros da sociedade em sua maioria acreditam que as organizações em rede e as sociedades são as redes sociais? Me parece que mesmo entre pessoas muito simples há um entendimento claro de que elas estão no Facebook pelas pessoas (que conheceram no passado ou que passam a conhecer por alguma identidade na própria rede social) e não pela tecnologia.

Jacques Schwarzstein •

Com relação à segunda pergunta, acho interessante refletir sobre o "surgimento" de algo que "sempre existiu". O que fico achando é que as tecnologias que estão sendo chamadas de "redes sociais" porque agregaram tanto valor à "sociedade em rede" que sempre existiu, que o que acaba predominando é o entendimento de que algo novo surgiu, que não havia antes. Me parece ser bem possível que a generalização do entendimento de "sociedade = rede social", só tenha ocorrido por conta do surgimento dessas tecnologias e do uso que se tem feito delas. Do ponto de vista de quem controla os sistemas e deseja controlar o universo pode ser uma externalidade negativa.

Fernando Baptista Jacques Schwarzstein •

Concordo, Jacques, pois o controle passa necessariamente pelo bloqueio de possíveis conexões e caminhos... com mais caminhos, fica muito mais difícil controlar.

Valdete de Assis Fernando Baptista •

Olá pessoal, concordo com vocês, Fernando e Jacques, particularmente sobre a

questão do controle. Se a rede social é um processo interativo construído pelos nodos, certamente, com muitos caminhos e saídas como a nossa vida. Entendo se convivemos em rede social com as pessoas em processo de interação, portanto fazemos parte dela como construtores e, assim, somos responsáveis por essa construção através das interações. Nesse contexto de análise reflexiva vejo as interações como atividade fim e as tics como atividades meio. É o que penso.

Jacques Schwarzstein •

Mil respostas são possíveis, para a primeira pergunta: Por exemplo: 1) Porque os gestores "donos" das tecnologias as vendem ao público como sendo redes sócias, do mesmo jeito que um produtor vende sua margarina dizendo que ela é sinônimo de saúde? 2) Porque a diferenciação entre essas duas coisas não é importante para "as pessoas" e elas nem se preocupam, nem matutam sobre isso. Porque a questão é importante para nós, mas não é para elas? 3) Porque a estrutura física (cabeadas ou não) que viabiliza o feici, é, de fato, uma rede com bom potencial de "distribuição" onde cada budo pode - a rigor - interagir -m que seja indiretamente - com cada um dos demais? 4) Porque a vivência que as pessoas estão tendo de interação interpessoal em rede está sendo frustrante e insatisfatória e porque encontram nas interações viabilizadas pela internet algo que não encontram no dia-a-dia familiar, de trabalho e lazer? 5) Porque a "vida em rede" foi naturalizada e não é mais percebida como tal? 6) Porque as chamadas redes sociais (feici, tuite, etc...) transmitem, de fato (como bem diz o texto) muito mais que pura informação e permitem, de fato, interações subjetivas e emocionais que marcam e transformam as pessoas? Acho que, em alguma medida, todas essas respostas são corretas e acho que deve haver muitas outras.

Fatima Melca •

Na stigmergia temos que a comunicação se dá pelo ambiente. Me confundo quando leio que o rastro deixado pelos ferormônios passa a informação. Esse rastro, algo químico deixado no caminho, me soa como uma informação, pronta para ser seguida.

Mas tudo que leio, me leva a pensar que a comunicação envolve algo mais que este rastro . Rastro é algo direto, algo dado, que está ali para ser seguido e pronto. Igual em João e Maria: siga este rastro e você chegara lá... Percebo a comunicação como algo do ambiente, algo indireto, algo que me faz agir mais pela intuição, algo que desenvolvo, que construo com o ambiente, ima produção, uma emergencia. Tipo: é assim porque é. Vocês podem me ajudar a formular isso?

augustodefranco Fatima Melca •

Sim, também penso que o efeito é sistêmico e tem a ver com a configuração do ambiente e não com mensagens emitidas-recebidas pelos nodos.

Fatima Melca augustodefranco •

Obrigada Augusto.

Giovanni G. Bianco Fatima Melca •

O PADRÃO É A MENSAGEM

Fatima (e pessoal), pra entender a referência do texto sobre a comunicação da formigas você pode ler o livro indicado, ou ver esse vídeo:

<https://www.ted.com/talks/debo...>

Nele, a Deborah Gordon explicita bastante bem essa ideias de que as formigas não estão seguindo transferência de informações: elas mudam seu comportamento pelo padrão de mensagem que recebem.

Vale a pena ver! :)

Fatima Melca Giovanni G. Bianco •

Giovanni, Obrigada pelo vídeo. Vou assistir o video. Mas qual foi o livro indicado?

augustodefranco Fatima Melca •

Acho que foi o Formigas em Ação, da Deborah Gordon, não Giovanni?

Giovanni G. Bianco [augustodefranco](#) •

Sim

Fatima Melca [augustodefranco](#) •

Obrigada Augusto.

[guilherme witte](#) •

Estou lendo o livro O Mapa Fantasma de Seteven Johnson sobre o surto de cólera (o maior de todos...) na Londres Vitoriana. E a busca pela verdadeira forma de transmissão da coléra passou pelo entendimento como as redes sociais funcionavam. Como eram as interações q influenciavam no comportamento dos habitantes dos bairros. Postando aqui, no Módulo 5, me veio uma idéia em relação ao Módulo 4. A interação é! A participação pode ser...

[Cris Kruel](#) •

A "rede parece a tecnologia" por que a digitalização está mudando tudo. Acho que estas associações são comuns, e não sempre precisam criar desconforto. As pessoas parecem inteligentes listando ou citando os livros que leram.

[Cris Kruel](#) •

Esta reflexão me fez pensar: Quantos nodos precisamos para criar uma rede? Quão distribuída consegue ser a rede de uma família que vive na mesma casa; de uma turma de formandos após 20 anos que vivem em diversas cidades; ou de 1 bilhão de pessoas?

Acho que confusão da rede com a tecnologia que viabiliza e catapulta a rede e seu poder além dela, é natural dos tempos que vivemos, onde a tecnologia digital está mudando tudo. Tecnologia não faz mal as redes, pelo contrário, está fazendo muito bem.

augustodefranco Cris Kruel •

Sim, as tecnologias interativas (não-broadcasting) e em tempo real (ou sem-distância) aumentaram incrivelmente a interatividade (e isso pode ser entendido como "fazer bem às redes"). Mas elas não inventaram a interação, somente a aceleraram (aumentaram as possibilidades e encurtaram as linhas temporais). Quanto à sua primeira pergunta, penso que uma rede existe a partir de três nodos (porque há possibilidade de mais de um caminho e redes são múltiplos caminhos).

Simone M Almeida augustodefranco •

Cris e Augusto, também concordo com a questão de que as tecnologias digitais, interativas, somente aumentaram, potencializaram, algo que já existia. A tecnologia, na minha opinião, veio para facilitar as interações entre as redes (ou entre os participantes de uma rede, seja ela qual for), mas o uso que cada um fará dela é uma outra questão... Nem sempre algo que surgiu para ser benéfico sempre o será. Uma medicação, por exemplo, se usada de forma errada ou com a intenção errada, pode levar à morte. O mesmo podemos dizer que acontece nas mídias sociais, onde temos casos de pessoas fazendo uso pedagógico e outras se passando por pessoas que não são.

Thiago Padovan Simone M Almeida •

Simone, me chamou atenção um pedaço de seu comentário.

"A tecnologia, na minha opinião, veio para facilitar as interações entre as redes (ou entre os participantes de uma rede, seja ela qual for)"

Vejo que não existe os participantes de uma rede, ou interação entre redes, pois nós somos a rede. Não consigo ver como eu posso fazer parte de uma rede e não de outra, por exemplo.

Eu posso estar interagindo mais com alguns nodos e não com outros, mas somos a rede como um todo.

Estou notando alguns comentários sobre essa confusão entre grupos x redes.

Luciana Thiago Padovan •

Sense8

06



É uma crença muito comum que se alguém vai fazer uma rede precisa definir claramente o seu propósito. Mas o que seria propósito em uma rede social? A soma dos propósitos de cada membro (pessoa) da rede? Um propósito definido por uma liderança ou diretoria? Um propósito definido por votação, por sorteio, por consenso?

E o que significa "fazer uma rede"? Podemos fazer uma rede como quem monta uma organização? Como seria isto: escolhendo algumas pessoas para fazer parte da rede e impedindo que outras pessoas dela fizessem parte?

E o que significa "fazer parte" de uma rede senão estar conectado a ela ou interagindo com as outras pessoas da rede? Neste caso, como impedir que algumas pessoas interajam (ou seja, façam parte da rede)? Cortando as conexões? Fechando a rede?

Na verdade o que chamamos de rede é um campo interativo, cujas fronteiras não são físicas e sim de interação. Quem interage, está na rede: enquanto interage. Quando não interage, não está mais. Quando volta a interagir, volta a estar.

Podemos definir os propósitos que quisermos para uma rede voluntariamente articulada, mas o que vai valer de fato é o que for determinado, a cada instante, pela interação. Se a interação levar aquele emaranhado de pessoas para um propósito, nada do que foi estabelecido antes da interação valerá. As redes sociais são "bichos vivos" e, como tais, são self-propelled. Elas vão para onde as levam os fluxos interativos da convivência social.

Mas por que será que as pessoas acham importante definir propósitos para as redes sociais? Que tipo de confusão elas estão fazendo quando se preocupam com isso?

UMA SÍNTESE DOS PRINCIPAIS COMENTÁRIOS

Hudson Freitas •

Se uma "rede" for iniciada com algum propósito pré-determinado, mesmo que seja um propósito muito vago, abstrato, a rede já se iniciará com o fluxo interativo manietado. Mas sempre há o princípio da entropia, de modo que o inesperado sempre está presente. Sendo assim, a rede, ao vir se formando, e em havendo mais e mais interação livre, tornando-se a rede mais e mais distribuída, ter-se-á mais interação livre e, com isso, mais inovação, uma vez que não mais se esperará ou se obterá algum resultado pré-fixado. Não obstante, o contrário também pode acontecer, já que se a rede se inicia com algum objetivo prévio, pode tender a se aristocratizar e hierarquizar, interrompendo-se os fluxos de interativos, tornando-se uma rede menos distribuída e mais centralizada. As redes mais livres e distribuídas surgem, a rigor, sem serem "provocadas", ou seja, sem serem efetivamente planejadas, são manifestações espontâneas que vem e vão livremente e cujos resultados são sempre inesperados e, portanto, inéditos. Sua essência, desta forma, é a liberdade!

Giovanni G. Bianco •

REDES E PROPÓSITO

As pessoas que interagem em uma rede social podem ter (e geralmente têm) seus propósitos, objetivos ou motivações. Não só isso. Elas também terão suas próprias percepções, narrativas e interpretações para explicar ou dar significado ao seu comportamento, suas atitudes, suas relações e tudo que está acontecendo com elas ou no entorno delas. No entanto, o comportamento de uma rede social não pode ser compreendido como resultado dessas intencionalidades, motivações, ou propósitos (mesmo que aparentemente sejam compartilhados).

Por isso é tão problemático pensar em "propósito de uma rede" -- ainda mais como uma categoria definidora do seu metabolismo ou dinâmica. A nova ciência das redes tem mostrado que a maior parte dos fenômenos típicos das redes sociais não são

intencionais. Isso não significa que coisas como intenção, motivação, sentido e propósito não sejam importantes. São importantes para as pessoas envolvidas com eles, é claro. Mas são pouco significativos para explicar fenômenos sociais emergentes.

"VONTADE COLETIVA"

(E A DISCREPÂNCIA ENTRE O QUE AS ORGANIZAÇÕES DIZEM FAZER E O QUE REALMENTE FAZEM)

Embora não se possa determinar propósitos como categoria explicativa para qualquer rede, existem fenômenos sociais (de rede) que dão uma clara impressão de "vontade coletiva", digamos assim. Um exemplo são os swarmings, que acontecem tanto em redes humanas quando em redes de seres vivos. Seja um cardume se protegendo de um predador, uma mega revoada de pássaros migrando ou uma manifestação democrática espontânea que atrai milhões de pessoas -- nada disso pode ser explicado como soma das intencionalidades individuais, e também não depende de um discurso ou uma liderança guiando ou mandando nos outros.

A expressão dessa "vontade coletiva" não se dá em função de discursos. É um fenômeno mais complexo, com formas mais sofisticadas de comunicação e interação distribuídas, que resultam em comportamentos emergentes, muito mais influenciados por variáveis como distribuição e conectividade da rede, do que por qualquer tipo de informação particular que circule entre os nodos. É uma espécie de vontade que não depende de argumentação, convencimento ou qualquer tipo de operação para conduzir e "fazer a cabeça" dos outros.

Redes muito centralizadas/verticalizadas/hierarquizadas (não importando o conteúdo de seu discurso ou seu propósito declarado) manifestam comportamentos coletivos e padrões de interação muito semelhantes.

Uma boa parte das organizações no mundo de hoje apresentam uma clara discrepância entre discurso/propósito declarado e o modo real de funcionamento.

Mesmo que as pessoas sejam sinceramente comprometidas com determinada causa ou objetivo, a topologia de uma rede hierarquizada, por exemplo, irá praticamente impedir que certos comportamentos ocorram, e tornará quase inevitável a expressão de outros. Esse é o ponto: o padrão de organização de qualquer cosmo social influi muito mais do que imaginamos na forma com que as coisas funcionam (ou não funcionam).

Do mesmo modo, redes mais distribuídas/horizontalizadas são campo fértil para expressão de outros padrões de interação e fenômenos "coletivos" (isto é, de rede), não importando muito o propósito que as pessoas em interação atribuam ao que estão fazendo. Pra onde quer que você olhe, campos sociais mais distribuídos apresentam, por exemplo, maiores graus de liberdade pessoal, diversidade, colaboração, flexibilidade e criatividade (que são funções da rede, e não apenas de habilidades ou competências individuais). Já campos mais hierarquizados serão mais previsíveis, repetitivos, competitivos, padronizados e terão menores graus de liberdade pessoal.

Rafael Ferreira Giovanni G. Bianco •

Opinião pública se encaixaria nesse conceito de 'vontade' que c tá expressando, Giovanni?

augustodefranco Rafael Ferreira •

Opinião pública não é a soma das opiniões privadas dos cidadãos. Leiam um texto sobre isso no link abaixo:

<https://www.facebook.com/notes...>

Rafael Ferreira augustodefranco •

Augusto, esse texto é muito bom, mesmo. Acho que ficaria nele, mas o tema aqui é redes e refaço a pergunta anterior: a opinião pública no contexto da democracia tem relação com essa vontade coletiva das redes que o Giovanni fala?

Rafael Ferreira augustodefranco •

Legal, Augusto. Tava procurando esse texto, rss. Vou ler e depois vou voltar aqui.

Giovanni G. Bianco Rafael Ferreira •

Não sei, Rafael. Me parece que são coisas diferentes. O que chamei aqui (meio a contragosto) de "vontade coletiva" diz respeito à expressão de algumas fenomenologias da rede, como swarmings, ou reações coletivas (autoorganizadas) diante de catástrofes, por exemplo. Ou seja, um tipo de "comportamento" discernível na rede, mas que acontece sem instrução programada, centralizada, etc.

A opinião pública, se é que existe tal coisa, me parece mais uma medida estatística de preferências individuais.

O que você acha?

Giovanni G. Bianco Giovanni G. Bianco •

Como imagens às vezes valem mais do que mil palavras, vejam esse vídeo. Onde está o propósito? Existe algum discurso ou liderança conduzindo?

Natália Menhem •

É curioso... "Podemos definir os propósitos que quisermos para uma rede voluntariamente articulada, mas o que vai valer de fato é o que for determinado, a cada instante, pela interação." Isto é a sociedade e a formação constante de nossa cultura. Podemos pensar certas coisas, mas na prática, a cada ato, estamos construindo outra - que nem mesmo nos representa. Por que será que temos essa noção de que a realidade está dada e não teremos influência sobre ela?

Ana Lucia Procopiak •

Definir propósitos é muito mais seguro, confortável, transitando dentro de um espaço homogêneo, com limites/ bordas/arestas pré-determinados, do que transitar na borda,

no 'fio da navalha' ou fora delas lançando-se constantemente nos desvãos, na efervescência das múltiplas possibilidades.

Natália Menhem Ana Lucia Procopiak •

Concordo, Ana Lucia: fatores como segurança e propósito podem ser grandes influenciadores disso. No mundo de negócios, na cultura da modelagem de projetos, no linguajar executivo tradicional, ter um objetivo claro e ações orientadas a resultados são mantras comuns. Muitas pessoas levam esses mantras como verdades absolutas para a vida, esquecendo-se de quão impressionantes podem ser as coisas que nascem organicamente das interações livres.

Fernando Lasman •

acho ,tambem, que a confusao questionada se refere a manipulacao da rede como um instrumento para atingir propositos. de fato, é a confusao de achar que redes sao tecnologias!

Fernando Lasman •

acho que um ponto chave é reconhecer que as pessoas podem ter seus propositos, suas vontades e motivos, e se movimentar em torno deles. quando se movimentam , e o fazem continuamente, se encontram e interagem com outras pessoas. essa interaçao, que pode ser com muitos ou poucos, pode ser pautada pelo respeito ou nao entre os que interagem. ou seja, dependendo do modo e da distribuicao da interaçao, veremos diferentes manifestacoes. logo, numa rede distribuida, teremos mais chance de ver muitos propositos transitando, o que quer dizer que nao havera um unico, para todas as pessoas. numa rede centralizada, ou multicentralizada, veremos menos propositos e, conseqentemente , poderemos dizer, se for o caso de alta centralizacao, que ha um proposito. no fim, ha uma proporcao entre modos e distribuicao da rede e propositos , na qual mais distribuicao e democracia, mais propositos, e mais autocracia e hierarquia, menos propositos. isso para dizer que propositos sao secundarios, consequentes da interaçao. nao o contrario. querer dar

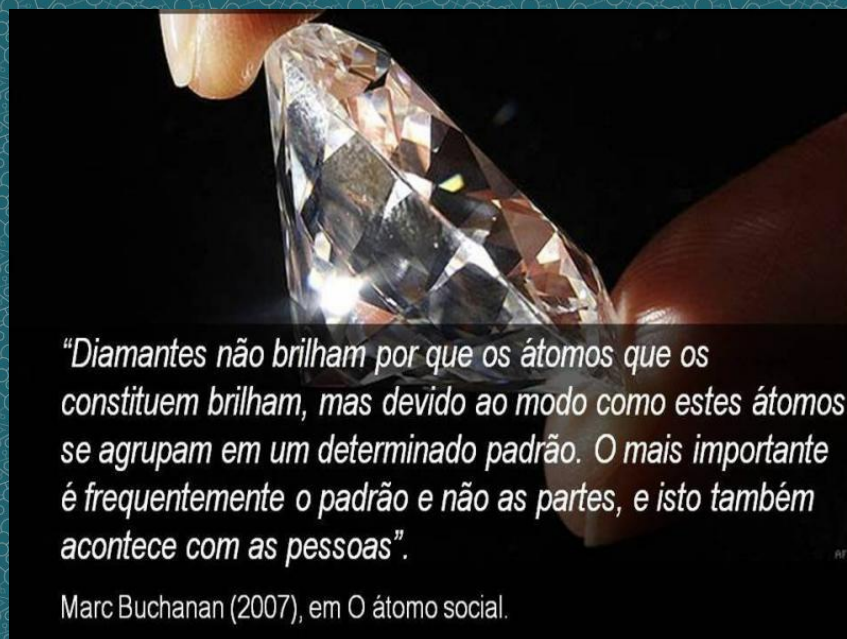
um proposito para uma rede é ou desconhecer essa relação, ou querer, de fato, hierarquizar/autocratizar a rede.

Marcia Borges •

"We have no idea, now, of who or what the inhabitants of our future might be. In that sense, we have no future. Not in the sense that our grandparents had a future, or thought they did. Fully imagined cultural futures were the luxury of another day, one in which 'now' was of some greater duration. For us, of course, things can change so abruptly, so violently, so profoundly, that futures like our grandparents' have insufficient 'now' to stand on. We have no future because our present is too volatile. ... We have only risk management. The spinning of the given moment's scenarios. Pattern recognition" — William Gibson, "Pattern Recognition" (2004)

augustodefranco •

Esta imagem pode ajudar?



Jacques Schwarzstein augustodefranco •

É muito interessante a imagem e entendo muito bem o que você pretende quando nos orienta no sentido de dar mais atenção ao padrão de interações que aos modos em si.

Muito interessante mesmo e fazendo isso agregamos conteúdos importantes ao nosso conhecimento, mas também não dá para ignorar totalmente as características, os desejos e as necessidades dos nodos que compõe a rede. Todo excesso faz mal à saúde.

augustodefranco Jacques Schwarzstein •

Mas não se trata de ignorar, nem de cometer excessos. Desejos, necessidades, sonhos, valores, consciência - tudo isso é muito importante para o sujeito. Só não é relevante para determinar o comportamento coletivo (no sentido da fenomenologia que se manifesta na rede social). Veja, Jacques: não estamos naquele nível do discurso onde sempre vale afirmações do tipo "nem 8, nem 80". O comportamento coletivo não é a soma dos comportamentos individuais porque é regido por fenômenos de outra natureza, não porque haja exageros pendendo para um lado ou para o outro. Não existem lados aqui. Os conceitos têm *status* epistemológicos distintos.

Fernando Baptista augustodefranco •

Acho que um outro modo de dizer isso é: o que a pessoa A diz para a pessoa B é relevante para ambas, e a conversação efetivamente pode modificar as duas pessoas... mas num campo interativo altamente hierarquizado, não importa o que a pessoa A ou a pessoa B pense, diga ou faça, nunca vai acontecer um enxameamento ou um outro fenômeno típico de redes altamente distribuídas (simplesmente porque a topologia da rede não permite)... e num campo altamente distribuído, sempre vão acontecer muitos destes fenômenos, independentemente de quem as pessoas sejam ou digam, e fica impossível para o sujeito prever que o que ele vai fazer ou dizer efetivamente provoque ou guie algum destes fenômenos (apesar de que seja possível até certo ponto prever o impacto que tem o que a pessoa A diz ou faz em relação à pessoa B). São duas esferas de análise diferentes e dissociadas. É isso, Augusto?

Fernando Baptista Guest •

Porque é possível observar esse fenômeno... fenômenos têm a ver com a observação empírica, e o enxameamento só ocorre em situações de alta distribuição (quando há muita interação com altos graus de liberdade)... é isso que se observa, nos mais variados campos, inclusive no social. No social, depende dos integrantes num único sentido: eles têm que estar interagindo muito, meio que cada um com todos que estão ao seu redor, agindo e percebendo o que os outros estão fazendo (o que, em outras palavras, é a topologia de uma rede distribuída). Se isso acontece, é bem provável que vão emergir enxameamentos (pode começar ligado à ideia ou ação A, ou à B, e depois passar pra C, se dividir ou somar na D, E, F, mas o fenômeno, o enxamear das pessoas, acontece: a gente vê emergir uma dança de pessoas parecida com o swarming dos pássaros - o fenômeno tem características únicas que nos permite distingui-lo).

Ana Lucia Procopiak Fernando Baptista •

Num mundo altamente distribuído a identidade surge a partir das interações com outros indivíduos e o outro é sempre imprevisível.

augustodefranco Fernando Baptista •

Sim

Fernando Baptista augustodefranco •

Isso sempre me faz lembrar daquela reflexão do Maturana: não adianta tentar achar a explicação da consciência humana no comportamento individual das moléculas que compõe o corpo humano. Uma esfera não pode ser reduzida à outra.

Jacques Schwarzstein •

Será possível criar uma rede sem propósito algum?

Fatima Melca Jacques Schwarzstein •

Tenho a impressão que não criamos uma rede porque temos um proposito. A rede vai sendo construída/tecida pelas nossas interações, pelas nossas trocas. Vamos nos

juntando (uma pessoa, duas, três... . Com três já existem mais de um caminho, já se pode ter mais opções, perde-se a hierarquia de um para o outro. Depois esse coletivo vai se enxameando e as pessoas vão escolhendo-se por afinidades. Mais interações, mais trocas. Nenhum proposito tem essa força, esse poder. A liga, o caldinho, o que aproxima, o que conecta vem das interações. Navarro tem um posicionamento interessante, que diz mais ou menos assim, quando pessoas interagem, no momento que o caminho delas se cruzam, essas pessoas que eram independentes, passam a ser dependentes mutuamente, mas por aquele momento. E quando voltam a ser independentes, elas podem ter se modificado mutuamente, ou não. Então não vejo propositos criando redes, Propositos podem criar projetos. A rede é dinamica, a rede vai se construindo a cada fiada, como um tecelão tece a sua rede. E vai se modificando, vai se construindo, vai mudando, e vai ser o que for.

Fatima Melca Guest •

Cassiano eu não consigo entender a formação de uma rede com um proposito estabelecido. Eu entendo que as pessoas se "juntam" pelo simples fato de se aproximarem. Cassiano eu não consigo entender a formação de uma rede com um proposito estabelecido. Eu entendo que as pessoas se "juntam" aglomeram, se agrupam pelo simples fato de entrarem em contato umas com as outras. Algo automatico, pode ser pelo grau de semelhança, de interesses comuns. Não existe uma mesma realidade para todos. Agora, isto que você, parece chamar de proposito, eu entendo como _o que vai acontecer, dependendo da interação, de como as coisas vão fluir_. Vamos esmiuçar, nesse aglomeramento, nessa rede, nessa trama, nesse emaranhado cada um se move e

o que vai acontecer vai depender da configuração das interações, que acontecem e deixam de acontecer o tempo todo. Não concebo a rede mais distribuida que centralizada como algo assim: Ah, eu vou me reunir com o pessoal para resolver isto. Meu proposito é blaá blá. Essa idéia,

neste referencial que estamos, não me parece com rede, nao a rede que estamos falando. O que vai sendo articulado, o que vai se movendo é essa rede que envolve a

todos nós. Caiu na rede, é imprevisível, não há certezas. Falamos muito que o social não é o conjunto de pessoas, mas o que está entre elas. O que ocorre na rede não depende do propósito das pessoas, depende do que flui da interação entre as pessoas. O que acontece na rede acontece dentro dela. Não por um propósito determinado por uma pessoa, ou por muitas. O comportamento que emerge, o comportamento coletivo não depende das pessoas, depende da interatividade da rede (graus de distribuição e conectividade). O que existe na rede não são propósitos estabelecidos, mas as relações que são constituídas. Na rede é o social. Conjunto de pessoas, são apenas pessoas. A teia, aquele emaranhamento de interações é que configura a rede, mas sempre em movimento, sempre fluindo, se alterando

e se modificando o tempo todo. Não é o conteúdo que flui das interações que determina a rede, mas o fluxo - o modo de interagir.

Giovanni G. Bianco Fatima Melca •

Muito bom, Fatima!

Fatima Melca Giovanni G. Bianco •

Obrigada pela oportunidade de trocas.

Fernando Baptista Fatima Melca •

Isso!!

augustodefranco Jacques Schwarzstein •

Qualquer pessoa que queira interagir com outras pessoas em torno de um propósito (seu, que as outras topem), pode fazê-lo. A questão é que a rede (sua dinâmica, sua morfologia) não será consequência desse propósito e sim do fluxo interativo da convivência social que se estabelecer.

Claudio Dal Prá augustodefranco •

Augusto, estou bem confuso. O Rotary, por exemplo, não é uma rede com um propósito? As pessoas interagem como e quando querem, segundo combinados que estimulam essa interação visando amplificar a ação pela força do grupo.

Jacques Schwarzstein [augustodefranco](#) •

Perfeito!

Fernando Baptista [Jacques Schwarzstein](#) •

Ao meu ver, não é possível criar uma rede (no sentido de planejar, estruturar, implementar)... porque rede é aquilo que vemos num dado momento, é uma maneira de enxergar a dinâmica social humana, só isso. Redes emergem a partir da interação (mais ou menos livre) de pessoas, da maneira que elas emergirem. Eu posso até criar uma organização ou ação coletiva e dar o nome de rede pra ela, mas ela continuará sendo uma organização ou ação coletiva.

Thiago Padovan [Fernando Baptista](#) •

Isso é muito importante Fernando, não criamos redes. Os nodos se clusterizam em alguns momentos, mas não se formam ou desmancham redes.

Acho que esse é um pensamento que precisa ser quebrado. Grupos x Redes. Podemos criar grupos, empresas, ong's, mas não redes.

Jacques Schwarzstein [Thiago Padovan](#) •

Concordo que não é possível "fazer uma rede", mas é perfeitamente possível criar condições favoráveis ao surgimento de uma rede. É possível também, através de intervenções pedagógicas, intervir para intensificar as interações que ocorrem em uma certa rede. Existem pessoas que atuam como "facilitadoras e animadoras" de rede, com o simples propósito de contribuir para a realização do potencial interativo que essas redes têm. Se conseguem ou não é outra história, mas o que mais acho interessante no teu comentário acima, Fernando, são os parêntesis "(mais ou menos

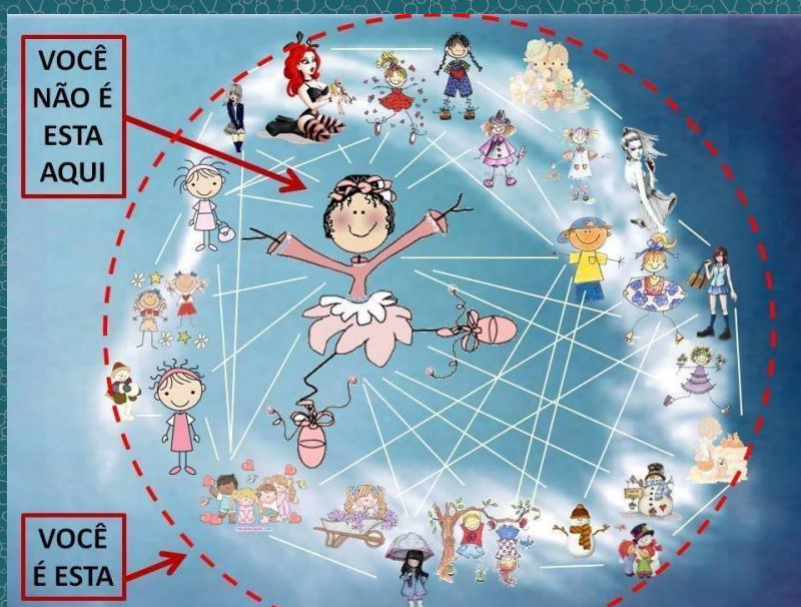
livres)". O pipocar 100% espontâneo de uma rede é perfeitamente possível, mas está mais que claro que há um imenso universo de redes que nascem a partir de interesses de um ou outro ou mesmo de um grupo. Nem por isso essas redes deixam de ser redes, só que, de acordo com a base conceitual utilizada pela "Redes", que nos proporciona este espaço, poderá ser mais ou menos distribuída, de fluxo mais ou menos livre, mais ou menos cerceada, mais ou menos fechada, etc...etc..etc...

Fernando Baptista Jacques Schwarzstein •

Exatamente! Uma rede descentralizada, por exemplo, tem sua topologia bastante próxima de um organograma de uma empresa hierárquica. Uma rede de supermercados pode ser assim chamada, mas é uma rede com baixíssimo grau de distribuição na qual não emergem os mesmos fenômenos sociais que emergiram na praça Tahrir.

Thiago Padovan Jacques Schwarzstein •

Veja só essa imagem Jacques, pode ajudar nessa percepção.



Thiago Padovan Jacques Schwarzstein •

Olha que interessante Jacques, no primeiro momento você diz que não é possível "fazer uma rede", mas é possível criar condições favoráveis ao surgimento de uma rede.

Vejo que ainda estamos falando de coisas diferentes.

Não há como criarmos uma rede nem como criarmos condições para o surgimento de uma rede.

A rede somos nós, pessoas interagindo. Nós somos a rede, não fazemos parte dela.

Jacques Schwarzstein Thiago Padovan •

Não acho que estamos falando de coisas diferentes. Acho que estamos falando das mesmas coisas, mas temos percepções diferentes das mesmas. Concordo que somos nós, pessoas interagindo que fazemos a rede, Thiago, mas isso não quer dizer que não haja como criar condições para o surgimento de uma rede. Você afirma isso, muito lapidarmente, mas não justifica. Em uma rede hierárquica, quem está no topo da organização tem mais conexões que quem está no pé da hierarquia e tem, portanto, mais poder que a que está lá em baixo. Numa rede distribuída e não hierarquizada, sempre há aqueles que, por interesse, por iniciativa, por serem mais comunicativos ou por sentirem maior necessidade de interação também estabelecerão mais conexões e fluxos que outras. Intencionalmente ou não, terão uma posição diferenciada e de maior influência. Quanto a mim, continuo achando que há sim como criar condições favoráveis ao surgimento de uma rede. Posso fazer isso, por exemplo, colocando em contato (fazendo links) umas com as outras pessoas que tenham os mesmos interesses ou fazendo um trabalho de tradução cultural ou mesmo entre idiomas. Isso não quer dizer que irei controlar a rede ou que serei o pai e a mãe da rede. Quer dizer apenas que contribuí para que ela pudesse pipocar.

Jacques Schwarzstein •

Depende. Há propósitos e propósitos. Eu posso tentar montar uma rede de moradores de um bairro porque quero que a rua tal seja asfaltada, que o poste tal seja substituída

e que um pau-brasil seja plantado no meio da praça x. São propósitos específicos e definidos com absoluta precisão. Neste caso, entendo que a rede que será estruturada, não será a tal da "rede pura", como diz Fernando em um comentário do outro módulo. Além disso, a rede não será "voluntariamente articulada", ou de formação espontânea porque sua estruturação terá sido induzida pela minha pessoa com esses propósitos específicos e não como espaço criativo, livre e de vida própria e imprevisível. Não me parece que, por este motivo, ela seja ruim ou perversa. Ela é o que é, como diz Augusto, e poderá seguir os caminhos que proponho ou correr por outras veredas, também imprevisíveis. Por outro lado, posso atuar no sentido de facilitar e estimular a estruturação e/ou incremento da vitalidade interativa de uma rede de vizinhos ou moradores de um mesmo bairro, simplesmente com o propósito de criar condições para que as pessoas interajam, na esperança de que passem vir a se preocupar, coletivamente, com a qualidade de vida do que têm em comum, que é o bairro no qual eu também vivo. Não definirei objetivos concretos, mas poderei discutir ou sugerir conceitos genéricos como, preservar o meio-ambiente, proteger as crianças, fazer com que as autoridades considerem nossas visões, etc...etc...etc... Nesse caso, a rede que irá ganhar vida (se ganhar) poderá ser aberta a todos e não apenas de quem compartilha esses meus propósitos genéricos. Assim como a primeira será imprevisível e poderá resultar na transformação do bairro em um condomínio fechado, todo cimentado, sem árvores e cheio de grades, câmeras e seguranças milicianas. É o risco que se corre. A ideia de "fazer uma rede" não é necessariamente absurda ou contraditória. Sugiro que vocês dêem uma espiada em: <https://www.facebook.com/amast....> O que vão encontrar é uma rede virtual, numa página do feici, cuja pauta é definida por quem envia postagens, curte, comenta, etc... É uma rede que foi "criada em um espaço virtual" por uma associação de moradores mas, às vezes, produz momentos e espaços de interação interpessoal, inter-institucional, etc. É uma rede "facilitada e animada" por um grupo de pessoas cujo objetivo principal é o de facilitar a interação entre os vizinhos e criar condições para que as ideias de tod@s possam ser compartilhadas, circular, gerar ações transformadoras da realidade, contribuir para a coesão social ou para a resolução de conflitos. Me parece estar bem próxima do que se pode chamar de "rede pura".

Fernando Baptista Jacques Schwarzstein •

Jacques, acho que a confusão aqui tem a ver com pensar a rede como um tipo de organização que se almeja (uma desejada "rede pura", como você diz)... não é isso, quando falamos de redes aqui, estamos falando de uma ferramenta analítica que nos ajuda a tentar compreender a realidade social humana, é só isso. Eu posso fazer uma análise da iniciativa de ação coletiva de um bairro e tentar visualizar qual é o grau de distribuição, onde estão os bloqueios de fluxo, comparar se essa iniciativa é mais delimitada que uma outra, quais são as dinâmicas emergentes, etc. É um óculos pra tentar decifrar a realidade, não um instrumento pra tentar fazer alguma coisa (boa) acontecer.

Jacques Schwarzstein Fernando Baptista •

São ambas as coisas Fernando. Não consigo lidar com a ideia de que uma rede seja uma ferramenta analítica. Uma rede é uma rede. O que se pode dizer é que ao se tentar entender uma realidade social, você tenta perceber quais são as redes que existem nessa determinada realidade. Ou seja, que você olha para essa realidade como se ela fosse uma rede ou um conjunto de redes. Mas a rede não é a ferramenta analítica. A ferramenta analítica é a que foi construída a partir da ideia de que há redes em todas as partes, algumas muito rudimentares, outras mais sofisticadas. Concordo com você que uma rede não é um tipo de organização. Essa nunca foi minha ideia. Acho, apenas, que, uma vez inserido em uma rede, tendo reconhecido sua existência, sua topografia e seu padrão, você, eu ou qualquer um, pode passar a atuar nessa rede com o intuito de intensificar ou reduzir a intensidade de interações que nela ocorrem, com o intuito de direcioná-la ou até mesmo de anestesiá-la. Isso faz parte da rede. As redes, simplesmente pelo fato de ser redes, não são espaços sacro-santos e puros e podem sim, ser utilizadas, por uns e outros, como instrumento para fazer alguma coisa acontecer. Seja ela boa ou ruim. Se estou entendendo bem, o que você tenta me dizer é que, neste programa, o que se pretende é compartilhar uma metodologia analítica e nos "entregar" e ensinar a usar os óculos que permitem ver os nodos, os fluxos, as dinâmicas, a extensão e retração dos limites da rede, as diferentes modalidades de

interação presentes. Tudo certo, mas independentemente de concordarmos ou não com isso, sempre haverá, entre os nodos de uma rede, aqueles que a percebem com mais exatidão e desenvolvem um tipo de meta-interação, ou seja, um tipo de interação através do qual pretendem intervir na qualidade das próprias interações que ocorrem.

Fernando Baptista Jacques Schwarzstein •

O que pensamos como rede é a referência analítica, uma rede com grau máximo de distribuição é um tipo ideal (uma ideia que projetamos sobre a realidade). A realidade relacional é o que ela é... nessa realidade, pessoas interagem umas com as outras, conversam, fazem coisas juntas, propõem iniciativas, apresentam umas às outras, tentam influenciar ou controlar os outros, proíbem, criam regras, iludem, e usam de todo tipo de artifício que influencia a topologia da rede que enxergamos quando usamos esse "óculos de ver rede". É isso que quis dizer, não se trata de tentar santificar nada.

Fernando Baptista Guest •

Aqui não é uma questão de valorizar um ou outro, mas de reconhecer a existência de dois domínios de fenômenos: a) o domínio do que as pessoas pensam, sentem, percebem e fazem (no qual sempre existe a liberdade individual, inclusive de edição, limitada pelo emaranhado das influências, dependências, conhecimentos, bloqueios, etc.) e do impacto que isso tem umas nas outras e no ambiente, e b) o domínio dos fenômenos coletivos que podem emergir dependendo da topologia das interações: se as pessoas estiverem interagindo muito, cada um com todos que estão ao seu redor (topologia de uma rede distribuída), vamos ver uma dinâmica social marcada pela emergência de múltiplos clusters, de enxameamentos, de clonagem, de amassamentos do mundo social, que são os fenômenos que se observa quando pessoas interagem de modo distribuído. O que acontece num domínio não explica o que acontece no outro, apesar de existir impacto indireto de fenômenos de um domínio no outro. As ferramentas midiáticas somente contribuem para o aumento da interatividade e consecutivamente da distribuição.

Jacques Schwarzstein Fernando Baptista •

Bingo!!!!

Fatima Melca •

Acho que as pessoas estão muito acostumadas a obedecer. A seguir algo, que nem sabem porque seguem. Acho importante termos expectativas, desejos , mas no meu modo de ver, eles refletem um momento. Agora estou querendo isso, mas pode ser que ali a frente, algo me pareça melhor para e eu mude as minhas expectativas, os meus desejos. A vida é assim, e com as frequentes mudanças que a Internet nos possibilita não tem como definir algo como valendo para sempre. Antes dessas mudanças todas, vivíamos nossa vida profissional, com que tínhamos aprendido na faculdade. Hoje não é mais assim, somos convidados a mudar varias vezes. As mudanças são muito rapidas, não dá para ficar preso a uma idéia. Uma ideia vai sendo cocriada e vira mais idéia. A Interação vai nos levando para aqui para acolá. Um post começa como uma ideia e outras vão surgindo, umas aceitamos e outras não, mas paramos para pensar em todas.

Simone M Almeida Fatima Melca •

Muito boas suas colocações, Fátima. Concordo com você que as frequentes mudanças nos trazem novas ideias e que as interações nos fazem refletir, repensar sobre as "nossas verdades". Se uma rede pode ser criada, se ela surge naturalmente, se ela pode ou não ter objetivos/ propósitos definidos, se temos facilitadores ou não são ideias que foram surgindo e que me fizeram refletir muito. E isso tem sido o mais bacana. As percepções diferentes é que estão enriquecendo as nossas discussões. Gostei muito da fala do Augusto que diz: "Qualquer pessoa que queira interagir com outras pessoas em torno de um propósito (seu, que as outras topem), pode fazê-lo. A questão é que a rede (sua dinâmica, sua morfologia) não será consequência desse propósito e sim do fluxo interativo da convivência social que se estabelecer.". Entendo que, independente de de como essa rede se formou, ela realmente só será uma rede se houver o fluxo interativo entre os nodos.

augustodefranco Simone M Almeida •

Sim!

Cris Kruel •

O autor Gary Hamel (Futuro da Administração, What matters now...) uma vez escreveu algo como "the ultimate social technology is management". Segundo ele, a "gestão" é a tecnologia das realizações humanas. É uma tecnologia social pois - foi inventada por nós - e o que é isto senão conectar pessoas, utilizar recursos para atingir um propósito.

Novamente... redes não precisam ter propósito, mas propósitos podem fazer com quem redes distribuídas catalisem grandes realizações humanas.

Fernando Baptista Cris Kruel •

Propósitos ou ideias com frequência desencadeiam interações entre pessoas, e clusters interativos efetivamente se formam ao redor delas... enquanto pessoas estiverem interagindo ao redor de um proposito, ele pode ser considerado como um fator animador. Mas as razões pelas quais as pessoas interagem são muito mais amplas e complexas, e raramente se dão ao redor de um único propósito (é mais comum que sejam constelações de ideias sempre mais ou menos temporárias). Quando se fala de rede (situações de alta distribuição) tentar delimitar um único propósito costuma ser um dos caminhos mais rápidos para fazer com que grande parte das pessoas que estavam antes interagindo percam o interesse. Quem tenta fazer essa delimitação costuma ser visto pelos outros como alguém que está tentando controlar os fluxos interativos, e submeter-se ao controle de alguém não é algo que costuma animar muito as pessoas... normalmente elas trocam essa submissão por alguma outra coisa, explícita ou não. Em uma rede delimitada (participativa), quase sempre não é o dito propósito que move as coisas, mas uma intrincada constelação de pequenos interesses e fatores motivacionais que se dá nas micro relações.

Rafael Ferreira Fernando Baptista •

Delimitar um único propósito tem a ver com foco, não? Em uma organização em rede distribuída precisa haver foco ou o foco é necessário apenas enquanto houver sentido a interação das pessoas ali?

Jacques Schwarzstein Fernando Baptista •

Ninguém controla nada nas redes, mas é perfeitamente possível e legítimo tentar exercer influência sobre uma rede, desde que façamos parte dela. Você pode, por exemplo, tentar exercer influência em uma rede, para que ela se torne mais interativa, espontânea, intensa, livre. E pode, também, buscar o contrário. Se vai conseguir ou não é outra história. Mas a eventualidade do sucesso não pode ser excluída.

Fernando Baptista Jacques Schwarzstein •

Efetivamente, pessoas tentam o tempo todo, as vezes conseguem, outras não. Do ponto de vista das dinâmicas sociais, o que parece é que quanto mais distribuídas estão as relações, mais difícil fica de controlar escopos e pautas... simplesmente porque existem muito mais caminhos possíveis.

Jacques Schwarzstein Fernando Baptista •

Isso!!!

Thiago Padovan •

Será que a busca por um propósito tem por objetivo a busca por um objetivo final já esperado? Para suprir uma expectativa que nós mesmos criamos?

Vejo que, fazendo isso, limitamos a interação fortuita, cortando conexões e diminuindo seu grau de distribuição.

Cris Krueel Thiago Padovan •

Thiago, acho que a maioria de nós utiliza o termo rede para representar às vezes uma comunidade, ou um engagement, ou uma campanha, que poderiam ser sim

propósitos de uma rede. Acredito que uma rede não precisa ter um propósito, mas se você quer ver o poder de uma rede, desafie-a, lhe dê um propósito.

Thiago Padovan Cris Kruel •

Isso mesmo Cris, estamos falando sobre redes de formas diferentes.

Não entendo rede com o significado de grupo ou comunidade, mas como interagimos e o que somos.

Podemos dar propósito para uma empresa, uma ong ou um grupo, mas não para a rede

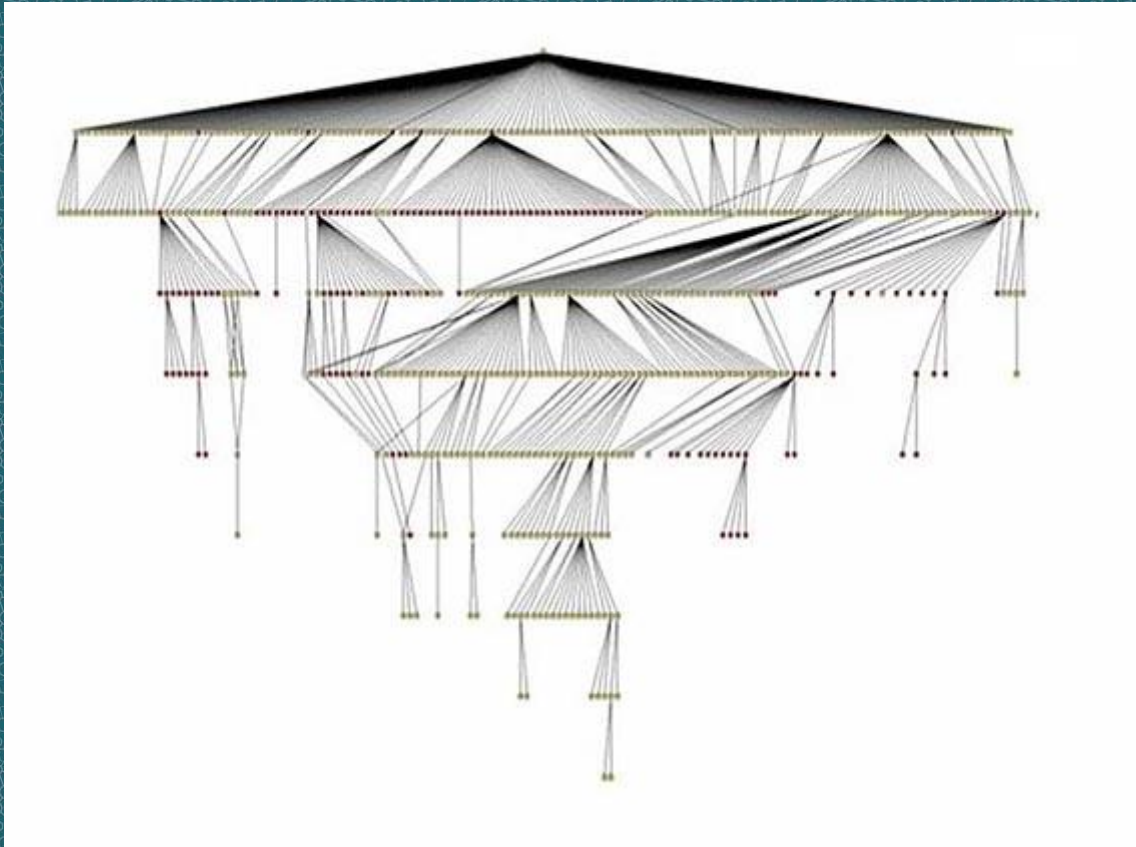
07



Redes sociais são redes de pessoas. Pessoas são seres humanos. São iguais desse ponto de vista: por pertencerem, do ponto de vista biológico, ao mesmo gênero e espécie. Mas cada pessoa é única, cada uma é diferente de todas as outras porque suas histórias fenotípicas, suas trajetórias de adaptações são diferentes (e os modos como integram suas experiências ou como espelham internamente seus relacionamentos, são sempre particulares: cada um se vê diferentemente com os olhos do outro).

Embora cada uma seja única, as pessoas em uma rede só são iguais em um sentido: na medida em que a rede for mais distribuída do que centralizada não há diferenças de poder entre elas, nenhuma é mais importante (ou menos importante) do que outra. Mas não são iguais no sentido de que todas devem viver e conviver do mesmo jeito, ter a mesma situação socioeconômica, as mesmas capacidades físicas, intelectuais e morais, a mesma aparência, as mesmas doenças e deficiências, as mesmas habilidades e competências, os mesmos gostos e desejos. Se houvesse esse tipo de igualdade, não haveria pessoas e sim indivíduos em série, robôs ou andróides: uma massa indiferenciada. Ser pessoa é - definitivamente - ser diferente e não ser igual.

A questão da igualdade de oportunidades, embora correta, foi introduzida pelos que tinham uma visão do ser humano como indivíduo e não como pessoa (emaranhado de relacionamentos), o que dificultou a visão da rede. É claro que deve haver igualdade de oportunidades, mas isso não diz respeito às características intrínsecas de cada pessoa e sim aos padrões de relacionamento ou à forma como se organiza a rede em que as pessoas estão (e são). Em redes mais centralizadas do que distribuídas não haverá igualdade de oportunidades, mas não porque os indivíduos sejam intrinsecamente (geneticamente, originalmente) diferentes e sim porque eles terão menos conexões, menos caminhos e, conseqüentemente, menos oportunidades de aprender, de empreender, de ter acesso a recursos de toda ordem. A pobreza, nesse sentido, não seria, em primeiro lugar, insuficiência de renda e sim insuficiência de rede (quer dizer, de caminhos).



Em redes descentralizadas (mais centralizadas do que distribuídas), ou seja, em hierarquias - como a representada pela figura acima - as pessoas situadas no topo têm mais conexões (caminhos) do que as pessoas situadas na base da pirâmide. Por isso são mais ricas (no sentido de terem mais condições de desenvolverem suas potencialidades) do que as pessoas situadas na base.

Mas por que, apesar disso tudo, as pessoas continuam achando que redes são modelos de sociedades igualitaristas? Qual a confusão que estão fazendo?

UMA SÍNTESE DOS PRINCIPAIS COMENTÁRIOS

Hudson Freitas

Hudson Freitas A igualdade em modelos de sociedades igualitaristas se dá de forma a estrangular, ou, mesmo, eliminar a liberdade e, portanto, a interação livre. A igualdade, nessas ideologias, é tida como padronização de indivíduos, uniformização, igualação meramente material, homogeneização. Não é disso que se trata a igualdade em uma rede mais distribuída em que as pessoas estejam livremente interagindo. A noção de "igualdade de oportunidades", se mostra problemática porque também pode remeter à ideia de oportunidades materiais, como ter a mesma quantidade ou tempo de escola, de alimentos, de renda, de vestimenta, etc. Prefiro a noção de contrafaticidade, de modo a compreender a igualdade como liberdade, no sentido de que as pessoas, quando livremente interagem, o fazem sem coação (interna ou externa), sem comandos hierárquicos, sem objetivos impostos e predeterminados, e sabem e esperam que as demais pessoas também assim irão interagir, enquanto quiserem, da forma que quiserem, mas sempre tendo a rede e seu fluxo na mesma abundância para todo aquele que nela queira fluir, na livre interação.

augustodefranco •

Este programa tem muitos módulos. Mas os textos são curtos. Dá tempo de concluir. Ainda estamos recolhendo material para elaborar o book, levando em conta as interações de todos. Teremos, além disso, as referências bibliográficas. E o hangout amanhã (11/11/15) às 19h. Vai ser na página:<https://redes.org.br/25mitos-o...>

Natália Menhem •

Acho que a confusão está sendo feita exatamente na não diferenciação entre igualdade de características e igualdade de oportunidades. Aliás, a maior parte das pessoas ricas no sentido de terem mais conexões não se dão conta de que são privilegiadas devido a essas conexões. São benefícios e privilégios não ditos e totalmente determinantes.

Giovanni G. Bianco Natália Menhem •

Bem colocado, Natália. É um campo interessante de investigação a influência das redes sociais no acesso a recursos e oportunidades. E também das redes como condição para o desenvolvimento humano sustentado (que não existe sem capital social, algo geralmente esquecido por iniciativas e "políticas públicas" de desenvolvimento, sobretudo governamentais).

Fernando Lasman •

acho que a confusão, desta vez, é que o que se diz da rede, que concerne a padrões de relacionamento, se troca pelas características dos indivíduos, como se a rede não houvesse relações. quando tratamos de redes tratamos de relações, que estão além do indivíduo, exteriores. de outra forma, as características próprias destes não são contempladas quando abordamos as redes. se se omite a questão de que estamos abordando os padrões de relacionamento, forçamos a imaginação a tratar de um grupo de indivíduos, propriamente. se se retira as relações, ficamos com um conjunto de indivíduos. como não contempla-se as relações e suas qualidades, contempla-se os indivíduos em suas qualidades. já que as qualidades individuais são a única substância com a qual se pode lidar e fazer comparações, então são estas qualidades que são colocadas na questão da igualdade. sendo assim. a confusão se dá pela não observação das relações entre as pessoas, o que leva a tratar-se do problema da igualdade como algo que se refere aos indivíduos diretamente. -- fui redundante que só.. mas acho que ajuda quando expressamos de várias maneiras a mesma coisa, quando queremos compreender ou explicar.

augustodefranco Fernando Lasman •

Sim, Fernando Lasman.

Jacques Schwarzstein •

Está bem... Se considerarmos como único critério de igualdade de oportunidades a variável do número de conexões e intensidade máxima de interações que uma pessoa

pode estabelecer em uma rede distribuída de modo absolutamente ideal, vamos chegar a conclusão de que todos os que a integram tem as mesmas oportunidades e, deste ponto de vista, são iguais. Mas é claro que, assim como não existem duas pessoas absolutamente iguais, essa igualdade de possibilidades de interação também não existe na rede, por mais distribuída e perfeita que esta seja. Numa rede distribuída e não hierarquizada, sempre há aqueles que, por interesse, por iniciativa, por serem mais comunicativos que a maioria ou por sentirem maior necessidade de interação também estabelecerão mais conexões e fluxos mais intensos que as demais. Intencionalmente ou não, terão uma posição diferenciada e de maior influência. Oras, na medida em que algumas "alcançam" esse estatua de maior influência, as demais, mesmo tendo diante de si todas as possibilidades, já se verão numa posição de inferioridade. Daí a cairmos na meritocracia é um passo de formiga. Oras, se nem mesmo em redes perfeitamente distribuídas as pessoas vão se articular através de fluxos igualitários (a estrutura o é, mas os fluxos não são) porque acreditam viver um modelo igualitarista nas democracias participativas, ou em empresas, clubes, associações absolutamente hierarquizados e de redes centralizadas? Mais uma vez, infundáveis respostas para uma mesma pergunta: 1) porque há pouco mais de um século vivíamos um regime escravocrata e em comparação com o mesmo o regime atual é absurdamente democrático? 2) Porque a ditadura militar acabou há menos de 40 anos e ainda está presente na memória de muita gente. 3) Porque nas organizações hierarquizadas mais modernas as pessoas têm superiores hierárquicos bem treinados que as escutam e respeitam (até certo ponto, ao menos) e porque os departamentos de RH sabem lidar com os funcionários. 4) Porque estão resignadas e se julgam inferiores ou incompetentes para opinar e entender o que se passa lá no alto da pirâmide? 5) Porque ainda hoje, planeta a fora, as pessoas vivem situações de absoluto terror. 6) Porque acreditam que, no mundo, manda quem pode e obedece quem tem juízo? 6) Porque não foram educadas para a autonomia e o protagonismo? 7) Porque uma vez por ano participam de um churrasco da empresa e podem até conversar com o Diretor Presidente? Porque? Porque? Porque?

Marcia Borges Jacques Schwarzstein •

Sempre fiz estas questões. Tenho propensão a achar que a idéia Barry Schwartz sobre a "tecnologia da idéia" traz alguma luz para esses porquês. Gostei do TED dele sobre isso (<https://www.ted.com/talks/barr...> e acho também que a ciência teve uma participação muito intensa nestes padrões: de comportamento, de interação e dos resultados desses processos desde a Revolução Industrial.

Fernando Baptista Jacques Schwarzstein •

Pensemos aqui no nosso caso, nesse programa... aqui no fórum somos um conjunto de pessoas emaranhadas numa conversação (acopladas umas às outras)... somos diferentes, temos histórias fenotípicas diferentes, mas aqui nesse fórum todo mundo está a princípio em pé de igualdade para poder postar, comentar, dizer o que quiser quando quiser... nesse caso existe um potencial relacional máximo, delimitado apenas pelo próprio continuum mediático que nos acopla (no sentido que expliquei lá no primeiro módulo). Mas digamos agora que uma pessoa aqui começa a ganhar a simpatia de outras de maneira particular, e se sente empoderado e passa a tentar mediar a conversação (se investe de uma missão, seja lá qual for)... e começa a dizer: fulano, agora é você quem posta, e o ciclano tem que esperar você postar primeiro pra só depois postar... e beltrano, o que você disse antes foi bobagem, vai ficar três rodadas de castigo pra aprender a pensar melhor no que diz... se os outros começarem a obedecer o pretense mediador, o potencial interativo vai se modificar... e se esse papel de moderador se cristalizar, as pessoas já não estarão no mesmo pé de igualdade para conversar umas com as outras, estarão submetidas ao poder do mediador. Nesse caso, algumas pessoas foram colocadas em posição interativa inferior precisamente porque ocorreu limitação de possibilidades, de caminhos de conversação, ou até mesmo porque suas reputações foram comprometidas (também um tipo de bloqueio de possíveis caminhos). Por outro lado, digamos que alguém aqui entre nós não domine o idioma português, e por conta disso tenha dificuldades de compreender e se exprimir nessa conversa... nesse caso, a pessoa estaria já de partida numa situação desprivilegiada... mas digamos que nesse caso alguém resolva ajudá-la, atuando como interprete ou até mesmo ensinando o idioma. Acho que esses

exemplos ajudam a pensar de modo prático sobre como essas iniciativas particulares modificam o potencial relacional e eventualmente a topologia da rede.

Em relação aos porquês, acho que o ponto comum entre eles tem a ver com a existência de bloqueios de caminhos, real ou percebida. Acho que dá pra tentar explorar as perguntas a partir daí.

Jacques Schwarzstein Fernando Baptista •

Gosto disso....

Marcelo Yamada •

Imagino que entendamos (todos) a igualdade como igualdade de oportunidades. Que, como disse Kruei mais abaixo, não é necessariamente desejada por todos os membros da rede.

Fatima Melca •

Acho que se pensam que em rede todos são iguais, não pararam para pensar na topologia da rede. Mesmo nas mais hierarquicas fica difícil imaginar que elas são iguais. A interação é diferente. e não só em uma rede. Na vida, somos diferentes. Percebemos coisas de modo diferente, gostamos de coisas de maneiras diferentes. Interagimos com tudo de modo diferente. Somos pessoas, temos as nossas vivencias...Será que estão levando em conta que estar em rede, dá as pessoas os mesmos poderes? Acho que a rede te possibilita fazer as suas escolhas, escolher o caminho que mais te agrada. Se conectar com quem você quiser. Mas isso tudo é ampliar as suas possibilidades.As suas e de todos.

Cris Kruei •

Me pergunto se, como os nodos de uma rede social são humanos, então todos os nodos são iguais, ou justamente por serem humanos todos são diferentes? Quanto mais distribuída a rede mais seus nodos terão igualdade de oportunidades. Mas como

são humanos, talvez alguns não queiram a responsabilidade que vem com a liberdade. Curioso para ver e aprender com os comentários de vocês...

augustodefranco Cris Kruel •

Como são humanos - isto é, pessoas - todos são diferentes. Experimente pensar no padrão de relações e não nas partes, Kruel.

Cris Kruel augustodefranco •

Captei que... Redes (mais distribuídas que centralizadas) promovem a igualdade de oportunidades para as pessoas (relações, caminhos, conexões...) mas não tornar as pessoas iguais.

Simone M Almeida Cris Kruel •

Também acho isso, Kruel. A igualdade de oportunidades se dá, mas as pessoas continuam sendo diferentes e suas diferenças também estão pautadas em suas vivências, o que pode mudar completamente a sua interação com os demais nodos.

Fernando Lasman Cris Kruel •

entao , acho essencial fazer a distinçao da diferença de qualidades proprias dos nodos com as diferenças dos padroes de relações dos nodos. tipo assim, diferenças interiores (cor da pele, tamanho, habilidades, etc) e exteriores (quantidade e qualidade das relações). falando de redes nos referimos exclusivamente aos padroes de relações entre as pessoas, que sao características exteriores, portanto, a elas. ou seja, falando de redes falamos a despeito das qualidades intrinsecas das pessoas, ja que estaremos tratando das relações... podemos colocar isso de diversas formas, mas o conceito central é que redes = padroes de relações que, por sua vez, sao exteriores as pessoas, pois sao realizadas em conjunto, com mais de um, etc..



Esta é outra crença esquisita que remanesce em alguns meios. Afinal, rede é um padrão de organização ou uma irmandade imbuída de propósitos caritativos?

A confusão é comum. Como as redes distribuídas são ambientes favoráveis à cooperação, as pessoas pensam que isso acontece porque as pessoas que se organizam em rede são cooperativas. Mas a cooperação em uma rede distribuída acontece porque - não havendo condições de alguém mandar nos outros - a única forma de fazer alguma coisa conjunta é co-operando (operando junto; ou co-laborando: trabalhando junto). A cooperação é assim um atributo da forma como nos

organizamos e não um resultado da atividade de uma congregação de anjos. Demônios organizados em uma rede (mais distribuída do que centralizada) serão compelidos a colaborar ou não poderão fazer nada com outros (sejam, estes outros, anjos ou demônios).

É claro que a cooperação não pode ser comprada (enquanto que a operação de muitos, coordenada top down, pode: do contrário não se poderia fazer uma empresa tradicional). Talvez por isso algumas pessoas pensem que em rede tudo deve ser gratuito. A cooperação é gratuita, mas o trabalho (ou o esforço empreendido) não necessariamente (do contrário não seria possível empreender em rede e viver disso).

Em meios onde há abundância de caminhos vigora uma espécie de ecologia da dádiva no lugar da economia da escassez (na exata medida em que menos escassez é produzida). Mas isso não significa que as utilidades produzidas ou os serviços prestados por uma rede devam ser gratuitos. Sobretudo se essa rede (mais distribuída do que centralizada) está em um mundo cujas organizações são mais centralizadas do que distribuídas. Nestas circunstâncias, uma doação não voltará em dobro (nem mesmo integralmente) para o doador por efeito "ecológico": parte dela - mesmo que não seja apropriada por alguém - será consumida pelos custos de transação, pelo atrito de gestão e pelos custos de sinergia. As trocas e o comércio, os preços e a venda de produtos e serviços, são necessários na medida do grau de distribuição das redes internas e externas envolvidas na operação. Uma pessoa que produz ou presta serviços em rede distribuída com outras pessoas não conseguirá argumentar, com o dono do supermercado ou com o gerente do banco, que deverá adquirir gratuitamente (ou na base da troca) alimentos para sua sobrevivência ou tomar crédito sem garantias reais e sem taxas de juros para seus empreendimentos, porque tudo que faz é gratuito. Essa pessoa morrerá de fome, a menos que viva numa comunidade de subsistência autossuficiente (que não precise de recursos, inclusive de crédito, do mundo exterior).

Esse tipo de argumentação - de que em rede tudo deve ser gratuito - não raro é feita por quem não precisa vender nada para sobreviver, seja porque vive de rendas ou é

sustentado por alguém, seja porque faz rede como um hobby, depois do expediente (e sua sobrevivência é garantida por um empreendimento hierárquico ou por um salário recebido de uma organização hierárquica). Ou não?

UMA SÍNTESE DOS PRINCIPAIS COMENTÁRIOS

Hudson Freitas. Não faz o menos sentido, em termos de rede social (a real, a formada por pessoas humanas), se falar que não podem serviços ou produtos ofertados, fruto do esforço e trabalho, ser remunerados. A base fundamental de qualquer rede social está na interatividade entre as pessoas, e o alicerce disso é a liberdade! Daí falar-se em livre interação. Daí se compreende o fato de que quanto mais distribuída a rede, mais interação livre e, ao contrário, quanto menos distribuída, ou seja, quanto mais centralizada, menos interação livre. Essa lógica está na raiz do livre mercado, ou seja, esta forma econômica de se mover na rede e, quanto mais distribuída a rede, mais liberdade econômica, mais livre mercado, também haverá (lembrando que livre mercado, aqui, não tem nada que ver com ideologia capitalista ou liberalismo econômico). Assim, quem oferece um serviço ou um produto, ou ambos, nesse fluxo interativo permeado pela liberdade, terá a oportunidade de ter pessoas interessadas e que queiram, também livremente, se mover nessa direção e adquirir tais serviços e produtos. Mais uma vez, a chave está na liberdade.

Marcia Borges •

Uma dúvida: As interações não seriam uma forma de eliminar as barreiras que impedem a possibilidades outras que não imaginamos para ter acesso ao que precisamos.? Fiquei pensando agora que as interações geram um "mercado de acasos" (ok, para algumas pessoas não é tão acaso assim) que permitem "acesso" ao que precisamos. O valor /preço pode ir de R\$0 a ???, mas não teria uma característica de "poder, possibilidade"? Sei lá fiquei pensando no dia que um senhor me abordou no ponto de onibus, e por conta do meu uniforme, me pediu para entregar o currículo dele no RH da empresa. Eu peguei, entreguei, e o cara foi contratado e era muito bom. Isso seria interação com valor comercial também? Pensando aqui e agora talvez a malha gere tantos valores intangíveis a partir da "comercializações que podem acontecer dentro da rede" que precisamos de tempo para enxergar essas dinâmicas.

Rafael Ferreira Guest •

Seria essa a explicação da desigualdade social? No entanto, o quanto essa desigualdade baseada na apropriação de conhecimento limita a manutenção do fluxo?

Fernando Lasman •

Aqui enxergo uma concepção de "ética da rede". A rede teria de se conformar de acordo com certas regras de convivência. Porém, vale perguntar, como seriam sugeridas, deliberadas e adotadas essas regras, se não fosse através da interação? Ou seja, como surgiria uma ética na rede, pra rede, sem rede? -- Se não for através das interações das pessoas então são regras impostas, o que implica uma estagnação da interação, ou uma diminuição na interatividade total da rede. E isso quer dizer que o nível de centralização aumentou e/ou modo de regulação foi autocratizado. Mas isso só vem a ressaltar a ideia de "propósito para a rede" que pode se ter. Só que propósito é algo que uma pessoa tem, não uma rede, eu penso. Pois na rede vemos inúmeros propósitos circulando, através das pessoas que interagem. As articulações que podem se ter sob os mesmos propósitos vem a acontecer pela afinidade das pessoas, que compartilham estes. Não são articulações que acontecem obrigatoriamente, apesar das interações, mas fortuitamente, através das interações. Ou seja, o propósito que se podem correlacionar a uma rede surgem como tal após um processo de rede se instalar, não antes. Pensar que uma rede deve ter um propósito é uma visão centralizadora e (possivelmente) autocrática. Pois já mostra-se a intenção de diminuir a pluralidade na própria sentença "ter UM propósito". Claramente é algo que depende da desarticulação da rede e da coerção das pessoas. Em suma: uma rede não deve nada, pois o que se deve ou não fazer surge por causa da rede.

para explorar um pouco mais diretamente a questão da gratuidade: acho que se tem uma concepção de que um preço seria um impedimento para a interação. Mas pensemos por outro ângulo: um preço vai surgir por causa da interação. Afinal, se as pessoas estão interagindo e, por isso, trocando valores e recursos, as pessoas que propõem preços para serviços ou materiais só o podem fazer em relação a demanda das pessoas com as quais interagem.

De novo, volto a concepção de ética da interação. É uma perspectiva que quer endireitar a interação, que não compreende a imprevisibilidade, o caos, como característica principal da fenomenologia das redes. Ou seja, é uma não compreensão do conceito como proposto pela ciência das redes. Se não se compreende isto, imagina-se a interação através dos olhos de um indivíduo, que toma os seus conceitos de liberdade e horizontalidade para imaginar algo que seria uma organização ideal de sociedade. Surge o bendito "mas não era pra ser de tal jeito?". Pois bem, não. O conceito de redes não é sobre alguma forma ideal de sociedade e relacionamentos. O conceito é justamente apoiado na plasticidade, no movimento, na contínua transformação da sociedade, que não pode ser mais concebida estaticamente. É um conceito do social, que tem fenômenos próprios, que surgem da interação fortuita entre as pessoas. Logo, imprevisíveis. Logo, sem forma ideal. Na verdade é um conceito que vem mais para desconstruir essa ideia tradicional de sociedade que qualquer outra coisa, na minha opinião. - E por isso que eu gosto. Porque não vou ter que ficar estudando marx, que é chato pra cacete. HAHAH

Mas, pra concluir (porque já está bem grande o "comentário"), parece que a questão ética ou moral sempre surge no fim dos estudos, especialmente quando se trata de sociedade, não? Tipo: sabendo disso, qual a melhor maneira de se portar? Parece que sempre recorre. Por que será? Acho que a ideia de um comportamento adequado com "o bem da sociedade" se encaixa na tradição judaico-cristã ocidental. Mas não tenho muita clareza sobre isso. Só deixo a indagação sobre as nossas "responsabilidades sociais", que tanto nos fazemos questão de lembrar!!

Rafael Ferreira •

Esse texto me remete a uma reflexão pessoal que tenho a respeito de comunidades espirituais de acolhimento baseadas no princípio da doação. Conheço algumas que se colocam como organizações em rede. O trabalho realizado por elas é voluntário e gratuito, mas a sustentação delas decorre de um plus que pessoas generosas podem oferecer. O termo rede aí tem a ver mais com essa concepção da gratuidade como generosidade cristã e também como forma de relacionamento de organizações com

o mesmo perfil do que propriamente com um padrão de relação mais distribuído do que centralizado. Mas, eu pergunto, não haveria na doação um reconhecimento de que a gratuidade do trabalho cooperativo deve ser paga ou remunerada mesmo que esse trabalho esteja imerso em organizações centralizadas ou descentralizadas, ou se trata apenas de uma forma de expiação de culpa por viver em/de uma organização hierárquica e estar acomodado com os benefícios disso?

guilherme witte •

A disponibilização de conhecimento pelos netweavers no processo de animação cria uma impressão (equivocada) q o pressuposto de uma rede mais distribuída é a gratuidade de tudo, o tempo todo. Quando reunimos nossa rede de amigos para empreender um churrasco vamos precisar de recursos (financeiros e outros) para esse empreendimento. Nesse exemplo, normalmente, ninguém pensa q vai ser gratuito...

Fernando Lasman guilherme witte •

bom exemplo!

Jacques Schwarzstein •

Bom dia! Não sei se entendi bem a situação descrita. Qual é a ideia? Estaríamos falando de uma rede distribuída que tem vitalidade, na qual ninguém tem condições de "mandar", produz interações, está em constante processo de mutação, não têm um propósito específico, estratégico e limitante, se mantém porque as pessoas se realizam e se sentem beneficiadas por fazer parte dela, sendo que, uma ou mais pessoas, ou grupos, ou empresas, ou cooperativas, nela representados oferecem um produto aos demais e cobram por esse produto? Será isso? Não estou vendo o problema. Vale a lógica de mercado. Quem quiser compra, quem não quiser ou puder não compra. Ou estamos falando de uma taxa que se paga para conquistar o direito de inserção e permanência na rede? Bem...neste segundo caso, já estaríamos muito longe da definição de "rede-pura" e muito próximos de uma organização institucionalizada. Vale perguntar, por exemplo, que tipo de rede é este em que

estamos inseridos neste programa. É uma rede? Com a palavra os gestores e facilitadores. Valeu!

augustodefranco Jacques Schwarzstein •

Antes de qualquer coisa um esclarecimento. Neste programa há gestores (ou administradores) da plataforma (digital), mas não das pessoas inscritas. E não há bem facilitadores e sim os cocriadores do programa que conversam com os aderentes-participantes-interagentes. Os cocriadores não pensam todos da mesma maneira. Quando um deles - como eu - escreve aqui, fala exclusivamente em seu nome.

A meu ver o objetivo deste módulo 8 é questionar a ideia (difundida em alguns meios) de que em rede tudo deve ser gratuito. Por exemplo, neste e em outros cursos análogos recebemos mensagens de pessoas nos questionando com a pergunta: "Por que vocês estão cobrando se a iniciativa é em rede?" Então é sinal de que há realmente uma confusão.

O caso da plataforma REDES.ORG.BR (usada pelos investigadores conectados à Escola-de-Redes e aglomerados no Fórum de Inovação Permanente, alguns dos quais estão propondo este programa) é um exemplo de uma constelação de empreendimentos em rede que desenvolve atividades gratuitas e pagas. Mas não há uma empresa ou uma organização da sociedade civil (uma ONG). Não há uma estrutura hierárquica. Cada programa é um empreendimento que será tocado pelas pessoas que dele fazem parte.

Pois bem. É possível empreender em rede, fazer uma empresa em rede? Se em rede tudo deve ser gratuito, não. Mas estamos vendo que sim, é possível!

Fernando Baptista augustodefranco •

É importante esclarecer que nesse programa ninguém está pagando para permanecer em rede... aqui todo mundo está livre pra interagir com quem quiser, trocar telefones, ir tomar uma cerveja e conversar sobre o que quiser com quem quiser (inclusive sobre os assuntos do programa)... e todos aqui tinham condições de se encontrar e interagir

antes mesmo do programa (não havia nenhum bloqueio instituído artificialmente pelos co-criadores do programa para evitar esses encontros), então tampouco alguém está pagando para se inserir em rede. No caso desse programa, houve dedicação de um grupo de pessoas (que não fazem parte de uma empresa ou organização, são pessoas soltas como se gosta de dizer por aí, hehe) que se encontraram num certo momento e decidiram co-criar o programa, compor a lista de mitos, divulgar a proposta, configurar a plataforma e os fóruns, escrever textos provocativos, interagir com os participantes (sim, aqui houve pré-definição de escopo e de âmbito que caracterizam uma delimitação da qual os incritos fazem parte), fazer um hangout, editar um livro... é por essa dedicação que se está pagando no caso desse programa.

Jacques Schwarzstein Fernando Baptista •

No Bope as pessoas também estão livres para interagir, trocar telefones, tomar cerveja, conversar, etc...etc... Aliás, tem gente no Bope que propõe a desmilitarização da PM. Quanto a mim, paguei, sim, para me inserir neste programa. Paguei para me inscrever no programa sobre Democracia e ganhei a inclusão neste programa de brinde. Paguei por que quis porque reconheço o valor do esforço e do produto. Mas paguei. Se não tivesse pago não estaria aqui, tendo o privilégio de trocar ideias com vocês.

Fernando Baptista Jacques Schwarzstein •

Sim, é exatamente do que se trata esse módulo, da legitimidade em se cobrar por dedicação empreendida e da liberdade de pessoas verem ou não valor nisso. Sobre o seu exemplo do Bope, não entendi o que você quis dizer com ele, você pode explicar melhor?

Jacques Schwarzstein Fernando Baptista •

Nada não, Fernando. É que você, no teu comentário diz o seguinte: "É importante esclarecer que nesse programa ninguém está pagando para permanecer em rede... aqui todo mundo está livre pra interagir com quem quiser, trocar telefones, ir tomar

uma cerveja e conversar sobre o que quiser com quem quiser (inclusive sobre os assuntos do programa)... e todos aqui tinham condições de se encontrar e interagir antes mesmo do programa (não havia nenhum bloqueio instituído artificialmente pelos co-criadores do programa para evitar esses encontros), então tampouco alguém está pagando para se inserir em rede." Só isso. Mas a questão não é essa. A questão é que, de acordo com Augusto Franco, este programa não funciona necessariamente como uma rede, nem pretende ser uma rede. Assim sendo, vocês têm razão. Ninguém pagou para entrar numa rede, porque rede talvez nem haja.

augustodefranco Jacques Schwarzstein •

É um programa sobre redes (sobre crenças que se espalham acerca das redes sociais), não uma proposta de fundar uma rede específica. No entanto, como estamos vendo, é um programa interativo. Ora, as redes acontecem quando pessoas interagem. Pessoas interagindo estão em rede. Mas não, no caso, numa rede pré-desenhada ou articulada pelos promotores do programa. Poderia ser um programa sem mecanismos de interação em que, mesmo assim, as pessoas resolvessem interagir (por exemplo, procurando e achando as outras pessoas no Facebook).

Fernando Baptista augustodefranco •

Sim, a rede não é algo que está inscrito na iniciativa de criar esse programa... nem poderia ser, nem nesse programa, nem em qualquer outra iniciativa... é algo que transpassa as pessoas das mais diversas maneiras... as interações que se dão aqui são apenas alguns redemoinhos nesse tecido, nesse continuum que forma o campo de possibilidades interativas no qual podemos enxergar a rede.

Jacques Schwarzstein augustodefranco •

Tá. Mas você ficou devendo. Não disse em que tipo de rede estamos inseridos neste programa. Para começo de conversa, é uma rede fechada. E pode isso Arnaldo? Pelo que li nos primeiros módulos, as redes são abertas. Se expandem e retraem de acordo com o interesse e a motivação das pessoas. Mas tudo bem. Nesta rede, temos toda

uma programação que diz o que pode e o que não pode acontecer. Se eu quiser acrescentar um módulo ao programa, não tenho como. Não disponho das ferramentas necessárias. Teria que convencer os cocriadores da necessidade/pertinência da criação de um novo módulo. Se eles não quiserem, nada ocorre. Temos aí, portanto, posições hierarquicamente distintas e temos uma clara estrutura de poder. Não entendo porque recusar a carapuça de facilitador. Entre os matriculados, somos muito poucos a se manifestar aqui no fórum. Se os cocriadores não reagirem às minhas contribuições vou parar de contribuir. Vocês têm uma função aqui que vai muito além da de expressar ideias (diferentes ou não entre si). Quanto a não haver uma empresa, você bem sabe que temos diferentes formas de organização empresarial: a burocrática, a carismática, a tecnocrática, a cooperativista, etc... Uma cooperativa é uma empresa? Vocês seriam uma cooperativa informal onde se procura reduzir ao máximo as normas e as regras?

(Se alguém leu "cobradores" no meu texto, leu o que o corretor "mandou". O que escrevi foi "cocriadores" e o corretor corrigiu o que escrevi... agora, quem recorrigiu fui eu. Me insurgi contra o corretor.)

augustodefranco Jacques Schwarzstein •

Não estamos "fazendo rede" neste programa. O empreendimento (a cocriação do programa) é em rede (foi isso que eu escrevi). Agora, se vai se articular uma rede mais distribuída do que centralizada a partir da interação entre os membros do programa, não sabemos. Um programa ofertado, pré-definido, tem sempre uma dinâmica mais participativa do que interativa. O que você descreveu no comentário acima foi - exatamente - um ambiente participativo. Está certo. Percebo agora que você vê a diferença com clareza.

Nosso papel é o de netweavers, não de professores (seja qual for o eufemismo que utilizemos para designá-los). É claro que esse papel só tem sentido em redes descentralizadas (com algum grau significativo de centralização). Em redes totalmente distribuídas não precisa haver netweaving (assim como também perdem sentido os demais papéis, como o de hub, o de guardião do kernel etc).

Este é um programa sobre redes sociais, Jacques. Ninguém disse que estaríamos fazendo uma rede distribuída com os inscritos no programa. E as pessoas demoram mesmo para interagir (muitos ficam apenas lendo o que escrevemos, outros, talvez, nem isso: vão dar uma lida em tudo mais adiante). Comparando porém com os cursos análogos, este programa está tendo bastante interação. Interação, porém, não é medida pela quantidade de interagentes e sim pela abertura (ou vulnerabilidade) à interação fortuita.

Jacques Schwarzstein augustodefranco •

Perfeito. Obrigado. Não disse em momento algum que vocês teriam dito.... Apenas perguntei a vocês que tipo de rede seria esta. Obtive a resposta da qual precisava: todas as pessoas que participam do programa podem interagir entre si, mas o programa não foi "pensado" como rede. Aliás, se entendo bem, na visão de vocês redes não podem ser "pensadas". Elas acontecem ou não acontecem. Certo? Entendo que no espaço da Plataforma Redes, vocês se vejam como netweavers, e não como professores. No caso deste programa, contudo, trazem um sistema conceitual complexo, sofisticado e "redondinho" e atuam no sentido de fazer com que as pessoas o conheçam e compreendam. (Não necessariamente o aceitem.) Bem...se não estão "professorando", estão fazendo algo muito semelhante. Mas isso não é um problema...e também não é uma solução. Apenas uma reflexão solta no ar.

Fernando Baptista Jacques Schwarzstein •

Sim, Jacques, na minha visão não se pode planejar ou implementar redes. Como já comentei antes, pra mim a ideia de rede é uma referência para compreender a realidade social, sobretudo a topologia das relações e as dinâmicas sociais que daí emergem. Esse programa foi pensado pra ser o que ele é, o que está explicado em sua proposta.

Jacques Schwarzstein •

Eu tenho a curiosidade de saber quantas pessoas estão acompanhando este programa. Seria possível dizer?

augustodefranco Jacques Schwarzstein •

Depende do que você chama de acompanhando, Jacques. Nesta primeira turma estão "matriculadas" (hehe), quer dizer, inscritas, pouco mais de 100 pessoas.

Jacques Schwarzstein augustodefranco •

Era isso que eu queria saber. Obrigado.

Marcelo Yamada •

A comercialização de produtos e serviços soará estranha ou não dependendo da motivação que levou à formação da rede, não? Proximidade geográfica, ideologia, profissão, histórico de vida, identidade de interesses... Se em algumas dessas relações não cabe atividade remunerada, em outras pode ser entendida como perfeitamente normal.

Marcia Borges Marcelo Yamada •

Marcelo, conheci seu trabalho como Community Manager pela SBGC. Você vê na sua experiência esses tipos de relações acontecerem "naturalmente" numa "rede social"? Digo, "comerciais"?

Marcelo Yamada Marcia Borges •

Sim, Marcia, vejo. Ocorre em qualquer troca de favores, em qualquer ajuda que será retribuída no futuro - sem qualquer implicação financeira. Reconhecimento e reciprocidade também são moedas (já diziam Davenport e Prusak).

Fernando Baptista Marcelo Yamada •

Sim... mas é sempre uma interpretação do que é justo ou correto no que se refere à distribuição de recursos em função de tipos de dedicação e situações nas quais elas

ocorrem. A questão é: em que situações é legítimo que pessoas que se dedicaram a algo recebam algo em troca? E é legítimo que pessoas que não se dedicaram a nada recebam algo porque são portadoras de títulos que lhes conferem esse direito? Como podemos enxergar essas situações colocando os nossos "óculos de ver rede"? Como ficam as possibilidades de topologia da rede nessas situações?

Marcelo Yamada Fernando Baptista •

Imagino que nas redes distribuídas (como as que discutimos aqui) não haja espaço para membros privilegiados por títulos que possuem e mais nada. Se não interagirem e não colocarem seu conhecimento em ação (ou seu patrimônio à disposição), não terão feito nada para merecer uma remuneração.

Veja que o termo "colocar seu patrimônio à disposição" legitima grande parte das remunerações que alguns podem julgar indevidas - como a remuneração de proprietários, de detentores de patentes, de banqueiros, de pessoas famosas etc.

Fatima Melca •

Não vejo porque em rede tudo deve ser gratuito. Pelo contrario, em rede se abrem possibilidades para as pessoas se posicionarem e com isso oferecer algo que interesse ao outro. Se vai ser pago, se vai ser uma troca não sei, mas deve ter um ganho. Como não vejo rede com um proposito, não vejo como fazer da rede um negócio. Penso que interagir, envolve muitas coisas, muitas sequencias de acontecimentos. E sena interação surge uma emergencia, uma produção, não há porque não se ter uma prestação de serviço. Vejo como uma troca, uma interação entre você e outro (s), entre o coletivo. Compartilhar conhecimento. Agora me passou algo como replicar. Replicar, cocriar não poderia ser visto como uma troca, um serviço oferecido?

Cris Krueel •

E ainda.. Uma rede pode ser de cooperação/colaboração, mas por que não poderia ser de competição? Uma rede onde se joga um contra os outros alguns ganham e muitos perdem. LOL?

augustodefranco Cris Kruel •

A cooperação e a competição não são propósitos, Kruel. São atributos do padrão de organização ou do modo como nos relacionamos.

Cris Kruel •

Nada é "gratuito". Talvez a rede crie maneiras de tornar algo menos caro, mas para haver colaboração é porque alguém "contribuiu" com alguma coisa.

Thiago Padovan Cris Kruel •

Acredito também que as coisas se tornam mais acessíveis Cris, pois quando trabalhamos em rede, eliminamos diversos custos que as empresas muitas vezes nem percebem.

EM
REDE
NINGUÉM PODE
LIDERAR
#SÓQUENÃO

NO ESPELHO
DA HIERARQUIA
AS REDES
SE DISTORCEM

Essa crença nasce da confusão entre hierarquia e liderança. São coisas diferentes. Aliás, só há hierarquia quando há déficit de liderança.

Toda hierarquia se erige pela materialização e repetição de passado. Na tradicionalidade, essa operação (de ereção de hierarquias) legitimava-se pela unção ou delegação proveniente de alguma instância extra-humana (divina), que se transferia pelo "sangue" (ou pela genética: as linhas sucessórias parentais, familiares, da nobreza: os herdeiros carregavam o múnus originário, que podia ser delegado, em graus subordinados, a quem a eles se submetesse). Era um objeto (como se os

superiores possuísem um estoque de “células-tronco” para construir o “corpo” hierárquico). A própria palavra hierarquia (hieros + arché) designava esse poder sagrado (etimologicamente hierarquia é uma ordem sacerdotal, um poder da intermediação).

Na modernidade, tentou-se substituir tal legado legitimatório pelo reconhecimento de determinadas características intrínsecas do sujeito que lhe confeririam a capacidade de exercer poder sobre os outros: sua vocação administrativa ou seu carisma, sua gravitatem ou sua liderança.

Essas “explicações” impediam a percepção de que hierarquia é sinônimo de centralização. Olhavam sempre para o indivíduo que, em virtude de ter sido escolhido (the chosen one) ou por força de suas qualidades inatas ou adquiridas (pelo “sangue” ou no “berço”), tinha o dever ou o direito de mandar nos outros (sim, em última instância era disso que se tratava), mas não olhavam para a rede, para a configuração do emaranhado de conexões em que o chefe ou líder se inseria.

A liderança considerada por essas justificativas não é aquela que emerge espontaneamente na rede, quando alguém toma uma iniciativa que é seguida por outros, em circunstâncias sempre temporárias, mas a “liderança” que se quer permanente de alguém que, tendo liderado algum dia, tenta congelar a configuração que permitiu essa eventualidade para enxertá-la continuamente no presente de sorte a poder liderar para sempre, em todas as circunstâncias. Isto é: monoliderança, na verdade o contrário da liderança, a qual, como fenômeno emergente, é sempre multiliderança (possibilidade, aberta a qualquer um, de liderar em determinadas circunstâncias fortuitas).

A liderança na rede flui como um rio. Os líderes que se sucedem, aparecem, desaparecem e reaparecem como “remoinhos num rio de água sempre a correr” (para usar a bela imagem de Norbert Wiener). A monoliderança – na verdade uma justificativa para a centralização e para a chefia – é sempre uma tentativa de represar o curso.

Redes mais distribuídas do que centralizadas (caracterizadas pela abundância de caminhos) são ambientes favoráveis à emergência da multiliderança. A monoliderança – do líder providencial e permanente, a prevalência do mesmo líder em todos os assuntos e atividades – constitui-se, porém, contra a liderança e só pode se constituir assim em estruturas mais centralizadas do que distribuídas, ou seja, em estruturas onde foi introduzida a escassez de caminhos.

Não há nenhuma problema com a liderança. Mas há problema, sim, com a falta de lideranças. Se não aparecem continuamente novos líderes é sinal de que algo está impedindo essa emergência.

Mas por que as pessoas continuam achando que em rede ninguém pode liderar? Não seria preferível dizer que em rede todos podem liderar (e não apenas alguns)?

UMA SÍNTESE DOS PRINCIPAIS COMENTÁRIOS

Cilene Vieira •

Esse capítulo foi esclarecedor sobre o funcionamento de redes. Até agora tinha essa percepção geral de que em rede não pode haver liderança.

É comum se falar de rede como se fosse exatamente uma alternativa à uma organização com liderança, ou seja, fala-se por aí de algo que "funciona em rede" como sinônimo da inexistência de líderes.

augustodefranco •

Se você ainda não percorreu todos os módulos, tem tempo de sobra. Ainda estamos recolhendo material para elaborar o book, levando em conta as interações de todos. Teremos, além disso, as referências bibliográficas. E o hangout amanhã (11/11/15) às 19h. Vai ser na página: <https://redes.org.br/25mitos-o...>

Fernando Lasman •

Mas vale refletir sobre a associação corrente entre líder e comandante. Geralmente se encontra essa ligação entre liderança e mando. Nesse contexto das redes liderança não implica mando, na verdade o contrario. Se ha mando ha coerção, que não sei classificar bem, mas arrisco dizer que é uma manifestação autocrática. Porque a imagem do líder-comandante é justamente aquela do chefe que pune aqueles que o desobedecem ou fazem o que não devem.

Fernando Lasman •

Estou entendendo a questão da liderança como uma articulação de pessoas em torno da iniciativa de alguém, ou alguns poucos. Seria isso a liderança? Portanto não seria tanto merito da iniciativa de alguém que tal liderança se formasse mas do alinhamento/afinidade dos outros com a iniciativa de tal pessoa. Portanto, numa rede mais distribuida, na qual veríamos mais pluralidade de iniciativas e mais conexões,

veríamos mais vezes as pessoas se alinhando com iniciativas diversas e se realinhando constantemente. O que me vem na cabeça é justo a imagem de um cardume de peixes, não sei se foi influência da foto desse módulo... Para haverem poucos líderes significa que deve haver pouca iniciativa dos outros. O que só pode significar controle, ou autocracia, além de menos conexões entre as pessoas, hierarquização. Acho que estou pegando o jeito da coisa!

guilherme witte •

Creio q essa percepção de inexistência de líderes na rede vem da utilização da palavra liderança/líder para substituir chefe, gerente, diretor, presidente, etc. das organizações hierarquizadas. Ou seja, mudou-se o nome mas a hierarquia continuou...Quando se fala de liderança não se trata de nomear um líder ou definir suas características (como o Fernando Baptista comentou).

Jacques Schwarzstein •

Não me parece que a pergunta seja a de saber se pode ou não haver lideranças em uma rede. Lideranças podem surgir e quando surgem, lá estão. Difícil eliminá-las, sobretudo falando de redes. Concordo que não são perenes, que se alternam e substituem umas as outras e acho também que pode haver várias lideranças atuando simultaneamente, seja com relação a um mesmo tema ou questão, seja com relação a temas e questões diferentes. Quando não há lideranças, não é necessariamente porque algo está impedindo seu surgimento ou sua expressão. Pode ser, também, porque ninguém deseja liderar nada. Aliás, eu diria até, que esse comportamento tipo low-profile é muito frequente no mundo de hoje, que é complexo, assustador, mutante, instável, inseguro, etc...etc..etc...

augustodefranco Jacques Schwarzstein •

A liderança em uma rede é um fenômeno que emerge da dinâmica da rede (e depende da sua morfologia) e não dos desejos individuais das pessoas conectadas.

Marcia Borges augustodefranco •

Augusto, pode exemplificar?

Jacques Schwarzstein [augustodefranco](#) •

Entendo...lideranças apesar de si mesmas, geradas espontaneamente pelo sistema ecológico em que estão inseridas. Claro. Mas ao perceber que foram sistematicamente projetadas ao patamar de liderança, sempre podem refluir e negar essas suas funções. Refugar!

[augustodefranco](#) Jacques Schwarzstein •

Podem.

Jacques Schwarzstein •

Tropecei na terceira frase. "Só há hierarquia onde não há liderança". Não foi o que a vida me ensinou. Pelo contrário. O que aprendi vivendo é que são coisas diferentes que podem conviver paralelamente, mesmo que subliminarmente ou de forma oculta. Me deparei, frequentemente, em organizações absolutamente hierarquizadas, com lideranças legítimas que atuavam paralelamente e nem sempre de modo sidérico e complementar com os indivíduos que ocupavam formalmente cargos importantes na estrutura de poder. Às vezes, ambos buscavam o mesmo fim. Eram sinérgicos. Se completavam e fortaleciam mutuamente. Outras vezes não. Para se manter, o poder hierárquico depende da força, da coação, da corrupção, da retórica e força de convencimento, dos salários ou vantagens que oferece ou da fragilidade e passividade dos subalternos. Dentro de uma empresa há poder hierárquico e lideranças informais efetivas que podem ser conflitantes. Um gestor hierárquico mais esperto, está sempre tentando identificar essas lideranças, seja para neutralizá-las seja para cooptá-las.

[augustodefranco](#) Jacques Schwarzstein •

A frase que você citou não é a que está escrita na ementa, Jacques. O que está escrito é: "só há hierarquia quando há déficit de liderança". Se há emergência de multiliderança, então tudo bem. O problema, do ponto de vista das redes (mais

distribuídas do que centralizadas) não é a liderança, mas a falta dela. Se o ambiente está configurado de modo a não permitir a emergência de lideranças, se há poucos líderes que se prorrogam na condição de líderes, então é sinal de que há um grau acentuado de centralização.

Jacques Schwarzstein augustodefranco •

Você tem razão quanto à frase. Me enganei-me. Perdão. Quanto ao surgimento de lideranças, cabe dizer, penso eu, que em redes de centralização acentuada também podem surgir lideranças. Ou não?

augustodefranco Jacques Schwarzstein •

Podem. Mas quanto mais centralizada for uma rede, menos lideranças emergirão. Teremos aqueles (mesmos) líderes que lideram a vida toda... e que, não raro, impedem (seu papel precípuo, aliás, passa a ser este - como na série Viking - não sei se você está assistindo) o surgimento de novas lideranças.

Fernando Lasman augustodefranco •

caramba augusto vc esta ligado em todas! hahah eu descobri esta a pouquissimo tempo. da pra ver certinho essa dinamica que vc disse!

Claudio Dal Prá augustodefranco •

O problema é a cristalização dos papéis na rede. A alternância de líderes demonstra a saúde e a maturidade da rede.

Jacques Schwarzstein augustodefranco •

Obrigado pela dica dos Vikings.

Marcelo Yamada •

Como podemos definir "liderança" nesse contexto? Como uma proatividade para realização de tarefas que afetam outros membros da rede (produzem ou eliminam

trabalho; suportam ou conflitam com visões individuais), com a concordância (e por vezes apoio) dos mesmos?

Fernando Baptista Marcelo Yamada •

Acho que tem muito a ver com começar a fazer alguma coisa, com tomar a dianteira.

Fatima Melca •

No meu modo de ver, tem pessoas que espontaneamente, se sobressaem mais, são mais fortes em determinados aspectos. Isso é bom. Todos podem ter liderança. O problema é quando querem que todos sigam uma pessoa. As pessoas precisam ter liberdade para liderarem ou para escolher em que cluster vão querer interagir. Assim elas se fortalecem mutuamente.

Ana Lucia Procopiak Fatima Melca •

Na trama da rede, vejo o líder como aquele que ao permear fluxos, compartilha ao aprender, aprende ao interagir, conecta ao aprender, sempre buscando encontrar imprevisíveis e abundantes caminhos.

Fatima Melca Ana Lucia Procopiak •

Ana Lucia, na rede mais distribuída que centralizada, não percebo um líder, vejo pessoas que até podem se sobressair, (clustering), mas não exercendo liderança. Percebo a figura do netweaver, que são os articuladores ou animadores de redes.

Fernando Baptista Fatima Melca •

Acho que outro problema é quando se começa a pré-estabelecer quais habilidades são mais importantes que outras e se tenta organizar as coisas a partir disso. Aí já se começa a pensar que quem é especializado em tal coisa é que deve liderar nesse campo, o que limita as possibilidades de ação coletiva.

Fatima Melca Fernando Baptista •

Fernando, penso que em rede mais distribuída que centralizada fica difícil pré-estabelecer ou estabelecer alguma coisa. Não há como. O que acontece emerge de interações. Na rede que estamos falando, o que tiver que acontecer acontece, mas não acontece por decisão de alguém, ou mesmo de um consenso, acontece pela auto-organização, pelo padrão que as interações estão ocorrendo.

augustodefranco Fatima Melca •

Sim, Fatima. E isto ocorrerá na medida direta do grau de distribuição (e de conectividade e de interatividade) da rede.

Cris Kruehl •

Se para liderar você deve ser "seguido", então quanto mais distribuída for a rede, maior a possibilidade de qualquer nodo da rede - ao interagir - tentar influenciar e desta forma tornar-se líder.

Neste mito vejo claramente a lição das redes centralizadas, descentralizadas ou distribuídas, e a diferente oportunidade de cada novo tentar exercer a liderança.



É uma crença muito disseminada a ideia de que decisões em uma rede devem ser tomadas por consenso. Mas tomar decisão evoca uma lógica da escassez, não da abundância.

Redes (mais distribuídas do que centralizadas) podem ser definidas como múltiplos caminhos. Em geral ambientes sociais são caracterizados por abundância de caminhos (e, conseqüentemente, de opções) a menos quando há obstrução ou eliminação de caminhos (conexões) introduzidas de modo artificial. De modo artificial, sim, porque a obstrução (ou a eliminação) não emerge da dinâmica própria da rede

(distribuída): ela é operada top down por alguma hierarquia que deforma (verticaliza) o campo social. Essa é, aliás, a forma pela qual a hierarquia se reproduz, transformando tudo que toca em ambiente hierárquico ou centralizando a rede. Se não produzimos artificialmente escassez quando nos pomos a regular qualquer conflito, "produzimos" rede (distribuída); do contrário, "produzimos" hierarquia (centralização).

Todo processo delegativo ou participativo gera artificialmente escassez. A designação (nomeação), assim como a votação, a construção administrada de consenso, o rodízio e até mesmo o sorteio, não são procedimentos adequados à ambientes onde há abundância de caminhos. Ou melhor, quando aplicados, tais procedimentos reduzem o número de caminhos e são, portanto, geradores de escassez.

Uma das coisas mais bacanas das redes sociais distribuídas é a chamada "lógica da abundância".

Os problemas que se estabelecem a partir de divergências de opinião são – em grande parte – introduzidos artificialmente pelo modo-de-regulação. Por exemplo, queremos escolher 5 pessoas para uma função qualquer, mas 10 pessoas estão postulando. Problema? Que nada! Basta escolher as 10. Quem disse que teriam que ser apenas 5? Essa determinação está, por acaso, nos "10 Mandamentos"? Isso só será um problema se nos tornarmos escravos dos estatutos e regimentos: sim, em algum lugar foi definido que teriam que ser 5 pessoas, mas e daí? Qual o problema de mudar essa definição?

Ah! Mas é muita gente, não cabe na sala, vai dificultar o processo de decisão... Todas essas são, é óbvio, desculpas esfarrapadas para produzir artificialmente escassez. Não cabe na sala? Arrumamos uma sala maior ou fazemos um rodízio de quem entra e quem fica fora de cada vez. Vai dificultar o processo de decisão?

Criamos duas instâncias e redefinimos as responsabilidades pelas funções.

O fato é que somente em estruturas hierárquicas essas coisas são realmente problemas. Porque nessas estruturas o que está em jogo não é a funcionalidade do organismo coletivo e sim o poder de mandar nos outros, quer dizer, a capacidade de exigir obediência ou de comandar e controlar os semelhantes.

Quanto mais distribuída for uma rede, mais a regulação que nela se estabelece pode ser pluriárquica. Uma pessoa propõe uma coisa. Ótimo. Aderirão a essa proposta os que concordarem com ela. E os que não concordarem? Ora, bolas, os que não concordarem não devem aderir. E sempre podem propor outra coisa. Os que concordarem com essa outra coisa aderirão a ela. E assim por diante.

O papel dos administradores das ferramentas de *netweaving* (como plataformas digitais, por exemplo) usadas por uma rede não é o de chefes, nem mesmo o de líderes. Eles devem ser *netweavers*, não coordenadores. Muitas vezes os administradores de sites e grupos em uma plataforma interativa não cumprem nem mesmo o papel de *netweavers*. São apenas pessoas que tomaram a iniciativa de abrir um site, formar um grupo, colocar um tema em discussão em um fórum ou marcar um evento. Quem deve aderir a essas iniciativas? Quem quiser. E quem não quiser? Quem achar que não é bem assim, que poderia ser melhor “um pouquinho”, que o desenho não está adequado, que a proposta está equivocada etc., pode sempre dizer isso para as pessoas que tomaram a iniciativa. E se não adiantar, se essas pessoas insistirem em manter o que propuseram? Ora, nesse caso, também não deveria haver o menor problema. Quem não está totalmente satisfeito ou confortável com o que foi proposto, pode propor outra coisa.

Em redes mais distribuídas do que centralizadas nunca se admite a votação como método de regular majoritariamente qualquer dilema da ação coletiva. E quando há discordâncias de opiniões, como fazemos? Ora, não fazemos nada! Por que deveríamos fazer alguma coisa? Viva a diversidade! Se você estabelece alguma coisa a partir da votação, cai numa armadilha centralizadora ou hierarquizante. Produz “de graça” escassez onde não havia.

A exigência de obter consenso não raro exige a adoção de um processo de construção administrada do consenso e isso também produz escassez e, conseqüentemente, centraliza (ou hierarquiza) a rede.

Por que? Porque a busca do consenso exige, na prática, a condução centralizada: há sempre uma oligarquia participativa que administra a construção do consenso, impondo a todos uma metodologia, um conjunto de passos obrigatórios para se alcançar determinado resultado esperado. E o consenso administrado - a não ser quando haja espontânea unanimidade (o que dispensa administração) - é sempre um consenso majoritário (quem não concorda com o consenso produzido deve acatar o resultado obtido pela... maioria!). Ao fim e ao cabo, mesmo quando todos pareçam dedicados à construção do consenso, o ethos é competitivo. Compete-se, quando menos, pela maior habilidade de extrair o consenso, pela capacidade de melhor expressar os desejos da maioria, pelo domínio de uma técnica mais aperfeiçoada de prorrogar determinada liderança.

Mas o que seria "tomar decisão" em uma rede? Qual a necessidade de tomar uma decisão? E por que todos deveriam concordar com tudo? E para quê deveriam concordar se, em rede, as pessoas não estão obrigadas a fazer nada que não desejam fazer, concordando ou discordando de alguma proposta?

UMA SÍNTESE DOS PRINCIPAIS COMENTÁRIOS

Marcia Borges •

Sempre me colocando como uma total analfabeta no tema rede. Ok, ao ler os posts, acabo por entender as redes como algo que se mergulha . Se gostei de um cardume me uno a ele, senão procuro outro? Ou então procuro outra rede? Nunca gostei da idéia de valor, missão, produtivismo e essa chatice toda das redes centralizadas que na realidade tentam um "consenso conforme". Mas não estou conseguindo estender o processo das redes para algo concreto ligado ao meu acordar/ viver/evoluir.O que estou perdendo exatamente? OU ganhando? Em tempo: estou percebendo muito que a história de "ter que ter consenso" não leva aos melhores fins. Mas gostaria de resolver um problema, terei que ficar nadando na rede até quando

augustodefranco Marcia Borges •

Você terá que ficar nadando a vida toda, Marcia. E talvez além... hehehe :D Em rede você está ganhando vida. Se você quiser parar de nadar, morre. Porque interrompe a alostase. Tudo que vive tem o padrão de rede. Sua pessoa, como ente social, é rede. Seu cérebro (parte do seu organismo) está organizado em rede (procure aí o neurônio-gerente: você não vai encontrá-lo, felizmente, do contrário não poderíamos estar mantendo esta conversa). Tudo que você faz - sabendo disso ou não - também é em rede, inclusive a empresa em que você trabalha ou a instituição em que você estuda, também é em rede (mas, no caso dessas instituições, essa rede viva está soterrada sob muito entulho hierárquico). Então a questão é simples: ser-em-rede é não bloquear fluxos. Sim, mergulhe no fluxo. Vai ser muito mais divertido.

Rafael Ferreira •

Esse mito remete a questões políticas clássicas da organização/estado. Penso que a dificuldade de pensar que pode não haver necessidade de decisão tem a ver com a preponderância que organizações políticas tem sobre a nossa vida civil por assim dizer. O quanto a noção de governantes e governados, representantes e

representados perpassa a nossa convivência. O conceito de rede mexe com pressupostos muito arraigados na mentalidade dita normal. É difícil pra muita gente perceber que opiniões divergentes não precisam se transformar em disputa.

Fernando Lasman •

Eu acho que se falamos em rede já propomos uma lógica, uma interpretação do social que tem suas características próprias. Portanto, trocando as palavras (tentando deixar explícito) a questão do consenso ficaria assim: "nessa visão do comportamento social, que surge da pela espontaneidade da interação e das iniciativas das pessoas, as decisões dum conjunto social devem acontecer de forma que todos se conformem a mesma opinião". Ou seja, ou a decisão fica pra probabilidade ínfima de todos expressarem a mesma opinião ao mesmo tempo, ou a decisão não está condicionada pela pluralidade e liberdade das opiniões do conjunto. Esta, logo, não se alinha a dinâmica espontânea de comportamento social que se entende pela visão de redes.

Acho que a chave das redes é perceber que qualquer comportamento comum que se enxerge das pessoas é consequência direta (dos graus de variação) da liberdade de iniciativa e interação que haja entre elas. Esse, ao meu ver, é o carro-chefe. Caso haja comportamentos comuns que não sejam consequências dessas coisas ou não se fala em rede, ou se fala o contrário.

Mas acho que a ideia mais fundamental é perceber que humanos então em rede inerentemente. Ou seja, essa dinâmica nos é própria. Logo, interpretar os acontecimentos sociais por esse prisma se faz pertinente, pois condiz com o que vivemos naturalmente.

MAS PROponho uma OUTRA Questão: Por esta pertinência, se identifica o valor dessa visão. Mas esta delimita a interpretação do comportamento social, deixando de lado as questões materiais e pessoais, subjetivas. Quando se define o comportamento social como tudo aquilo que emerge da interação e livre iniciativa entre as pessoas, se deixa de fora esses outros aspectos que podem (talvez indiretamente, apenas) influenciar os fenômenos sociais. O quanto a individualidade e o plano exterior, físico,

tambem nao afetam as manifestacoes sociais? Parece que fica meio abstrato o estudo das redes sem esses outros fatores. Nao da pra imaginar o comportamento de um cardume sem ter a agua, ou uma revoada sem ter o vento na cena. O que eu quero dizer é que nao se pode descartar outros fatores e determinar que só o estudo das redes é proprio para analisar o comportamento social. Talvez a descoberta das redes tenha um apelo forte pela novidade, mas acho que nao se deve descartar tudo o mais que se estuda que pode afetar o social. - social social social, pra ser mais reduntante ainda!! heheh- Portanto, gostaria de saber a opiniao dessa rede aqui sobre isso!

Marcelo Yamada •

No contexto das redes como as temos definido neste curso, a troca do termo "decisão" por "escolha" não tornaria a compreensão mais clara?

Entendo também que a afirmação de que "nessas estruturas (as hierárquicas) o que está em jogo não é a funcionalidade do organismo coletivo e sim o poder de mandar nos outros, quer dizer, a capacidade de exigir obediência ou de comandar e controlar os semelhantes" tem o objetivo de polemizar e portanto causar discussão - mas não podemos desenvolver o conhecimento sobre o funcionamento das redes às custas da distorção da mecânica de funcionamento das estruturas hierarquizadas. Elas têm em geral um propósito claramente definido e, nesse contexto, decisões são tomadas (com maior ou menor participação dos membros) como parte da trajetória em direção a um objetivo conhecido por todos - e não apenas como exercício de dominação.

augustodefranco Marcelo Yamada •

Marcelo, tanto faz se alguém escolhe para os outros. De qualquer modo, é sempre o poder de mandar nos outros ou de comandar-e-controlar que está em jogo em estruturas hierárquicas. Não há uma distorção da "mecânica de funcionamento de estruturas hierárquicas": você conhece alguma que não seja regida por modelos de gestão baseados em comando-e-controle?

Fatima Melca •

Tomar decisão em rede? Na rede encontramos o coletivo. Aquele grupo que você compartilha, troca, ressignifica, junta, separa, mistura, quantas vezes quiser. Depois? É depois. Mas naquele momento é o que te liga, é o que te move. Necessidade de tomar decisão? Isso é um imperativo. Não combina com rede, que tudo move, tudo muda e assim vai. Concordar com tudo é complicado. Um holograma nos permite ver tantas coisas, que para uns é a verdadeira imagem e para outros não, simplesmente porque não viram pelo mesmo ângulo/modo. Em rede estamos interagindo. Tudo está na troca, no fluxo, no compartilhamento.

Fatima Melca Guest •

Sim a decisão é pessoal, não existe consenso. Não ''e porque todosmpulam que vc vai pular. Ou você interage com o grupo que te parece bom para você, ou você vai interagir com outro coletivo, outras pessoas, ou não interage. Se voce não interage com aquele coletivo, não há porque pular. Tem que se pensar em sincronização e comportamento emergente.

Fernando Baptista Guest •

Não era Nike, era Wilson!! Hehe... isso é fundamental no filme e na nossa conversa! Ele personalizou a bola, tinha emoções por ela.

Fernando Baptista Fatima Melca •

Sim, grandes decisões quase nunca são necessárias, as direções dos fluxos emergem a partir das pequenas decisões das pessoas-rede.

Fernando Baptista Guest •

Duas perguntas, Cassiano: 1) Como a rede junta decisões pessoais? e 2) O que é a noção da força dos vários gravetos?

Fernando Baptista Guest •

Ok, Cassiano, vamos nos concentrar na 1)... é importante atentar a que o que liga as pessoas são as mídias (e não a rede), aquela questão lá dos mitos 1 e 2... quando estamos falando aqui de rede, estamos falando do padrão no qual as pessoas estão ligadas (interagindo)... nesse sentido, uma coisa "em rede" é uma situação na qual as pessoas estão interagindo de maneira distribuída (cada pessoa acoplada a uma grande quantidade de pessoas ao seu redor, formando um tecido, e ninguém submetido a autoridades superiores - situação também às vezes chamada de P2P)... quando essa situação se dá, existe uma altíssima influência das pessoas umas nas outras... a decisão de uma pessoa reverbera nas outras que estão ao seu redor, que por sua vez também vão decidir algo em algum momento, reverberando também em todas ao redor (inclusive de volta na primeira)... é uma dança de decisões, de mudanças de opinião, de aprimoramentos e surgimentos de novas opiniões, múltiplos vai-e-vens... assim o que se dá não é uma agregação (soma) de decisões (como seria uma contagem na qual a que tem mais votos ganha), mas uma dinâmica na qual as decisões vão se transformando, e emergem vários fluxos de ações que se movem, se dividem, se juntam novamemre de modo distinto... essa é a dinâmica que caracteriza, por exemplo, um enxameamento (um fenômeno que só pode acontecer numa situação na qual as pessoas estão em rede distribuída). Percebe a diferença disso pra uma situação na qual indivíduos votam pra escolher algo em uma eleição? (na qual supostamenre se somariam as preferências cristalizadas de cada um)

Fernando Baptista Guest •

Ao meu ver, toda interação tem mídia, a não ser talvez quando corpos estão se tocando (mas talvez no nível molecular também tenha, não tenho certeza)... o ar, que carrega o som das nossas palavras é mídia... os idiomas também... e a luz que reflete no mundo e inunda nossas retinas. Vejo tudo aquilo que conecta nossas percepções e nos permite exercer influência uns nos outros como mídia.

Jacques Schwarzstein Fernando Baptista •

Bom!!!

Cris Kruel •

Isto me fez retornar ao Módulo 7 - As redes precisam ter propósito? Se não precisam, então é pouco provável que precisem "tomar decisões". Mas se a rede - por qualquer razão - tiver que tomar uma decisão qual a melhor maneira de fazê-lo? E se qualquer um poderia entrar e sair, e eventualmente retornar, isto significa que os vencidos e incomodados que se retirem?

Fernando Baptista Cris Kruel •

Colocando de outra maneira, se uma rede precisa ter propósito e precisa tomar certas decisões, isso quer dizer que topologicamente ela já é menos rede (é menos distribuída).

augustodefranco Cris Kruel •

Não há o conceito de vencido, a menos que haja hierarquia. Incomodados pode haver, mas neste caso eles simplesmente se conectam e interagem com outras pessoas que não os incomodem.

UMA BOA REDE É AQUELA COMPOSTA POR PESSOAS CONSCIENTES E ÉTICAS

#SÓQUENÃO

NO ESPELHO
DA HIERARQUIA
AS REDES
SE DISTORCEM

Uma das crenças mais nocivas que se espalharam sobre as redes sociais é a de que uma boa rede é composta por pessoas boas. A qualidade da rede dependeria, assim, da qualidade de seus nodos. A rede seria um somatório dos nodos. Mas o social (quer dizer, a rede social) é o coletivo dos indivíduos (com suas características intrínsecas) ou o que está entre eles?

Entretanto, todas as evidências apontam que os fenômenos que ocorrem em uma rede não dependem das características intrínsecas de seus nodos.

Quem quer entender redes deveria começar refletindo sobre a frase do físico Marc Buchanan (2007), em O átomo social:

“Diamantes não brilham por que os átomos que os constituem brilham, mas devido ao modo como estes átomos se agrupam em um determinado padrão. O mais importante é frequentemente o padrão e não as partes, e isto também acontece com as pessoas”.

A ideia de que a fenomenologia de uma rede é função das características de seus nodos (das suas ideias, consciência, conhecimentos, habilidades, valores ou preferências) ainda faz parte de uma herança cultural hierárquica difícil de ser questionada. Dizer que a fenomenologia de uma rede é função da sua topologia é um verdadeiro choque para essa cultura que encara as sociedades humanas como coleções de indivíduos e não como sistema de relações entre pessoas, como configurações de fluxos ou interações.

Sim, rede = interação. O comportamento coletivo não depende dos propósitos dos indivíduos conectados (ou de suas outras características, individualizáveis). Ele é função dos graus de distribuição e conectividade (ou interatividade) da rede.

Mas por que demoramos tanto para perceber isso? Talvez porque, enquanto olhávamos os nodos (as árvores), deixávamos de ver a rede (a floresta, ou melhor, não propriamente o conjunto das árvores, mas as relações que constituem o ecossistema (como os clones fúngicos subterrâneos, por exemplo) sem o qual as árvores – nem algumas poucas, nem muitas milhares – podem existir). Talvez porque fomos induzidos a fazer a busca errada: enquanto procurávamos um conteúdo não podíamos mesmo encontrar um padrão de interação. Talvez porque, influenciados pela máquina econômica construída pelo pensamento hobbesiano-darwiniano, enquanto tentávamos prever o comportamento coletivo a partir das preferências individuais, escapava-nos aquilo que exatamente faz do sistema algo mais do que a soma de suas partes: o social. Fixávamo-nos em objetos capturáveis, não em relações, não em fluxos. O rio no espaço-tempo dos fluxos permanecia, para nós, escondido.

Conjuntos de nodos são apenas conjuntos de nodos. Não são redes. A representação estática chamada grafo, disseminada pela SNA (Análise de Redes Sociais) não ajuda muito a compreensão da rede: pontos (vértices) ligados por traços (arestas) passam uma imagem abaixo de sofrível daquele emaranhado dinâmico de interações que constitui a essência do que chamamos de rede, sempre fluindo e alterando sua configuração. Ademais, os nodos não são propriamente pontos de partida nem de chegada de mensagens, como se fossem estações ligadas por estradas por onde algum objeto ou conteúdo vai transitar. Eles também são caminhos. Aliás, nas redes sociais, os nodos não existem como tais (como pessoas) sem os outros nodos a ele ligados, constituindo-se, portanto, cada um em relação aos demais, como caminhos de constituição disso que chamamos de 'eu' e de 'outro'.

Assim, não é o conteúdo do que flui pelas suas conexões que pode determinar o comportamento de uma rede. É o fluxo geral que perpassa esse tecido ou campo, cujas singularidades chamamos de nodos, que consubstancia o que chamamos de rede. Esse fluxo geral não tem nada a ver com mensagens contidas em sinais emitidos ou recebidos: são padrões, modos-de-interagir. Se há uma mensagem (um conceito mais informacional do que comunicacional), esses padrões é que são a mensagem.

O conceito de consciência mais atrapalha do que ajuda a entender o comportamento coletivo.

O social passa ser o modo de ser humano nas redes com alta tramatura dos mundos interativos que estão emergindo. Em outras palavras, passamos a constituir um organismo humano "maior" do que nós. Passamos a compartilhar muitas vidas, com tudo o que isso compreende: memórias, sonhos, reflexões de multidões de pessoas, que ficam distribuídas por todo esse superorganismo humano (e não super-humano). Podemos, como nunca antes, ter acesso imediato a um conjunto enorme de informações e, muito mais do que isso, podemos gerar conhecimentos novos com uma velocidade espantosa e com uma inteligência tipicamente humana (não de máquinas, computadores ou alienígenas), porém assustadoramente "superior" a que experimentamos em todos os milênios pretéritos.

E tudo isso pode ocorrer sem a necessidade de termos consciência (individual) do que está se passando. Ao viver a vida da rede, apenas vivemos a convivência: não precisamos mais tentar capturá-la e introjetá-la, circunscrevê-la ou mandalizá-la para conferir-lhe a condição de totalidade, erigindo um grande poder interior de confirmação para nos completar da falta dos outros e nos orientar nos relacionamentos com eles. Tal necessidade havia enquanto podia haver a ilusão da existência do indivíduo separado de outros indivíduos; ou quando um (ainda) não era muitos. Toda consciência é consciência da separação, inclusive a consciência da unidade, da totalidade, ou da unidade na totalidade, é uma resposta à separação. No abismo em que estamos despencando ao entrar em mundos de alta interatividade, não há propriamente isso que chamávamos de consciência.

Como epígrafe de um dos capítulos de "Os filhos de Duna", o escritor de ficção Frank Herbert (1976) colocou na boca de Harq al-Ada, cronista do Jihad Butleriano (a guerra ludista contra as máquinas inteligentes):

"O pressuposto de que todo um sistema pode ser levado a funcionar melhor através da abordagem de seus elementos conscientes revela uma perigosa ignorância. Essa tem sido frequentemente a abordagem ignorante daqueles que chamam a si mesmos de cientistas e tecnólogos".

E aí?

UMA SÍNTESE DOS PRINCIPAIS COMENTÁRIOS

augustodefranco Guest •

A lógica desse programa, Cassiano, é se deixar influenciar (e não o contrário). Não há aqui um debate sobre visões cristalizadas e sim uma conversação sobre diferentes pontos de vista. Os que propuseram e cocriaram o programa não são um grupo (e sim pessoas conectadas em rede que empreendem em rede), não pensam da mesma maneira e não querem chegar a nenhum consenso, estabelecer qualquer tipo de verdade ou opinião correta (orto-doxa) ou majoritária. Trabalhamos sempre numa ecologia de diferenças coligadas. E isso está acontecendo, felizmente. As pessoas estão dizendo o que pensam e conversando sobre isso. É só isso.

augustodefranco Guest •

Cassiano, os textos são provocativos. Não há qualquer visão cristalizada que você tenha que aceitar. Você só tem que pensar, pensar, pensar... Modelos mentais não existem. A mente é uma nuvem social (que não se confunde com o cérebro). Tem muita coisa para pensar...

Fernando Baptista Guest •

O comportamento coletivo aqui no caso é a dinâmica (modo) através da qual um fenômeno coletivo se passa, não se refere especificamente ao "resultado" do que se passa. Isso esclarecido, as respostas às suas perguntas:

Nunca vivemos na história da humanidade uma situação de tamanha conectividade e interatividade, e a internet tem um grande peso nisso (mas não só ela)

Fernando Baptista Guest •

Por quê não conferem?

Cris Krueel •

Não me sinto apto a comentar muito sobre o texto. Mas estou começando a crer que:

(1) a qualidade de uma rede (cascalho ou diamante, empresa que lucra ou aquela que é boa para se trabalhar, rede boa ou ruim... ou o que é que signifique isto)

(2) não é garantida pela qualidade dos seus nodos (átomos, pessoas boas conscientes ou éticas)

(3) mas altamente dependente da sua organização e fluidez (topologia, interações, fluxos, relações...)

Fernando Baptista Guest •

Cassiano, talvez isso ajude: o texto não diz porque ou como os bisões foram parar lá na caverna, na verdade fala das possíveis maneiras como isso pode ter acontecido (em função da topologia social). Se os desenhos foram feitos por um ser humano que se perdeu do bando quando criança e nunca mais encontrou outro humano, então nesse caso não há comportamento coletivo (porque não existe o coletivo)... se os desenhos foram feitos por algumas pessoas que obedeciam ordens de um chefe, então existia uma situação de rede centralizada e o comportamento coletivo se deu de um certo modo... se os desenhos foram feitos por pessoas não-submetidas ao poder de alguém e mutualmente acopladas por se perceberem mutualmente, então existia uma situação de rede distribuída e o comportamento coletivo se deu de outro modo diferente. Percebe que o texto se refere aos possíveis modos de como pode se dar o comportamento coletivo (em função unicamente da topologia da rede de relações), e não ao resultado mais evidente que sai do comportamento coletivo (nesse caso, os bisões desenhados)? Você percebe a diferença entre uma coisa e outra?

Fernando Baptista Guest •

Cassiano, eu concordo com você em relação às decisões pessoais influenciarem a topografia das interações (ou, dito de outro modo, a rede)... efetivamente, quando pessoas decidem não se submeter à hierarquias e seguir interagindo entre elas, se configura uma situação de rede distribuída (independentemente do que elas digam ou

pensam - uma delas pode até ser um individualista metodológico ferrenho, e mesmo assim, se ele continuar interagindo livremente com muitas pessoas, estará atuando em rede distribuída e de modo colaborativo). No que se refere ao comportamento coletivo, se existe algo como 'a decisão', seria essa.

Cris Kruel •

Faço coro aos "uaus" abaixo. Vou reler esta com um bom vinho mais a noite.

Às vezes isto me faz pensar na imensidão do universo, e às vezes no infinito mundo quântico, e às vezes que um abocanha o outro.

guilherme witte •

E aí? Realmente vou ter q reler mais algumas vezes (o texto e os comentários...)

Catia Urbanetz guilherme witte •

Digo o mesmo, Guilherme!

augustodefranco guilherme witte •

Reler é bom, Guilherme, porque as pessoas ainda estão comentando. O trem aqui é dinâmico, hehe. Você não passa por um módulo e se livra dele tão facilmente, porque aparecem novas pessoas que comentam e outras que comentam os comentários... e outras, ainda, que comentam os comentários dos comentários.

Fernando Baptista augustodefranco •

Pois é, esse módulo 11 em particular tá interessantíssimo!

Fatima Melca •

Uma questão: Vamos lá: Se, como eu penso, a rede social é o que está entre as pessoas (o fluxo de interação, o padrão que a interação se auto organiza, topologia da rede e a fenomenologia da interação) ... E se em outra discussão eu mencionei que não

são nos nodos, nem na trilha de feromornios que a interação se estabelece, mas sim na comunicação indireta que se dá entre as pessoas e ambiente . a)Seria correto eu dizer que a rede social é o que está interagindo em fluxos constante entre pessoas e o ambiente? b)Seria correto eu dizer que a rede social se dá pelo modo de comunicação indireta entre pessoas e ambiente (stigmergia)?

Fernando Baptista Fatima Melca •

Acho que a gente não precisa pensar as pessoas separadas do ambiente (meio)... duas pessoas podem estar de mãos dadas dançando, conversando por texto em lados opostos do mundo, ou seguindo pistas deixadas por outras no jogo geocast (você conhece? acho super interessante!)... penso que se conseguirmos esquecer o que é indivíduo e o que é ambiente e tentarmos olhar para os fluxos, para aquilo que se movimenta nesse caldo, aí enxergamos mais facilmente a rede.

Fatima Melca Fernando Baptista •

Fernando, Não penso as pessoas separadas do ambiente. Penso que as pessoas interagem com pessoas, com ambientes e com os artefatos. O que não gosto é de pensar em pistas que se parecem com mensagens, que um passa para o outro, Prefiro pensar em uma sincronização, que quando os caminhos se cruzam, naquele momento do fluxo elas podem ficar mutuamente dependentes, mas a seguir, voltam a sua independencia, que pode ser modificada para sempre pelo cruzamento ou não. Penso que as trocas ocorrem por comunicação indireta (stigmergia). Na rede social, não vejo indivíduos, vejo pessoas que interagem umas com as outras, com o ambiente, com elas , com o coletivo...

Fernando Baptista Fatima Melca •

Tenho impressão que a interação, e consecutivamente o que aparece como rede, vai além da ideia de stigmergia. Porque algo só é indireto quando se estabelece uma separação, é isso que quis dizer.

Fatima Melca Fernando Baptista •

Fernando está sendo ótimo conversar com você. Essa troca, esse concordar e discordar é que torna tudo tão dinâmico, tão rede. Não penso em te convencer que o que eu penso é o certo, isto não seria interação em rede (conectividade e Interatividade), seria mais uma disputa de saber mais. E não sei nada e nada sei, principalmente diante de tantas incertezas. Não vejo indireto como separação. Se eu compro cd pirata, indiretamente financio a ilegalidade. Vejo mais indireto como uma falta de intencionalidade, é assim porque é. Por exemplo: se as formigas vão buscar alimento e cada vez demoram mais a voltar, então não há porque continuarem buscando nessa fonte. A demora em voltar, indiretamente faz com que passem a buscar outros caminhos. Se algo parece não estar dando certo, se muda. É do fluxo, não é separado, é assim porque é.

Fernando Baptista Fatima Melca •

Também estou gostando de conversar com você, Fatima :-)

Sim, acho que agora entendi o sentido de indireto. Seria como dizer que algo que emerge como resultado da interação vai informar as interações futuras, é isso?

augustodefranco Fernando Baptista •

Ou, talvez, as interações - que só existem no presente - podem ser narradas num modo passado ou num modo futuro.

Fatima Melca Fernando Baptista •

Fernando, vamos lá. No meu modo de ver, quando sequencias independentes cruzam seus caminhos, elas nesse momento, se tornam mutuamente dependente, mas depois elas voltam a ser mutuamente independentes. Mas pode ser que elas, ou uma delas fique tão mexida que não volte a ser mais a mesma, mas também pode ocorrer de voltar a ser como era antes. Não se afetou, se afetou só naquele momento. Em uma rede não hierarquica, mais distribuida que centralizada, não creio que exista nada que se possa dizer é assim, vai ser assim, está previsto que seja assim. Tudo na rede é Fluzz, não sei como dizer que algo vai informar interações futuras. Futuro é futuro. Existe o

momento. Existe o mergulhar e ir. Uma musica que talvez ajude: que noticias me dão dos amigos? que noticias me dão de vc?:nada será como antes, amanhã... Será?

Fernando Baptista Fatima Melca •

Sim, eu concordo com você, acho que vemos rede e interação de modo bem parecido... o que me intrigou mais foi a ideia de comunicação indireta e stigmergia... entendo stigmergia em relações humanas como algo parecido com, por exemplo, a criação de um texto coletivo no google docs... alguém vai lá, escreve algo, outra pessoa complementa ou corrige, edita, e assim vai... isso acontecendo ao mesmo tempo ou com intervalos de tempo entre as intervenções... e o que sair daí serão resultados imprevisos, não planejados, pessoas talvez diferentes, e talvez um novo potencial interativo, com uma topologia de acoplamentos diferente. Quando você fala de stigmergia, seria algo assim?

Fatima Melca Fernando Baptista •

Fernando, sim é isso. Você pode ver também essa comunicação em sinais de transito. Tem um estudo que mostra como é regulado.Ou melhor uma auto-regulação dependendo do fluxo. Muito interessante esses estudos. Li um sobre wikis e outro sobre o transito bem interessantes. Eu penso que mesmo enquanto as pessoas estão mutuamente dependentes, os resultados são imprevisíveis. Por outro, quando vc menciona topologia de acoplamentos diferentes, não seria mais fenomenologia de interação. Porque , no meu modo de ver a topologia se refere mais a se a rede é centralizada, multi ou distribuida, e a fenomenologia, fala mais dessa interação. Isso vendo interação como acoplamentos, cruzamentos, sequencias mutuamente dependentes.O que vc acha?

Fernando Baptista Fatima Melca •

É porque eu penso que quando as pessoas estão interagindo de modo livre, existe o potencial (ou talvez a tendência) de emergência de novos modos de acoplamento, então também alteraria a topologia, que fica mais distribuída... é como se a coisa se

realimentasse (mais interação levaria a mais distribuição que levaria a mais interação e assim por diante)... acho que um exemplo disso é a emergência das línguas humanas... ou a mescla de texto, imagens e vídeos que se usa cada vez más (novas sintaxes, como se fosse o princípio da emergência de novas formas de acoplamento, que se adicionam às anteriores e aumentam o campo de possibilidades). Você concorda?

Fatima Melca Fernando Baptista •

Fernando, eu penso que existe o momento. Do mesmo modo que não dá para andar duas vezes no mesmo rio, por que tudo flui e não será a mesma água, a mesma areia. Naquele momento a topologia é aquela - me parece que estamos falando da mais distribuída que centralizada e a interação é aquela. Penso que naquela interação é aquilo. Outro momento, já são outras interações. Quanto mais distribuição, mais interação. Você mesmo diz que novas formas de acoplamento se adicionam as anteriores. Então, no momento x tínhamos aquelas interações que produziram aquelas emergências. É o que é. O atual, o momento presente. Outro momento, já serão outras interações, um reino de possibilidades-o virtual. O que você acha?

Fatima Melca Guest •

Cassiano, considero sim. Na Rede de Significações, eles falam na matriz sócio-histórica. No meu modo de perceber, não penso em algo determinante, que sempre estarão lá para guiar a decisão. Penso no fluir, na interação. Compreendo seu posicionamento, só não penso assim.

Fernando Baptista Fatima Melca •

Acho que é isso mesmo! Penso que são duas esferas de fenômenos, uma no campo da ação das pessoas (sempre limitada pela topologia) e outra no campo de fenômenos coletivos emergentes (também dependente da topologia), uma esfera não pode ser reduzida à outra, mas elas dançam juntas. E nessa dança, a topologia vai se alterando. Num organismo vivo, essas esferas seriam a das interações moleculares e a dos

fenômenos emergentes que caracterizam o organismo, acho. Mas num dado momento, acho que é isso mesmo, que é o que é. Faz sentido?

Fernando Baptista Fernando Baptista •

Fatima, relendo aqui essa thread, e pensando lá nas suas perguntas iniciais, minha impressão é que a rede (ou seja, a topologia) é o que estabelece essa influência indireta entre a esfera do comportamento individual e do comportamento coletivo. Porque o comportamento individual pode impactar a topologia (deixando a rede mais ou menos distribuída), o que impacta então o comportamento coletivo... e os fenômenos coletivos também podem impactar a topologia, o que por sua vez limita ou influencia o comportamento individual. Augusto, o que você acha disso?

Marcia Borges Fernando Baptista •

Depois de acompanhar os threads deste módulo para mim isto é o que mais faz sentido.

augustodefranco Fernando Baptista •

Eu acho bom!

augustodefranco augustodefranco •

Mas acrescento que o comportamento individual nunca é individual a não ser no sentido de que cada pessoa espelha o seu mundo social (o multiverso de suas relações) de modo único. Então, se algum nó da rede tem um comportamento que possa ser considerado individual, ele já é resultado de uma fluência que o atravessou. De sorte que não se pode pensar a partir da dicotomia (e muito menos da complementaridade) indivíduo-rede.

Fernando Baptista augustodefranco •

Sim, seria então comportamento pessoal ao invés de comportamento individual, não é? Assim como as decisões também seriam pessoais, a esfera da liberdade humana.

Considerando então que pessoas seriam singularidades emergentes no tecido da rede, e que possuem uma esfera de liberdade (exercida por meio das decisões pessoais), e aplicando a mesma ideia a fenômenos coletivos, daria pra pensar que fenômenos coletivos também possuem uma esfera de liberdade e "tomam decisões"?

augustodefranco Fernando Baptista •

Penso que em redes de humanos, quer dizer, redes sociais, quem "toma decisões" é sempre a pessoa, Fernando. A questão é saber o que é a pessoa.

Giovanni G. Bianco augustodefranco •

Exatamente! O que é a pessoa? Essa parece ser a questão fundamental que dirime a aparente dicotomia indivíduo-rede.

Toda nossa abordagem sobre essa questão parte de um pensamento ainda não informado por evidências recentes da nova ciência das redes. É um pensamento guiado pela oposição histórica entre indivíduo e coletividade (ou indivíduo e sociedade, ou indivíduo e grupo). De fato, partindo dos pressupostos epistemológicos que levaram à conceituação de indivíduo e coletividade, a dicotomia é insolúvel.

Mas penso que essa dicotomia se resolve (ou, pelo menos, toma uma forma completamente distinta e demanda outro tipo de tratamento teórico) quando falamos em pessoa e rede. Pessoa não é indivíduo. Rede não é "coletividade" (no sentido estático de grupo).

Não dá pra entrar nessa conversa sem entender um pouco de padrões e da fractalidade que existe entre a pessoa e a rede. Também não vamos entender isso sem passar pela ideia de complexidade, porque só assim poderemos perceber que, embora a pessoa seja um espelho da rede, isso nunca há de significar determinismo social (pois ela metaboliza isso de forma única e -- sendo também rede -- imprevisível, emergente, criativa).

Só usando "óculos de ver redes" vamos entender que a interação que tece cada pessoa na (e como) rede, não reduz em nada a liberdade pessoal para agir de maneira autoral diante das coisas. Ao contrário: só por meio dessa tessitura social uma liberdade realmente humana pode emergir.

augustodefranco Giovanni G. Bianco •

Boa Gi-o-van-ni

Fatima Melca •

Entendemos a rede social, não como um repositório de pessoas que se somam, mas o que está entre as pessoas, usam o termo "caldinho". Eu imagino algo como um plasma (um produto, uma emergência da interação), algo que paira, mas não em uma visão estática, algo que se modifica a todo momento em fluxos contínuos. Buchanan foi muito feliz em sua explicação. Uma dona de casa, com os mesmos ingredientes faz comidas bem diferentes. Creio que podemos dizer que é o modo como os ingredientes interagem uns com os outros. O diagrama de Baran, deixou isso bem claro, não são os nodos/as pessoas/os ingredientes é o padrão como que eles se organizam- auto organizam. Talvez, pensar que o comportamento coletivo não depende dos propósitos dos indivíduos conectados, incomode as pessoas que gostam de controle, obediência e hierarquia, pois tira do indivíduo as rédeas, e fortalece o coletivo e ainda com um agravante_ não fortalece o consenso, mas a liberdade de interagir e produzir sem que exista alguma liderança. A tendenciosidade é perigosa. De repente, o que estamos chamando de " abordagem ignorante " _ " o pressuposto de que todo um sistema pode ser levado a funcionar melhor através da abordagem de seus elementos conscientes" _ seja mesmo o desejo de se manterem na liderança, no controle.

Fernando Baptista Fatima Melca •

Acho que é por aí mesmo, Fatima. Sobre esse plasma que você mencionou, eu gosto de pensá-lo como o continuum midiático, do qual as pessoas também fazem parte,

como singularidades nele imersas. A rede é o que a gente enxerga quando existe movimento (ou vida).

Jacques Schwarzstein •

E aí? Uauuu!!!! Me lembra aquela visão de que, no que toca à destruição ambiental, a humanidade (por ignorância, ganância, descuido, preguiça ou o que seja) estaria se aproximando do abismo, ou seja, do fim da espécie no planeta. É uma visão assustadora, que parece fazer sentido. Não estamos mesmo "mandando muito bem". Mas gosto daqueles, mais descontraídos que dizem que quanto mais nos aproximamos do abismo, mais nos aproximamos da salvação porque, em algum momento, diante da visão física do abismo, haverá um refluxo coletivo, movido pelo instinto de preservação, que, como em um final feliz, nos salvará do hecatombe. Um refluxo coletivo de um organismo (rede?) constituído por bilhões de pessoas e não pela ação das pessoas isoladas que atuam hoje na área ambiental. Será? Ah sim...e será a rede um organismo vivo? Cabe a analogia?

augustodefranco Jacques Schwarzstein •

A rede é um "bicho-vivo". E o abismo (da interação) não é ruim. Tem que pular no abismo. Espiar de fora para dentro do abismo nada-revela (e esse, por incrível que não-pareça, é um dos sentidos daquele nada primordial: porque no princípio era a rede). Nada se pode ver a não ser que se mergulhe na fluição. Goethe (1821) terminou com o seguinte verso o poema Eins und Alles, "tudo deve cair no nada, se quiser persistir em ser". Tem que pular dentro – se abismar – para ver.

Marcelo Yamada •

A informação de que o comportamento da rede é resultado da dinâmica das interações e não das características dos nós é muito interessante.

Isso faz pensar (sem querer parecer um defensor incorrigível das estruturas centralizadas ou hierárquicas) que as redes podem ser manipuladas se as relações forem manipuladas. Mas isto é apenas um devaneio.

O que realmente parece preocupante é a menor importância do indivíduo (o nó) diante das interações. Torna o indivíduo menos importante. Uma engrenagem na máquina da rede.

O alento, entretanto, é que essa afirmação (assim, radical) também provavelmente não está correta.

A pergunta é: de que modo as características dos indivíduos numa interação interferem no resultado da interação?

Uma outra questão que me ocorre, e não é derivada do raciocínio acima é: a afirmação de que "o social passa ser o modo de ser humano nas redes com alta tramatura dos mundos interativos que estão emergindo" significa abdicar do eu?

Fernando Baptista Marcelo Yamada •

Acho que o seu devaneio confere, Yamada... Quando alguém age de modo explícito para bloquear interações, está temporariamente mudando a topologia da rede (se não houver outros caminhos através dos quais as interações possam se dar).

Cassiano Polesi Marcelo Yamada •

Também sinto o mesmo incômodo ou preocupação, Yamada!

augustodefranco Marcelo Yamada •

As redes sociais são redes de pessoas, não de indivíduos. Indivíduos são abstrações estatísticas. Pessoas - seres humanos concretos - são sempre únicas. Em um módulo mais adiante vamos tratar do assunto. A questão tratada neste módulo 11 não é tão trivial. Não tem nada a ver com abdicar do eu. É exatamente o oposto.

Catia Urbanetz augustodefranco •

Augusto, você poderia esclarecer porque essa questão não seria abdicar do eu e exatamente o oposto?

12

A MAIORIA
DAS PESSOAS
AINDA NÃO ESTÁ
PREPARADA PARA
VIVER EM
REDE

#SÓQUENÃO

NO ESPELHO
DA HIERARQUIA
AS REDES
SE DISTORCEM

A primeira pergunta que ouvimos de todas as pessoas interessadas em fazer qualquer coisa em rede é a seguinte: é possível organizar (na prática) um coletivo estável de pessoas em rede ou isso é apenas uma tendência (apontada pela teoria) que só será aplicável no futuro, quando toda sociedade já estiver mais conectada em rede e as pessoas estiverem mais preparadas para viver essa realidade?

Esta é uma pergunta geral que fazem (e se fazem) tanto empresários e gestores de empresas tradicionais curiosos com o tema, quanto pessoas que querem empreender socialmente em rede. Mas a maior parte das organizações que existem hoje ou que já

surgiram em qualquer época na história é composta por organizações em rede. Fazendo uma brincadeira (mas é verdade), podemos dizer que essas organizações - que somam bilhões - são da categoria VESA. Diante do espanto do interlocutor vamos então esclarecer que a sigla significa "Você E Seus Amigos".

As VESAS são organizações em rede (mais distribuída do que centralizada). Não têm chefe, não têm hierarquia. Mas o fato de serem informais não significa que não sejam organizações (formas estáveis, com estrutura característica, de agrupamentos de pessoas).

Isso é significativo porque essas estruturas do tipo VESA estão presentes em todo lugar, inclusive nas organizações hierárquicas de qualquer setor. Inclusive nas empresas fortemente centralizadas elas estão lá, embaixo de várias camadas de entulho hierárquico (que foram sobrepostas pelos modelos de gestão baseados em comando-e-controle). As pessoas se conhecem, experimentam o coleguismo e se comprazem na convivência, muitas viram amigas e passam a manter relações recorrentes: namoram, vão ao cinema e ao shopping, combinam happy hours, vão ao jogo ou ao show, levam seus filhos para brincar na mesma praça ou no clube ou na praia, frequentam as casas umas das outras, planejam viagens coletivas; enfim: são pessoas interagindo de modo mais distribuído do que centralizado e quando isso acontece... acontecem as redes! Não importa o propósito: a rede é um padrão de organização, não um tipo determinado de entidade que tenha necessariamente um objetivo ou finalidade.

Em termos de quantidade não há nem como comparar essas formas estáveis de sociabilidade horizontal com aquelas que têm topologia centralizada (ou mais centralizada do que distribuída), como as entidades, instituições e organizações formais verticais do Estado, do mercado ou da sociedade civil. É outra ordem de grandeza: as primeiras são dezenas de bilhões enquanto que as segundas não passam de poucas centenas de milhões.

Então não se trata de inventar algo que ainda não existe ou que existe apenas embrionariamente. Não. A maior parte da nossa experiência de relacionamento

estável, desde que existe o Homo Sapiens (há mais de 200 mil anos), se deu em estruturas mais distribuídas do que centralizadas, quer dizer, em rede.

A pergunta fundamental, então, não é por que as organizações não são em rede e sim por que existem organizações que não são em rede. O problema é que as pessoas ficam procurando "organizações hierárquicas em rede" e aí não podem achar mesmo.

Ora, para "fazer" rede não é preciso fazer quase nada. Deveríamos perguntar, portanto, o que é necessário fazer para impedir que as pessoas se relacionem horizontalmente ou de forma mais distribuída do que centralizada, porque, aí sim, é necessário fazer muita coisa. Capturar, condicionar e direcionar fluxos (os fluxos da convivência social) para erigir hierarquias é muito mais difícil do que deixar fluir.

Então! As pessoas precisam primeiro estar preparadas para viver em rede ou elas se preparam (e já se prepararam ao longo da história) vivendo em rede?

UMA SÍNTESE DOS PRINCIPAIS COMENTÁRIOS

Marcos Bidart de Nova •

Diz um filósofo de minha terra que toda unanimidade é burra. Não compartilho da opinião de que toda rede centralizada é necessariamente uma "deformação", nem de que toda hierarquia é por definição algo malévolo. Estamos aqui sentados diante de uma telinha criada por um coletivo hierarquizado, usando uma internet criada por um coletivo super, mas SUPER hierarquizado, muitos dirigindo automóveis produzidos por coletivos idem, morando em casas construídas por empresas idem. Me cheira a atitude de alguns amigos meus que defendem uma tal de dieta paleolítica, mas quando ficam com infecções usam antibióticos. Acho que descentralizar o que pode ser descentralizado é ótimo. Mas precisamos ter cuidado para não jogar o bebê fora junto com a roupa suja.

augustodefranco Marcos Bidart de Nova •

Não é malévolo, nem benévolo. É o que é. A topologia (ou a configuração da interação) não é escolhida a partir de um juízo moral de um sujeito de vontade. Que a civilização patriarcal é hierárquica, todos sabemos. Quando se fala em deformação é simples: é porque em mais de 150 mil anos de caminhada do Homo Sapiens sobre a terra, as estruturas das formas de sociabilidade foram mais distribuídas do que centralizadas em 90% do tempo. E ainda hoje, a maior parte das nossas formas estáveis de sociabilidade são mais distribuídas do que centralizadas. Não tem nem comparação com as estruturas mais centralizadas do que distribuídas (que estão na ordem de grandeza das centenas de milhões, enquanto que as primeiras perfazem dezenas de bilhões). Pois é... O olhar hierárquico, inevitavelmente, é legitimatório da hierarquia e falsifica a realidade fáctica.

Marcos Bidart de Nova augustodefranco •

Ainda não ficou claro para mim se a palavra "deformação" tem um sentido negativo como na frase: O pecado deformou o verdadeiro caráter do homem, que foi criado

segundo a imagem e semelhança de Deus" (frase escolhida em dicionário) ou apenas no sentido por exemplo de mudar de forma, se modificar.

augustodefranco Marcos Bidart de Nova •

Deformar é empregado no sentido de alterar a configuração. Só tem um sentido negativo se acharmos que a isotropia é melhor do que a anisotropia. Pois a deformação de que se trata aqui é aquela que verticaliza o tecido social, privilegiando essa direção em detrimento das outras: o céu está em cima, precisamos nos elevar, deus é o altíssimo... et ainsi par devant!

Ana Lucia Procopiak •

Viver é tecer relações constantemente, é condição humana viver em rede, em agrupamentos, em feixes. o tecido social se estrutura pelo entrelaçamento de fios vitais. este entrelaçamento é conduzido por todos e cada um de nós, ou seja nos preparamos para viver em rede, vivendo em rede, nos preparamos em curso, em movimento ou em percurso, em fluxo, laçando, entrelaçando os fios da vida, como em Antonio Machado "Caminante no hay camino se hace camino al andar". Somos todos 'weavers' tecelões, entrelaçadores de fios e criadores de 'nets', VESAS.

Catia Urbanetz •

"...estruturas do tipo VESA estão presentes em todo lugar, inclusive nas organizações hierárquicas de qualquer setor. Inclusive nas empresas fortemente centralizadas elas estão lá, embaixo de várias camadas de entulho hierárquico (que foram sobrepostas pelos modelos de gestão baseados em comando-e-controle)".

Tal afirmação é fato, tanto é que essas estruturas são reconhecidas na área de Administração de Empresas como "Estrutura Organizacional Informal".

Trechos do livro Sistemas, Organização & Métodos - Djalma P.R. Oliveira:

"Estrutura Organizacional Informal: rede de relações sociais e pessoais que não é estabelecida ou requerida pela estrutura formal. Surge da interação social das pessoas, o que significa que se desenvolve, espontaneamente, quando as pessoas se reúnem. Portanto, apresenta relações que, usualmente, não aparecem no organograma". REDE! :)

"Estrutura Organizacional Formal: objeto de grande parte de estudo das organizações empresariais, é aquela deliberadamente planejada e formalmente representada, em alguns de seus aspectos, pelo organograma".

Catia Urbanetz • Catia Urbanetz •

Completo com trechos de uma entrevista com Domenico de Masi:

"Empresas e o trabalho na era pós-industrial

Domenico acredita que as grandes empresas devem ter cada vez mais dificuldade de recrutar os melhores jovens para trabalhar em seus quadros de funcionários.

Isso se dá especialmente porque as empresas, mesmo as mais modernas, ainda se organizam como na época industrial, de maneira hierarquizada, divididas em departamentos, e especialmente voltadas para os aspectos competitivos entre seus colaboradores."

"Para De Masi, o trabalho criativo ou o trabalho em que você tem liberdade, mesmo que seja uma atividade não artística, como o jornalismo, traz mais realização para este jovem pós-industrial e, portanto, deve "recrutar" os melhores e mais inteligentes dessa nova

geração. Porque afinal, eles querem trabalhar com liberdade, sem ter que estar presente num escritório fechado por grande parte do dia.

Essa liberdade é a fonte das grandes ideias, que De Masi entende não serem produzidas nas grandes empresas, mas especialmente fora delas,..."

<http://exame.abril.com.br/rede...>

guilherme witte •

Quando e por que surge essa deformação da rede mais distribuída para a rede mais centralizada?

Cris Kruel guilherme witte •

Pois é... Talvez em algum momento remoto da nossa história, numa batalha, muitos organizados como uma rede distribuída, foram derrotados por poucos organizados no formato de uma rede hierárquica e centralizada.

Estamos aqui inferindo que redes distribuídas serão sempre as melhores, independente do que se trata? Ou estamos dizendo que existe apenas uma "grande rede" (mother of all networks) que já existe e nem todos estamos cientes e preparados para bem viver nela?

augustodefranco Cris Kruel •

Sobre estarmos ou não preparados, Cris, consulte o Módulo 12. Ôpa! É este mesmo.

augustodefranco guilherme witte •

Não é possível saber quando surgiu, nem como. Só se pode especular. E afirmar que surgiu (pela força dos argumentos, não por evidências empíricas). Uma determinada configuração particularíssima se constelou (talvez não uma, mas várias vezes) e adquiriu capacidade de se reproduzir. Foi isso, não tenho muitas dúvidas. Talvez não tenha nem algum motivo racional. Pode ter sido um acidente ou vários acidentes.

Pode ter acontecido por acaso, simplesmente porque poderia acontecer (e vemos que pode). Mas saber isso (as circunstâncias pretéritas em que aconteceu) não é relevante para os nossos propósitos e sim saber o que acontece quando acontece...

Giovanni G. Bianco [augustodefranco](#) •

COMO SURTIU A HIERARQUIA E A DEFORMAÇÃO DA REDE?

É um mistério, realmente. Também sinto que deve ter sido um acidente (ou vários). Podemos fazer uma avaliação matemática e estatística dessa hipótese.

As primeiras sociedades hierárquicas parecem datar de uns 6 mil anos atrás. Então, se em 90% da história humana não há evidência de sociedades hierarquizadas, podemos pensar que durante uns 100 mil anos formaram-se inúmeras configurações de rede e cosmos sociais. Apesar de suas diferenças, do ponto de vista de rede, todas mantinham um padrão mais distribuído que centralizado/hierarquizado de vida e convivência.

Em dado momento pode ter havido uma espécie de mutação que, por algumas particularidades, teve condições de se perpetuar e se espalhar. E como se espalhou!

Quando uma sociedade se verticaliza, ela induz a verticalização de todo o campo social ao redor. Quer dizer, se em algum lugar nasce um Reino, Império ou um Estado, é muito difícil que comunidades próximas mantenham modos de vida não-hierárquicos. Afinal, (1) ou eles são dominados fisicamente pela força militar do Império, (2) ou se aliam a esse Império e passam a incorporar e reproduzir seu modo de organização, (3) ou se unem em uma guerra contra o Império, o que, de todo modo, acaba por também verticalizar o campo social dessas comunidades.

A tal "mutação" (no caso, um constelamento particular de condições e relações humanas) pode ter surgido mais de uma vez. Mas a variável principal parece ser seu potencial para se manter e se espalhar.

Aquelas comunidades humanas eram especialmente vulneráveis ao contágio hierárquico por serem clusters total ou quase totalmente isolados. Havia pouquíssimos atalhos entre clusters (comunidades), baixa polinização, baixa interatividade inter-clusters.

Nesse sentido, hoje existem condições mais favoráveis à "desverticalização" do campo social. Conforme conversamos nos módulos passados, embora a Internet e as mídias sociais (ou quaisquer outras mídias interativas, como telefone, telégrafo, carta, etc.) não sejam a rede social, elas facilitaram a conexão e a interação entre as pessoas. Os sistemas globais de comunicação de baixo custo facilitam muito a interação entre clusters. Há polinização de ideias num nível nunca antes visto na história humana. Pipocam milhares ou milhões de iniciativas locais, que, ao criarem novos caminhos de vida e convivência, estão distribuindo ("desverticalizando") a topologia da rede como um todo.

Claro: essa é uma descrição muito genérica. Uma tendência que parece fazer sentido na escala de séculos e milênios. Mas, ao mesmo tempo, existem enormes forças que induzem à centralização e escassez de caminhos por toda parte. Nada pode garantir que essa tendência geral para a distribuição, ampliação de caminhos e desverticalização vá se manter.

Fatima Melca •

No meu entender, vivemos em rede. Sempre vivemos em redes. Experimentamos diferentes topologias e fenomenologias de rede, ao longo de nossa vida. A questão não me parece ser de estar preparado. Mas nas crenças que carregamos conosco, ou como a Rede de Significação traz, a matriz socio histórica que carregamos. Quando embarcamos em uma rede mais distribuída que centralizada, estamos por conta das interações, das conexões e da interatividade. Estamos sempre no fluxo. Já em uma rede hierárquica, temos alguém que nos diz o que fazer, e se fizermos tudo certinho, provavelmente, vamos sobreviver. Todo mês receberemos nossa remuneração. Acho que fica claro, a questão da interatividade aqui. Não será preciso olhar para o monstro.

E claro, isso depende da sua crença de monstro!!! A rede mais hierarquica , não tem um bicho vivo, tem um bicho controlado, que não ousa desobedecer.

Marcelo Yamada •

Ok. Todas as pessoas sabem e provavelmente exercitam regularmente o viver em rede. (A definição de VESA foi realmente muito instrutiva.)

A pergunta anterior é mais interessante: por que as pessoas se deram ao trabalho de desenvolver uma organização hierárquica?

Sede de poder certamente será uma resposta, mas que outros motivos - legítimos - podemos cogitar? Uma falta de propósito na vida das pessoas? A oportunidade de progresso tecnológico? A defesa contra outras comunidades (humanas ou animais) já assim organizadas?

Marcia Borges Marcelo Yamada •

Marcelo, desculpe-me pelo fato de repetir o Barry Schwartz , mas achei muito pertinente o speech dele no TED , não exatamente sobre sua questão, do qual compartilho,ma acredito estar relacionada ao tema:

"Como é que permitimos que a maioria das pessoas no planeta faça trabalhos monótonos, sem sentido e sufocantes? Por que é que ao longo do desenvolvimento do capitalismo ele criou um modo de produção de bens e serviços, nos quais as satisfações não materiais que vêm do trabalho foram eliminadas? Trabalhadores que fazem esse tipo de trabalho, seja em fábricas, em centrais de atendimento, ou em armazéns, o fazem pelo pagamento. Com certeza, não há outra razão para que façam o que fazem, exceto pelo pagamento.

Então a pergunta é: "Por quê?" E aqui está a resposta: a resposta é tecnologia. Agora, eu sei... sim, tecnologia, automação, estraga as pessoas, blá blá..[...]

Estou falando de outra tecnologia. Estou falando da tecnologia das ideias. Chamo de "tecnologia da ideia". [...]

Além de criar coisas, a ciência cria ideias. A ciência cria meios de entendimento. E nas ciências sociais, os meios de entendimento que são criados, são meios de nos entendermos. E eles têm uma influência enorme em como pensamos, o que almejamos ser, e como agimos.

Se você acha que sua pobreza é a vontade de Deus, você reza. Se você acha que sua pobreza é resultado da sua inadequação, você se desespera. E se você pensa que sua pobreza é o resultado de opressão e dominação, então você se ergue em revolta. Se sua resposta à pobreza é resignação ou revolução, depende de como você entende as origens da sua pobreza. Esse é o papel que as ideias têm em nos moldar como seres humanos, e é por isso que a "tecnologia da ideia" pode ser a tecnologia mais importante que a ciência nos dá.

E há algo de especial sobre a "tecnologia da ideia", que a faz diferente da tecnologia das coisas. Com as coisas, se a tecnologia é um saco, ela simplesmente some, certo? Tecnologia ruim desaparece. Com ideias, falsas ideias sobre seres humanos não vão embora, se as pessoas acreditarem que são verdade. Porque se as pessoas acreditam que são verdade, elas criam maneiras de viver e instituições que são consistentes com essas ideias falsas.[...]

augustodefranco Marcelo Yamada •

Por que as pessoas teriam "sede de poder"? Visite os Yanomani ou os Pirahãs, Marcelo. Você consegue identificar lá qualquer coisa como uma "sede de poder"? É claro que se você visitar uma sociedade hierárquica (ou também dita de dominação), encontrará pessoas lutando pelo poder. O que significa que o que chamamos de poder depende de uma configuração social (ou antissocial, como diria Maturana). E por que você quer encontrar um motivo "legítimo" para a ereção de uma organização hierárquica? Em que tal esforço se diferencia do esforço para legitimar uma organização hierárquica?

Marcelo Yamada augustodefranco •

Agradeço pelo exemplo, Augusto. Quanto à minha questão sobre motivos legítimos, quis apenas sugerir que em alguns casos podem ter existido motivos (econômicos, técnicos, emocionais) que faziam sentido no momento da criação de algumas instituições hierarquizadas.

Giovanni G. Bianco Marcelo Yamada •

Entendo seu questionamento, Marcelo. Já me perguntei muito sobre isso também e ainda não tenho uma resposta que me satisfaça.

Mas noto que todas as respostas a essa questão têm como pano de fundo uma certa concepção do humano. Ou seja, você precisa impor sobre o humano algumas características inescapáveis que expliquem o surgimento (e perpetuação) das sociedades hierárquicas. Então é possível dizer que, dadas certas condições, é "natural" ou pelo menos esperado que haja verticalização do tecido social. Algo como:

Condições Y + Característica(s) do humano = Hierarquização.

Não parece haver muitas evidências que sustentem a hierarquização como resultado necessário. O problema é que toda a nossa visão de "humano" está colorida pela matriz da sociedade hierarquizada. Foi na sociedade hierarquizada que nascemos. É nela que a própria ciência nasceu. Isso distorce nosso olhar. Mesmo que busquemos evidências sobre certos comportamentos humanos recorrentes, nossa "amostra" estará viciada, porque vamos observar pessoas que vivem em campos hierárquicos. (Ao que parece, o próprio Freud reconheceu que sua teoria não poderia ser aplicada aos "primitivos"). Precisamos, no mínimo, de olhares comparativos com sociedades não-hierárquicas, como os Yanomamis ou os Pirahãs, mas existem muitas dificuldades nisso também. A busca pelo "humano" ainda tem muitos mistérios, e a nova ciência das redes trouxe contribuições que mudam o jeito de pensar sobre isso. Mas as consequências teóricas disso tudo ainda estão sendo exploradas.

Portanto, é uma questão ainda em aberto. Mas, quanto ao surgimento da hierarquia, eu me inclino à hipótese de uma espécie de "mutação" que se perpetuou. Falo sobre isso no outro comentário a este módulo. Veja lá.

Abraço

Marcelo Yamada Giovanni G. Bianco •

Interessante você ter lembrado o termo "mutação ". Nos vídeos sobre as formigas, a explicação sobre as diferenças de comportamentos entre formigas de regiões diferentes estava na seleção natural, que privilegiou aquelas espécies cujos membros tinham os hábitos individuais mais adequados ao contexto.

E se a organização hierárquica de certos agrupamentos humanos for resultado de seleção natural? A convivência em redes distribuídas seria um resquício do passado, não necessariamente o futuro.

A não ser que a democratização da tecnologia da informação e comunicação seja o equivalente a uma Era Glacial - após a qual as vantagens competitivas existentes até então podem perder completamente o sentido.

Giovanni G. Bianco Marcelo Yamada •

Marcelo,

A hipótese da seleção natural já é insuficiente para explicar a evolução biológica. Me parece ainda menos adequada para explicar derivas humanas.

Como disse antes, creio que a hierarquia possa ser vista como uma espécie de mutação que se perpetuou. Isso não implica que ela seja uma resposta adaptativa. Só significa que ela é uma variação capaz de se produzir e reproduzir. Me parece que uma das características da hierarquia é produzir o seu próprio ambiente. Não é que ela se adapte a um ambiente. Ela cria, reprograma, modifica o ambiente humano em que se perpetua.

O padrão distribuído não pode ser considerado algo "do passado", simplesmente porque ele nunca deixou de existir, mesmo em sociedades hierarquizadas. Olhando globalmente, a hierarquia é uma exceção, uma discrepância em um mar de padrões mais distribuídos. Aqui não vai nenhum julgamento de valor sobre o que é melhor ou pior. É simplesmente uma constatação. A hierarquia não conseguiu avançar tanto assim, pois teria provavelmente inviabilizado a vida humana.

Os avanços e recuos da hierarquia não seguem um padrão linear. Não acredito em uma seta da História apontando uma tendência certa e irrefreável. Creio que existem múltiplas contingências e situações locais que se interinfluenciam para criar o quadro geral de qualquer dado momento. As variáveis são muitas e a qualquer momento as tendências podem se inverter.

guilherme witte Giovanni G. Bianco •

Acho q estamos nesse momento de percepção do padrão distribuído como uma realidade.

augustodefranco Giovanni G. Bianco •

Bem dito, Giovanni!

Giovanni G. Bianco Guest •

Cassiano,

A existência de uma mente discriminativa e opinativa no ser humano não tem nenhuma relação com a emergência da hierarquia. Pelo menos, eu não consigo ver essa conexão. Se você vê, por favor, desenvolva melhor seu raciocínio.

Essas capacidades cognitivas de discriminação e elaboração de opiniões estão presentes em nós desde o início da nossa espécie há 100-200 mil anos atrás. No entanto, a hierarquia só surgiu há 6 mil anos. Por que não surgiu antes? Durante

dezenas de milênios houve sociedades em que as pessoas tinham suas preferências e opiniões, e mesmo assim a hierarquia não surgiu ali. Como explicar isso?

Outro ponto curioso a se considerar é que a opinião é justamente uma das bases da democracia -- a principal "invenção" que surgiu como alternativa à dinâmica autocrática (associada à estrutura hierárquica) nas sociedades patriarcais. Os gregos foram os primeiros a entender a Doxa (opinião) como critério de um modo de regulação democrático, não baseado na dominação, e sim no exercício da discussão/diálogo para a formação de um sentido público.

A hierarquia não tem nada a ver com preferência e opiniões, nem com saber discernir, diferenciar, sequenciar e discriminar coisas. Ela é uma operação social que produz poder e escassez de caminhos. Hierarquia (e, mais precisamente, autocracia) é o que torna possível justamente excluir, deslegitimar e até punir o emissor de certas opiniões. É o bloqueio de fluxo que impõe às pessoas obedecer a um poder ou ordem pré-estabelecida.

Se você vê alguma conexão causal, Cassiano, por favor, demonstre como a simples existência de preferências pode dar margem à configuração de hierarquias sociais. Eu não vejo como.

Giovanni G. Bianco Guest •

Esclareceu, Cassiano. Estamos dando significados distintos para a palavra hierarquia. Se for um ordenamento de preferências, pode até ser que seja mesmo parte da natureza humana. Não tenho certeza, mas é possível.

Já a hierarquia social no sentido que damos aqui, como padrões que centralizam a rede, bloqueiam caminhos e instauram a dominação de uns sobre outros -- isso não me parece de modo algum inescapavelmente ligado à nossa "natureza".

augustodefranco Guest •

Então talvez seja melhor escolher outra palavra, Cassiano. O termo (hierarquia) surgiu para designar ordens de seres intermediários entre entidades celestes e terrestres (e foi usado, por exemplo, por Pseudo-Dionísio, o Areopagita, no século 5, para designar os coros angélicos).

A palavra hierarquia vem da palavra latina hierarquia que, por sua vez, vem da palavra grega ἱεραρχία (hierarchía), de ἱεράρχης (hierarchēs), aquele que era encarregado de presidir os ritos sagrados: ἱερεὺς = hiereus, sacerdote, da raiz ἱερός = hieros, sagrado + ἀρχή = arché, tomada em várias acepções conexas como as de poder, governo, ordem, princípio (organizativo).

A hierarquia é um poder sacerdotal vertical que se instala em uma sociedade instituindo artificialmente a necessidade da intermediação por meio de separações (entre superiores e inferiores). Em geral é representada pela pirâmide (poucos em cima e muitos em baixo) ou pela aranha (que tem uma cabeça e vários braços ou pernas, em oposição a uma estrela-do-mar, que não tem centro de comando e controle). A hierarquia celeste (com seus serafins, querubins, tronos, dominações, potestades, virtudes, principados, arcanjos e anjos) e a hierarquia militar (com generais, coronéis, majores, capitães, tenentes, sargentos, cabos e soldados) são os exemplos mais comuns, paradigmáticos, de hierarquia. Mas qualquer padrão de organização que introduz anisotropias no campo social direcionando fluxos é hierárquico (seja em uma organização estatal, empresarial ou social, religiosa ou laica, militar ou civil).

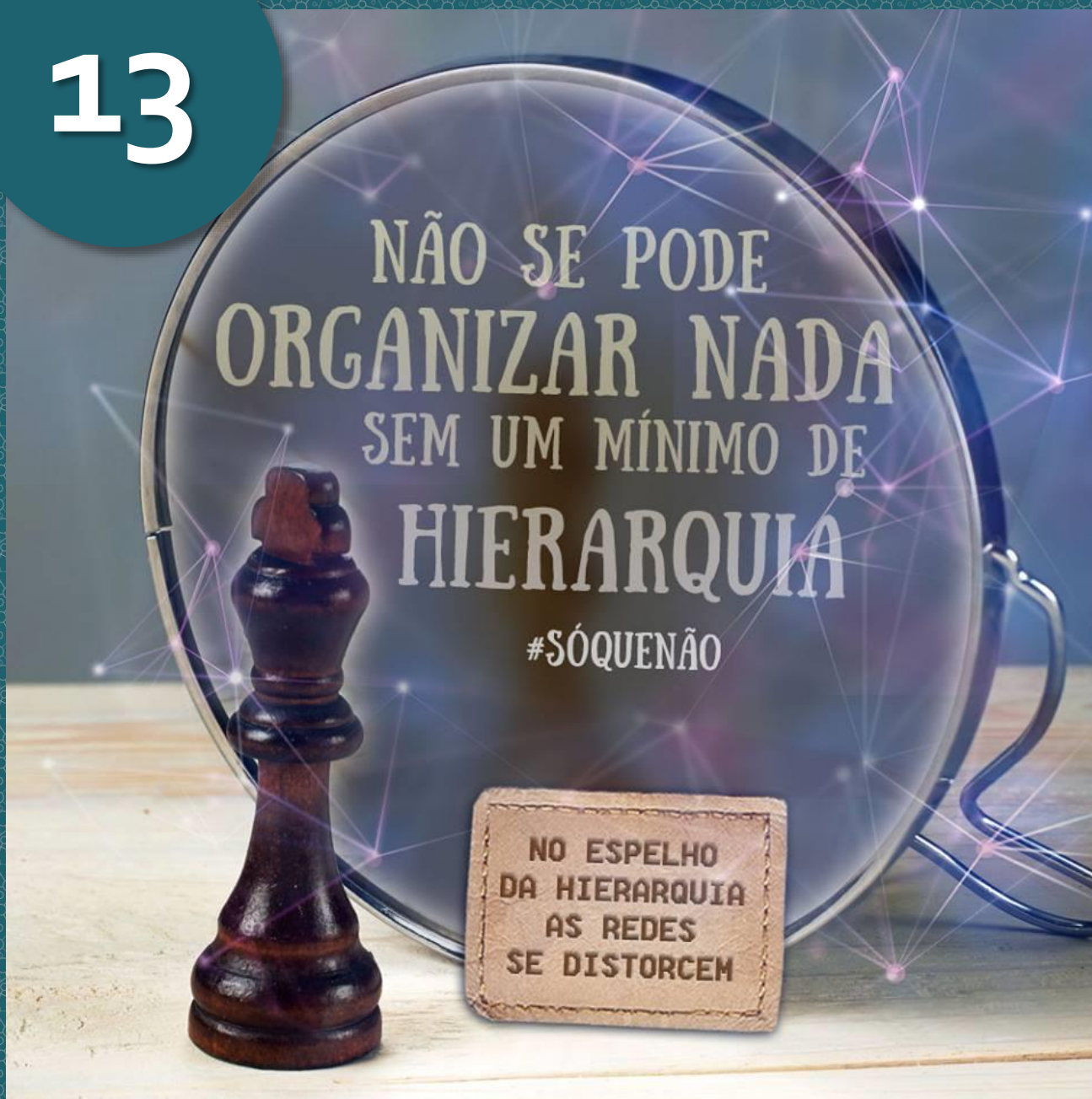
Giovanni G. Bianco augustodefranco •

Isso aí! :)

Fernando Baptista Marcelo Yamada •

Para quem às inventou, existiam motivos... o "legítimo" fica por conta de quem interpreta, acho.

13



Não se sabe quem disse isso, mas quase todo mundo repete. Este é um daqueles (falsos) axiomas verossimilhantes (que parecem verdades evidentes por si mesmas) que em geral são aplicados a todas as formas de convivência social. É claro que organizações hierárquicas precisam de hierarquia! Mas a questão aqui é outra: a questão é saber se as organizações precisam ser hierárquicas.

A hipótese de que foi a escassez (natural, de recursos) que gerou a hierarquia e que, assim, a hierarquia tenha brotado espontaneamente do caos, foi tão sedutora para alguns quanto enganosa para todos. Até hoje ainda há os que se põem a promover um

deslizamento (para o natural) do conceito (social) de hierarquia, com base na suposta evidência de que ela é encontrada em toda parte – do mundo físico (e. g., sistemas termodinâmicos) ao mundo biológico (e. g., sistemas vivos aninhados) – e que isso seria uma prova de que a hierarquia é natural e, destarte, também naturalmente se manifestaria no mundo social.

Mas a escassez que gera hierarquia é introduzida artificialmente, sempre pela supressão de caminhos. Não há uma escassez em si. O conceito é relacional: escassez, quando há, é sempre em relação a algo ou alguém que carece de determinados recursos em determinado ambiente. Ao fluir com o curso, ao se deixar levar pela “vida nômade das coisas”, tal escassez não se configura. A escassez só surge com o represamento do rio.

Nos sistemas naturais não pode haver o conceito de escassez porque não há um indivíduo que reclame uma necessidade contra o ecossistema na medida em que cada parte do ecossistema se insere na lógica da abundância que regula o sistema. Nos sistemas sociais (ou antissociais, seria melhor dizer), a escassez é introduzida pelo modo de regulação de conflitos. Toda vez que se regula conflitos de modo autocrático, gera-se escassez que permite a ereção de estruturas hierárquicas. E toda vez que se erige um sistema hierárquico pela eliminação de caminhos, geram-se modos de regulação não-pluriárquicos que se mantêm pela reprodução da escassez.

Também é muito comum a confusão entre hierarquização (que é uma centralização) e clusterização (ou aglomeramento provocado pela dinâmica de uma rede). Isso dificulta a compreensão do fenômeno do poder nas redes sociais. Desse ponto de vista, aliás, seria o exato contrário: o poder não surge da clusterização e sim – juntamente com a exclusão de nodos e a obstrução de fluxos – do desatalhamento (supressão dos atalhos) entre *clusters* (aglomerados).

O poder (como poder de mandar alguém fazer alguma coisa contra sua vontade, como, ao fim e ao cabo, se manifesta qualquer poder) é uma medida de não-rede (em termos de rede distribuída); quer dizer, é uma medida direta do grau de centralização (ou uma medida inversa do grau de distribuição) de uma rede. Ele ocorre (ou

sobrevém) não quando os nodos se aglomeram em função da sua interação e sim, ao contrário, quando impedimos que tal aglomeramento se dê livremente (em virtude da dinâmica da interação), mas colocamos obstáculos, construímos cancelas ou selecionamos caminhos por onde ela (a interação) deve passar: sejam muros, cercas, paredes, escadas, portas e fechaduras, ou *firewalls*. Todo poder nasce de um impedimento imposto à livre fluência. Todo poder é uma introdução artificial (uma fabricação) de escassez de caminhos. Todo poder é uma tentativa de evitar a abundância de caminhos. Todo poder – necessariamente hierárquico – é uma reação à distribuição.

A tendência nas redes sociais mais distribuídas do que centralizadas é que os clusters não fiquem isolados, mas interligados, interagindo entre si. Simplesmente porque eles acabarão, mais cedo ou mais tarde, fazendo isso – desde que não se o impeça. Fundamentalmente, porque eles podem fazer isso!

A clusterização em redes sociais tende a aumentar à medida que essas redes vão aumentando seu grau de distribuição e conectividade (quer dizer, de interatividade). Esse é um indicador da transição para a sociedade em rede, na qual vão se alterando as configurações congeladas pelas fortíssimas centralizações impostas pelo sistema de equilíbrio competitivo entre menos de duas centenas de Estados-nações em um mundo de mais de 7 bilhões de habitantes. Em termos políticos (ou geopolíticos), a clusterização sócio-territorial que conforma e dá identidade a miríades de novas comunidades (de vizinhança, de aprendizagem, de projeto e de prática – clusters de convivência enfim) é uma expressão do localismo cosmopolita que floresce à medida em que a globalização do local encontra a localização do global. Isso está na origem dos *Highly Connected Worlds* que emergem nesta época em que vivemos.

Mas por que não percebemos isso? Por que continuamos achando que não se pode organizar nada sem um mínimo de hierarquia?

UMA SÍNTESE DOS PRINCIPAIS COMENTÁRIOS

Giovanni G. Bianco Guest •

Bem, vou aguardar sua demonstração de que nossa capacidade de classificar nos leva a estruturar hierarquias sociais. Sem essa demonstração, todo o argumento deixa de fazer sentido.

Catia Urbanetz •

A dúvida que surgiu a partir desse texto provocativo é sobre o comportamento animal dos mamíferos que vivem em bando. Alguns apresentam comportamento hierárquico (lobos, macacos, elefantes, leoas etc.), com um macho ou fêmea alfa que possui soberania no bando (se alimenta primeiro, cópulas, etc.). Essa condição pode se perpetuar por muitos anos até que um jovem alfa tome o seu lugar nesse papel. O que podemos dizer disso?

augustodefranco Catia Urbanetz •

Não é hierarquia, Catia. Hierarquia é um padrão de organização descentralizado. Lobos, macacos, elefantes não conformam, na sua interação, padrões de organizações descentralizados. Trata-se de outro fenômeno. Assim como a chamada chefia, em tribos paleolíticas ou em aldeias agrícolas neolíticas, também não é hierarquia.

Catia Urbanetz augustodefranco •

Segundo a definição colocada, podemos dizer que a hierarquia (padrão de organização descentralizado) existe somente na espécie humana?

Giovanni G. Bianco Catia Urbanetz •

Exato, Catia. Não há evidência de hierarquias em outras espécies. Como disse o Augusto, pode haver liderança ou chefia, mas a hierarquia é algo se surgiu entre seres humanos.

Cris Kruel •

Nos ensinaram a definir estruturas organizacionais - nós aprendemos organogramas hierárquicos.

Nos ensinaram a organizar as interações - nós aprendemos processos e fluxos.

Nos ensinaram a gerenciar - nós aprendemos a controlar.

#ficaadica

Talvez interesse a alguém do grupo o livro "Reinventing Organizations"

<http://www.reinventingorganiza...>

guilherme witte •

Família, escola, universidade, empresa...A jornada passa por organizações mais ou menos hierarquizadas. A lógica de comando-controle aparece sempre....Por vezes travestida com a palavra liderança. Tanto q explicamos a hierarquia (inexistente!) dos formigueiros com os termos formiga operária (aquela q recebe e executa ordens) e formiga rainha (aquela q dá ordens). É possível q organizações hierárquicas façam transições para organizações em rede?

Cris Kruel guilherme witte •

Interessante. Sempre imaginava uma colmeia com as abelhas quando pensava em uma organização em rede. Afinal abelhas voando davam a impressão de uma rede distribuída melhor que as formigas andando em fila indiana. Mas a colmeia tem sua rainha, sua estrutura hierarquizada... Algum exemplo de uma boa rede, sem hierarquia?

Giovanni G. Bianco Cris Kruel •

Cris, nem a colmeia, nem o formigueiro, nem qualquer outro sistema vivo apresenta características hierárquicas (no sentido que damos a essa palavra aqui). Não há

bloqueio de fluxos, não há mando nesses sistemas. Desde a dinâmica química de uma célula até o metabolismo global da biosfera, todos os sistemas vivos são distribuídos e interativos.

A hierarquia é uma deformação típica da rede SOCIAL (ou seja, humana), e não se aplica como categoria nas redes vivas (biológicas) e não-vivas (físicas).

Esse é um bom assunto pra esquentar a conversa!

Fatima Melca •

Talvez porque nunca tenham tentado, talvez porque exija mais atuação de cada pessoa, do que quando se tem uma organização hierarquica que você só precisa fazer o que te é mandado (obedecer), talvez pelo medo de empreender, de se arriscar e mergulhar no abismo para ver o que acontece. Não será que as pessoas estão mais habituadas a seguir, a reclamar e não mudar o que incomoda? A inovação implica em alguma mudança, será que mudar não assusta?

augustodefranco •

Pessoal, quando chegarem aqui neste assunto é legal assistir alguns vídeos que estão na página:<https://goo.gl/uNgIYV>

Ana Lucia Procopiak augustodefranco •

Obrigada pela indicação Augusto, muito bons os vídeos de Deborah Gordon especialmente o vídeo em que ela fala sobre as interações locais determinando o comportamento coletivo, muito pertinente com que está sendo colocado por aqui.

Marcia Borges augustodefranco •

Muito bom! Minha idéia de formigas não só estava equivocada, como também minha idéia do que é "inexistência de controle central". A existência de "estruturas facilitadoras" do todo e pelo todo / do um e pelo um é bem interessante.

Cris Kruel [augustodefranco](#) •

Legal. Meu entendimento sobre as formigas estava equivocado.

Giovanni G. Bianco [Cris Kruel](#) •

Legal. Acho que já esclareceu o comentário que fiz acima.



Não há nada menos utópico do que uma rede distribuída (basta ver que há cerca de 200 mil anos estamos convivendo em redes distribuídas). Mesmo assim muitas pessoas continuam achando que a rede é um modelo de organização para uma sociedade ideal, que só poderá ser instalada no futuro. Por que?

UMA SÍNTESE DOS PRINCIPAIS COMENTÁRIOS

Marcia Borges •

Acredito que mesmo tendo muitas organizações em funcionamento em rede , dá a impressão do não reconhecimento desta existência. Algo parecido com uma experiência que tive quando comecei a fazer trabalho de "consciência corporal": meu corpo, o corpo do outro parceiro da aula, os corpos sempre estiveram ali. Mas quando vem o "clic" muda tudo: você percebe que o coração bate, que o cérebro está ali, que você começa "ver", enfim tem uma gestalt indescritível. E acredito que há sim uma anestesia do próprio núcleo familiar, que já vem com uma estrutura de organização: pai orientada, comando-e-controle, e estes pontos anestesiavam a sensibilidade para os fluxos que acontecem à volta. E acabam também gerando um trade-off entre os temas segurança e liberdade, conforme diz Bauman.

Catia Urbanetz •

Por que? Porque as pessoas que pensam assim não leram o tópico 12! :)

Catia Urbanetz Catia Urbanetz •

Brincadeiras a parte, acho que a resposta é a falta de entendimento e compreensão do conceito de rede distribuída.

Na empresa em que trabalho, a minha chefe possui posição hierárquica acima da minha - rede descentralizada, hierárquica.

Mas quando ela e eu almoçamos juntas fora da empresa e trocamos idéias sobre livros, vestidos, decoração, ou quando ela vai até a minha casa para tomar um café comigo e com meu marido (que também trabalha na mesma empresa) ficamos todos em pé de igualdade - rede distribuída.

Nada utópico, não?

guilherme witte •

Existe uma necessidade de ter a comprovação, um estudo de caso, um exemplo real de q existe uma organização em rede....Ficamos olhando as organizações hierarquicas achando q elas irão se transformar em organizações em redes...

augustodefranco guilherme witte •

Existem bilhões de organizações em rede, Guilherme. Foi o tema do Módulo 12!

Cris Kruel •

Acho utópico a ideia de uma rede 100% distribuída. Mas acho claro que encontraremos melhores maneiras aprendendo a promover redes mais distribuídas.

augustodefranco Cris Kruel •

Você e seus amigos não conformam uma rede 100% distribuída? Quem centraliza?

Cris Kruel augustodefranco •

Augusto, realmente eu e meus amigos podemos eventualmente formar uma rede 100% distribuída - a não ser que seja para organizar o churrasco do final de semana quando sempre alguém precisa centralizar.

Meu comentário anterior veio com viés pois estava desenvolvendo pensamentos em torno de empresas, sociedade... e talvez por isto imaginei que 100% distribuída (mesmo) era um tanto utópico. Talvez não tenha conseguido aceitar ainda a viabilidade disto aplicado em escala macro.

augustodefranco Cris Kruel •

Mas é da escala macro mesmo que estou falando. O número de redes distribuídas no mundo nem se compara às redes descentralizadas (mais centralizadas do que distribuídas). O que você não vai achar, por mais que procure, é organizações hierárquicas em rede...

Fatima Melca •

A rede sempre existiu. O que mudou com a Internet foi o modo, a forma o padrão de interagir. Vivemos em rede, somos a produção, a emergencia, a inovação de redes distribuídas que residem em nossos sistemas (neurológico, cardíaco, respiratório...) todos esses sistemas bottom-up que sincronizam e fazem acontecer. Pode ser que essas pessoas pensem que rede mais distribuída seja uma utopia, pois acreditam que só a hierarquia faz acontecer. Me questiono quanto as crenças que temos. Elas parecem que estão ali quietinhas, mas não estão. De repente, elas afloram e cobram seu espaço. E talvez, as pessoas estejam tão acostumados em conviver com elas, que fiquem prisioneiras/ cúmplices de algo que já fazem a tanto tempo, sem nunca terem se questionado onde tudo isso começou.

Marcelo Yamada •

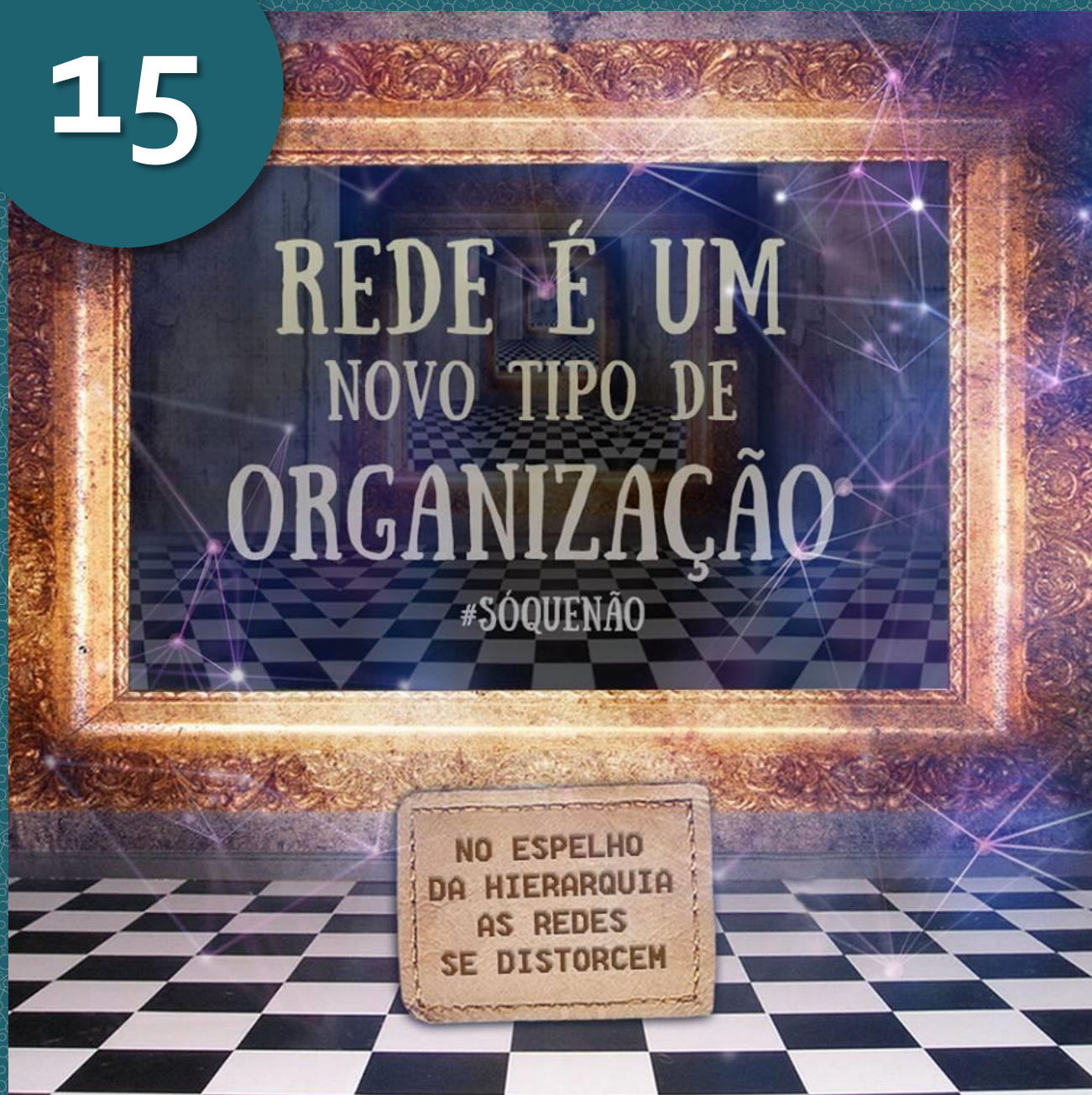
Talvez porque os grandes canais de informação (revistas, TV, portais) apresentam o futuro da sociedade em rede como sendo o futuro do compartilhamento de bens e serviços, sugerindo um cenário de extrapolação de serviços como Uber, Airbnb, Zipcar e outros para abranger todos os componentes da rotina diária.

Giovanni G. Bianco Marcelo Yamada •

Exatamente, Marcelo.

Esta é uma visão economicista da sociedade em rede. A sociedade em rede não se reduz a compartilhamento de bens e serviços (embora isso seja parte dos fenômenos que se tornam possíveis quando o padrão de organização social fica mais distribuído).

15



Algumas pessoas dizem: em vez de fazer uma empresa ou uma ONG, por que não fazemos uma rede? É como se rede fosse um tipo de organização e não um padrão de configuração de fluxos.

Convencionamos chamar de redes às redes mais distribuídas do que centralizadas, mas de um ponto de vista matemático, da topologia das redes, tudo é rede: o que varia é o grau de distribuição (ou de centralização). Assim, uma empresa e uma ONG também são redes, sendo que seu padrão de organização é, em geral, mais centralizado do que distribuído.

É claro que quando o grau de distribuição de uma rede aumenta, também aumentam os graus de conectividade e interatividade. O que deixa o sistema mais vulnerável ao surgimento de uma fenomenologia da interação que desconhecíamos até bem recentemente. Ou melhor, quando a interatividade aumenta conseguimos perceber os fenômenos interativos que já aconteciam, porém ao longo de linhas temporais muito longas para serem percebidos. Se alguém filmasse, por exemplo, a conquista do Oeste nos Estados Unidos e projetasse em câmera rápida o que levou um século para acontecer, veríamos uma movimentação semelhante àquela que ocorreu em poucas horas na ocupação da Praça Tahir, no Cairo, no Egito, em 11 de fevereiro de 2011 ou no Largo da Batata, em São Paulo, no Brasil, em 17 de junho de 2013. O mesmo fenômeno interativo - chamado *swarming* - se manifestou nos três casos, só que no segundo e no terceiro as linhas temporais foram contraídos pela alta interatividade da rede social. Porque os graus de distribuição da rede social na segunda década do século 21 são muito maiores do que aqueles existentes na sociedade americana nos séculos 18 e 19.

Fazer uma rede é, assim, aumentar os graus de distribuição de uma organização qualquer, não fundar um novo tipo de organização. É claro que, ao fazer isso, encontraremos resistência dessas organizações, que imaginam que vão perder sua identidade e até mesmo desaparecer se forem feitas alterações no seu hardware. É por isso que as organizações hierárquicas, do Estado, do mercado ou da sociedade civil, resistem tanto às redes, que encaram como uma ameaça aos seus modelos de gestão baseados em comando-e-controle.

Então, por que será que, mesmo ao saber disso, as pessoas continuam encarando as redes como um novo tipo de organização em vez de entender e aceitar o processo de distribuição implicado na transição de qualquer tipo de organização para um padrão de rede?

UMA SÍNTESE DOS PRINCIPAIS COMENTÁRIOS

Marcia Borges •

Acredito que seja da dificuldade de desautomatizar. Há uma repetição do mesmo modelo (centralizado) travestido de democrático, participativo, e cada vez que a coisa não anda mais tenta-se se achar novas formas de inovar a centralização que é a causa do problema. Também acredito que a aceleração de tudo, elevou a categoria o curto prazo, e a maioria tenta dilatar o presente o mais possível e ainda há a sensação que "distribuição" implica em perdas e não investimento.

Fatima Melca •

Talvez algo parecido com síndrome de estocolmo? Cumplicidade? Dificuldade em mudar? Mudar o paradigma. Quebrar as correntes. Interagir com os outros. Abrir mão. Liberar. Deixar acontecer. O novo é um desafio. Creio que estas pessoas tenham medo de se abrir, dar voz, deixar o coletivo se empoderar e perder o comando-controle. E se esse coletivo se voltar contra elas? A própria história nos mostra que ver com outros olhos, as vezes é complicado para quem detém o poder e gosta disso. Desobedecer ordens, custa caro. Mergulhar no abismo, exige se liberar. Mas chega uma hora que incrementar algumas mudanças, usando os mesmos padrões, não dá mais. É preciso mudar mesmo. Mas, creio, que tudo na vida encontra seu caminho. É assim por que é assim. Acontece! E é simples. Basta deixar fluir. As formigas, insetos, cardumes, fungos, sistemas biológicos encontraram seus padrões de interagir e "atuam, "funcionam" bem. E nós, também vamos encontrar o nosso padrão de nos auto-organizar e interagir.

guilherme witte Fatima Melca •

É isso aí....laissez faire, laissez aller, laissez passer....Serão múltiplas possibilidades de padrões de interação de acordo com o ecossistema da rede. E lembrar de não querer organizar....

Marcelo Yamada •

Se (a título de exemplo) uma organização (uma empresa ou entidade) está há tanto tempo organizada hierarquicamente a ponto de entender a estrutura hierárquica como um componente fundamental de sua identidade corporativa, a atuação em rede (distribuída, não centralizada) pode parecer suficientemente diferente para se dizer que "uma empresa assim não é a nossa empresa ", daí a necessidade de uma transformação - uma transição. (Caso o cenário de atuação distribuída pareça atraente, é claro.)

Se não devemos chamar esse movimento de "transição de um tipo de organização para outro tipo de organização ", como podemos chama-lo?

Giovanni G. Bianco Marcelo Yamada •

ORGANIZAÇÕES E FLUXOS

Marcelo e Cris Krueel, vamos partir da seguinte macrovisão:

Imagine todo o conjunto de interações humanas como uma teia dinâmica que cobre o planeta Terra, com bilhões de filamentos se movendo, surgindo e desaparecendo. Se não houvesse hierarquia, poderíamos imaginar essa rede toda distribuída. Nesse cenário, o que seria então uma organização? Difícil dizer. Mas talvez fosse uma micro-região, desse grande campo, onde se constelam algumas interações num padrão recorrente por determinado tempo. Algo como um redemoinho em um rio: algo que ainda é a rede (o rio), mas que também se pode identificar como uma organização temporária, um padrão reconhecível desse fluxo. Lembre: rede distribuída não significa rede homogênea, então vão existir regiões do campo interativo com maior concentração de nodos e conexões (tudo que interage livremente clusteriza).

Agora, nessa representação, o que seria uma organização hierárquica? Em primeiro lugar, ela é uma distorção do campo interativo básico que caracteriza a convivência humana, cujo padrão é distribuído (assim como de todas as redes naturais -- biológicas ou físicas). A hierarquia deforma esse campo interativo ao obstruir caminhos e (o que é basicamente mesma coisa) criar fronteiras identitárias opacas entre regiões "de

dentro" e "de fora". Não é mais um redemoinho. Tem mais cara de uma cisterna, com tubos que trazem e levam água de forma controlada e rígida, que condiciona o fluxo "externo" que entra e o fluxo "interno" que se movimenta em caminhos pré-definidos, em quantidades controladas. Ao contrário de um redemoinho (ou de uma célula), cuja organização se dá pelo próprio fluir, uma cisterna tem uma organização fixa, de baixíssima alostase (capacidade de mudar congruentemente com as mudanças do entorno).

Agora apliquemos essa metáfora às organizações hierárquicas. Elas podem reduzir a hierarquia e os bloqueios de fluxo? Por certo que sim. Pode haver uma aumento de flexibilidade interna que não comprometa a "identidade corporativa" (pra usar a expressão que o Marcelo empregou).

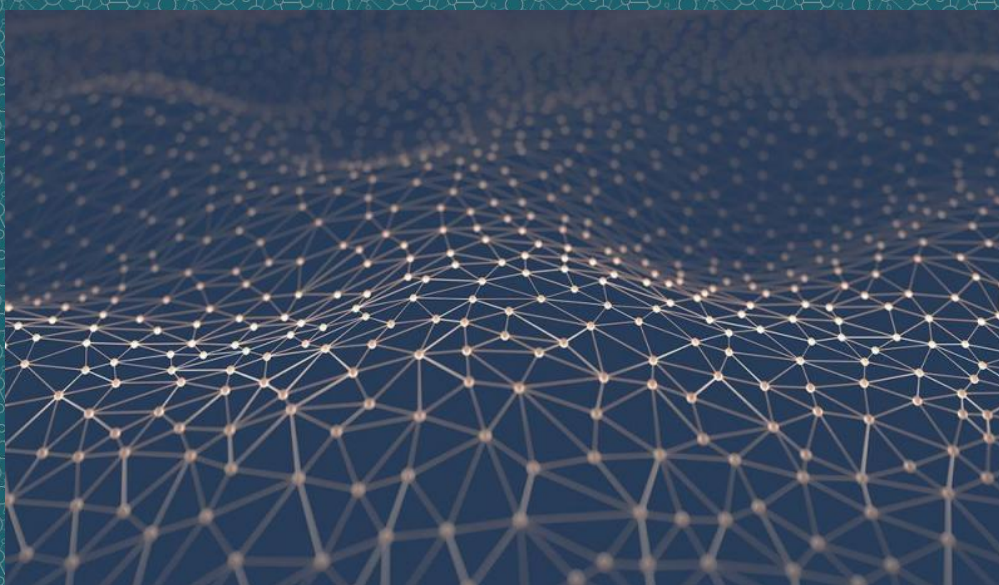
Porém, pra mim parece claro que, se esse processo de distribuição e desbloqueio de fluxos se aprofundar o suficiente, chegamos a um ponto crítico. Aquilo que reconhecíamos como uma organização deixará de existir. Ou seja, os fluxos vão gerar novas congruências imprevisíveis surgidas da interação. Se a organização gera coisas relevantes para as pessoas, sua função será desempenhada de outro modo -- por exemplo, como um ecossistema de pequenos empreendimentos.

Digamos que seja uma instituição de ensino tipo escola-universidade. Se você tirar a hierarquia e fronteira identitária, essas instituições desabam. Mas a necessidade de ambientes de troca e aprendizagem continuará viva nas pessoas. Então certamente surgirão muitas formas (em rede) pelas quais as pessoas atenderão a essa necessidade ou desejo: se multiplicação cursos livres dos mais variados assuntos; grupos espontâneos de estudo, pesquisa e prática; busca, compartilhamento e polinização de todo tipo de conhecimento, facilitado pela internet ou outras mídias favoráveis à interação distribuída.

Aliás, isso já acontece! Estamos falando de transição, e não de substituição. Vai tudo acontecer junto, sobreposto. Enquanto as escolas-universidades continuam firmes e fortes, clusters de aprendizagem livre vão emergir em outras regiões da rede. Enquanto corporações hierárquicas vão continuar existindo, a peer-production vai

ganhar espaço à medida que meios produtivos distribuídos se disseminam (como impressoras 3D e tecnologias do tipo).

À medida que o campo social se distribui, toda instituição que seja um bloqueio de fluxos terá mais dificuldade de se manter. Surgirão muitas alternativas a ela. Com o aumento da conectividade e interatividade, as pessoas vão descobrir outras formas de se relacionar, aprender, criar e produzir. Isso muda tudo.



Marcelo Yamada Giovanni G. Bianco •

Obrigado pelo esforço na construção de um cenário ilustrativo, Giovanni. Ficou realmente muito esclarecedor e ótimo pano de fundo para continuar a discussão.

Vamos lá. Você disse que "À medida que o campo social se distribui, toda instituição que seja um bloqueio de fluxos terá mais dificuldade de se manter" e traduziu isso como "o aumento da conectividade e interatividade". Concordo que esse aumento é exponencial.

A pergunta: esforços distribuídos são capazes de concorrer em prazo, custo e qualidade com organizações tradicionais, hierarquizadas? Não fossem essas organizações tradicionais, teríamos conseguido nos defender de forças invasoras, criar os microchips, chegar à lua, massificar os automóveis?

Ou devemos parar de falar em substituição dos modelos tradicionais pelos distribuídos, entendendo que estas discussões todas são necessárias apenas para entendemos o fenômeno das mobilizações coletivas espontâneas, sem a pretensão de dar a elas um papel na Economia?

Giovanni G. Bianco Marcelo Yamada •

Marcelo, não é uma substituição, e sim uma transição (com sobreposição).

Veja, amigo, não creio que as estruturas hierárquicas vão desaparecer logo. Só acho que haverá cada vez mais espaço para outras configurações e outras maneiras de fazer as coisas.

Sobre sua pergunta: "esforços distribuídos são capazes de concorrer em prazo, custo e qualidade com organizações tradicionais, hierarquizadas?". Em muitos casos a resposta certamente é "sim". Em outros casos, "não". Em outros ainda, "depende".

Também podemos fazer a pergunta inversa: sem esforços distribuídos e em rede, sem polinização de saberes, seria possível fazer qualquer uma dessas coisas que você citou? Certamente não.

A rede é mais uma condição de fundo. Mesmo o que uma organização hierárquica realiza, ela o faz privatizando recursos criados em rede. Mas parecemos esquecer disso. Queremos justificar as organizações hierárquicas, se não com argumentos moralistas, ao menos pelas suas vantagens "práticas". Olhamos para a realização de uma instituição hierárquica, mas esquecemos de todo o campo social que tornou aquilo possível. Do mesmo modo, adoramos elogiar gênios individuais ocultando as influências em rede que todos sofreram até fazer uma descoberta ou invenção.

Claro que é mais fácil realizar algumas coisas por meio de estruturas hierárquicas -- sobretudo quando o campo social circundante está distorcido pela hierarquia. No entanto, nada indica a impossibilidade de se realizar até os maiores prodígios tecnológicos de forma distribuída. Existem muitas opiniões nesse sentido, mas sempre baseadas em intuições do senso comum sobre como as pessoas e as

sociedades funcionam -- crenças que estão caindo por terra diante de várias evidências científicas.

Talvez as organizações hierárquicas sejam a formas mais eficiente de produzir certos tipos de resultados, principalmente os que envolvem comportamentos repetitivos e controle sobre a liberdade das pessoas. No entanto, cada vez mais esses resultados serão melhor desempenhados por máquinas e sistemas digitais.

Assim, os humanos podem ser liberados para fazer coisas tipicamente humanas, como criar, inventar, descobrir, imaginar, investigar, colaborar, dar sentido... E nada favorece tanto esse tipo de "resultado" como redes livres e distribuídas de convivência.

Faz sentido?

Marcelo Yamada Giovanni G. Bianco •

Você disse algo muito importante que justifica plenamente toda esta discussão: a automação usurpará grande parte das tarefas no ambiente de trabalho. Caberá aos humanos fazer o que humanos saibam fazer - por pura disponibilidade. E desse exercício de atuação em rede poderá surgir o novo papel da humanidade na economia. Dramático, mas interessante.

Giovanni G. Bianco Giovanni G. Bianco •

Alias, pensando numa perspectiva de rede para a economia, lembrei desse vídeo. Tenho alguns pontos de discordância com o Matt Ridley, mas fica aí pra aquecer a conversa. ;-)

augustodefranco Marcelo Yamada •

Transição não é substituição, Marcelo Yamada. Nunca se trata de colocar uma coisa no lugar da outra. O que chamamos de economia (você escreveu a palavra com E maiúsculo, o que lembra aqueles discursos que escrevem história com H maiúsculo...) é apenas uma maneira de olhar os fluxos em sistemas onde há escassez (em geral

produzida artificialmente para reproduzir um determinado modo de vida). É claro que o aumento dos graus de distribuição causa impacto na vida social (como o chamado pensamento econômico - a ideologia que na língua inglesa se chama Economics - vai tentar explicar isso não é muito relevante, porque agora estamos precisando mais de ciência mesmo do que de ideologia). O aumento da distribuição, da conectividade e da interatividade gera outros fenômenos que a economia (uma abordagem que só nasceu quando alguns investigadores se espantaram com o fenômeno do crescimento) nunca suspeitou. E ademais gera uma nova compreensão do funcionamento da sociedade, que não pode ser baseado naquela ideia primária de que o comportamento coletivo pode ser inferido do comportamento dos indivíduos e que os indivíduos se movem, basicamente, fazendo escolhas racionais - ou manifestando preferências individuais - que tendem a maximizar a satisfação de seus interesses que são ao fim e ao cabo egotistas: como você pode ver isso pode ser tudo, menos ciência, aliás, a estrutura do discurso se assemelha à de uma religião, pois tudo está baseado na premissa de que os seres humanos são inerentemente competitivos - o que nunca pôde, nem poderá, ser validado pela ciência, por falta de evidências. Do contrário não teríamos chegado até aqui como seres que fazem coisas gratuitas: a carícia, o sexo frontal, o compartilhamento de alimentos, o languagear e o conversar - enfim, a cooperação que nos constituiu como humanos. Várias economias (talvez fosse melhor dizer, ecologias) surgirão com o aumento vertiginoso do número de caminhos. E várias tecnologias serão criadas para responder às novas possibilidades sociais. Quem cria tecnologias não é a empresa tradicional (hierárquica). Para dar um exemplo, a internet jamais teria sido criada - com uma característica interativa - se não houvesse a possibilidade social da sua criação. As tecnologias também não são criadas pela economia (a economia é uma tentativa de explicação, não uma fonte heurística) e sim por pessoas que vivem em determinadas configurações que permitem a sua criação.

augustodefranco Marcelo Yamada •

Sim, é de uma transição organizacional mesmo que se trata. E essa transição nada mais é do que desobstrução de fluxos.

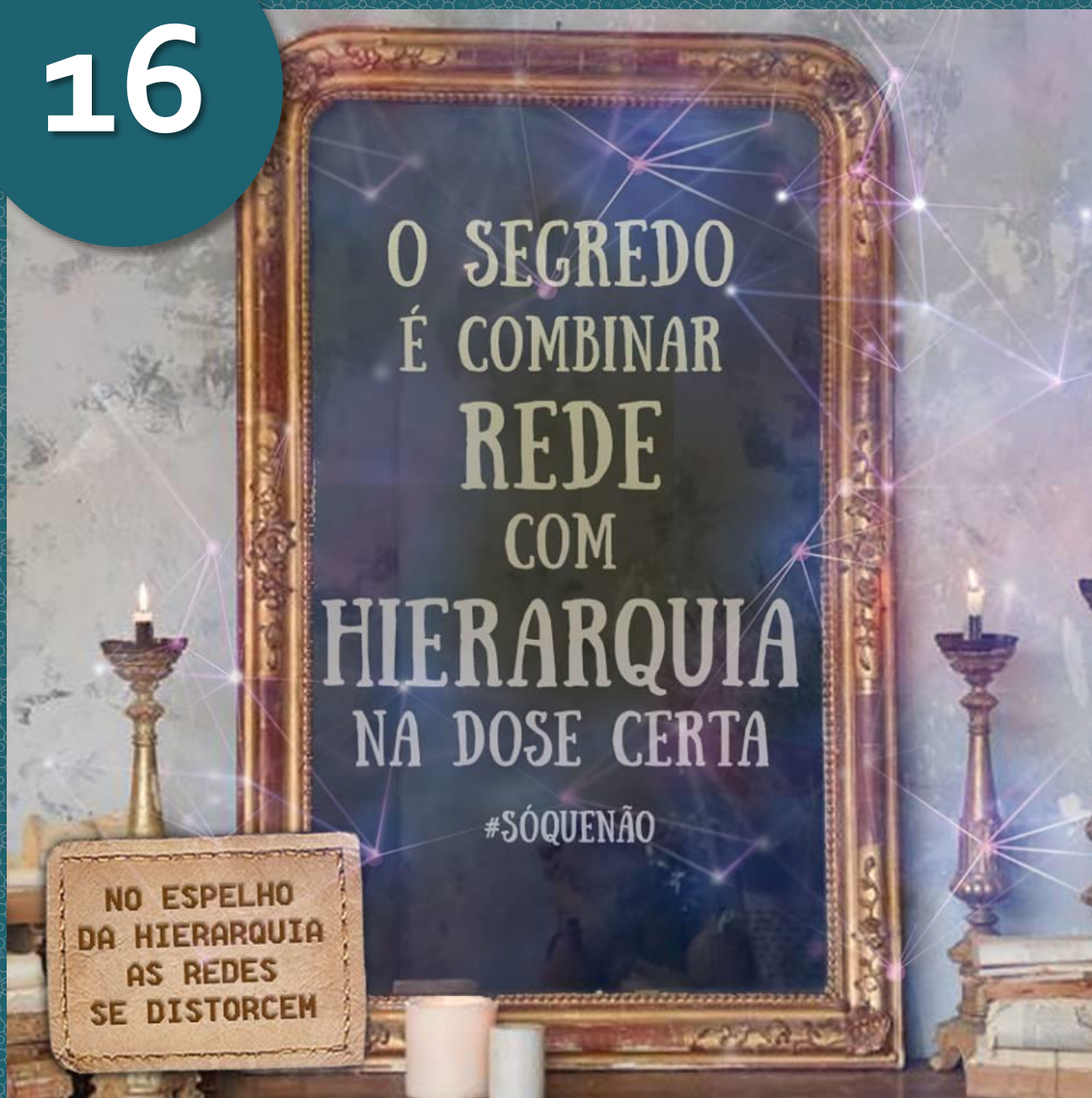
Cris Kruel [augustodefranco](#) •

Augusto, eu aposto que a maioria das pessoas não entende que um organograma é um tipo de rede centralizada/hierarquizada. Para a maioria das pessoas uma rede lembra um teia, e os diagramas de Baran seriam reconhecidos como redes.

Mas, se pedirmos para 100 CEOs desenharem suas empresas, 99 vão desenhar organograma top-down. Mas se alguém desenhar a empresa deles no futuro, no formato de uma rede altamente distribuída eles vão entender como "um novo tipo de organização".

Quando uma rede muda sua topologia, ela não está se "re-organizando"?

16



Será? É possível isso considerando que hierarquia é centralização e rede é distribuição (segundo a convenção adotada aqui, ou seja, segundo a qual chamamos de rede às configurações interativas com topologia mais distribuída do que centralizada)?

Fazendo a mesma pergunta de outra forma: aranhas podem gerar estrelas-do-mar?

No velho mundo fracamente conectado dos milênios passados erigia-se sempre uma hierarquia para realizar qualquer mudança social, assim no que era chamado de 'a sociedade' como em qualquer organização particular. Diante dos sinais de que a

estrutura e a dinâmica das sociedades estavam adquirindo, cada vez mais, as características de uma rede, os chefes de organizações hierárquicas começaram a tentar fazer reengenharias para se adequar à mudança. O primeiro impulso foi o de controlar as redes sociais (em geral confundidas com as mídias sociais) para usá-las de acordo com seus velhos propósitos: para ter mais influência, para ter mais votos, para vender mais, para extrair mais sobrevalor dos funcionários, para derrotar mais facilmente a concorrência ou os inimigos. Isso, entretanto, não aumentou a capacidade de adaptação das organizações hierárquicas porque o problema não estava em descobrir uma nova combinação dos seus recursos materiais e organizacionais, humanos e sociais e sim na sua própria natureza de organização hierárquica.

Novos departamentos hierárquicos encarregados de adequar a organização às novas possibilidades que iam se tornando disponíveis em uma sociedade em rede (nuvens de computação, plataformas interativas, trabalho remoto, marketing viral, sistemas de *co-working* e *co-creation* voltados à inovação, *peer production*, *crowdsourcing*, *crowdfunding* etc) não foram capazes de atingir o coração do problema, que é o seguinte: em uma sociedade em rede as organizações também devem ser redes. Fica faltando sempre um... *crowdweaving*. Porque o problema é: como fazer a transição de pirâmide (*mainframe*) para rede (*network*)?

Mas é inútil erigir uma hierarquia para realizar a transição de uma organização piramidal para uma organização em rede. Aranhas não podem gerar estrelas-do-mar, para usar as boas metáforas de Brafman e Beckstrom (2006) no livro Quem está no comando? A estratégia da estrela-do-mar e da aranha: o poder das organizações sem líderes. Deveria ser óbvio, tautológico ou quase. Se queremos redes devemos articular redes, não erigir hierarquias. Semente de rede é rede.

Desistam os que pretendem fazer isso: uma hierarquia não pode gerar uma rede.

A manutenção das hierarquias não ocorre em função de qualquer discordância consciente das redes por parte dos agentes de um sistema hierárquico. Uma vez erigidas, as hierarquias tendem a se manter e reproduzir por força de circularidades

inerentes às suas interações recorrentes. É uma espécie de mecanismo de segurança do sistema contra sua dissolução. É uma maneira de se proteger do caos representado pela ausência de ordem *top down*. É uma forma de ficar do “lado de fora” do abismo, posto que cair no abismo é o maior temor de toda estrutura mais centralizada do que distribuída.

Que tipo de abismo seria esse? E por que as pessoas, nas organizações hierárquicas, têm tanto medo de cair nele?

UMA SÍNTESE DOS PRINCIPAIS COMENTÁRIOS

Ana Lucia Procopiak •

Organizações hierárquicas são estruturas de comando, estabilidade e controle. Jogar-se no abismo é entregar-se ao descontrole, ao desconhecido, ao imprevisível, correndo o risco de esborrachar-se e a perder as certezas e limites. Cair no abismo e descobrir um 'País das Maravilhas', onde conceitos são revirados todo o tempo, numa rede interminável de relações, invenções, 'desinvenções', no caos das interações, como no poema de Manoel de Barros:

Desinventar objetos. O pente, por exemplo. Dar ao pente funções de não pentear. Até que ele fique à disposição de ser uma begônia. Ou uma gravanha.

Usar algumas palavras que ainda não tenham idioma.

Marcia Borges •

Acredito em: 1) Mecanismos de mal uso de mídia : hoje as pessoas sequer pensam e repetem muito o que lêem/ouvem/murmuram e acabam criando uma profecia que se autocumpre com notícias distorcidas e não fatos.

2) Tempo reduzido para adaptações: à medida que as instituições hierárquicas foram permeando a sociedade por diversos mecanismos, muito do tempo foi solapado. Percebi como o tempo é mal utilizado nas organizações ao longo dos anos, automatizando mente/corpo/cérebro e reações. Para mudança é preciso saber que é possível e também criar espaço para que essa possibilidade possa ser absorvida/apreendida. Não estou conseguindo enxergar essa dinâmica nas organizações.

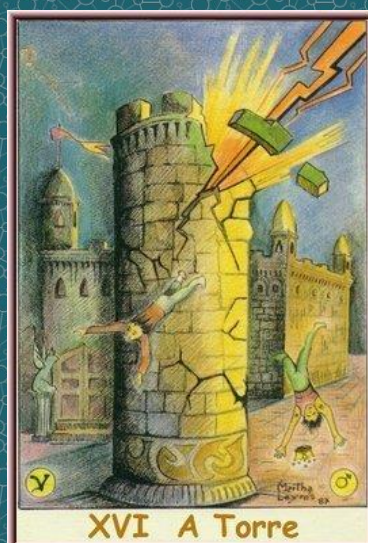
3)Desconfiança do processo. Aí a imagem que mais me vem na mente é a do Indiana Jones e a Última Cruzada :)

Giovanni G. Bianco Marcia Borges •

Bem legal, Marcia! :D

Fatima Melca •

Isso me lembra a web 1.0, ou mesmo quererem usar o audio de videos em programas de rádio. Não dá. Me vem na lembrança a carta de tarot "a Torre". Vão tentando dar jeitinho, remendando, até que não dá mais. Têm momentos que os incrementos não atendem mais as novas exigências. É preciso mudar. Deixar emergir. Mudar o padrão. O abismo seria o reino de possibilidades infinitas, de caminhos abertos, de conexões, de sinapses. Me parece, que é o medo da incerteza, do novo, da mudança, da quebra de barreiras. Estamos na contemporaneidade, sistemas complexos, infinitos... não vamos conseguir atender às novas exigências, usando os padrões que estávamos acostumados. Do Lápis ao Touch. As pessoas que têm medo de mergulhar no abismo, devem ser aquelas que têm medo do diferente, que se recusam a ir por outro caminho do que estão habituadas, que acreditam que são donas de algum saber, pessoas que só sabem fazer uma coisa. Sim, acho que elas tem razão de ter medo, mas deveriam começar a desfazer esse medo de uma modo mais simples. Começando a experimentar a interagir, compartilhar vivências, participar de roda de conversas, pois o mundo está toda hora nos convidando a mudar, a fazer diferente. Antes o que aprendíamos na universidade nos valia pela vida toda. Agora? Tudo muda tão rápido, que precisamos estar sempre aprendendo, compartilhando o que sabemos e aprendendo com as nossas redes.



Cris Kruel •

Acho que quando um novo (alguém) conquista o poder de definir como os outros nodos interagem então este nodo não quer largar o osso.

Giovanni G. Bianco Cris Kruel •

Quando um nodo da rede é capaz de definir como os outros nodos interagem (ou não interagem), isso já é sinal de hierarquização presente, Cris.

Então, se eu entendi bem, você acha que precisamos de um pouco de hierarquia para nos proteger da... hierarquia? Parece um pouco circular esse raciocínio.

O que você acha?

Cris Kruel Cris Kruel •

Infelizmente, observando os acontecimentos, realizações e fracassos, temo ter que aceitar que a expressão do Mito #16 - por mais desconforto que cause - possa ser correta.

augustodefranco Cris Kruel •

O que é correta, Cris?

Cris Kruel augustodefranco •

Desculpe por não ter facilitado: Talvez o segredo seja saber combinar a dose certa de rede (neste caso, a rede distribuída) e a hierarquia (rede centralizada).

Giovanni G. Bianco Cris Kruel •

O que te levou a essa conclusão, Cris? Abraço

Marcelo Yamada •

A atual ordem social é ditada pela mecânica de funcionamento das organizações (hierarquizadas), que por sua vez influenciam o funcionamento do mercado de trabalho, do sistema de ensino e as relações familiares e de amizade. Essa mecânica prevê hierarquias (por motivos diversos), declaração de visão/missão, objetivos a serem perseguidos, mecanismos de acompanhamento e controle e mecanismos de desenvolvimento profissional, recompensa e punição.

O abismo, me parece, é a perspectiva de ter que passar compulsoriamente a atuar sem toda essa estrutura e mecanismos de reforço.

Creio que se pudermos explicar a todos os envolvidos como conseguiremos produzir progresso tecnológico e bem-estar em um cenário de atuação puramente distribuída, o medo deixará de existir.

Giovanni G. Bianco Marcelo Yamada •

Marcelo,

Acho que acabei respondendo parte disso na minha resposta a você no módulo 15. Reproduzo aqui a parte final.

Complementando, me parece que:

- 1) Não haverá substituição, e sim transição (com co-existência de formas mais hierárquicas e mais distribuídas);
- 2) Ninguém precisa "compulsoriamente" se desapegar dos elementos que você citou; ao contrário, eles é que são introduzidos compulsoriamente em nossa vida desde a infância, não é?
- 3) Não creio que seja possível mudar o comportamento das pessoas pelo convencimento sobre redes, ou explicando discursivamente como as coisas podem "funcionar" em rede. Parece que a única coisa que realmente tem impacto nas pessoas é a experiência direta com estruturas mais distribuídas. Como experiências em rede

tendem a se tornar mais comuns em todos os campos, isso talvez reduza resistências. Não estou certo disso.

[copiando aqui o trecho que outra resposta]

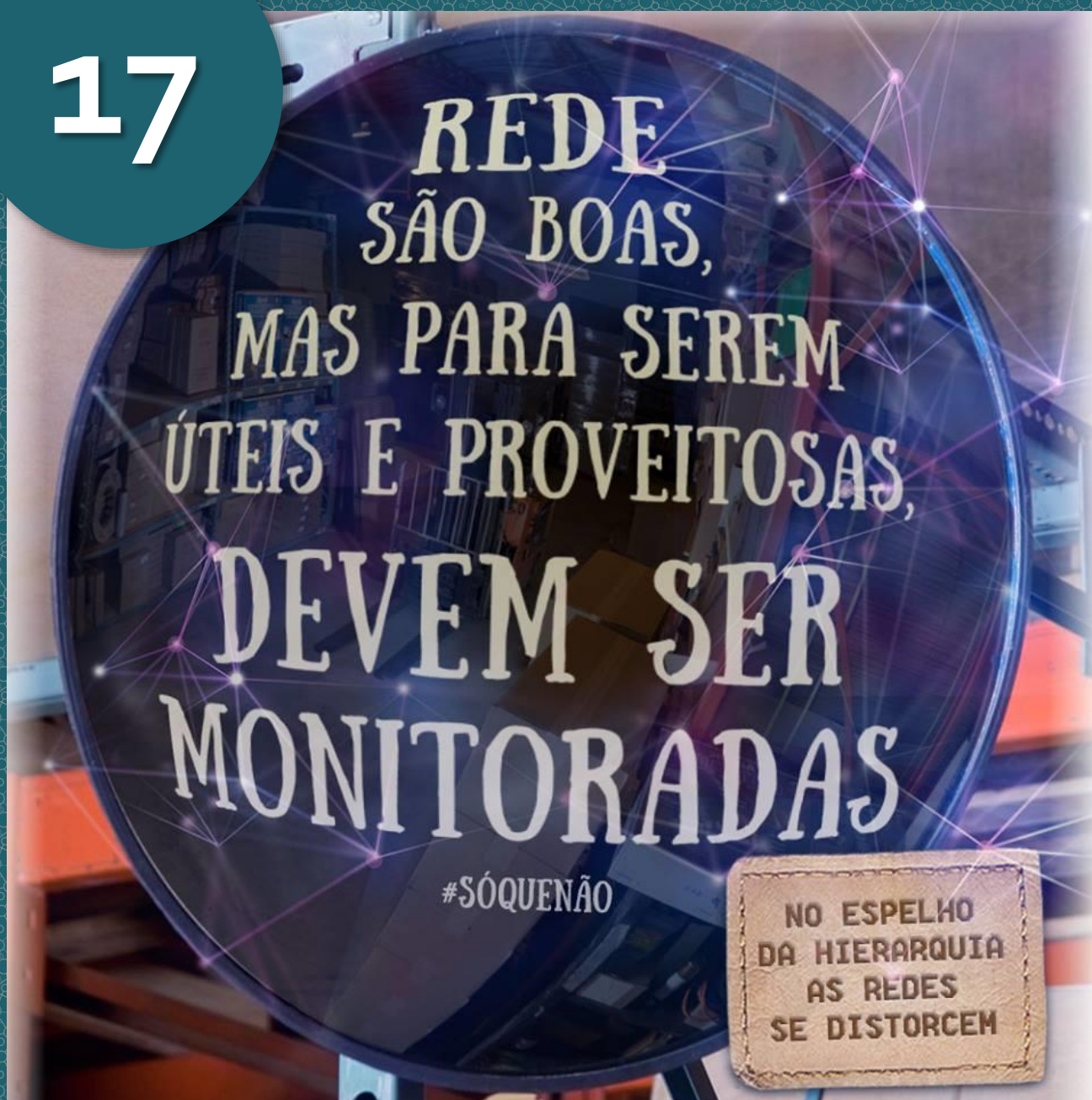
"Porém, pra mim parece claro que, se esse processo de distribuição e desbloqueio de fluxos se aprofundar o suficiente, chegamos a um ponto crítico. Aquilo que reconhecíamos como uma organização deixará de existir. Ou seja, os fluxos vão gerar novas congruências imprevisíveis surgidas da interação. Se a organização gera coisas relevantes para as pessoas, sua função será desempenhada de outro modo -- por exemplo, como um ecossistema de pequenos empreendimentos.

Digamos que seja uma instituição de ensino tipo escola-universidade. Se você tirar a hierarquia e fronteira identitária, essas instituições desabam. Mas a necessidade de ambientes de troca e aprendizagem continuará viva nas pessoas. Então certamente surgirão muitas formas (em rede) pelas quais as pessoas atenderão a essa necessidade ou desejo: se multiplicação cursos livres dos mais variados assuntos; grupos espontâneos de estudo, pesquisa e prática; busca, compartilhamento e polinização de todo tipo de conhecimento, facilitado pela internet ou outras mídias favoráveis à interação distribuída.

Aliás, isso já acontece! Estamos falando de transição, e não de substituição. Vai tudo acontecer junto, sobreposto. Enquanto as escolas-universidades continuam firmes e fortes, clusters de aprendizagem livre vão emergir em outras regiões da rede. Enquanto corporações hierárquicas vão continuar existindo, a peer-production vai ganhar espaço à medida que meios produtivos distribuídos se disseminam (como impressoras 3D e tecnologias do tipo).

À medida que o campo social se distribui, toda instituição que seja um bloqueio de fluxos terá mais dificuldade de se manter. Surgirão muitas alternativas a ela. Com o aumento da conectividade e interatividade, as pessoas vão descobrir outras formas de se relacionar, aprender, criar e produzir. Isso muda tudo."

17



Monitorar faz parte de administrar. Mas redes (mais distribuídas do que centralizadas) se autorregulam. E autorregulação significa sem-administração.

A ideia de que qualquer organização exige diferenciação de papéis pré-definíveis foi aceita como um axioma universal na administração. Em alguns casos citavam-se exemplos retirados da biosfera para mostrar que se trata de uma verdade evidente por si mesma (por exemplo, frequentemente ainda se dá o exemplo das formigas, que já nasceriam com funções especializadas: forrageiras, operárias, soldados – conquanto essa crença já tenha sido desmascarada pela ciência).

Não é por acaso que as teorias da administração sejam teorias de comando-e-controle. A administração, qualquer administração, é sempre uma administração da escassez. É uma espécie de economia política aplicada. Só há necessidade de administrar um sistema se esse sistema foi construído a partir da seleção de caminhos para normatizar o fluxo: por aqui pode passar, por ali não pode; para chegar aqui tem que vir por ali, para sair lá tem que passar por aqui. Ora, é mesmo impossível fazer isso sem comando e controle.

O fluxo quer fluir. Fluirá por onde houver caminho. Para proibir a livre fluência é preciso obstruir caminhos, derrubar pontes, fechar atalhos entre *clusters* (nas organizações hierárquicas isso acontece inclusive pela segregação espacial dos seus membros, alocados em andares diferentes de um prédio fechado pela introdução de muros, cercas, cancelas, roletas, elevadores programados, cartões magnéticos com permissões exclusivas, que abrem algumas portas e outras não, ou pelas permissões diferenciadas conferidas aos usuários para acessar sites, baixar programas, enviar ou receber mensagens, interagir em plataformas etc.). Tudo comando-e-controle.

Redes distribuídas são estruturas sem-administração, que se regulam por emergência (quanto mais distribuídas o forem). Nas novas organizações mais distribuídas do que centralizadas, os papéis ou funções se definem e redefinem continuamente a partir da interação. Uma pessoa que se dedicava às relações institucionais de uma empresa passará a fazer parte da concepção de seus produtos; outra, encarregada do relacionamento com os clientes, será chamada a compor um *think tank* de inovação. Mais do que isso, com a perfuração dos muros que separavam a organização de grande parte dos seus *stakeholders*, consumidores também contribuirão para o processo produtivo, acionistas se oferecerão para compartilhar a gestão e as comunidades afetadas de alguma forma pela atuação de uma empresa assumirão solidariamente riscos e oportunidades associados ao empreendimento. E isso é apenas o começo.

Nessas circunstâncias não pode haver um departamento capaz de impor, de antemão e de cima para baixo, os caminhos que devem ser seguidos pelos fluxos que atravessam todos os demais departamentos de uma organização. Aliás, antigos

departamentos serão substituídos, crescentemente, por instâncias surgidas da clusterização. Múltiplas lideranças se revezarão no *netweaving* de todos os processos. O velho indivíduo, substituível peça da máquina (por outro indivíduo substituível), vai sendo substituído pela pessoa, insubstituível porquanto única naquilo que faz, do jeito que faz, enquanto nodo da rede em que interage.

Não é curioso que a primeira preocupação de qualquer organização (como uma empresa, por exemplo) seja a de monitorar as redes em vez de aproveitar as múltiplas possibilidades de um padrão de organização em rede? Por que as pessoas das organizações hierárquicas se preocupam mais em medir o que não têm do que fazer o que pode ser feito?

UMA SÍNTESE DOS PRINCIPAIS COMENTÁRIOS

Marcia Borges •

A frase que se tornou praticamente bíblica entre as organizações hierárquicas é do Peter Drucker "Aquilo que não é medido não é gerenciado". Logo, a hierarquia pressupõe o gerente/gestor para gerenciar, ele para fazer isso de forma impessoal e isenta de responsabilidades e de questões "que demonstrem a necessidade de mudanças profundas", ele utiliza do monitoramento e administração dos fluxos e portanto dos números. Até porque é frase corrente entre os administradores "A estatística é a arte de torturar os números até que eles confessem. E eles sempre confessam". A Estatística é uma das ferramentas mais incríveis para nos ajudar em muitas questões e principalmente dar indicações preciosas sobre o que pode ser feito. Mas onde há burocracia e produtivismo, ela tem a função de demarcar territórios e expiar culpas e manter o status quo. Até porque, venhamos e convenhamos, para o que é essencial e precisa ser feito não é necessário gerentes e administradores e sim seres pensantes e que tenham percepção de quais estratégias precisam ser tomadas em dado momento, de acordo com a configuração das coisas

Fatima Melca •

Acabei de me lembrar da escola. Não é que elas são um bom exemplo de controle? Medir, como se os números nos representassem. Somos feitos de interações. Somos livres para fazermos nossas escolhas.

Ana Lucia Procopiak Fatima Melca •

Certamente Fátima, também lembrei da escola, instituição das 'instituições' hierárquicas dos caminhos normatizados e normatizantes! Dia destes conversei com um amigo professor de escola pública, que dizia estar preocupado com a passividade das crianças... quando perguntou porque elas estavam na escola, recebeu como resposta: Para tirar nota e passar de ano! Precisa dizer mais...?

Giovanni G. Bianco Fatima Melca •

Pois é, Fatima. Como bom exemplo de instituição hierárquica (e que incute hierarquia nas pessoas desde a infância), a escola está mais preocupada em monitorar indivíduos do que promover relações. Ela está estruturada para medir o quanto você consegue memorizar e reproduzir de um conjunto de conteúdos pré-estabelecido, e não para promover as interações entre as pessoas que produzam mais experiências de descoberta, aprendizagem e investigação.

Marcia Borges Fatima Melca •

Isso me lembra uma conversa que tive com um amigo , professor de uma Escola particular referência no mercado e que pretende deixar de lecionar lá em função de não conseguir fazer o que mais gosta: lecionar. Se o controle com as crianças é grande, com os professores fiquei "petrificada" com o exemplo que ele me deu. A ponto dele preferir tirar o filho de lá e por numa escola pública e também ficar lecionando somente na escola da prefeitura onde também dá aula.

Cris Kruel •

Existe algum teorema, método, algoritmo ou ferramenta para medir/monitorar o quanto um rede é "controlada"?

augustodefranco Cris Kruel •

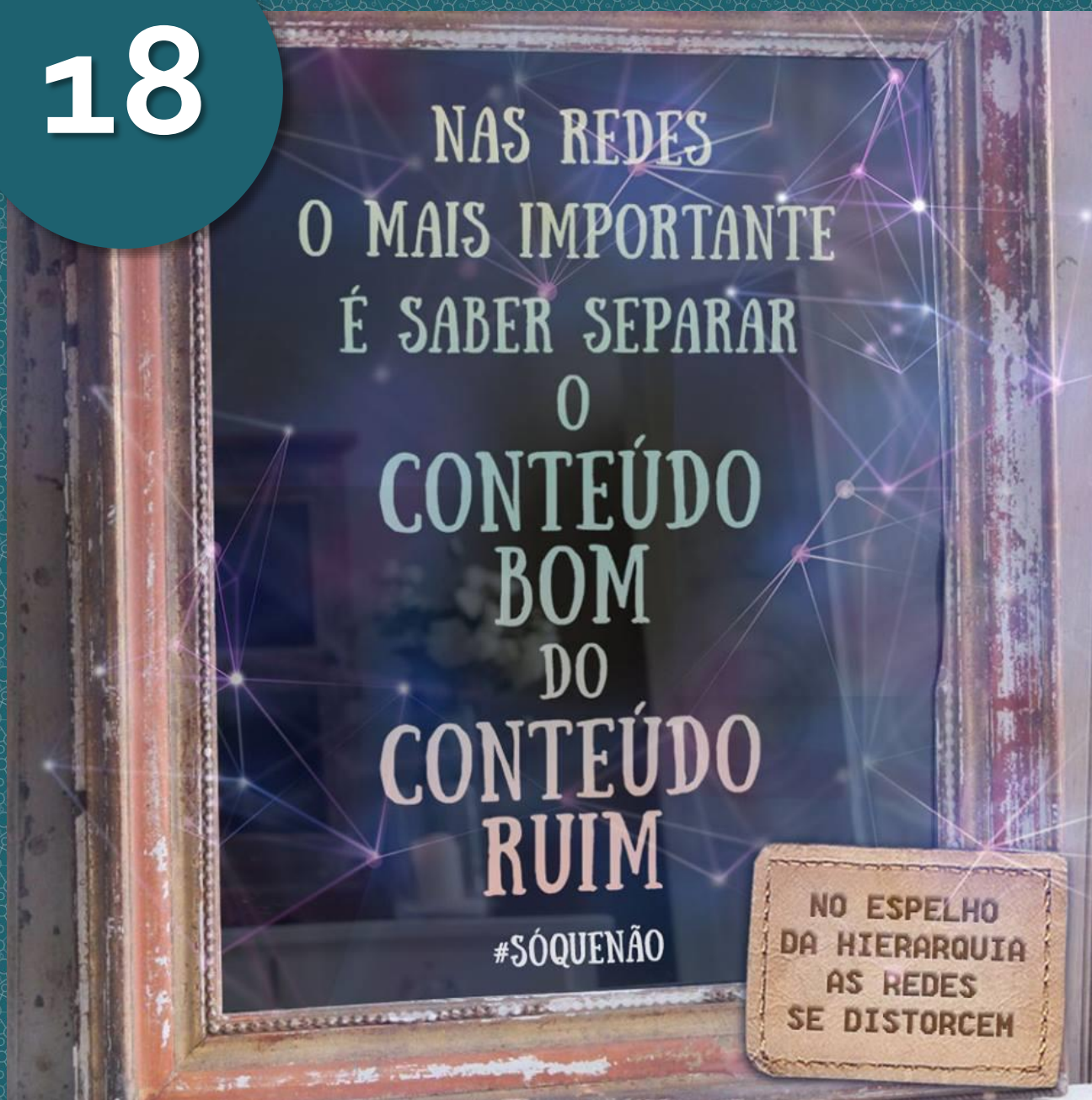
Sim, existem várias ferramentas para medir bloqueio de fluxos: no ambiente virtual, no ambiente físico e no ambiente de desenvolvimento/inação.

Cris Kruel augustodefranco •

Legal, estou curioso para conhece-las.

augustodefranco Cris Kruel •

No próximo programa REDES #COMOFAZ algumas delas serão compartilhadas. Mas só serão realmente investigadas em Processos de Rede em Empresas.



Essa ideia nasce, principalmente, da inconformidade dos professores com os conteúdos que circulam livremente pelas redes, sobretudo nas mídias sociais, mas também na Wikipedia e na Web em geral, aos quais se tem acesso por cada vez mais eficientes mecanismos de busca. Como tudo está disponível - desde *papers* científicos sérios à opiniões não abalizadas, credices, ideologias variadas, pornografia, textos contendo falsos juízos sobre qualquer coisa, charlatanices e falsificações, ideias manipuladas e sistemas de hipóteses manipuladoras, propaganda enganosa etc. - algumas pessoas sentem falta do velho tribunal epistemológico capaz de separar o

que é bom do que é ruim, o que é válido do que não é, o que deveria ser permitido do que deveria ser proibido. O problema é que elas pensam em alguma instância que possa fazer isso centralizadamente e como tal instância não existe (e é impossível instituí-la a esta altura) elas pensam numa estrutura descentralizada onde vários centros fariam esse papel de julgar, aprovando o que é bom e condenando (e eliminando) o que é mau.

Elas, não raro, se investem nesse papel de "professor da rede".

Em geral essas pessoas não percebem ou não conseguem entender que o fato da interação ser possível também torna possível a construção distribuída da avaliação de conteúdo. Uma ideia falsa, uma mentira, um boato, se espalharão rapidamente pela rede, mas também se espalharão tão ou mais rapidamente a correção, o desmentido, o desmascaramento. Quanto mais distribuída for uma rede, mais vulnerável à autorregulação ela estará, sem necessidade de juízes instituídos (e ademais sem a possibilidade de instituí-los) para dizer o que é "verdade" e o que é "mentira".

Há aqui uma confusão flagrante entre a rede social e as ferramentas digitais que tornaram disponíveis e acessíveis tanto conteúdo e de todo tipo. Mas talvez essa confusão não seja a mais importante. O mais importante é a crença de que o conhecimento é um conteúdo pretérito a ser guardado como verdadeiro ou mais verdadeiro.

A ideia de capturar objetos para colocá-los na máquina, a ideia de salvar (arquivar) configurações do passado, constituiu o caminho para a construção de conhecimento nas sociedades de baixa interatividade. As teorias do conhecimento pressupostas por essa ideia podiam ser de todo tipo (behavioristas ou conducionistas, construtivistas, conectivistas etc.), mas sempre cognitivistas. Não podiam ser interativistas. Não é por acaso que todos os cognitivismos - como o construtivismo - geravam escolas (burocracias do ensino) enquanto que o conectivismo e sobretudo o interativismo vão gerando inevitavelmente não-escolas (redes de aprendizagem).

A ideia de construção do conhecimento – de depositar “tijolo por tijolo num desenho lógico”, como diz a canção Construção, de Chico Buarque (1971) – decorre de uma epistemologia com pouco intimidade com o fluxo. Essa ideia, ao se aplicar, requer uma espécie de congelamento de fluxos (ou de materialização do passado) para ir combinando objetos, como em uma espécie de lego. Ela permitiu a ereção de aberrações como os *knowledge management systems*, originalmente pensados para abastecer de informações estratégicas o topo de pirâmides. Era compatível, portanto, com estruturas centralizadas e não com redes distribuídas.

Mas o conhecimento presente em uma rede mais distribuída do que centralizada não pode ser gerido *top down*, simplesmente porque não há um nodo ou *cluster* capaz de capturá-lo com antecedência, domesticá-lo ou codificá-lo (transformando-o em ensino) para facilitar o acesso a ele dos demais.

É uma relação social, móvel e sempre em mutação. Como no sistema imunológico dos mamíferos e de outros animais, é um conhecimento que está distribuído por toda a rede. Um nodo interagente conhece porquanto (e enquanto) está interagindo e não porque foi alocado em uma posição para receber uma instrução de outrem (escola). É um conhecimento novo a cada vez. Como naquele rio heraclítico, ninguém pode aprendê-lo mais de uma vez.

É por isso que as plataformas hierárquicas de transmissão do conhecimento foram estruturadas para avaliar e validar o conhecimento ensinado e não o conhecimento aprendido. E é por isso que todas elas exigem tribunais epistemológicos, corpos (docentes) de guardiães do passado (que são sempre coaguladores: sacerdotes, professores, doutores, mestres e outros titulados) encarregados de dizer quais conhecimentos podem ou não transitar.

A chamada “arquitetura de informação” das plataformas digitais baseadas em participação segue o mesmo caminho. Tudo se resume a abrir caixinhas para depositar e salvar conteúdos, escaninhos para coagular, guardar e ordenar o passado com o intuito declarado de facilitar a busca futura, quando, na verdade, seu objetivo é outro:

selecionar e pavimentar caminhos para o futuro que sejam produzidos pela dependência da trajetória (ou pela repetição de passado).

A questão é que não é o conteúdo transitado - transmitido-recebido - que pode caracterizar ou determinar o comportamento de uma rede e sim o seu padrão de interação (e os fenômenos interativos que emergem em função desse padrão). Como na comunicação vareliana (já mencionada no Módulo 5), esse conteúdo não é uma variável relevante para explicar o que acontece quando pessoas interagem (o que é relevante são as modificações de comportamento que afetam os interagentes quando há verdadeira comunicação).

Mas por que as pessoas continuam achando que devem assumir o papel de fiscais do conteúdo que circula na rede?

UMA SÍNTESE DOS PRINCIPAIS COMENTÁRIOS

Catia Urbanetz •

bem divertido e muito bem humorado esse texto! tribunal epistemológico, hehehe! :)

os professores (corpo docente) são os juízes do tribunal, separando o conteúdo bom do ruim, decidindo quem é digno ou não de receber o título de mestre, doutor...

Marcia Borges •

Na minha visão percebo que conteúdos bons e ruins sempre existiram e sempre vão existir, e ainda levando em conta o que se considera bom ou ruim e para quem isso é bom ou ruim. E a medida que estamos falando em conexão e interação isso além de ser inútil de se fazer, não levaria a lugar algum, acredito. Percebo com as mídias sociais quanto se trata de um assunto que por acaso eu tenha interesse, fico perplexa com a minha reação em função de descobrir que a pessoa X que gosto tanto posta um conteúdo X do qual discordo totalmente. E somente depois de entender essa dinâmica, pude conceber o processo como um demonstrador das múltiplas realidades que eu desconhecia do que exatamente de qualificação de conteúdo. mas uma coisa me incomoda um pouco: é a questão de muito conteúdo chegar até a mim antes de eu procurá-lo. Percebi que isso gera sim o efeito de "bubble filter". Percebi que perdi uma interação mais intensa com alguns aspectos "escondidos" da rede quando eu tinha que percorrer o caminho para encontrar o conteúdo.

Fatima Melca •

Penso que essas pessoas querem ser obedecidas, querem continuar mantendo o controle, querem centralizar informação, deter o poder e muitas vezes esconder a própria mediocridade. O poder pode ser usado para afastar questionamentos e mostrar autoridade. Questiono o que seja um conteúdo bom, ou um conteúdo ruim? Que valor é esse dado ao conteúdo? Transmitir conteúdo, como se isso bastasse. O que importa é o que a pessoa vai fazer com esse conteúdo, o que ela vai buscar, as interações que ela vai fazer, o que vai emergir ... Professores para Quê, de George

Gusdorf, é um bom livro, sobre isso. Ele nos leva a pensar, para quê professores? Para transmitir conteúdos? Recitar como papagaios? Ou para que o conteúdo fosse um meio, um pretexto para que o mais importante acontecesse: a interação, a troca, a busca pelo novo... Li esse livro em 1976, depois desse livro li muitos outros, mas desse nunca me esqueci. Isso me lembra o netweaver. Não seria isso: O professor deixar o conteúdo para os meios /recursos de que dispõe e ele professor atuar na rede como um articulador, buscando sempre mais interações, mais descobertas, mais desobediência ao que é imposto e abrindo espaço para novas emergências...

Catia Urbanetz Fatima Melca •

legal

Cris Krueel •

Alguns insights:

- Taxonomia: Eu tenho observado o comportamento de redes sociais empresariais - onde esta discussão está sempre presente - e tenho percebido que não é eficiente a empresa definir como o conhecimento deve ser organizado e que conteúdo cada indivíduo deveria receber. Permita que as pessoas criem e categorizem (multiple tags).
- Conteúdo encontra o seu destino - Cada indivíduo deveria ter a opção de escolher o que deseja ouvir. Ou a REDE ou é RÁDIO. O que percebo nas redes é que cada vez mais o conteúdo encontra o interessado e não o contrário.

Exemplo Rápido: área de RH anuncia vagas internas na sua rede interna; João lê o anúncio de uma vaga no interior, mas não se interessa; João sai para almoçar com Maria que confidencia que seu marido vai ser transferido para o interior e vai pedir demissão da empresa; João comenta com Maria da vaga que esta desconhecia. Moral da história: a rede é a maneira mais eficaz de fazer a mensagem chegar a quem interessa.

- O importante não é saber, mas saber quem sabe. Parece uma brincadeira mas é oportuno para imaginar a dinâmica das redes distribuídas.

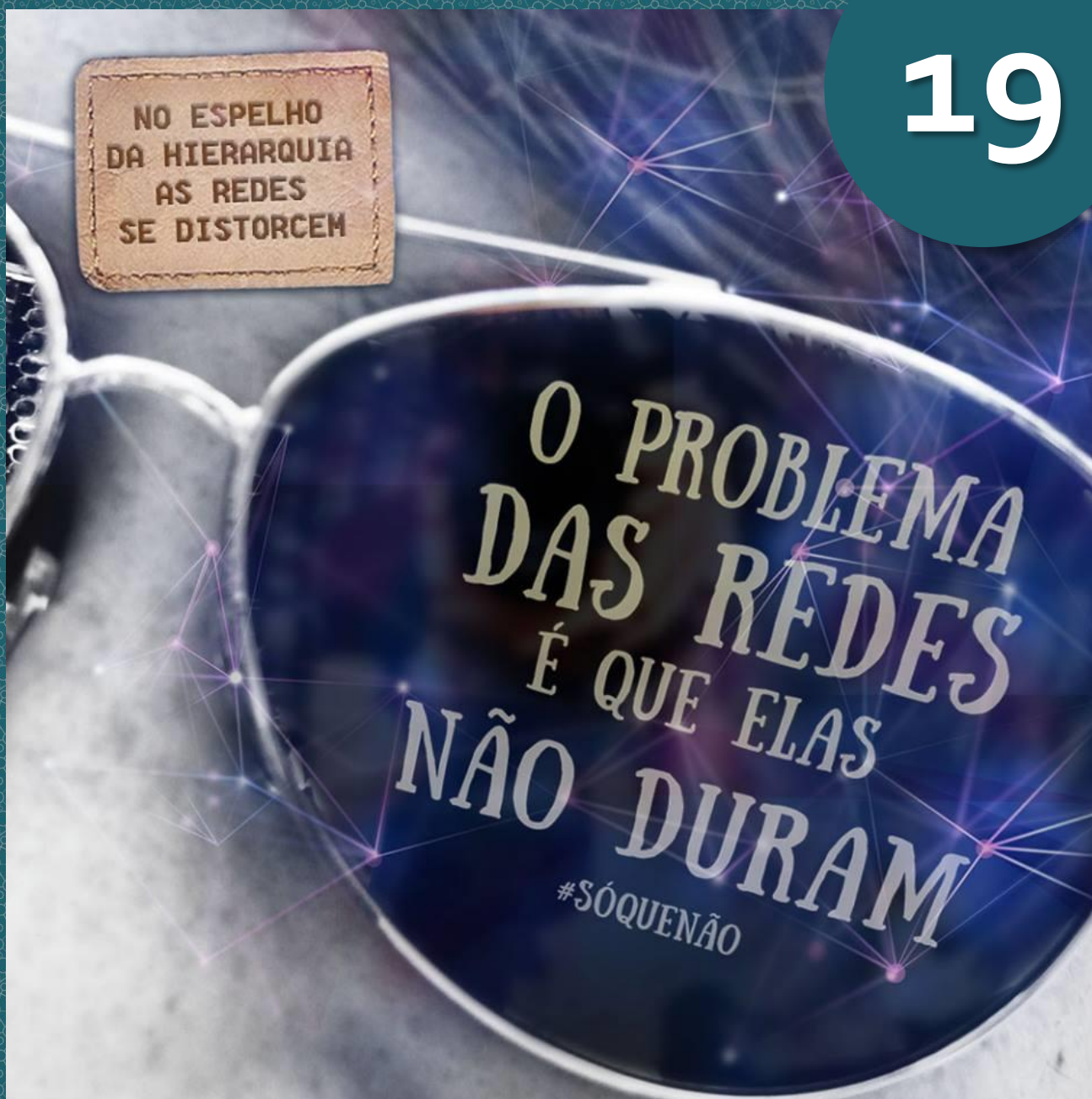
- Conteúdo é Ruim - Wikipedia tem erros, assim como a Barça, Britânica... Mas na Wikipedia a chance e agilidade de identificar e corrigir um erro é incomparável.

Rafael Ferreira Cris Kruel •

'O conteúdo encontro o interessado e não o contrário' e 'o importante não é saber, mas saber quem sabe'. Muito bom.

Giovanni G. Bianco Cris Kruel •

Bem legal, Cris!



Há quem pense isso. De certo quem pensa assim imagina que as coisas devam durar indefinidamente (ou, pelo menos, enquanto elas - e seus descendentes - viverem). Mas o que é durar? Há alguma coisa que dure para sempre? A imensa maioria das organizações hierárquicas que conhecemos dura muito? Em 1937 o tempo médio de vida de uma empresa era 75 anos. No final de 2011 caiu para 15 anos. Qual será esse tempo em 2030?

A rede é móvel, é um "bicho-vivo". Qual bicho vivo que conhecemos que dura muito? No entanto, o padrão se conserva. Num ecossistema (que se organiza segundo um

padrão de rede) os seres vivos, indivíduos de múltiplas espécies, nascem e morrem continuamente (e nesse sentido pode-se dizer que não duram muito), mas o ecossistema pode permanecer se transformando durante longo tempo. As formigas nascem e logo morrem em um formigueiro, mas o formigueiro (que é uma rede) se mantém por muito mais tempo. Aliás, quem se reproduz - como padrão de organização - é o formigueiro (ainda quando substituímos todas as suas formigas, uma a uma, um formigueiro continuará se comportando da mesma maneira).

As evidências mostram que tudo que é sustentável tem um padrão de rede. Mas o que é sustentável não dura para sempre como é: se transforma, se adapta às mudanças do meio, se modifica continuamente. O que se mantém é a trajetória de adaptações. O que é sustentável muda para ser o que pode ser, como continuidade da sua história fenotípica.

A despeito de todas as evidências, porém, as redes duram muito. Muito mais do que qualquer organização hierárquica, mas não da forma como algumas perduraram porque foram congeladas (ou "conservadas em formol"). Não duram mantendo a mesma identidade original e sim mudando ao sabor do vento interativo. Por isso é inútil articular uma rede esperando que ela vai continuar sendo sempre a mesma. Ela será moldada pela interação. Podemos saber como começa (nem isso, na verdade, mas vá-lá), mas não como vai se desenvolver. A não ser que fechemos a rede, estabelecendo fronteiras opacas, cortando conexões, condicionando fluxos, selecionando nodos (estabelecendo controles migratórios que vão dizer quem pode entrar e o quem não pode), separando clusters: mais aí, se fizermos isso, vamos construir inexoravelmente uma organização hierárquica, não uma rede.

Por que será que algumas pessoas se preocupam tanto com a duração de uma rede? O que, na verdade, as preocupa?

UMA SÍNTESE DOS PRINCIPAIS COMENTÁRIOS

Marcia Borges •

Acho que a preocupação com a duração é basicamente uma preocupação com a estabilidade, que sempre foi uma ferramenta usada em casos de medo. A estabilidade de voltar pra um lugar seguro que esteve sempre lá. Uma parte acredito que seja atavismo mesmo: tendência a seguir mecanismos de segurança que ficaram registrados na nossa biologia. Mas se a história é como nos contam os historiadores de plantão, sempre houve muitas mudanças, reviravoltas, guerras, eliminação de espécies da história, acho que talvez essa questão do nosso medo de mudança devesse ser estudado num recorte de tempo/espço. Mudamos o tempo todo, portanto nossas redes biológicas e sociais também não duram, se modificam, desde que nascemos até a morte e porque isso não é interiorizado? São todas mudanças difíceis, mas tenho o palpite que talvez já tenha um benchmarking para se agarrar se der algo errado? Também podemos dar algum crédito para a epidemia desta época, a ansiedade e a depressão (que pelo que vi em alguns estudos literalmente anestesiam o corpo/mente dos seres deixando-os e incapazes de seguir o fluxo). O que gera mais medo e aí mora o ponto: as pessoas querem algo que durem, e como também acho que até simbolicamente (quando estudamos os símbolos astrológicos isso é bem detectável) a busca da estabilidade no externo, em uma proteção, inclusive para poder voltar depois de pular no abismo. "Se nada der certo, eu tenho um porto seguro". Ou, aliás, é também mais uma expectativa, pois o porto já está cheio de outros barcos mais modernos, já teve tsunami e já mudou muito.

Fatima Melca •

Sim, tudo que é sustentável tem um padrão de rede, mas o que é sustentável não dura para sempre como é: se transforma, se adapta às mudanças do meio, se modifica continuamente. Se não fosse assim, não iria se sustentar. Tudo muda, nos mudamos, as coisas mudam, as necessidades mudam, as exigências também. Então, o que funcionava antes, não funciona agora. Tem que mudar, para acompanhar as novas

exigências. Se não mudar, fica estagnada no tempo. A rede tem que mudar para continuar existindo. Novas interações mantem a rede viva.

Cris Kruel •

Não sei se as pessoas se preocupam realmente com a duração de uma rede, ou simplesmente temem as mudanças. O texto abaixo foi - para mim - uma revelação.

"As evidências mostram que tudo que é sustentável tem um padrão de rede. Mas o que é sustentável não dura para sempre como é: se transforma, se adapta às mudanças do meio, se modifica continuamente."

[O sustentável se modifica continuamente, e talvez por isto cause preocupações] - As pessoas não gostam de mudar. Adoram repetir padrões, ter garantias, não correr riscos, sempre fiz assim... Não é a duração da rede que preocupa, mas a necessidade de constante mudança.

Giovanni G. Bianco Cris Kruel •

De um ponto de vista social (de rede), o que será que leva as pessoas a temer a mudança?

Catia Urbanetz Giovanni G. Bianco •

Giovanni, acho que esse medo da mudança é o medo do desconhecido. Como o Cris disse "sempre fiz assim". O medo vem da incerteza, da falta de um suposto controle sobre a vida e sobre as coisas. Esse controle elas acreditam que possuem mas, se refletirmos, no fundo é uma ilusão.

A REDE
É UM INSTRUMENTO
PARA REALIZAR A
MUDANÇA
#SÓQUENÃO

NO ESPELHO
DA HIERARQUIA
AS REDES
SE DISTORCEM

Redes sociais podem ser usadas como instrumentos, ferramentas, expedientes para atingir objetivos que não sejam emergentes da sua interação?

Ainda é muito comum a ideia de que as redes são uma espécie de instrumento para se fazer alguma coisa. Quando o assunto entrou na moda, as pessoas acharam que estavam diante de uma nova forma de organização recentemente descoberta e queriam logo usar as redes com algum objetivo instrumental, ainda quando desejassem colocá-las a serviço de uma causa que, a seu ver, não poderia ser mais nobre: a grande transformação social.

Mas a emergência da concepção de que, na sociedade, não há o que transformar, é realmente surpreendente. Trata-se, para cada sociedade, de ser o que é – ou seria, se não houvesse obstrução de fluxos, exclusão de nodos ou desatalhamento de clusters.

Dizendo de outro modo: trata-se, para as redes sociais, de serem o que podem ser. Uma rede social não pode ser nada mais do que uma rede distribuída. Os caminhos que seguirá dependerão da sua dinâmica, dos fenômenos particulares que nela ocorrerão a partir da livre interação. Toda tentativa de predeterminar esses caminhos é, na verdade, uma tentativa de impedir que a rede escolha seus caminhos. O que vai acontecer depois, vai acontecer depois e não pode ser determinado por quem está antes.

Por isso se diz que as redes sociais distribuídas não são instrumentos para realizar a mudança: porque elas já são a mudança.

Isso vai contra o modelo transformacional da mudança próprio das estruturas de comando-e-controle que queriam levar as sociedades humanas para algum futuro pré-concebido. Quando se pensava assim, tudo virava instrumento para pré-determinar caminhos e isso, por si só, já introduzia escassez de caminhos e centralização (hierarquia) bloqueando a única mudança que poderia fazer a diferença (ao instalar a dinâmica da inovação permanente): a mudança de hierarquia para rede.

Por que as redes sociais não podem ser usadas instrumentalmente para se alcançar objetivos estabelecidos antes da interação?

UMA SÍNTESE DOS PRINCIPAIS COMENTÁRIOS

Marcia Borges •

Esse processo não parece similar ao que lemos na filosofia Zen?

augustodefranco Marcia Borges •

Parece. O zen é o tao. E o tao é o fluxo.

Fatima Melca •

Elas não podem alcançar os objetivos estabelecidos, porque eles não existem antes da interação. Porque elas não têm um proposito.. Elas são redes, que se constroem nas interações. Elas são o que são. É o que é, não o que querem que elas sejam. O que emerge é o resultado das interações, da auto-organização... não há como prever. Isto em redes mais distribuídas que centralizadas. São tantas as possibilidades, os caminhos, como prever, ou como estabelecer algo? Talvez por isso assustem tanto. É muita falta de controle, é muita desobediência. vai que dê certo? Como vai ficar a turma do poder, da centralização? Tudo é imprevisível nessa rede, não existem certezas. Só dá para pensar, que essa rede flui continuamente ao sabor da interação. Ela caminha por onde a interação a levar... É no acontecer que se faz o seu caminhar...

Cris Kruel Fatima Melca •

Fatima, no seu entendimento quanto mais distribuída for uma rede menor será a capacidade de controlar esta rede? Se as redes são "soberanas" (o que emerge delas é impossível prever) não me parece possível utilizarmos as redes como um mecanismo de "mudança", pois esta rede pode - soberanamente - não deixar mudar :-)

Cris Kruel •

Se de fato é uma rede, quanto mais distribuída for mais imprevisível será prever o "resultado final". Usar a rede para alcançar um objetivo desejado soa como tentar

manipular a rede. Qualquer um - como nodo desta rede - tem o direito de interagir e influenciar seus pares, mas nenhum poderia criar restrições a outras interações.

Giovanni G. Bianco Cris Kruel •

Exatamente. Quando mais distribuída (e, portanto, livre) for uma rede social, menos será possível erigir uma utopia salvadora (o ovo primordial de todas as autocracias), menos tentaremos projetar uma sociedade ideal, e em vez disso abraçar nas contingências reais da convivência.

Esse é um ponto mais importante do que parece. A maior parte das pessoas que falam sobre rede (no meu convívio, pelo menos), acreditam ter uma visão redentora sobre como a sociedade, a política ou a economia deveriam funcionar. Poucos percebem que esse é um típico comportamento autocrático.



A sociologia tradicional (quer dizer, pré Nova Ciência das Redes) encara as redes como metáforas para organizações sociais, ou seja, para grupos de indivíduos. Então as redes são, para ela, maneiras de apresentar ou visualizar e, às vezes, investigar, relações entre esses indivíduos.

Alega-se que as redes sociais são modos de representação de estruturas sociais, mas o problema é que não se sabe exatamente o que significa “estrutura” social. Esse conceito só passa a ser inteligível se admitirmos que a “estrutura” disso que chamamos de sociedade é conhecida pelas configurações recorrentes das relações

entre as pessoas... Ora, mas isso é, exatamente, o que significa 'redes sociais'. Estruturas sociais não são nada se não forem redes.

E isso significa, portanto, que a rede é "anterior" ao grupo em termos, digamos, ontológicos. Grupo (agrupamento $\leq$ aglomeração $\leq$ *clustering*) já é um fenômeno que ocorre na rede. Assim, ao invés de dizer que redes são formas de representação de agrupamentos, seria mais razoável dizer que agrupamentos são configurações de rede.

A ideia de que os atores (ou agentes) sociais determinam o comportamento da sociedade quando se agrupam de uma determinada maneira decorre de uma incompreensão da rede; ou seja, de uma incompreensão de que 'ator' (ou 'agente') são "produzidos" pela tal estrutura social, quer dizer, pela rede. Indivíduos humanos não são atores (ou agentes) *nisi quatenus* interagem. Mas quando interagem já são rede. E quando se agrupam (uma forma de interação) não o fazem somente a partir de supostas escolhas individuais, baseadas nas suas características distintivas, posto que já estão sob o influxo da dinâmica de rede. Em outras palavras, seres humanos são seres humano-sociais, não são somente íons vagando em um meio gelatinoso e exibindo suas qualidades intrínsecas e sim também entroncamentos de fluxos, identidades que se formam a partir da interação com outros indivíduos. A pessoa como continuum de experiências intransferíveis e, ao mesmo tempo, como série intermitente de relacionamentos, se comporta como ator (ou agente) por estar imersa (conectada e agrupada) em um ambiente interativo. Portanto, são a interação e a clusterização que "produzem" o agente (ou ator). Ninguém pode ser agente de si mesmo: atores sociais se constituem como tais na medida em que interagem em *clusters* nas redes sociais.

A hipótese – tão recorrente quanto a crença perversa de que o ser humano é por natureza hostil ao semelhante – segundo a qual todo agrupamento tem implícita uma estrutura de poder é gratuita e não se sustenta. Do fato de o poder se manifestar na maioria dos agrupamentos que conhecemos no tipo de sociedade em que vivemos, não se pode derivar que ele se manifesta em todos os agrupamentos. A menos que

essa hipótese tenha tomado – como pressuposto implícito, não-declarado – a ideologia hobbesiana de que o homem é o lobo do homem, posto que intrinsecamente (ou constitutivamente) competitivo e outras crenças semelhantes, que nada têm de científicas.

Não se trata apenas de contrabando ideológico. Há aqui um erro metodológico, derivado de um erro lógico ou da operação do pensamento. Pois não existe exatamente outra “estrutura” à qual se possa chamar de “estrutura de poder”. Quando falamos em poder estamos falando em determinadas configurações daquela mesma estrutura social; ou seja, estamos falando do grau de centralização da rede social em tela.

Essa cadeia de erros desemboca no erro final que confunde os termos influência e poder. Se alguém recebe mais comentários no seu blog, tem mais amigos no Facebook ou é mais seguido no Twitter, de certo exerce mais influência, mas isso não significa que possa exercer mais poder. Das alegações de Barabási (2002), em *Linked*, sobre a incidência de hierarquia nas redes “sem escala” não se pode inferir que sistemas sociais tendam à hierarquia (a menos se estivermos impregnados da crença de que o ser humano é inerentemente competitivo). Depende do grau de centralização. Há, por certo, uma tendência de clusterização nas redes que crescem em número de nodos ou em grau de conectividade, mas isso não significa necessariamente uma tendência à centralização. Pode ser justamente o contrário: a multiplicidade de *clusters* distribuídos (mais distribuídos do que centralizados) leva à distribuição da rede. Regiões mais tramadas da rede contaminam regiões menos tramadas quando se estabelecem atalhos entre os *clusters*. Se não fosse assim poderíamos abandonar todas as tentativas de democratizar a sociedade.

Mas por que as ciências sociais continuam afirmando que redes sociais são modos de representação de grupos de atores sociais? Trata-se aqui realmente de representação? A rede é, ontologicamente falando, “posterior” ou “anterior” ao grupo? O ator ou agente coletivo pode ser “produzido” sem interação (e

clusterização)? Atores sociais podem se constituir como tais sem interagirem em *clusters* nas redes sociais?

UMA SÍNTESE DOS PRINCIPAIS COMENTÁRIOS

Cris Kruehl •

Caros, me acho pouco apto a contribuir efetivamente neste módulo. Mas como estamos em uma rede - onde todos temos voz :-) - me senti positivamente compelido a tentar colaborar.

Recomendo aos curiosos o livro "SOCIAL PHYSICS How Good Ideas Spread--The Lessons from a New Science" do prof Alex Pentland, e que foi eleito um dos livros de estratégia/negócios de 2014 -<http://socialphysics.media.mit....>

"Pentland and his teams have found that they can study patterns of information exchange in a social network without any knowledge of the actual content of the information and predict with stunning accuracy how productive and effective that network is, whether it's a business or an entire city. We can maximize a group's collective intelligence to improve performance and use social incentives to create new organizations and guide them through disruptive change in a way that maximizes the good. At every level of interaction, from small groups to large cities, social networks can be tuned to increase exploration and engagement, thus vastly improving idea flow."

augustodefranco •

AVISO GERAL | O programa não acabou. Ainda estamos recolhendo material para elaborar o book, levando em conta as interações de todos. Teremos, além disso, as referências bibliográficas. E o hangout amanhã às 19h. Vai ser na página: <https://redes.org.br/25mitos-o...>

Marcia Borges •

(Não sei o porquê, meu comentário não ficou registrado aqui quando o fiz ontem)
Tentando recuperar o raciocínio: A ciência também sempre operou em redes, o conhecimento e todas as invenções e descobertas muitas vezes

foram simultâneos, mas acredito que nunca tivemos mecanismos tão rápidos para ver o fenômeno acontecendo "de cima". Muito do que chega da Ciência ainda vem por meios acadêmicos e ainda opera de modo "newtoniano" (apesar que nem Newton era newtoniano, pelo que pesquisei). Para mim, representação não significa realidade, são sempre "abstrações" del, ou formas didáticas de entendimendo de algo. Logo, acredito que tomara tempo para todas as terminologias arbitrárias serem atualizadas de acordo com a nova visão da realidade. Afinal, tenho a impressão que quando falamos de ciência e comprovação dá a impressão que fizeram da ciência algo tão religioso quanto a igreja na inquisição. "A Ciência", como se fosse um ente vindo dos céus e não uma organização em rede feita por pessoas e muita interações. o Filtro para se manter a mesma idéia e terminologias do século passado, talvez seja indício que a Ciência também está aprendendo a operar em rede distribuída, e que ainda estamos recebendo informações de feudos de conhecimentos hierárquicos.

augustodefranco Marcia Borges •

Sim, veja isto sobre a ciência: <http://pt.slideshare.net/augus...>

augustodefranco •

Um AVISO IMPORTANTE. O hangout previsto para hoje foi adiado para 11/11/2015. Veja mais informações na página <https://redes.org.br/25mitos-o...>

Fatima Melca •

Augusto e todos: Nesse sábado chuvoso e escuro, difícil de se imaginar onde eu moro, me bateu uma dúvida. Eu não vejo SMS, WHATSAP, EMAILS, como mídia social, mas frequentemente estas são chamadas de mídias sociais como facebook...No meu modo de ver, SMS, Watsap e emails são recursos/ferramentas de comunicação, que são digitais, mas se prestam mais a comunicação de 1 para 1 ou até de 1 para alguns, mas estes são direcionados, a pessoa responde se quiser, mas não é disponibilizado para todos, logo não é acessível a todos, não existe a possibilidade de quem quiser receber. Eles têm um destino. Um emissor e receptor ou receptores. A pessoa escolhe

com quem vai compartilhar o conhecimento. Parecem mais centralizados que distribuídos. E aí?

Giovanni G. Bianco Fatima Melca •

Não me parece indicador de centralização, Fatima.

Justamente por permitir a comunicação um-a-um, peer-to-peer, é que a rede é distribuída.

augustodefranco Fatima Melca •

Já respondo, Fatima. Estou neste momento avisando que o hangout foi transferido para dia 11/11/2015. Guenta aee!

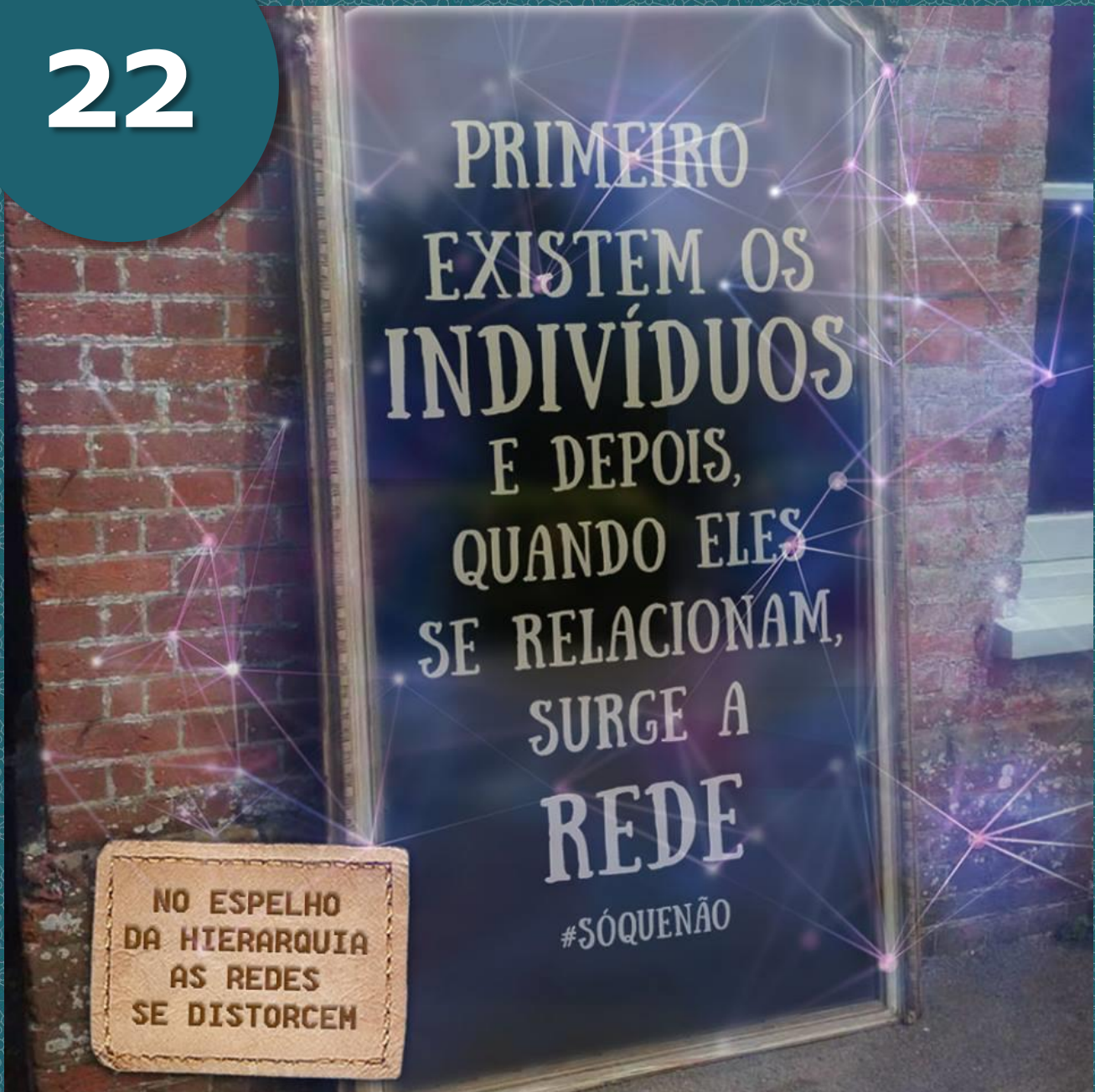
Fatima Melca •

As ciências sociais continuam afirmando que redes sociais são modos de representação de grupos de atores porque entendem as redes como modo de se referir as relações estabelecidas entre os indivíduos. As redes não se tratam de representação de grupos, Os agrupamentos é que são configurações de rede. A rede é, ontologicamente falando, "anterior" ao grupo. O ator ou agente coletivo não pode ser "produzido" sem interação. É na interação que as pessoas se significam e ressignifica, O ator ou agente coletivo não pode ser "produzido" sem interação (e clusterização) é preciso que haja interação, sincronização, emergencia...

Giovanni G. Bianco Fatima Melca •

Pois é, Fatima. Mas isso contradiz escolas tradicionais do pensamento sociológico. Para elas os grupos e classes sociais existem mesmo, como dados, como categorias anteriores à interação. Incrível como as pessoas ainda comprem essa mitologia.

22



A questão é: podem existir pessoas (seres humanos) sem redes sociais?

Foi (e ainda está) muito difundida a ideia de que redes sociais são formadas a partir de escolhas racionais feitas pelos indivíduos. Segundo essa ideia as redes seriam voluntariamente construídas com propósitos definidos e baseados nos interesses dos indivíduos. Quem pensava assim, evidentemente, avaliava que podem existir seres humanos sem redes, quer dizer, que primeiro existem os indivíduos (já plenamente humanos) para, depois, se esses indivíduos resolverem se conectar, só então surgirem as redes sociais.

Nos novos mundos interativos, entretanto, o conceito de indivíduo – uma caracterização biológica ou uma abstração econômica e estatística – tende a perder sentido para dar lugar à pessoa, que é, afinal, quem existe de fato como ser humano concreto.

Mas pessoa já é rede. Ninguém nasce com tal condição, não basta ser um indivíduo da espécie, em termos biológicos, para ser humano. Dizer que, para os seres humanos, no princípio era a rede, significa dizer que é necessário “nascer” (com-viver) em uma rede (social) para se tornar humano. Aquele que é geneticamente humanizável só consome tal condição a partir do relacionamento com seres (que já foram) humanizados.

Redes sociais não são redes de indivíduos de uma espécie biológica (no caso, a espécie *Homo Sapiens*), nem redes de outras entidades abstratas que possam ser identificadas indistintamente, numeradas e somadas para qualquer efeito (como, por exemplo, os habitantes de uma nação, os consumidores de um produto, os contribuintes de um país, os eleitores de um candidato), mas redes de pessoas. Não existem as redes dos pensionistas do sistema previdenciário, dos mutuários do sistema habitacional ou dos torcedores de determinado clube esportivo (a não ser quando interagem em torcidas organizadas), assim como não existe a sociedade composta pelos que estão na fila para comprar ingressos para um torneio. As redes (sociais) não somam suas partes (individuais) porque elas não são propriamente constituídas por essas partes, mas pelas relações que se efetivam entre elas, pela configuração móvel das interações que se processam ou pelo emaranhado que se trama a cada instante.

Redes sociais são redes de pessoas, quer dizer, de humanos. São redes humanas, quer dizer, sociais. Qual a dificuldade de entender isso?

UMA SÍNTESE DOS PRINCIPAIS COMENTÁRIOS

Fernando Lasman •

Eu penso: ha pessoas que se relacionam. A rede é formada pelas relações entre pessoas. Logo ha pessoas, e ha redes. No minimo separados. É, aparentemente, uma questao de proposição logica. Se rede sao relações, e relações sao entre pessoas, logo, relações nao sao pessoas. Para relações pertencerem a pessoas precisam ser essencialmente diferentes a estas. Seguindo esse raciocinio, pessoa e individuo seriam sinonimos, pois referem-se a um ente que possui relações com outros entes. Sendo assim, nao vejo como pessoa pode ser rede, pois implica num absurdo, onde A é nao-A. Sei la quanto aos outros, mas tenho dificuldade por isto. É bem simples até. Enfim, peço suas considerações, gentes!

augustodefranco Fernando Lasman •

Por que "no mínimo" separados, Fernando Lasman? O que chamamos de pessoas já são emaranhados de relações. Seu argumento baseado em lógica formal tem problemas semânticos. E tem problemas lógicos mesmo. Se pessoa é diferente de relação, segundo sua premissa, como se pode derivar daí que $A = \sim A$? É tão simples quanta incorreta a inferência, em termos lógico-formais mesmo, do cálculo de proposições. Este tema, porém, mesmo que seu raciocínio estivesse correto (e aqui a palavra é correto mesmo, pois não se trata - no que tange à lógica formal - de opinião: há um erro que tem a ver com a episteme) é árduo mesmo.

Mas voltemos ao tema. Não é só você que tem dificuldade com isso. A maioria das pessoas tem. Vai pensando aí. Não vou argumentar. Vou abandoná-lo aos poetas (nossas antenas):

"Em cada pessoa há algo de seu próximo". Moises Cordovero (1522-1570) em Tomer Dvora (1588)

"Toda pessoa é uma pequena sociedade". Novalis em Pólen (1798)

"Uma pessoa é uma pessoa através de outras pessoas". ("Umuntu ngumuntu ngabantu": Máxima Zulu)

"Você, o indivíduo, é a massa, o resultado da massa. Em nós, como você descobrirá se entrar nisso profundamente, estão os muitos e o particular". Jiddu Krishnamurti em Ojai 1st Public Talk (1944).

"Todas as pessoas são feitas de todas as outras pessoas". Anônimo (vamos dizer assim).

"Toda pessoa é uma nova porta que se abre para outros mundos". John Guare em "Six degrees of separation", Peça na Broadway (1990).

Fernando Lasman [augustodefranco](#) •

Poxa mas seria muito importante pra mim, e para os outros que tiverem essa dificuldade, que voce continuasse a argumentação, mesmo, Augusto.

Enfim, eu quis simplificar. Eu pensei: Pessoa tem relação. Logo, pessoa não é relação. Redes são tramas de relações. Logo não são pessoas. Por isso redes e pessoas estariam "no mínimo separados" como coloquei primeiro. Dizer que pessoas são as redes seria dizer que pessoas são coisas que, pra começar, não são, já que não são relações.

Enfim, talvez o problema seja semântica ou lógica formal, ou os dois, como disse. Eu fico matutando sobre isso bastante, como vc sugere, mas sempre chego as mesmas conclusões. O que me leva a pensar que estou enviesado em algum canto, se as conclusões estão erradas. Posso parecer meio chato mas tenho mesmo uma dúvida grande nesse nível mais fundamental, ou inicial, não sei dizer. Eu estou travando nesse ponto..

Fernando Baptista [Fernando Lasman](#) •

Ao meu ver, pessoa e rede não são ideias mutuamente exclusivas... penso que as pessoas estão contidas na rede social.

Fernando Lasman Fernando Baptista •

Quais são seus conceitos/ideias fundamentais de pessoa e rede, Fernando?

Fernando Baptista Fernando Lasman •

OK, vamos lá... tendo a ver pessoas como seres vivos (autopoéticos) constantemente acoplados ao meio e a outros seres vivos... em outras palavras, como parte de um continuum de fluxos e redemoinhos moleculares. Desses fluxos e redemoinhos e do que se conserva neles, emergem fenômenos que caracterizam o comportamento pessoal. E quando me refiro a rede social, estou em geral falando de um padrão de fluxos interativos entre pessoas (que em última instância também se dá no âmbito molecular) no qual existe alta distribuição (ou seja, algo próximo a uma situação na qual existem muitos possíveis caminhos de fluxos entre cada par de pessoas).

Marcia Borges •

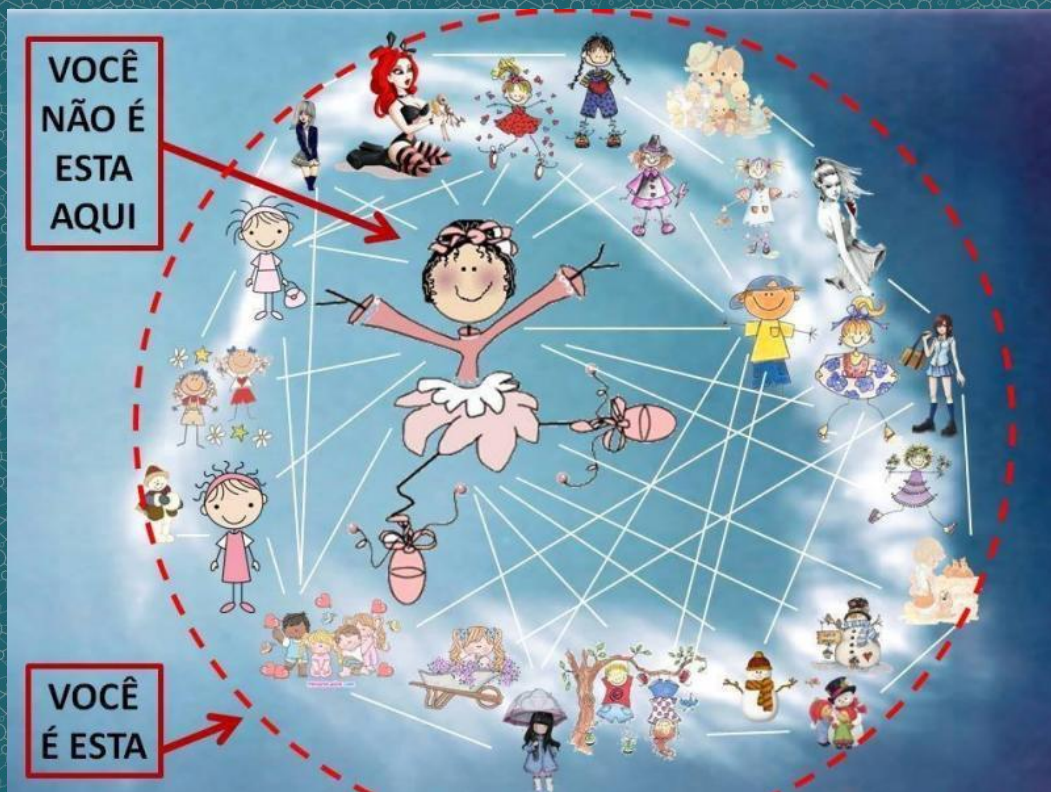
Estava pensando se essa dificuldade não viria de um determinado "desenho urbano" típico das cidades grandes, meta-organizadas, sempre emanando o formato "comando-e-controle" não só como ideal, mas como único, algo até meio religioso. Dai que ao olhar a figurinha abaixo, percebemos que a simultaneidade da conectividade, não é sentida ou pensada de forma consciente, e não se consegue perceber que é dessa "simultaneidade" que emergimos e imergimos o tempo todo.

Fatima Melca •

Talvez porque pensam que é algo novo, quando na verdade sempre existiram as redes humanas, as redes sociais.

augustodefranco •

Quem chegar aqui, por favor, examine esta imagem durante uns minutos.



Cris Kruel • augustodefranco •

Mestre, meu primeiro insight é que todas as redes sociais são de pessoas... vozes humanas. Mas conceitualmente as redes sociais não poderiam ser de "nodos" diferentes, bastando que estes sejam "seres sociais". Abelhas em uma colmeia e as nossas amigas formigas formam redes sociais?

PS: Lamento se atravesssei o samba do módulo.

augustodefranco • Cris Kruel •

Redes sociais são redes de pessoas. É um abuso de linguagem dizer que existem insetos sociais. Neste caso a palavra social é usada para designar coletividade. Mas social não é isto. É algo que acontece entre pessoas.



As redes são padrões de organização, não propósitos coletivos urdidos por determinados grupos que possam ser avaliados como bons ou ruins. Assim, as redes simplesmente são. Não são boas ou ruins.

Corre solto o mito de que a Al Qaeda e outras organizações de jihadistas que se conectam e agregam a distância, muitas vezes usando a Internet ou outras mídias interativas, são redes sociais (no sentido de redes mais distribuídas do que centralizadas), mas isso não é bem verdade. Estas organizações são constituídas, via

de regra, por células, *clusters* que, internamente, não adotam um padrão distribuído de organização. Há comando. Há controle. E, portanto, há hierarquia.

Mas se assumimos a premissa de que bom é tudo que nos torna mais colaborativos, então não podemos afirmar que padrões de organização mais distribuídos são melhores do que padrões mais centralizados?

UMA SÍNTESE DOS PRINCIPAIS COMENTÁRIOS

Cris Kruel •

Como mensurar se o padrão de organização de uma rede é mais "eficaz" do que outro?

augustodefranco Cris Kruel •

Eficaz para quê? A rede não é um instrumento para realizar qualquer coisa. A rede é a coisa!

Cris Kruel augustodefranco •

Compreendi esta posição "rede é rede, nem boa ou ruim". Mas quando alguém defende que "redes mais distribuídas são melhores", eu me pergunto "melhores para o quê?".

Como medir se uma rede é melhor que outra, se não consigo avaliar objetivo/propósito nenhum?

Fernando Baptista Cris Kruel •

Não vejo redes distribuídas como algo a priori melhor... do ponto de vista das pessoas, tendo a ver uma situação de interação social distribuída como uma situação na qual existe mais liberdade e possibilidades de ação, assim como mais conducente à colaboração... e muito frequentemente liberdade de ação e colaboração são elementos considerados relevantes ao bem estar humano, mas aí já estamos entrando numa esfera bem mais filosófica e contestável.

Giovanni G. Bianco Fernando Baptista •

"Como medir se uma rede é melhor que outra, se não consigo avaliar objetivo/propósito nenhum?"

Obviamente, toda avaliação dependerá de um critério. O critério depende do observador.

2) Mesmo que redes distribuídas em geral não surjam como uma organização para cumprir a um propósito pré-estabelecido, isso não significa que elas não gerem efeitos reconhecíveis. Como disse o Fernando, sabemos que em redes mais distribuídas haverá mais espaço, por exemplo, para a liberdade, a criatividade, a inovatividade e a aprendizagem. Como foi explicitado diversas vezes aqui, isso não tem a ver com conteúdos, mas a topologia de uma rede torna mais provável ou menos provável que certos fenômenos aconteçam.

augustodefranco •

Aviso! O programa não acabou. Ainda estamos recolhendo material para elaborar o book, levando em conta as interações de todos. Teremos, além disso, as referências bibliográficas. E o hangout amanhã às 19h. Vai ser na página: <https://redes.org.br/25mitos-o...>

Marcia Borges •

Estou entendendo que os princípios da rede mais distribuída digamos, incentivam a colaboração é e isso que é bom. Infiro que seja bom por permitir que o fluxo corra, sem os bloqueios da hierarquia. Não quer dizer que redes hierárquicas sejam ineficientes no domínio suas ferramentas de controle para atingir um propósito. E isso não pressupõe a qualificação dos tipos de "ferramentas" e ou "metodologias" que emergem da própria rede para resolver as questões que estão dentro dela. Seria isso?

PS: Ao pesquisar a etimologia de "colaborativo" achei uma coisa interessante: colaboracionista tem um pejo negativo no contexto da Segunda Guerra mundial.

Cris Kruehl Marcia Borges •

Interessante... se em algum momento "colaborar" for ruim então - nesta rede e neste caso - quanto mais distribuída pior seria a rede?

Mas o argumento do texto é que rede é rede (nem boa, nem ruim). Mas, como as redes distribuídas tendem a ser mais colaborativas, estas tendem a configurar melhores padrões de organização.

augustodefranco Marcia Borges •

Seria.

augustodefranco •

O hangout previsto para hoje foi adiado para 11/11/2015. Veja mais informações na página <https://redes.org.br/25mitos-o...>

Marcelo Yamada •

Assumindo a premissa como verdadeira, o que "nos torna mais colaborativos"?

A oportunidade de colaboração espontânea (que pode nunca se concretizar) ou os esforços gerenciados de colaboração (como os rituais de Design Thinking)?

Fernando Baptista Marcelo Yamada •

Talvez mais interatividade.

Marcelo Yamada Fernando Baptista •

Boa resposta. Mais interatividade, qualquer tenha sido a origem.

Fatima Melca •

Penso que bom ou ruim, depende do olhar das pessoas. Como certo e errado. Então, penso que existem redes. Não penso em rede boa ou rede ruim. A topografia das redes e a fenomenologia das interações mostram que quanto mais distribuídas, mais interações, mais conectividades e mais interatividade, mais pessoas vão ter como acessar conhecimentos. Então, creio que isto é bom. Quem quiser tem a possibilidade

de participar, algo horizontal, não hierárquico, não vertical e não centralizado. E quem não quiser, também.

Catia Urbanetz •

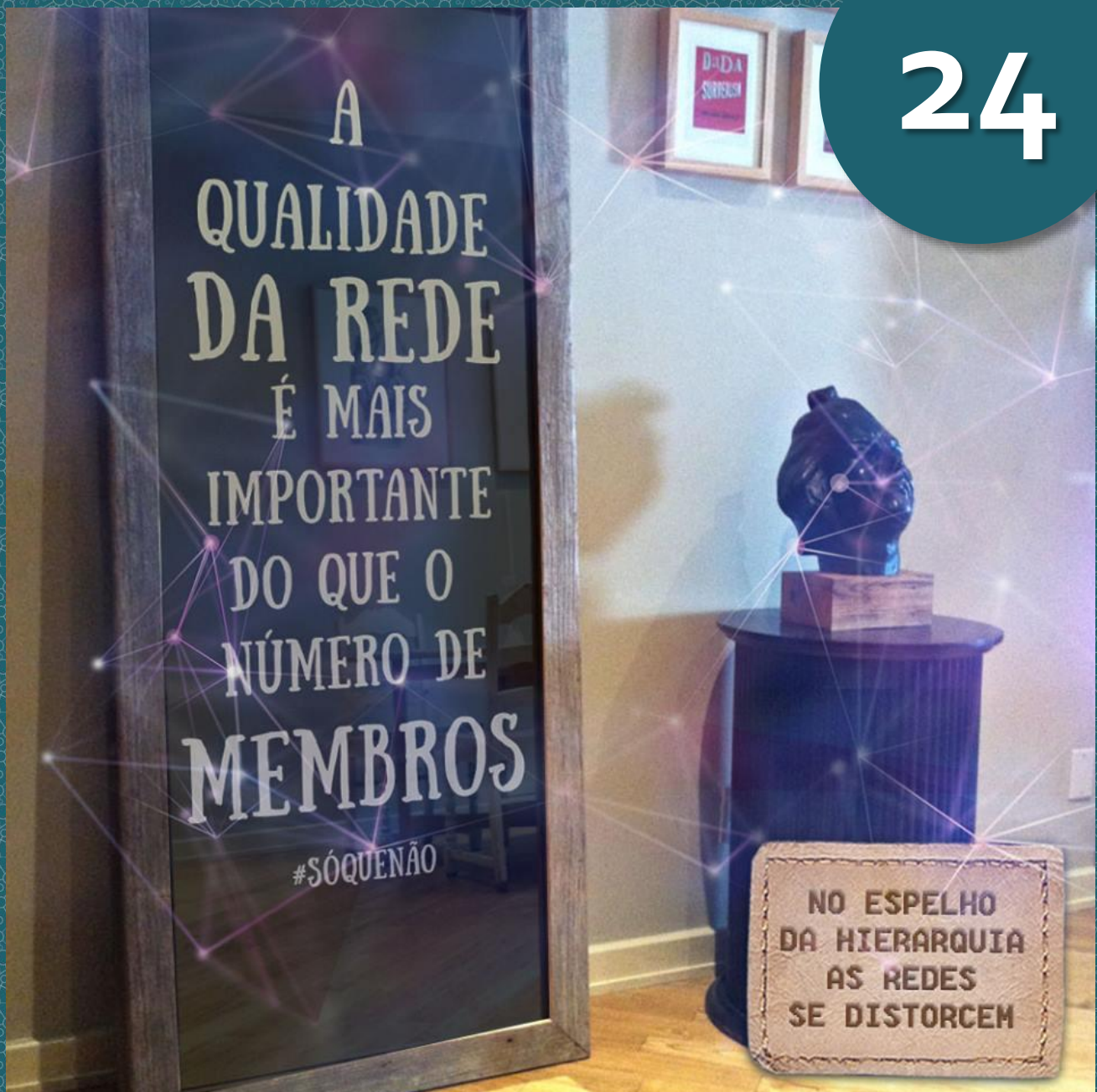
"Mas se assumimos a premissa de que bom é tudo que nos torna mais colaborativos, então não podemos afirmar que padrões de organização mais distribuídos são melhores do que padrões mais centralizados?"

Se tomadas essas premissas, podemos afirmar que padrões mais distribuídos são melhores do que padrões mais centralizados.

Mas se observarmos fenômenos de enxameamentos em torcidas organizadas de times de futebol no Brasil, muitas vezes o que vemos não é exatamente bom (violência, quebra-quebra,...).

Fernando Baptista Catia Urbanetz •

Eu tendo a ver esses fenômenos como algo que começa de maneira distribuída, mas num certo momento se clusteriza em algo como um grupo hermético que se torna insensível ao que está ao seu redor... nesse momento, o grau de distribuição reduz drasticamente, acho.



O que seria qualidade de uma rede? A qualidade de seus membros? Mas a rede é a coleção dos seus nodos ou a configuração da interação entre eles? Quem pensa em organizar uma rede, em geral quer escolher pessoas realmente interessadas no assunto e comprometidas com o propósito que imaginam que a organização deva ter. Pensa que deve haver dedicação e compromisso para a coisa "dar certo". Imagina então que isso pode ser conseguido se laços fortes forem estabelecidos.

Há aqui um desconhecimento da força dos laços fracos, que são os mais importantes para a emergência dos fenômenos interativos que caracterizam os mundos sociais altamente conectados.

O problema é que se a rede não for um ambiente favorável à emergência dos fenômenos interativos, ela não serve para nada. Neste caso, é melhor fazer mesmo uma organização regulada *top down* (como uma empresa piramidal) ou participativa (como um sindicato ou uma ONG).

Ora, a grande descoberta que acompanhou a geração dos *Highly Connected Worlds* foi que o comportamento das redes sociais não depende de conteúdos. Sua fenomenologia é interativa. E todas as formas de interação que foram descobertas pela nova ciência das redes revelaram a mesma coisa: nada a ver com conteúdos. *Clustering, swarming, cloning, crunching* – nenhuma dessas coisas tem a ver com conteúdo. Não têm a ver com ensinamento (replicação) e sim com aprendizagem (criação). Aprendizagem coletiva que reflete o metabolismo pelo qual os mundos sociais criam-se a si mesmos à medida que se desenvolvem.

Quando, a partir dessas descobertas, começamos a quebrar as cadeias, deixando as forças do aglomeramento livres para atuar, deixando o enxameamento agir, a imitação exercer o seu papel e os mundos se contraírem, os novos mundos altamente conectados começaram a vir à luz.

CLUSTERING

A primeira grande descoberta: tudo que interage clusteriza, independentemente do conteúdo, em função dos graus de distribuição e conectividade (ou interatividade) da rede social. Há muito já se pode mostrar teoricamente que quanto maior o grau de distribuição de uma rede social, mais provável será que duas pessoas que você conheça também se conheçam (essa é a raiz do fenômeno chamado *clustering*).

Em geral não se conhece todas as variáveis que estão presentes em cada processo particular, mas é observável que se formam *clusters* (aglomerados) em quaisquer redes, não apenas nas redes sociais. Insetos se aglomeram, doenças se aglomeram (e não apenas as contagiosas), empreendedores de um mesmo ramo de negócios tendem a se aglomerar (não é por acaso que encontramos lojas de tecidos, roupas, luminárias ou oficinas mecânicas concentradas em uma mesma rua ou quadra). E isso não depende, como ocorre em certas cidades planejadas (como Brasília) da localização forçada ou *top down* de setores (setor hospitalar, setor hoteleiro, setor automotivo etc.). É assim que, como mostrou Steven Johnson (2001), em *Emergência*: a vida integrada de formigas, cérebros, cidades e softwares, os vendedores de seda se clusterizam, há séculos, em determinada localidade de Florença. E voltam sempre para o mesmo lugar após as tão seguidas quanto inúteis tentativas de deslocá-los para outras regiões da cidade.

Os planejadores normativos – como construtores de pirâmides que são – não têm paciência para esperar a clusterização. Na verdade, como seu objetivo é construir organizações hierárquicas, eles não podem esperar a clusterização. A hierarquia exige desatalhamento, quer dizer, a supressão de atalhos entre *clusters*: só alguns caminhos podem ser válidos (e, por isso, só alguns são validados). Isso dificilmente ocorreria se a clusterização brotasse da dinâmica da rede. Essa é a razão pela qual os planejadores urbanos nunca construiriam uma Florença, tendo que se contentar em erigir suas capitais para algum deus hierárquico (como fez Amenófis IV para o deus Aton) ou arquitetar suas cidades-sede para o Estado, não para a sociedade (como aquela Brasília que foi inaugurada antes da convivência social dos brasileiros; depois estes últimos começaram a conformar a verdadeira Brasília modificando os estranhos caminhos traçados pelos planejadores). A diferença entre o zigurate de Uruk e o assentamento temporário do festival *Burning Man* revela quase tudo: poucos caminhos x múltiplos caminhos.

Ao articular uma organização em rede distribuída não é necessário pré-determinar quais serão os departamentos, aquelas caixinhas desenhadas nos organogramas. Estando claro, para os interagentes, qual é o propósito da iniciativa, basta deixar as

forças do aglomeramento atuarem. Em pouco tempo (a depender da interatividade da rede), surgirão *clusters* agregando pessoas que se dedicarão às funções necessárias à realização daquele propósito: alguns se juntarão para cuidar da criação, outros para cuidar dos relacionamentos com os *stakeholders*, outros, ainda, da produção ou do *delivery* etc.

Até certos eventos planejados autonomamente por pessoas diferentes (que não se conhecem entre si) se aglomeram e isso é revelador de um metabolismo da rede, de uma dinâmica invisível que ocorre no espaço-tempo dos fluxos. Nada a ver com conteúdo. A partir do *clustering* outros fenômenos surpreendentes ocorrem em uma rede, como o *swarming*.

SWARMING

A segunda grande descoberta: tudo que interage pode enxamear. *Swarming* (ou *swarm behavior*) e suas variantes como *herding* e *shoaling*, não acontecem somente com insetos, formigas, abelhas, pássaros, quadrúpedes e peixes. Em termos genéricos esses movimentos coletivos (também chamados de *flocking*) ocorrem quando um grande número de entidades *self-propelled* interagem. Algum tipo de inteligência coletiva (*swarm intelligence*) está sempre envolvida nestes movimentos. Já se sabe que isso também ocorre com humanos, quando multidões se aglomeram (*clustering*) e “evoluem” sincronizadamente sem qualquer condução exercida por algum líder; ou quando muitas pessoas enxameiam e provocam grandes mobilizações sem convocação ou coordenação centralizada, a partir de estímulos que se propagam P2P, por contágio viral.

E não ocorre apenas como uma forma de conflito, como ficamos acostumados a pensar depois que Arquilla e Ronsfeld (2000) produziram para a Rand Corporation seu famoso *paper* “*Swarming and the future of conflict*”. Um exemplo conhecido dos efeitos surpreendentes do *swarming* – no caso, civil – foi a reação da sociedade espanhola aos atentados terroristas cometidos pela Al-Qaeda em 11 de Março de

2004. Escrevendo sobre isso, ainda preso as visões do *swarming* como *netwar*, David de Ugarte (2007), em O poder das redes, acerta porém quando diz:

“Como organizar, pois, ações em um mundo de redes distribuídas? Como se chega a um *swarming* civil? Em primeiro lugar, renunciando a organizar. Os movimentos surgem por auto-agregação espontânea, de tal forma que planificar o que se vai fazer, quem e quando o fará, não tem nenhum sentido, porque não saberemos o quê, até que o quem tenha atuado”.

O *swarming* (enxameamento) é uma forma de interação. Deixar o enxameamento agir significa ‘renunciar a organizar’, quer dizer, a disciplinar a interação.

O fenômeno acontece com mais rapidez em função direta dos graus de conectividade e de distribuição da rede. Em mundos altamente conectados tais movimentos tendem a irromper com mais frequência. E é por isso que eles surgem por emergência, não supervêm a partir de qualquer instância centralizada.

Assim, do que se trata é de deixar mesmo. As tentativas de provocar artificialmente *swarmings*, instrumentalizando o processo para derrotar um adversário, destruir um inimigo, disputar uma posição, vencer uma eleição ou vender mais produtos batendo a concorrência, em geral não têm dado certo. Todas elas acabam, contraditoriamente, fazendo aquilo que negam: tentando organizar a auto-organização.

E ainda bem que tais tentativas fracassam: do contrário viveríamos em mundos altamente centralizados por aqueles que possuísem o segredo de como desencadear *swarmings*. De posse desse conhecimento (que logo seria trancado), um partido poderia eleger seus candidatos (e mantê-los no poder indefinidamente) ou uma empresa poderia reinar sozinha no seu ramo de negócio.

Nada a ver com conteúdo. Na sua intimidade, o processo de *swarming* pressupõe *clustering* e se propaga por meio de *cloning*.

CLONING

A terceira grande descoberta: a imitação também é uma das formas da interação e, desse ponto de vista, a imitação é uma clonagem. Poucos perceberam isso. Como pessoas – gholas sociais – todos somos clones, na medida em que somos culturalmente formados como réplicas variantes (embora únicas) de configurações das redes sociais onde estamos emaranhados.

O termo clone deriva da palavra grega κλώνος, (Klon, usada para designar "broto" ou "rebento", "tronco" ou "ramo") referindo-se ao processo pelo qual uma nova planta pode ser criada a partir de um galho. Mas é isso mesmo. A nova planta imita a velha. A vida imita a vida. A convivência imita a convivência. A pessoa imita o social.

Sem imitação não poderia haver ordem emergente nas sociedades humanas ou em qualquer coletivo de seres capazes de interagir. Sem imitação os cupins não conseguiriam construir seus cupinzeiros. Sem imitação, os pássaros não voariam em bando, configurando formas geométricas tão surpreendentes e fazendo aquelas evoluções fantásticas.

A imitação não é algo ruim, como começamos a pensar depois que surgiram os sistemas de trancamento do conhecimento (como, por exemplo, as leis de patentes e o direito autoral). A preocupação deslocou-se então da criação para a fraude, passando a ser um caso de polícia.

Mas não há aprendizagem sem imitação. *Learn from your neighbours* é a diretiva geral de auto-organização dos sistemas complexos e, portanto, de qualquer sistema capaz de aprender.

Quando imitamos, introduzimos variações. Nunca reproduzimos nada fielmente (isso seria impossível em qualquer mundo em que as condições são mutáveis e os imitadores são diferentes dos imitados). A propagação dessas variações se distribui de uma maneira estranha.

Você não imita uma-a-um ou um de cada vez. O que você imitou (e variou) vai ser imitado por outro (e ser também variado). Além disso, você imita vários ao mesmo tempo, combina e recombina modelos a ser imitados e essas recombinações também se propagam gerando novos padrões de adaptação emergentes.

Isso é o que chamamos aqui de *cloning*. Foi assim que nasceu a vida (o simbiote natural). É assim que está nascendo a convivência social “orgânica” (ou o simbiote social) nos *Highly Connected Worlds*.

Ao contrário do que se acreditou por tanto tempo, não há inovação sem imitação. E quanto mais imitação, mais inovação. Imitação não é propriamente repetição, reprodução assistida. Imitação é uma função dos emaranhados em que as coisas – inclusive os humanos – sempre estão.

Na verdade, nossos esforços educativos, ao quisermos preparar as pessoas e orientá-las para que cumpram adequadamente uma função (em geral uma função que queremos que elas cumpram), são, em grande parte, tentativas de condicioná-las (ao que queremos que elas façam) e administrá-las (para que elas façam o que queremos do jeito que queremos). Se não estamos preocupados com comando-e-controle, tal esforço é quase sempre inútil. Bastaria deixar que elas aprendessem. Deixar-aprender é a solução interativista para a educação (que, como tal – como ‘a’ educação – é então abolida). E é também, sob certo ponto de vista, uma definição de democracia (no sentido “forte” do conceito).

Como naquelas experiências promovidas por Sugata Mitra (contadas por ele numa palestra do TED Global 2010: “*The child-driven education*”) com crianças de localidades pobres da Índia, que nunca haviam visto um computador e que aprenderam, elas mesmas, em grupo, não somente a usar a máquina e a rede, mas aprenderam a aprender em rede por meio da máquina, é preciso deixar as pessoas aprenderem na interação. Mitra não ensinava nada, simplesmente entregava computadores conectados às crianças e dizia: “ – Vejam aí o que vocês podem fazer, voltarei daqui a um mês”. Ao voltar verificava que elas haviam feito prodígios. Nessas experiências a aprendizagem fundamental era sempre a da interação (no grupo dos aprendentes).

Mas isso vale para qualquer aprendizagem. A imitação não deve ser apenas tolerada senão estimulada (e se os chamados educadores soubessem disso incentivariam a cola nas suas provas ao invés de montar sistemas para vigiar e punir os transgressores: argh!).

Quando tentamos orientar as pessoas sobre o quê – e como, e quando, e onde – elas devem aprender, nós é que estamos, na verdade, tentando replicar, reproduzir *borgs*: queremos seres que repetem. Quando deixamos as pessoas imitarem umas as outras, não replicamos; pelo contrário, ensejamos a formação de gholas sociais. Como seres humanos – frutos de *cloning* – somos seres imitadores.

Nada a ver com conteúdo. Nos mundos altamente conectados o *cloning* tende a auto-organizar boa parte das coisas que nos esforçamos por organizar inventando complicados processos e métodos de gestão. Mesmo porque tudo isso vira lixo na medida em que os mundos começam a se contrair sob efeito de *crunching*.

CRUNCHING

A quarta grande descoberta: *small is powerful*. Essa talvez seja a mais surpreendente descoberta de todos os tempos. Em outras palavras, isso quer dizer que o social reinventa o poder. No lugar do poder de mandar nos outros, surge o poder de encorajá-los (e encorajar-se): *empowerment*!

Sim, é *empowerfulness*. Quando aumenta a interatividade é porque os graus de conectividade e distribuição da rede social aumentaram; ou, dizendo de outro modo, é porque os graus de separação diminuíram: o mundo social se contraiu (*crunch*). Steven Strogatz observou em 2008 que os graus de separação não estavam apenas diminuindo: eles estavam despencando (isso foi contado por Strogatz em seu depoimento no filme *Connected: the Power of Six Degrees*, da BBC). De uma perspectiva do fluxo, podemos afirmar que – sob o efeito desse amassamento (*Small-World Phenomenon*) – somos nós que estamos despencando... no abismo!

Nada a ver com conteúdo. Tudo que interage tende a se emaranhar mais e a se aproximar, diminuindo o tamanho social do mundo. Quanto menores os graus de separação do emaranhado em você vive como pessoa, mais empoderado por ele (por esse emaranhado) você será. Mais alternativas de futuro terá à sua disposição. Mais parcerias e simbioses poderá fazer para realizar qualquer coisa. Mais rico (de conexões) e mais poderoso (de empoderamento) você será, porque terá mais recursos (meios) e mais capacidade (potencialidade) de alterar disposições no espaço-tempo dos fluxos.

É o caso de dizer: bem, isso muda tudo.

Nos *Highly Connected Worlds* a contração (*crunching*) é acelerada. Em pouco tempo sua *timeline* fica tão caudalosa que você é arrastado pela correnteza.

Não adianta mais erigir muros para tentar se proteger da interação: como se sabe, a enxurrada, quando vem, leva tudo. Então você vai ter que aprender a viver em fluxo. Isso muda tudo porque muda a natureza do que chamávamos de normas e instituições, processos e rotinas, planos e agendas e, inclusive, propriedades (incluindo propriedades imobiliárias, como nossas casas – nossos refúgios contra as intempéries e nosso espaço privado, separado dos outros e protegido da interação com o outro-imprevisível). Uma vida em fluxo é uma vida nômade.

No passado temia-se que isso nos colocasse na dependência de dispositivos interativos móveis – e-readers e tablets – mochilas e naves. Quá! Tudo isso já é passado. Os dispositivos separados do corpo vão sendo substituídos por implantes conectores, as máquinas de ler livros e os computadores-comprimidos vão virando objetos tão jurássicos como aqueles velhos computadores-armários que rodavam fitas magnéticas e liam cartões perfurados. As mochilas vão ficando cada vez menores na medida em que não há muito para carregar (e carregar para onde?). As naves, entretanto, permanecem, mas são outra coisa.

Em um mundo contraído você precisa mesmo é da nuvem. Não de se conectar à alguma nuvem (criada por algum *mainframe*) para armazenar e acessar seus arquivos

(quer dizer, o passado). Agora você é a nuvem. Agora você é a nave: como nas velhas catedrais góticas (pelo menos nas intenções dos pedreiros-livres que as construíram), você viaja sem sair do lugar (porque o lugar também passa a ser outra coisa). A nuvem é o emaranhado que viaja pelos *interworlds* junto com você. E esse emaranhado é o seu lugar. O seu lugar não é você (arrumando um jeito de ficar prevenido) contra o outro: o seu lugar é o outro.

Que tal?

UMA SÍNTESE DOS PRINCIPAIS COMENTÁRIOS

Cris Kruehl •

Muito louco isto tudo...

- se rede não tem propósito, não temos como falar em qualidade
- para ter uma rede basta apenas 3 membros
- poucos membros tendem a permitir trocas mais rápidas
- grandes redes distribuídas permitem muuuuito mais interações

augustodefranco •

Pessoal, o programa não acabou. Ainda estamos recolhendo material para elaborar o book, levando em conta as interações de todos. Teremos, além disso, as referências bibliográficas.

E o hangout amanhã às 19h. Vai ser na página: <https://redes.org.br/25mitos-o...>

augustodefranco •

Assistam o filme THE SQUARE (tem no Netflix e vale a pena assinar só para ver).

Fernando Baptista / Guest •

Legal que você tenha percebido esses pontos todos, Cassiano. Sobre o seu ponto a considerar, é importante dizer que a ideia de causa e efeito é aqui irrelevante, pois estudos fenomenológicos se concentram principalmente nas relações entre os elementos, e não no que causa o que.

Catia Urbanetz •

muito joia esse texto, gostei!

Marcia Borges •

O que achei interessante nestes conceitos é que de alguma forma nós já pressentimos esses padrões, mesmo antes de estudá-los e termos mais consciência deles. Antes pareciam um ponto fora da curva e dava a impressão que tínhamos uma incompetência por não conseguir os controle almejados e entrava-ve num PDCA típico da engenharia que com a função de consertar algo errado. Acho que este ponto serve para absorvermos aspectos da realidade que não levamos em conta em função da "ordem e progresso" solicitada o tempo todo.

augustodefranco Guest •

Aqui não há professores, Cassiano. Apenas pessoas conversando, alguns cumprindo o papel de netweavers, outros, outros. Você deve pensar com a sua própria cabeça. Não acredite no que alguém lhe diz - nem mesmo os que investigam a fenomenologia da interação e são pesquisadores da nova ciência das redes - se não se sintonizar com isso.

Fernando Baptista Guest •

Cassiano, acompanhando os seus comentários nos últimos dias, minha impressão é que você realmente entendeu pouco... talvez porque esteve mais preocupado em provar que a ideia de gatekeeping é melhor que todas as outras do que com a compreensão dos termos, ideias e conceitos aqui discutidos, assim como suas abrangências. Mas essa é só minha impressão.

Fernando Baptista Guest •

Diante das constantes insinuações do Cassiano de que os co-criadores desse programa desconsideram decisões pessoais em suas análises, acho oportuno reproduzir aqui um trecho de uma thread lá do módulo 11, um trecho de conversa envolvendo a mim e ao Augusto que começou com algumas instigantes perguntas da Fatima. É oportuno porque mostra, entre outras coisas, que essas insinuações do Cassiano são falsas oposições, ou seja, são oposições a algo que ninguém nunca disse ou demonstrou pensar, mas colocadas (através de uma operação de distorção) de modo a dar a

entender ou insinuar que a pessoa disse ou pensa isso ao que se está opondo (mais abaixo vou falar das falsas oposições desde o ponto de vista da análise de dinâmicas de rede). Segue o trecho da thread:

Fernando Baptista - 4 dias atrás: Fatima, relendo aqui essa thread, e pensando lá nas suas perguntas iniciais, minha impressão é que a rede (ou seja, a topologia) é o que estabelece essa influência indireta entre a esfera do comportamento individual e do comportamento coletivo. Porque o comportamento individual pode impactar a topologia (deixando a rede mais ou menos distribuída), o que impacta então o comportamento coletivo... e os fenômenos coletivos também podem impactar a topologia, o que por sua vez limita ou influencia o comportamento individual. Augusto, o que você acha disso?

Marcia Borges - 4 dias atrás:

Depois de acompanhar os threads deste módulo para mim isto é o que mais faz sentido.

augustodefranco - 4 dias atrás:

Eu acho bom!

augustodefranco - 4 dias atrás:

Mas acrescento que o comportamento individual nunca é individual a não ser no sentido de que cada pessoa espelha o seu mundo social (o multiverso de suas relações) de modo único. Então, se algum nó da rede tem um comportamento que possa ser considerado individual, ele já é resultado de uma fluência que o atravessou. De sorte que não se pode pensar a partir da dicotomia (e muito menos da complementaridade) indivíduo-rede.

Fernando Baptista - 4 dias atrás:

Sim, seria então comportamento pessoal ao invés de comportamento individual, não é? Assim como as decisões também seriam pessoais, a esfera da liberdade humana. Considerando então que pessoas seriam singularidades emergentes no tecido da rede, e que possuem uma esfera de liberdade (exercida por meio das decisões pessoais), e aplicando a mesma ideia a fenômenos coletivos, daria pra pensar que fenômenos coletivos também possuem uma esfera de liberdade e "tomam decisões"?

augustodefranco - 4 dias atrás:

Penso que em redes de humanos, quer dizer, redes sociais, quem "toma decisões" é sempre a pessoa, Fernando. A questão é saber o que é a pessoa.

Acho interessante reler essa thread lá no módulo 11 desde o início (esse é o final da thread), porque ela é um bom exemplo de uma conversa com dinâmica interativa, na qual pessoas co-constroem conhecimento a partir da busca de complementaridade mútua entre suas contribuições e de divergências baseadas em reais oposições (fundamentadas no que realmente foi expresso e sem a intenção de desqualificar o interlocutor)... dessa dinâmica emerge algo que podemos pensar como inteligência coletiva.

Por outro lado, as falsas oposições são artifícios típicos de dinâmicas participativas, nas quais o que está em jogo não é propriamente a clarificação de entendimentos, mas algo como "ganhar a discussão" diante de uma platéia, sobretudo através da desqualificação do outro e de seus argumentos (sejam lá quais forem eles)... elas confundem e normalmente terminam em caminhos sem saída. Do ponto de vista da psicodinâmica de grupos, as falsas oposições são vistas como um tipo de tentativa parasitária de ganho de relevância social dentro do grupo. Parasitária porque quem as aplica estaria "parasitando a energia da conversa" na tentativa de ganho de significância social, ao mesmo tempo em que não contribui muito para enriquecer a conversa.

Como o ambiente desse programa foi configurado de modo a incluir ao mesmo tempo elementos interativos e participativos (o que já foi afirmado, reconhecido e explicado pelos co-criadores por várias vezes nos posts dos módulos anteriores), é possível notar as duas dinâmicas acontecendo concomitantemente, o que na verdade facilita a comparação e a percepção das diferenças entre elas. Do ponto de vista da análise de redes, uma dinâmica participativa é caracterizada por um menor grau de distribuição, e a utilização de falsas oposições é uma prática que conduz a bloqueios de fluxos de co-construção de entendimentos e assim à redução da distribuição e da interatividade.

Minha intenção com esse post não é demonizar ou desqualificar a atitude do Cassiano ou de qualquer outra pessoa aqui (na verdade acho que nesse programa ela está até sendo muito útil pra ajudar a abordar e clarificar essas questões), mas chamar a atenção para o impacto que a configuração de um ambiente pode ter no comportamento das pessoas. Quando pessoas percebem ambientes como participativos, a tendência é que elas assumam posturas de preparação para o conflito e o combate. E em ambientes majoritariamente participativos também nunca veremos fenômenos típicos da alta interatividade em redes distribuídas, como os abordados no texto deste módulo.

augustodefranco Guest •

Onde você leu que o swarming de 11 de fevereiro de 2011 foi resultado do uso do Facebook, Cassiano? Acho que você está conversando com os interlocutores errados. Mesmo que o Facebook tivesse sido usado o meio (a mídia) não determina a fenomenologia (no caso, o enxameamento, que ocorreu também em março de 2004 na Espanha, quando não havia Facebook e a coisa se espalhou por SMS e por e-mail). Pessoas vêm estudando isso - inclusive eu - há uma década. Não fazemos parte da turma que trava "papinhos no Facebook". Pelo menos tente conhecer os pontos de vista das pessoas com quem você está conversando, do contrário você desqualifica a conversação. Essas opiniões não são só minhas e de meus amigos pesquisadores de redes, como Pierre Levy e Manuel Castells. Hoje elas são compartilhadas por boa parte

dos cientistas que se dedicam ao tema. Pelo menos 20 swarmings foram já mapeados neste século (a começar da Espanha, passando pelo 17-20J no Brasil, pela Turquia, pela Venezuela e por Hong Kong no ano passado).

Os textos colocados aqui - vou repetir mais uma vez - são apenas provocações. Você não deve aceitá-los se não concordar com eles. Mas nosso espírito aqui deve ser conversar, não travar debates. Noto em você uma certa vibe do debate, uma coisa assim meio século 20 de militante participativo. Eu, pelo menos, estou fora desse tipo de coisa. Tenho o maior prazer em conversar, descobrir junto, mas não digladiar, nem desqualificar o interlocutor.

augustodefranco Guest •

Você pode "reagir" como quiser, Cassiano. Prefiro manter a palavra que foi usada: "interagir". Há uma diferença semântica. Apenas declarei que "eu, pelo menos" tenho mais prazer em conversar (que significa "dar voltas juntos") do que em esgrimir argumentos (um de cada lado reagindo ao que diz o outro). Está tudo bem. Cada qual deve seguir suas preferências.

augustodefranco Guest •

Você ainda não entendeu, Cassiano. A rede não é a internet. A rede é social, não é uma tecnologia: é um padrão de organização.

Quanto à sua pergunta, a minha resposta é: sim. A fenomenologia da interação não depende do conteúdo (ainda que o conteúdo seja importante para os sujeitos, ele não explica o comportamento coletivo), mas de outras características (como a frequência, a recorrência, as circunstância em que se dão os acoplamentos et coetera). Por isso que, quando ocorre um swarming social, é inútil ficar perguntando qual é a pauta ou quem convocou: não sei se pulo muitas passagens para ir direto ao ponto, mas veja a imagem abaixo:

É INÚTIL PROCURAR SABER QUAL É A PAUTA



ELES NÃO ESTÃO FAZENDO. ESTÃO SENDO...

augustodefranco Guest •

Aqui não falamos nada de confundir a mídia social com a rede social, Cassiano. Você está lendo realmente o que escrevi (por exemplo, que o primeiro swarming deste século não se disseminou pela internet e sim pelo torpedo celular e que a conquista do Oeste nos USA foi um swarming em linhas temporais estendidas)? Tire um tempinho aí e assista o filme THE SQUARE (de preferência várias vezes). Tem no Netflix (e vale a pena assinar só para ver).

augustodefranco Guest •

O fato de não assumirmos o papel de professores (cada qual escolhe como quer ser tratado) e sim de netweavers e conversadores, não implica hierarquia alguma. Isso é uma armadilha do pensamento de tipo clássico. Se eu lhe digo DESOBEDEÇA, você replica: então vou obedecer, por que vou desobedecer à sua orientação que me manda desobedecer. Não faz sentido, porque a desobediência existe em relação aos que querem que você obedeça, não aos que não querem. É a mesma coisa aqui, Cassiano. Professores são uma burocracia (e, portanto, uma hierarquia) do ensino. Aliás, toda hierarquia é professoral. Começou assim: era um poder (ou a imposição top down

de um ordem ou princípio = arché, do sacerdote = hieréus) de intermediação centralizado num estamento que se reproduzia pela transmissão do ensinamento. Mas, para simplificar, vamos dizer que poder (sempre hierárquico) existe quando você pode mandar alguém fazer (ou deixar de fazer) alguma coisa contra sua vontade. Assim, influência não é poder. Liderança, quando não se prorroga como monoliderança, não é poder. Prestígio não é poder.

Depois comento essa história de gatekeeping, mas de pronto já posso dizer que considero uma ideia instrumental que tenta tornar palatável, para as organizações hierárquicas, a noção de redes (distribuídas).

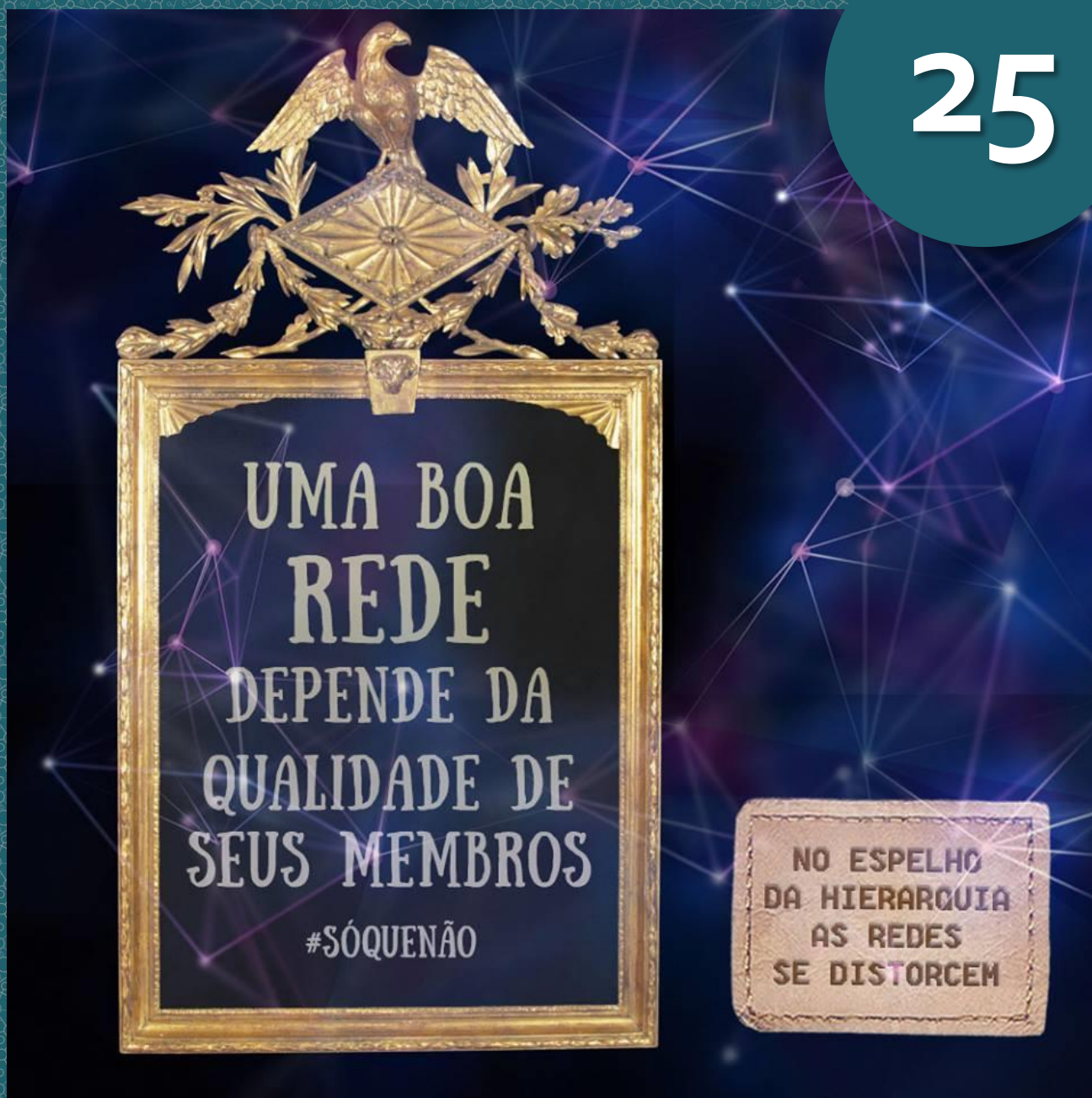
É claro que este programa não é totalmente interativo e isso já foi conversado aqui em outra thread. Por isso ele é muito participativo (no sentido de que não é tão interativo quanto poderia): já havia um programa, já havia um ambiente de aprendizagem (uma plataforma) configurado e várias outras disposições pretéritas que não emergiram da interação. Mas nossa proposta, ao promover este programa, não era fazer uma rede distribuída e sim questionar algumas crenças sobre redes que estão disseminadas por aí. É um programa sobre redes e não uma proposta de articular uma rede específica. Mesmo assim, como redes sociais são pessoas interagindo, redes se formam aqui.

augustodefranco Guest •

O hangout foi transferido para quarta-feira, dia 11 de novembro de 2015 (para dar mais tempo das pessoas interagirem nos módulos finais). Você deve ter recebido o aviso no seu e-mail (confira aí, Cassiano). Minha observação foi carinhosa também. O maior elogio que há é dizer que uma pessoa pode pensar com sua própria cabeça e só aceitar aquilo com que se sintoniza. Acontece que a galera que promove esse troço aqui tem alergia do papel social do professor.

Fatima Melca •

Eh, parece que é isso. Pelo menos por hora. É assim porque é. Me lembro da virtualização que passa a atualização e assim vai.



As conexões não têm propriamente qualidade, a não ser se falarmos da largura de banda (da velocidade e da estabilidade) da conexão à Internet. Como as redes sociais são sociais mesmo (como o nome está dizendo) e não se confundem com as tecnologias digitais ou com os meios físicos usados para viabilizar a interação entre pessoas, o que seria qualidade de uma conexão?

Diga aí.

UMA SÍNTESE DOS PRINCIPAIS COMENTÁRIOS

Hudson Freitas •

Se não há uma "qualidade", como um acidental, um apêndice, um adjetivo, pode-se dizer que há uma essência (no sentido ôntico, não ontológico) das conexões, das redes sociais, enquanto as mesmas se mantêm enquanto tal: a liberdade!

augustodefranco •

Muita gente pergunta: mas, afinal, como surgiu a hierarquia? Penso que se pode dizer o seguinte. A hierarquia surge quando se constelam (e se replicam) configurações que permitem que ela surja (e se reproduza como modo de vida de uma determinada comunidade). Como surgiu pela primeira vez, não se pode saber (assim como não se pode saber sobre a primeira vez em nada: como surgiu a primeira célula viva? Como surgiu pela primeira vez um vírus (que a rigor nem é vivo)? Como surgiu pela primeira vez o Estado?). Mas pode-se saber que ela surgiu entre humanos (sim, não há hierarquia nos reinos de seres vivos, nem mesmo entre primatas não-humanos e essa é uma controvérsia na qual já entramos pelo menos 100 vezes nos últimos cinco anos). Notamos que a surgimento da hierarquia vem acompanhado da adoção de modos de regulação de conflitos baseados na lógica da escassez (onde há produção artificial de escassez). Isso não significa que ela seja causada por isso, mas que ambos (hierarquia e autocracia) são fenômenos acompanhantes, mantendo condicionamentos recíprocos (entre si).

Fernando Baptista augustodefranco •

Mas como assim, Augusto?? O leão não manda nos outros bichos? hehe

Fernando Baptista Fernando Baptista •

Olha só a cara dele de mandão:



Cassiano Polesi •

INTERAÇÃO FINAL: O NADA EXISTENTE

A experiência desse passo adicional consiste em apagar minhas intervenções e convidar um grupo de pessoas para reler os módulos com olhos frescos (o contexto disso está algo descrito no post anterior). Será possível identificar intervenções que *não* estão lá, ditadas pela simples influência no fluxo da conversa? Creio que sim. A pesquisa talvez pudesse medir o quanto isso é possível.

Ou por outra: houve um "conteúdo" em posts que não estarão mais lá, mas que continuarão a atuar sobre o fluxo da conversa, mesmo que a "qualidade" do post seja questionada, como foi meu suposto desentendimento dos temas tratados aqui. Em tempo: fui acusado de tentar convencer os outros, quando na verdade estava tentando me deixar convencer por uma proposta que ao meu ver não fecha, quando aplicada nas interações cotidianas e reais.

Na buena, essa dificuldade de aplicabilidade prática foi discutida no hangout sem qualquer conclusão; ficaram só as dúvidas. Passa a impressão de que as novas teorias

das redes estão 100% ajambradas, o mundo é que não está preparado para tanto. Mas cada um que tire suas conclusões. E, sim, continuo a não entender várias passagens entre o módulo 12 e 23, várias questões ali simplesmente me parecem vagas; partem de análises absolutamente reais e sobem aos céus, ao ponto de pairar acima de tudo e todos. Se essa crítica não tivesse procedência, a aplicabilidade dos achados seria instantânea e evidente para qualquer um; se não é isso que acontece, bem, a tendência é concluir que humanidade que está aí é quase inútil? Novamente, cada um que conclua o que quiser.

Pois bem: de posse dos mapas dessa experiência aqui é possível saber quais posts formaram clusters, quais geraram mais interações ou fluxos? O que os motivou a isso? Não fui convencido de que apenas o padrão da interação responde sozinho pelos resultados.

Aliás, os organizadores citam várias vezes o alto grau de interação do lab; tendo a julgar que a dissonância teve um grande papel nisso, mesmo quanto serviu para REFORÇAR a consonância de opiniões—se isso não leva à conclusão empírica de que o conteúdo move o tempo todo o padrão de interação, então realmente nunca iremos nos entender. O fato é que essa hipotética pesquisa talvez pudesse dar números para isso também.

Por linhas tortas, também ficou demonstrado que a "dança" interativa defendida em muitos momentos nas conversas funciona a contento se o padrão for uma soma de concordâncias próximas, ou seja, "sim", "sim, em termos", "talvez", "pode ser", "adicionalmente" e por aí vai. Mas tem dificuldade ao se deparar com um simples "não".

Sinceramente, frente a uma discordância, o padrão de interação perdeu seu encanto aglutinador. "Ah, mas não é disso que estamos tratando aqui, vc não entendeu". Ok, pode ser, mas então sinceramente não sei o que fazer com tanto conhecimento de tão alto impacto que não explica ou prevê como lidar com a dissonância, o desafinado, o

fora do padrão; um conhecimento que também tem dificuldade de se transformar numa ferramenta simples e ao mesmo tempo solidamente aplicável à vida das pessoas, escolas, empresas e tudo o mais. De novo, essa é a minha conclusão; cada um que tire as suas.

Por fim, dois detalhes: para essa proposta de experiência andar, esse post não pode ser lido por esse suposto grupo de quali ou quanti, claro. E não basta apagar o *conteúdo* dos posts espalhados nos módulos para fazer sumir totalmente sua influência sobre o fluxo de cada conversa. É preciso apagá-lo inteiro. É isso que será feito, logo mais. Infelizmente, vários posts começam citando meu nome, o que certamente atrapalha a experiência; nesse caso, é o caso de eliminar qualquer referência pessoal nas respostas aos posts que já não estarão mais por lá. Fica a ideia.

augustodefranco Cassiano Polesi •

Cada pessoa pode fazer o que quiser aqui neste programa. Pode, inclusive, apagar seus comentários, mesmo quando esses comentários chamaram a atenção de outras pessoas e passaram a fazer parte de conversações que se tornaram patrimônio coletivo (deixando de ser solilóquos).

Cassiano Polesi •

Retomando o recado no hangout, finalizo minha interação com um passo adicional ainda fora do padrão: o que acontece se as interações sumirem totalmente? Segue no próximo post. Antes, algumas digressões.

Como isso é um lab, não vi problema em radicalizar, embora o plano inicial jamais tenha sido esse: na verdade, o fluxo da conversa me levou a essa possibilidade. Nesse sentido a interação funcionou 100%, pois criou ou levou a criar algo que inicialmente estaria fora de questão.

Fica também a dúvida: se a Ciência das Redes procura padrões, como lidar com a dissonância? Não vale argumentar que este ambiente não é uma rede distribuída ideal e que os eventos aqui foram mais próximos do que se chamou de "participação"; é a rede que temos, a experiência valeu mesmo assim.

O passo adicional proposto no post seguinte parte da analogia com o velho rio: ao colocar uma pedra na correnteza, ela tem o poder de desviar o fluxo da água, que apenas reinventa um novo caminho; se a pedra é retirada, o desvio desaparece e o fluxo volta ao que era antes.

Seguindo no exemplo: as pedras são as pessoas e suas interações; a água adapta-se à entrada e saída das pedras, portanto, como se comentou no hangout, a interação está entre as pessoas e não nas pessoas. Assim, a rede é o fluxo entre elas e não propriamente as pessoas-pedras, cuja entrada ou saída do rio apenas altera ou influencia o fluxo da água. Faz sentido?

Pra chatear, no entanto, volto sempre nas mesmas teclas pretas dos bemóis: as pessoas, como as pedras, podem interagir com a água, mas é a "qualidade" das pessoas—traduzia nas suas decisões e, portanto, nos seus conteúdos—que altera o fluxo, para os efeitos práticos do nosso cotidiano. Todos os organizadores discordam disso, fazer o quê? Continuo convicto de que é impossível tirar essa ideia da mesa, sem prejuízo de todas as demais conversas aqui, inclusive aquelas envolvendo hierarquia, suas origens, sua existência e como lidar com isso, hoje, na terra terrena em que vivemos. Se a palavra permite leituras diferentes, isso é um dado da realidade, até porque se hoje o que me importa é a última acepção do Houaiss (hierarquizar é classificar), talvez seja exatamente a origem classificatória da natureza humana que tenha fundamentado aquele resgate histórico do conceito, publicado em algum dos módulos pelo Augusto.

Voltando ao leito. o que acontece no rio real com pedras reais não ocorre nas interações sociais: uma vez colocada a pedra—uma pessoa, a info que ela carrega e sua qualidade intrínseca, como vislumbro—o fluxo ficará afetado para sempre, mesmo se a pedra, a pessoa, no caso, saia de lá.

A Nova Ciência das Redes defende que não, ao menos com base nesse trecho do módulo 11, como postado antes:

" . . . as evidências apontam que os fenômenos que ocorrem em uma rede não dependem das características intrínsecas de seus nodos. (. . .) não é o conteúdo do que flui pelas suas conexões que pode determinar o comportamento de uma rede. É o fluxo geral que . . . chamamos de rede. (. . .) não tem nada a ver com mensagens contidas em sinais emitidos ou recebidos: são padrões, modos-de-interagir. . . . passamos a constituir um organismo humano "maior" do que nós."

E minhas considerações aqui e acolá se fiam também por este resumo feito pelo Augusto, a partir de um pedido de esclarecimento do ponto que considero vital e que direciona para ações e conclusões opostas, como o intenso debate aqui já deixou claro. O resumo é este aqui:

"A fenomenologia da interação não depende do conteúdo (ainda que o conteúdo seja importante para os sujeitos, ele não explica o comportamento coletivo), mas de outras características (como a frequência, a recorrência, as circunstância em que se dão os acoplamentos et coetera). [Q]uando ocorre um swarming social, é inútil ficar perguntando qual é a pauta . . ." (módulo 24)

É interessante buscar a definição correta de fenomenologia, para não haver dúvidas do que está em pauta neste comentário. O fato é que, ao tentar defender minha visão, o caldo desandou. Entrei em debates muito maiores do que meu conhecimento permite, dada a babagem da maioria aqui. Mesmo assim, questões seguem abertas e isso fica um mais detalhado abaixo.

Pra finalizar finalizando, e apenas a título de mera hipótese experimental, fica sugestão a seguir, que talvez pudesse ser aplicada a um grupo quali ou quanti.

Caros, hora de partir, meu trem já apitou. Valeu a viagem. Se der tempo, volto nas estações dos módulos daqui uma semana ou tanto para uma releitura, pois não sei

mais se existem novas interações (isso tem a ver com o comentário da interface, que deixarei intacto, lá no hangout).

Giovanni G. Bianco Cassiano Polesi •

Cassiano,

Se formos usar a metáfora do rio, as pessoas não são pedras: são redemoinhos.

São o PRÓPRIO rio, configurado em um padrão único, original, nunca antes existente, cuja originalidade é o que percebemos como uma personalidade criativa. Entende?

Mas essa metáfora também tem limitações, pois não capta o papel dos redemoinhos (pessoas) na criação do rio (o fluxo da convivência social). Ou seja, o social não é uma categoria metafísica pré-existente às pessoas.

Para explicar este aspecto, terei que lançar mão de uma comparação (que nem sempre funciona) entre as redes vivas e as redes sociais. A rede de vida (biológica) que cobre o planeta Terra vamos chamar biosfera, pra usar uma palavra já utilizada.

a biosfera é um produto dos seres vivos em interação,

ou os seres vivos é que são uma expressão da rede de vida que se espalha e se multiplica?

AMBAS afirmações são válidas.

Porém, se eu digo que "a biosfera é um produto dos seres vivos", preciso compreender duas coisas:

A biosfera não é uma SOMA dos seres vivos. Somente a INTERAÇÃO entre eles forma as dinâmicas típicas dos ecossistemas e da vida. Ou seja, não existe uma biosfera que pré-exista aos seres vivos -- mas ela também não é só a soma deles.

Os seres vivos não podem ser adequadamente compreendidos como sistemas fechados. Eles são subsistemas por si mesmos. Cada ser vivo se tornara o que é no fluxo

de interações vivas que o constitui e que ele estabelece com outros seres. De forma muito concreta, cada ser vivo é uma configuração particular (fractal) da Vida em geral, uma pequena deriva do grande rio da Vida. E, ainda assim, cada ser vivo é único, tem características próprias.

* *

Agora falemos propriamente do social.

Você diz: "a rede é o fluxo entre [as pessoas] e não propriamente as pessoas-pedras, cuja entrada ou saída do rio apenas altera ou influencia o fluxo da água. Faz sentido?"

Entendo o que você diz. Mas não é uma descrição adequada, pelas razões que explicitiei acima.

O fluxo social não é uma entidade metafísica, independente das pessoas. Ele é um fenômeno emergente, é uma invenção. É o que emerge da interação entre as pessoas, ao passo que (eis o ponto!) cada pessoa também é uma emergência/manifestação/expressão do social (da rede social). Putz...

A não-dicotomia entre o social e a pessoa talvez confunda muita gente habituada a pensar em termos dicotômicos ou de relações simples de causa e efeito. Essa racionalidade falha como modo de compreender (e descrever) sistemas complexos (tais como as redes). Há uma vasta literatura sobre isso, desde a cibernética, a teoria do caos, teoria dos sistemas complexos e dos sistemas auto-organizados, e todas as suas interfaces com a epistemologia.

Mas voltemos à pessoa.

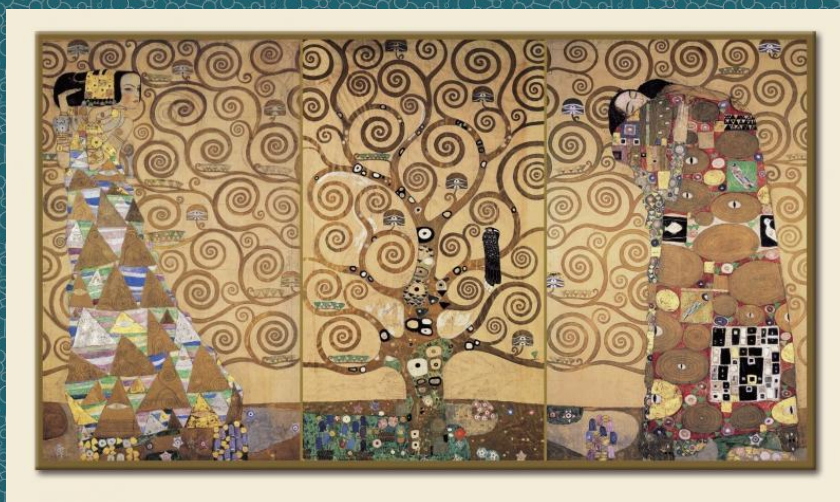
O que nos faz uma pessoa? Não é a tessitura humana em que surgimos, o emocional que compartilhamos na convivência, o que dos outros incorporamos em nós, o que inevitavelmente herdamos dos que nos precederam? Mas... se eles também se fizeram incorporando e recriando em si outras pessoas; e estas pessoas a outras pessoas; e assim indefinidamente em todas as direções... não é claro que a pessoa é,

cada qual à sua maneira, toda a rede humana fractalmente refletida, misturada, recriada?

* *

Imagem:

A Árvore da Vida - Gustav Klimt (1905)



augustodefranco •

Atenção! O programa não acabou. Ainda estamos recolhendo material para elaborar o book, levando em conta as interações de todos. Teremos, além disso, as referências bibliográficas.

E o hangout amanhã às 19h. Vai ser na página: <https://redes.org.br/25mitos-o...>

augustodefranco •

A maior parte das evidências e juízos contidos nos textos provocativos são contra-intuitivos. Por exemplo, seu eu disser que uma rede descentralizada (e mais centralizada do que distribuída) composta por clones perfeitos de Mohandas Gandhi ou de Francisco de Assis não poderá ser muito cooperativa, isso é contra-intuitivo. Porque aprendemos com a mamãe, desde criancinhas, que pessoas boas melhoram o mundo e que o comportamento da sociedade é uma espécie de somatório dos

comportamentos dos indivíduos (ou o que é pior, das suas convicções, dos seus valores, da sua consciência, dos seus propósitos generosos). Se você acha isso, se você acha - para usar a metáfora de Buchanan - que diamantes brilham porque seus átomos brilham (e são átomos de Carbono, os mesmos encontrados num pedaço de carvão: que, absolutamente, não brilham), então você não entendeu nada de rede. Só faz sentido trabalhar com o conceito de rede se o comportamento da rede não for a soma do comportamento dos seus nodos. Do contrário, o conceito é inútil. E este programa é inútil.

Cris Krue [augustodefranco](#) •

Eu prefiro sempre apostar que as redes deveriam buscar quantidade e variedade de membros. Isto permite que uma rede aprenda e se adapte rapidamente.

Mas no módulo anterior entendi que não existe rede boa ou ruim, mas apenas redes. Logo a sentença no título do módulo me causa chateação.

[augustodefranco](#) Cris Krue •

Pois é. Todas as 25 sentenças que intitulam os módulos me causam chateação.

Marcelo Yamada [augustodefranco](#) •

Me dei conta de que o problema da frase "o comportamento da rede é a soma do comportamento dos seus nodos" está no entendimento do termo "soma" como sendo o apenas o amontoamento de objetos (a contabilização, a contagem, ou qualquer outro termo que signifique um conjunto de itens individuais sem influência sobre os itens vizinhos).

Dessa forma, realmente é mais preciso afirmar em lugar disso que "o comportamento de rede é o resultado da interação entre os seus nodos", porque isso inclui explicitamente a interação e implicitamente os componentes individuais que influenciam a interação.

augustodefranco Marcelo Yamada •

Sim, quase isso, Yamada. Imagine agora que o que chamamos de nodos são singularidades no campo que chamamos de rede. No caso das redes sociais, em que os nodos são pessoas, desfrute a imagem de Nobert Wiener (1950): somos apenas "remoinhos num rio de água sempre a correr".

Ana Lucia Procopiak augustodefranco •

E me parece Augusto que estes "remoinhos" não estão sempre no mesmo lugar, são dinâmicos no seu fluir.

NelsonBrazys •

Novo no tema e interagindo aqui pela primeira vez, penso em qualidade de conexão como a existência dinâmica, ativa, dessa conexão, com interações fluindo, acontecendo, independente de uma valoração de conteúdo. O oposto, a não qualidade da conexão seria para mim uma conexão apenas nominal, teórica, mas sem interação, existente, mas não operante.

Giovanni G. Bianco NelsonBrazys •

Interessante, Nelson. Se for esse o sentido, espero que você tenha muitas interações "de qualidade" aqui. ; -D

Marcia Borges •

Alto Nível de conectividade, tempo, atalhos para recursos (seja conhecimento, ou outros), facilidade de interação, nível de interação, distribuída e não hierarquizada. Sem bloqueios e restrições de fluxo.

augustodefranco •

Informação importante, pessoal! O hangout previsto para hoje foi adiado para 11/11/2015. Veja mais informações na página <https://redes.org.br/25mitos-o...>

Fatima Melca •

Possibilitar a interação de modo mais distribuído que centralizado. Sem controle, sem hierarquias, sem centralização. Ampla conectividade entre todos. Favorecer o novo, a criação através de emergências, produções. Possibilitar o compartilhamento de conhecimentos. As trocas ricas de possibilidades. Manter acesa a chama da interatividade.

Cassiano Polesi •

[comentário apagado para testar o fundamento descrito no módulo 11, de que o conteúdo não pode determinar o comportamento de uma rede -- se não pode determinar, o que estava escrito aqui antes não importa, basta acompanhar o fluxo geral; detalhes, módulo 1; pistas: módulo 24]

augustodefranco Cassiano Polesi •

O curso só termina no dia 8 de novembro de 2015, Cassiano. Você tem tempo demais para comentar e conversar com as pessoas, módulo por módulo. Interagir, conversando um-a-um, pessoa a pessoa, é diferente de publicar um parecer. Não que não seja válido publicar pareceres emitindo as convicções que já tínhamos antes de fazer o programa. É também. Mas acho mais legal ficar aberto à interação que pode questionar aquilo que sabemos, achamos que sabemos ou acreditamos.

Cassiano Polesi augustodefranco •

pois é! acreditam que só percebi minha confusão de datas agorinha?? :) abs!

augustodefranco Cassiano Polesi •

Posso acreditar. Mas já que você percebeu que se enganou, Cassiano, sugiro que leia o que está escrito em cada módulo não apenas no texto provocativo e sim também nos comentários (que é o mais rico e o programa é baseado nisso).

Cassiano Polesi •

Olá a todos, finalizei a leitura dos 25 módulos apenas hoje de madrugada; vários pontos interessantes, mas sem condições de abrir discussão em todos os tópicos -- preciso de alguns dias ou semanas para refletir, na maioria dos casos. Por isso, quis conhecer o todo, antes de voltar em cada um. Isso poderá ser feito, mas prefiro, antes, publicar aqui um balanço que tem a ver com aquela bifurcação "insanável" que apontei no início :) Nem tudo é espinho: de imediato, o grande ganho conceitual do que li (e preciso reler, em vários casos) é a diferença entre participação e interação. Valeu o curso, principalmente porque o tema está fervendo na minha pauta política em função do atual cenário. No mais, vou burilar um texto divergente mais detalhado e publico aqui até o meio da tarde ou antes. Abs.

Giovanni G. Bianco Cassiano Polesi •

Legal, Cassiano! Publique, sim, suas percepções e reflexões. O objetivo do programa é esse mesmo: levantar tópicos que instiguem nossa reflexão, a conversa e a interação. Um abraço!

augustodefranco Cassiano Polesi •

Legal! Mas não precisa necessariamente ser convergente ou divergente, Cassiano. Basta ser diferente. Não trabalhamos aqui com alinhamento de posições e nem com debates entre alternativas excludentes e sim com uma ecologia de diferenças coligadas :D

INDICAÇÕES DE LEITURAS

TEXTOS SOBRE REDES EM GERAL

PISANI, Francis entrevista Fritjof CAPRA (2007): Redes como um padrão unificador da vida | Link = <http://goo.gl/3ibVAK>

MIEMIS, Venessa (2010): O futuro é a rede | Link = <http://goo.gl/yYtv0l>

FRANCO, Augusto (2011): É o social, estúpido! | Link = <http://goo.gl/mjMzsi>

BARABASI, Albert (2002): Linked | Link = <http://goo.gl/WJXV3C>

WATTS, Duncan (2003): Six Degrees | Link = <http://goo.gl/5CIXPo>

CHRISTAKIS, Nicholas & FOWLER, James (2006) Connected | Link = <http://goo.gl/XDHTQH>

TEXTOS SOBRE REDES E EMPRESAS

FRANCO, Augusto (2013): Processos de Rede em Empresas | Link = <http://goo.gl/tfiJrf>

FRANCO, Augusto (2013): Empreendimentos em rede: tendência e desafios | Link = <http://goo.gl/moRH1p>

FRANCO, Augusto (2014): Sete aprendizagens sobre inovação na sociedade-em-rede | Link = <http://goo.gl/CJ4orG>

LIVROS PARA ABRIR A CABEÇA

CAPRA, Fritjof (1996). A teia da vida | Link = <https://goo.gl/GnEsRM>

GORDON, Deborah (1999). Formigas em ação.

MARGULIS, Lynn e SAGAN, Dorion (2002). O que é vida?

CRICHTON, Michael (2002). Presa.